

ALY MARTINEZ

Autora best-seller do USA Today

A VERDADE SOBRE MENTI RAS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ALY MARTINEZ

Autora best-seller do USA Today

A VERDADE SOBRE MENTI- RAS



Table of Contents

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

A HISTÓRIA CONTINUA EM: A VERDADE SOBRE NÓS

ALLBOOK EDITORA

A ALY MARTIN VERDAD SOBR MENT RAS

TRADUÇÃO:
CLARA TAVEIRA

1ª EDIÇÃO – 2022
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
PÓSTUM

Todos os direitos reservados
Copyright © 2022 by AllBook Editora.

Beatriz Soares
Clara Taveira
Editora AllBook e Raphael Pellegrini
Cristiane **[Saavedra Edições]**
Rebecca Barboza

Direção Editorial:
Tradução:
Preparação e Revisão:
Diagramação e produção digital:
Capa:

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

Esta obra literária é ficção. Qualquer nome, lugares, personagens e incidentes são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos é mera coincidência.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

CIP - BRASIL. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ
Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

M337v

Martinez, Aly

A verdade sobre mentiras [recurso eletrônico] / Aly Martinez ; tradução Clara Taveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2022.

Tradução de: The truth about lies
Continua com: A verdade sobre nós
Modo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-80455-45-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Taveira, Clara. II. Título. III. Série.



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA

contato@allbookeditora.com

inovacaoliteraria@gmail.com

[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)



SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

A HISTÓRIA CONTINUA EM: A VERDADE SOBRE NÓS

ALLBOOK EDITORA



PRÓLOGO

Penn

Um minuto depois que a perdi...

— Lisa! — rugi em meu quarto vazio. Meu celular sacudia descontroladamente em minhas mãos enquanto eu a assistia, horrorizado, cair no chão, com sangue escorrendo de seu pescoço pela minúscula tela de cinco polegadas. Incapaz de tirar os olhos da tela, eu andava como um animal enjaulado. — Seu filho da puta! — gritei, raiva e agonia extinguindo qualquer humanidade que me restava. — Eu vou te destruir, porra!

Eles não conseguiam me ouvir — os fones de ouvido dela ainda estavam conectados ao celular. Mas eles não precisavam me ouvir para que a decisão fosse tomada.

Meu coração parou quando ela de repente tossiu, e o sangue borbulhou de sua boca.

— Ai, meu Deus. — Quase sufoquei, caindo de joelhos, como se isso pudesse me levar para mais perto dela. Eu não conseguia imaginar quanta dor ela devia estar sentindo. Eu não tinha sido esfaqueado, mas a dor que irradiava dentro de mim fazia com que eu sentisse que estava sendo queimado vivo. — Está tudo bem, baby. Eu estou bem aqui. Vai ficar tudo bem. — Mentiras. — Aguenta um pouco. — Minha voz falhou. — Só... mais alguns minutos.

Ela estava de lado, do jeito que costumava dormir. Parecia que eu poderia deslizar para a frente dela e dormir por toda a eternidade. Seu braço flácido teria descansado em meu peito, sua perna se inclinaria sobre meu quadril, seu peito nivelaria com meu corpo. E poderíamos ter desaparecido no mundo juntos.

Eu teria ido. De boa vontade. Apenas para ficar junto dela, sem precisar de outra razão.

Minha mente desesperada rodopiou, falhando pelo que devia ser a milionésima vez em descobrir como entrar pelo celular, rastejar até perto dela e levá-la para um lugar seguro.

Os pensamentos racionais? Estavam me dilacerando, membro a membro.

Eu estava vagamente ciente dos dois homens vasculhando seus pertences e o quarto em busca de só Deus sabe o quê, mas a adrenalina devastando meu sistema turvou minha visão e me deixou incapaz de me concentrar em qualquer outra coisa além dela.

Eu não conseguia parar de piscar.

Como se cada milissegundo de escuridão apagasse os últimos vinte e nove minutos.

Como se eu pudesse voltar no tempo, recomeçar tudo e magicamente mudar o presente.

Como se eu pudesse realmente salvá-la.

De repente, a porta de seu quarto de hotel se abriu, e dois policiais — de armas em punho, dedos no gatilho — entraram.

Todo o meu corpo derrotado ganhou vida, a esperança correu por minhas veias, me fazendo levantar, enquanto o som de tiros soou pelo alto-falante do meu celular.

O homem com o cabelo louro-escuro foi ao chão imediatamente.

O de camiseta grunge avançou em direção aos oficiais, desencadeando outra rodada de balas.

Um grito de guerra vitorioso irrompeu da minha garganta quando ele caiu de joelhos e balançou de um lado para o outro por um momento antes que a faca caísse de sua mão. Então ele caiu em cima dela.

— Sim! — gritei, sentindo a doçura do alívio me consumir. — Ah, obrigado, meu Deus — exalei, me sentindo tonto.

Acabou.

Aquela merda toda finalmente tinha acabado.

Os policiais correram e afastaram os dois homens mortos antes de ajoelharem ao lado dela. Eu assisti a tudo, meus pulmões implorando por oxigênio, a bile subindo pela garganta, enquanto eles checavam seu pulso.

A esperança trovejou em meus ouvidos, mas o balançar de suas cabeças enquanto se amontoavam ao redor dela me contou a história mais triste de todas.

Por vinte e nove minutos, a mais de mil e seiscentos quilômetros de distância, meu coração bateu junto do dela naquele quarto.

E quando ele ativou o rádio em seu ombro, dizendo ao despachante que ela tinha falecido, meu coração também morreu junto do dela naquele quarto.

— Nãããã! — eu gritei, meu rosto trêmulo enquanto minha alma tentava se libertar do corpo.

Ela não podia ter morrido. Eles estavam errados. Eles tinham de estar errados.

Agarrei o celular com tanta força, que o canto da tela cortou meus dedos, e repeti:

— Não. Não. Não.

Eu precisava desesperadamente que a tela do meu celular ficasse escura e finalmente me desconectasse daquele pesadelo.

Eu precisava que ela me ligasse de volta e risse de mim por ser muito protetor e exagerado.

Eu precisava parar de olhar para ela deitada no chão do hotel, com o sangue — Deus, quanto sangue — se acumulando ao seu redor.

Mas eu sabia, bem lá no fundo, penetrando nos meus ossos, que se eu encerrasse essa chamada, eu nunca a veria novamente.

Com as pernas fracas, tropecei para trás, encontrei a beirada da nossa cama e me afundei nela.

Eu continuei olhando.

Continuei a piscar.

E continuei a orar por um milagre que eu sabia que nunca aconteceria.

Com o passar dos segundos, meu corpo ficou dormente, mas eu estava simultaneamente com mais dor do que eu pensava que um humano poderia sobreviver.

E enquanto a adrenalina baixava e a realidade me atingia, eu não tinha certeza se queria sobreviver.



CAPÍTULO 1

Cora

Quatro anos depois...

— Merda! — reclamei e joguei as cobertas para trás, pulando da cama.

Um zumbido detestável vinha do despertador do outro lado do quarto. Eu sabia que não deveria mantê-lo nas mesinhas de cabeceira descombinadas. O botão soneca era meu único vício. Mas parecia que eu finalmente havia dominado a bela arte de dormir mesmo com o alarme tocando.

— Merda — repeti e tropecei no meu livro de contabilidade. Eu vagamente me lembrei do baque dele caindo do lado da cama quando cochilei enquanto estudava.

Estúpida. Estúpida. Estúpida. Eu não podia me dar ao luxo de cometer esse erro novamente. E se...?

Não. Nada de “e ses”. Eu estava no presente. Não no passado. Não no futuro. No hoje.

Levantando o colchão do chão, usei meu dedo do pé para empurrar o livro para baixo, com cuidado, para ter certeza de que era suficiente para que o volume no colchão ficasse imperceptível.

Depois disso, peguei meu novo roupão de seda turquesa da velha cadeira de balanço que servia também como meu cesto de roupa “limpa” e o vesti. Eu não deveria ter comprado aquele roupão; custou uma pequena fortuna, mesmo que tivesse vindo da ponta de estoque. Mas eu odiava dormir usando qualquer coisa além de uma regata e calcinha. Com tantas “emergências” à meia-noite que tinha de lidar, incluindo aquelas em que eu esquecia o que estava vestindo e saía correndo do meu apartamento praticamente nua, decidi que era hora de investir em algo que pelo menos cobrisse minha bunda.

Prendendo meu longo cabelo loiro em um rabo de cavalo, corri para a porta do meu quarto. Precisei usar as duas mãos para forçar a trava teimosa e depois soltar a corrente. Fazendo uma anotação

mental para colocar um pouco de WD-40 nela, coloquei o item na seção de prioridades da minha lista de tarefas, que era aproximadamente longa o suficiente para dar a volta na Terra — duas vezes.

Meus pés descalços ressoaram contra a madeira desgastada do curto corredor. Não era o tipo de escolha agonizante feita para que aquele minúsculo apartamento parecesse charmoso e rústico, mas sim o tipo que revelava que fazia pelo menos três décadas desde que alguém tratou aquele piso com nada além de desprezo. Mas havia um limite para os efeitos de uma garrafa de óleo para madeira. E nos doze anos em que morei lá, tentei praticamente tudo.

Mantendo meu roupão fechado com uma mão, bati na porta do banheiro feminino. Elas odiavam compartilhar um espaço tão pequeno, mas depois de ouvir as constantes brigas e discussões nas últimas seis semanas, eu tinha certeza de que odiava ainda mais. Em um apartamento de menos de oitenta metros quadrados, nossas possibilidades de criar arranjos para dormir eram limitadas.

— Meninas, levantem-se! Eu dormi demais. Vocês vão se atrasar para a escola.

Silêncio. Onde estava essa calma às duas da manhã, quando elas ainda estavam brigando por uma chapinha?

— River. Savannah. Levantem. Agora! Se vocês perderem o ônibus, não vou poder dar carona hoje de manhã. — Bati mais alto na porta delas, mas com treze e dezesseis anos, elas continuariam dormindo mesmo se eu entrasse no quarto montada em uma bola de demolição, ao estilo Miley Cyrus. — Garotas! Vamos. Eu não tenho tempo para isso. Levantem e vão se vestir. — Chacoalhei a maçaneta, fazendo um barulho, e de repente ela girou na minha mão.

Minha pele se arrepiou e o pânico me atingiu quando a porta se abriu.

Sem tranca. Sem trava. Sem corrente.

Nada para proteger aquelas duas crianças inocentes dos monstros que espreitavam ao nosso redor.

Meu coração pareceu se alojar na garganta, e eu entrei correndo no quarto. A visão do cabelo escuro de River espalhado em seu travesseiro, sua bochecha rosada mal aparecendo por baixo do edredom de bolinhas, momentaneamente sufocou meus medos.

No entanto, o colchão no chão ao lado dela estava dolorosamente vazio.

— Cadê ela? — gritei, pegando o cobertor de River. Ela tinha se embrulhado como um burrito, então caiu no chão.

— Jesus, Cora — River reclamou, esfregando os grandes olhos castanhos.

Eu me agachei na frente dela e apertei suas bochechas com uma mão. Forçando-a a olhar para mim. Então lentamente repeti:

— Cadê... ela?

Seus olhos se voltaram para a cama de Savannah antes de se arregalarem com um terror semelhante que estava girando dentro de mim.

— Eu... eu não sei.

— Alguém entrou?

Ela balançou a cabeça.

— Tem certeza?

Soando mais como uma criança do que não fazia há anos, ela guinchou:

— Sim. Você acha que talvez ele...?

Ela não precisava terminar a frase. Eu estava muito à sua frente em relação a esse pesadelo.

Respirei fundo, tentando me acalmar e me concentrar na explicação mais lógica.

Mas não vivíamos uma vida baseada em lógica. O horripilante e o extraordinário eram muito mais comuns do que uma vida normal.

Savannah estava morando comigo há seis semanas, mas esta não foi a primeira vez que ela escapuliu de casa. E, Deus, eu rezei para que ela tivesse só dado uma escapada.

— Vai ficar tudo bem — assegurei a River, mentindo.

Seus longos cílios negros vibraram quando ela assentiu.

— Ela provavelmente está apenas passando um tempo no primeiro andar.

Que bom. Agora era ela quem estava me tranquilizando.

Dei um tapinha em sua bochecha e me levantei.

— Vá se vestir. Eu vou encontrá-la. Guarde os lanches das duas. Tá?

— Tá — ela sussurrou em vez de discutir, como normalmente fazia.

Depois de uma breve parada para pegar as chaves do prédio no cofre à prova de fogo no meu armário, saí pela porta da frente. O concreto frio arranhou meus pés enquanto eu descia as escadas. Eu mal tinha chegado ao segundo andar quando uma das novas garotas cujo nome eu ainda não tinha memorizado tentou me impedir.

— Cora!

— Agora não — cortei.

Ela se inclinou sobre o corrimão de metal enquanto eu corria para baixo.

— Tem água caindo do teto do meu quarto.

Eu estremeci. Aquele prédio estava caindo aos pedaços; não precisávamos de uma enchente para acelerar o processo.

— Chama o Hugo! — respondi, sem diminuir o passo.

— Ele está ocupado consertando o ar-condicionado de Kerri.

— Esquece o ar-condicionado dela. A menos que Hugo esteja sustentando o prédio com as próprias mãos, uma inundação tem prioridade sobre todo o resto.

— Tá. — Ela fez um som de escárnio e então desapareceu.

Na pressa, quando cheguei ao térreo, virei a esquina muito rente à parede, e o corrimão queimou a lateral do meu corpo. Mesmo com meu novo bronzado, graças a uma onda de calor da primavera, ficaria uma marca infernal. Mas a dor não era novidade para mim. Infelizmente, tampouco eram os hematomas.

— Cora! — Brittany chamou enquanto eu passava pela porta aberta de seu apartamento.

— Agora não! — respondi.

Ela correu para me acompanhar.

— Ava ainda não chegou em casa.

Meus olhos estavam fixos no apartamento no final do corredor quando eu disse:

— Aquele cara hispânico rico a levou para passar a noite com ele.

— O quê? — ela gritou. — Por que ela não me contou?

Revirei os olhos.

— Hm, porque o cara hispânico rico que acabei de mencionar te levou para passar a noite algumas semanas atrás e não perguntou por você novamente no e-mail para Marcos ontem à noite.

— Aquela puta do caralho!

Olhei por cima do ombro e a encontrei imóvel no meio do corredor, de lábios apertados.

Que ótimo.

— Falaremos sobre isso mais tarde — eu disse, batendo na porta do apartamento 108. O cheiro de maconha vindo do vão entre a porta e o chão me deu uma pontada de esperança. — Chrissy, abra. — Eu me atrapalhei com meu molho de chaves, procurando a correta.

Angela saiu de seu apartamento ao lado e encostou o ombro no batente da porta. Ela ainda estava completamente vestida, com uma saia e um top curto de uma noite de trabalho.

— Tudo bem, Cora? — ela perguntou.

Bati na porta de Chrissy novamente, mas direcionei minha pergunta para Angela.

— Você viu a Savannah?

— Não, mas acabei de chegar há alguns minutos. — Seus lábios carnudos e vermelhos se dividiram em um sorriso brilhante. — Eu estava *muito ocupada* ontem à noite.

Ela estava buscando aprovação. Algo que eu geralmente dava a ela livremente, não importa quão nauseada isso me deixasse. Eu só não tinha como dar isso a ela estando no meio de um colapso nervoso.

Depois de finalmente localizar a chave certa, destranquei a porta e entrei com tudo. Bem, quase entrei com tudo. A porta ficou presa na corrente, fazendo com que eu trombasse de cara na madeira.

— Filha da...! — exclamei, levando a mão ao rosto. Havia sangue escorrendo do meu nariz. Sem pensar, limpei na manga... do meu roupão novinho em folha.

Que fantástico!

Sangrando e agora mais puta do que nunca, gritei pela fresta:

— Chrissy! Abra a droga dessa porta!

Seu rosto avermelhado apareceu no espaço estreito.

— Pelo amor de Deus, não posso ter um pouco de paz e...? Ah, oi, Cora — ela ronronou condescendentemente, revelando duas fileiras de dentes amarelados enquanto sorria.

Minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado, e o desejo de plantar uma delas em sua boca quase me venceu.

— Savannah está com você?

Ela levou um baseado aos lábios, deu uma tragada e então respondeu com uma baforada de fumaça:

— O que aconteceu com seu nariz?

— Eu não estou com disposição para suas besteiras, Chris. Ela está aí?

A voz rouca de fumante tornou-se ácida.

— Bem, você me disse para não deixar que ela viesse mais aqui.

Que piranha.

— Não foi o que eu perguntei — eu retruquei.

Ficar calma era minha especialidade. Quando você é uma espécie de mãe para mais de trinta garotas trabalhadoras, sendo que o número varia a cada dia, você aprende a escolher suas batalhas. Sumiu dinheiro? Você ajuda. Sumiu um batom? Você se afasta. Uma briga por causa de um cliente? Você deixa que elas resolvam. Uma briga por causa de cliente, em que uma mulher puxa uma faca de açougueiro e persegue a outra mulher ao redor do prédio? Você aprende como fazer a piranha tropeçar em uma mangueira.

Eu estava acostumada com gente maldosa. Especialmente com Chrissy. Mas naquele momento, um vulcão de violência estava perigosamente perto de entrar em erupção dentro de mim. Eu não tinha tempo para seus joguinhos. Mas se ela quisesse jogar... eu tinha certeza de que iria ganhar.

— Você tem dois segundos para me dizer se ela está aí antes que eu ligue para Dante.

Não era uma ameaça. Era uma sentença de morte. E não era uma que eu daria levemente. Mas não havia muita coisa que eu não fizesse por Savannah.

Ela piscou, mas seu sorriso desapareceu.

— Ela veio aqui no meio da noite. O que eu deveria fazer?

Minha respiração escapou pela garganta em uma combinação de alívio e raiva.

— Me deixa entrar — eu exigi.

— Cora, sério. Eu não...

Eu a silencieei com um olhar.

— Não me faça dizer de novo.

A porta se fechou, e ouvi o deslizar da corrente antes que ela se abrisse.

Propositalmente, eu a acertei com meu ombro enquanto a empurrava para dentro. Deus, aquele lugar era um inferno. Nenhum dos apartamentos daquele prédio de três andares e quinze unidades era algo que pudesse ser considerado bom, mas a maioria das meninas se orgulhava do pouco que tinha e transformava seus espaços em algo habitável. Mas Chrissy, não. Eu não sabia se ela alguma vez já tinha passado um pano no chão. Nem vou falar nada sobre a cozinha ou, Deus me livre, o banheiro.

Meu estômago revirou quando o fedor de maconha e sujeira invadiu minhas narinas.

E então meu estômago revirou por um motivo diferente.

Deitada em um sofá que uma vez tinha sido marrom, mas de tanto que couro havia descascado agora era praticamente de malha branca, Savannah estava dormindo, cercada por latas de cerveja e embalagens de fast food e um cachimbo ainda na mão.

Eu não era a mãe dela. No entanto, essa cena teria sido o pior pesadelo de qualquer pai. Mas, para mim, sem sinal de novas marcas de picada como aquelas com as quais ela apareceu pela primeira vez, Savannah estar só bêbada e chapada era uma grande vitória. Que droga, por um momento, considerei dar uma festa de boas-vindas quando ela acordou. Pensei nisso até sentir meu estômago afundar quando vi seu vestido preto de lantejoulas, tão pequeno, que mal cobria seus seios e sua bunda ao mesmo tempo, além dos saltos agulha vermelhos largados no chão.

O sangue trovejava em meus ouvidos, então eu me virei para encarar Chrissy.

— Você a levou para a rua?

Ela fez um gesto com a mão, como se me dispensasse, e afundou o baseado em um cinzeiro.

— Ela disse que queria ter uma experiência em primeira mão com uma profissional.

A fúria irradiava através de mim na velocidade da luz.

— Em primeira mão? Você está brincando comigo? Em primeira mão seria deixar a garota assistir você sentar a bunda na cadeira enquanto espera Marcos mandar uma mensagem te informando de um trabalho. Você não trabalha na esquina há mais de uma década.

Ela me encarou.

— Não. Mas foi lá que todas nós começamos. Com ela não seria diferente.

Aproximando-me do rosto dela, eu rugi:

— Ela tem dezesseis anos! Ela deveria estar na escola, não trabalhando em uma esquina!

Chrissy inclinou a cabeça para o lado e arregalou os olhos, os lábios se contraindo com humor.

— Bem, boas notícias: ela só ficou na esquina, princesa Cora. Ela não fez a porra do trabalho.

Meu corpo começou a formigar. A surra que levei quando Marcos descobriu que eu tinha tirado Savannah da casa de Dante era incomparável. No entanto, nas seis semanas que ela estava tornando minha vida um inferno, eu nunca me arrependi. Tive dois anos para fazer o impossível e salvar o que não era possível ser salvo. E eu seria amaldiçoada se deixasse Chrissy guiá-la para as chamas do inferno por nenhuma outra razão além ter uma boa companhia.

— Quantas vezes eu tenho que te dizer que ela está fora dos limites?

— E quem decidiu que ela estava fora dos limites? Obviamente não foi ela. Ela vem para cá todas as noites, implorando para ir trabalhar. Ela pertence ao primeiro andar, Cora, não àquela sua torre de marfim no terceiro.

Isso era o que todas as meninas pensavam. Elas assumiram que eu não tinha as mesmas lutas que elas. Não. Eu não precisava trepar com ninguém para pagar meu aluguel, mas era uma escrava dos Guerrero tanto quanto elas.

Porém, Chrissy não estava completamente errada. De muitas maneiras, eu era uma princesa. Mas só porque eu tinha uma linha direta com o rei. Isso tinha seu preço, me custava caro. Mas por Savannah...

Sustentando o olhar desafiador de Chrissy, eu gritei pela porta aberta.

— Ei, Angela!

— Sim, Cor — ela respondeu imediatamente, provando que nossa briga seria a primeira parada de hoje no trem das fofocas.

— Me faz um favor e ajuda Savannah a voltar para o meu apartamento?

— Sim, sem problemas — ela disse com a voz aguda, ansiosa pela oportunidade de ajudar.

Lançando um último sorriso para Chrissy — literalmente um *último* —, eu saí do apartamento dela mais leve do que me sentia em semanas.

Eu não tinha dado mais do que dois passos antes que alguma pessoa chamasse meu nome.

— Cora, há água vazando pelo meu teto.

E outra pessoa.

— Cora, Hugo não está atendendo o celular.

Eeeee outra pessoa.

— Cora, eu quero aquela vagabunda mentirosa da Ava fora do meu apartamento!

— Cora...

— Cora...

— Cora...

Não tinha fim.

Fechando os olhos, subi as escadas, priorizando mentalmente a lista de dramas da manhã. Era sempre a mesma ordem de importância: Segurança. Estrutura. Sanidade. Como a vida de ninguém estava em risco, o primeiro item seria a inundação.

Com um suspiro, perguntei ao grupo:

— Onde está o Hugo?

Três vozes diferentes responderam em uníssono:

— Com a Kerri.

Alguém acrescentou:

— Embora eu não ache que você devesse entrar lá, a menos que queira ver de perto a bunda peluda do Hugo.

Eu fiquei imóvel no meio de um passo, meu peito se apertando, e me virei.

— Como é?

Foi a Nova Garota — Deus, eu realmente precisava aprender o nome dela — que veio para a frente do bando e respondeu:

— Cora, sério? Sei que não estou aqui há muito tempo, mas nenhum dos nossos aparelhos de ar-condicionado funciona. E você acha que Hugo levantou seu rabo preguiçoso da cama às sete da manhã para consertar o de Kerri? Me desculpa. Eu sei que meu apartamento está inundando e tudo, mas vai nascer um par de barbatanas e um de guelras em mim antes que eu me ajoelhe para aquele porco gordo e suado.

Eu tinha vinte e nove anos e estava na indústria do sexo há quatorze. Nada deveria ter me chocado mais. Especialmente um homem manipulando uma mulher em busca do próprio prazer. Isso era de praxe. Mesmo assim, eu ainda perguntei:

— Por que diabos você teria que ficar de joelhos?

Ela olhou ao redor, para as outras garotas.

— Ahn... porque é a única maneira de fazer com que ele conserte alguma coisa.

Eu pisquei para elas, totalmente chocada.

Todas elas piscaram de volta, completa e totalmente chocadas por eu estar chocada.

Merda. Elas achavam que eu sabia. E pior: que eu realmente permitia que aquilo acontecesse.

O ar em meus pulmões ficou pesado, e minha cabeça começou a latejar.

Todos os dias.

Todas as noites.

Essa era a minha vida.

O estresse, a responsabilidade, o fracasso.

O peso de ser tudo para todos era sufocante. O desejo desesperado de desistir me provocava a cada nascer do sol. Mas esta não era uma vida da qual eu poderia simplesmente me afastar. Vai por mim. Eu tentei.

Apertando a ponte do nariz, olhei para o corredor, desejando uma ajuda que nunca viria.

Pelo menos não para mim.

— Cora?

Meus olhos se abriram, e encontrei River parada na escada, uma caneca de café estendida em minha direção.

— A água está entrando pela parede da nossa cozinha — disse ela com indiferença. — Eu joguei algumas toalhas no chão. Mas seria bom você levar o Hugo para lá logo.

Procurei em seus olhos por alguma pista de que ela sabia que o pagamento preferido de Hugo era um boquete. Felizmente, não encontrei nenhum.

Eu tinha feito o que podia para mantê-la na escola e longe do restante daquelas merdas todas, mas River estava longe de ser inocente. Seu cabelo castanho estava preso em um coque bagunçado, e ela estava com uma mochila e um de jeans esfarrapado e estiloso e uma camiseta larga que dizia “eu realmente não me importo”. Aquela jovem e doce menina estava sendo criada pelo que a maioria dos Estados Unidos chamaria de escória da sociedade. Piranhas. Vagabundas. Prostitutas. Seja lá qual for o novo termo da semana. Mas todas nós éramos apenas pessoas presas em uma situação de merda sem mais ninguém para se apoiar.

Exceto que todas elas se apoiavam em mim.

De repente, eu me lembrei do motivo de sacrificar minha alma diariamente.

Porque eu esperava para cacete que elas não precisassem fazer aquilo.

Depois de inspirar profundamente, o que rejuvenesceu não apenas meus pulmões em chamas, mas também minha determinação, peguei o café de sua mão e anunciei:

— Savannah está bem.

— Eu ouvi. — Seu olhar deslizou por cima do meu ombro para as mulheres que estavam começando a se dispersar. Seus problemas ainda não estavam resolvidos, mas na maioria das vezes a vida delas era desse jeito.

Eu fiz um gesto com o queixo na direção das escadas.

— Vamos. Eu te acompanho até lá embaixo.

Ela arqueou uma sobrancelha escura.

— E a cozinha?

— Ah, fala sério. Vai levar pelo menos cinco minutos para Hugo subir as escadas. Eu tenho tempo.

Ela franziu os lábios, olhou para seus Chucks pretos e começou a subir as escadas.

— Por que tem sangue no seu rosto?

Encostei em meu nariz com a mão livre, felizmente descobrindo que havia parado de sangrar.

— Você quer a verdade ou uma mentira?

— Verdade.

— Eu bati de cara na porta. Mas se você me pedisse uma mentira, eu teria dito que levei uma cotovelada no nariz enquanto jogava Chrissy no chão, pouco antes de amarrá-la e usar seu cabelo como esfregão para limpar aquele apartamento nojent.

River riu baixinho enquanto caminhávamos lado a lado até a frente do prédio de tijolinhos. Paramos no final do concreto que dividia nosso inferno do resto do mundo. Quando ela inclinou a cabeça para trás para me olhar, seu sorriso vacilou. Eu quase podia ver a ansiedade rastejando pelas curvas suaves de sua pele morena.

— Ei — eu a acalmei, dando um aperto no seu ombro. — O que há de errado?

— Você sabe que Chrissy não vai parar — ela sussurrou. — As outras, elas não vão muito com a cara de Savannah. Mas a Chrissy...

O aperto no meu peito ameaçou quebrar minhas costelas. Ela não deveria se preocupar com pessoas como Chrissy. Mas essa era a realidade dela, independentemente do quanto eu odiasse.

— Eu vou cuidar disso.

Seu rosto empalideceu.

— Por favor, não ligue para Marcos.

Revirei os olhos.

— Relaxa. Eu não falei nada sobre o Marcos.

Seus grandes olhos de cachorrinho procuraram a mentira em minha expressão. Ela não iria encontrá-la, mas definitivamente estava lá, habilmente escondida sob a superfície, ao lado da montanha feita pelos meus medos e arrependimentos.

Passando o braço ao redor de seus ombros, lhe dei um abraço de lado que não foi longo o suficiente para nenhuma de nós. Mas era tudo o que eu podia dar a ela.

— Vai. Saia daqui antes que perca o ônibus. Eu cuido da Chrissy. Você cuida da geometria.

— Corrrra — ela esticou meu nome.

— Riiiver — brinquei, dando-lhe um empurrão suave em direção ao estacionamento de terra batida.

Ela foi andando de costas, mantendo seus olhos castanhos fixos nos meus azuis.

— Você vai estar aqui quando eu chegar em casa, certo?

Eu zombei.

— Não estou sempre?

— Até agora, sim — ela murmurou.

A culpa ardeu em meu peito, mas sorri mesmo sentindo dor.

— Vejo você às três.

Ela olhou para mim.

Eu olhei de volta.

Um milhão de palavras foram ditas durante esse momento de silêncio: promessas, súplicas, desculpas, explicações e tudo mais.

Tudo isso era a verdade absoluta.

E foi exatamente por isso que duas lágrimas rolaram por suas bochechas quando ela levantou a mão no ar, girou na ponta dos pés e correu em direção ao ponto de ônibus.



CAPÍTULO 2

Cora

— Quero que Chrissy vá embora! — eu exigi antes que as costas da mão de Marcos se chocassem contra a minha bochecha.

Savannah gritou do sofá quando minha cabeça virou para o lado. A dor explodiu no meu pescoço quando o queixo atingiu o ombro.

Seu corpo esguio estava dobrado em minha direção, e seu rosto estava contorcido, como o monstro que ele era.

— Estou pouco me fodendo para o que você quer!

Antigamente, eu ficava maravilhada com quão bonito Marcos era. Todo aquele cabelo preto liso e cílios grossos delineando os olhos tão escuros que eu não conseguia ver a pupila. Mas é aquilo: todos os irmãos Guerrero eram lindos.

Dante, Marcos e Nicolás eram a personificação do sonho de toda pobre menina. Altos e magros, com mandíbulas esculpidas e ombros fortes, que não eram apenas sensuais, mas exalavam poder. Acrescente a isso os carros chamativos, roupas caras e uma série interminável de promessas, e eles viravam um bilhete dourado personificado. Mas esse ouro tinha se manchado muito rapidamente quando descobri o mal intrínseco que nasceu e cresceu dentro deles.

Em todos, exceto em Nic.

Depois de recuperar o equilíbrio, endireitei os ombros doloridos e me mantive firme.

— Eu não posso mais lidar com ela. Eu a avisei, Marcos. Repetidamente. Ou ela vai embora hoje à noite ou...

Não consegui terminar. Ele ergueu a mão e agarrou o topo do meu cabelo. Meu couro cabeludo pegou fogo, parecendo que ia se soltar. Engoli um grito quando ele inclinou minha cabeça para o lado com força.

— Ou o quê? O que porra você vai fazer sobre isso, Cora?

Nada. Isso era tudo que eu poderia fazer.

Mas assim como sua mão fazia no meu cabelo, eu tinha o poder de

torcer Marcos nas minhas mãos.

— O que você acha que Dante vai dizer se encontrar Savannah na rua com Chrissy e começar a fazer perguntas sobre como ela veio parar aqui?

Sua mandíbula endureceu, e os olhos negros se estreitaram.

Dante Guerrero. Ele era o trunfo de todos. As garotas usavam o nome dele para manter os clientes sob controle, Marcos usava o nome dele para me manter naquela prisão, e eu usava o nome dele para manter Marcos em seu lugar.

Todos nós temíamos Dante de uma forma ou de outra. Incluindo Savannah, que estava sentada no sofá, as pernas abraçadas ao peito, a maquiagem escorrendo pelas bochechas. Seu corpo ficou imóvel com a mera menção ao nome de Dante.

Dante era um problema para ela desde que Savannah foi descoberta por ele. Ele amava uma bela ruiva, pelo visto, independentemente de sua idade.

Por sorte, ele tinha mulheres e drogas suficientes para mantê-lo distraído pelo resto de sua vida. E contanto que eu pudesse manter Savannah fora de suas vistas, havia chances de que ele poderia esquecê-la.

Ou ele apareceria bêbado ou drogado no meio da noite e a encontraria enquanto eu estava sozinha e impotente para fazer qualquer coisa além de o ver a levar embora.

Eu tinha dois anos para mantê-la fora de seu alcance. Dois anos até que ela se tornasse adulta aos olhos da lei. Dois anos em que poderia moldá-la e fazê-la acreditar que poderia conseguir uma vida melhor do que aquela. Dois anos até que ela pudesse evitar ser mandada de volta para seus pais ainda mais perturbadores. Um ano até que ela finalmente pudesse se libertar — de um jeito que eu nunca consegui.

Marcos olhou para mim. E com a dor irradiando pelo meu corpo, eu olhei de volta sem medo.

Ele sabia que eu não era ousada o suficiente para ligar para Dante. Mas ele também sabia quão desesperada eu tinha de estar para fazer a ameaça.

— Porra! — ele explodiu, me dando um forte empurrão que me

fez tropeçar pela sala.

Savannah ficou de pé e me pegou antes que eu batesse na parede.

— Cora — ela sussurrou em meio a um soluço.

Usando-a para recuperar o equilíbrio, abri um sorriso que fez meu lábio rachado gritar de dor.

— Está tudo bem. Estou bem. Relaxa.

Ela assentiu, seu cabelo ruivo bagunçado roçando seus ombros. Com quase 1,70 m, ela era pelo menos dez centímetros mais alta que eu, mas quando nós duas nos viramos para encarar Marcos, ela entrelaçou seus dedos nos meus como se fosse uma garotinha, partindo meu coração ainda mais.

Inabalável, mantive o rumo da conversa.

— Eu preciso que ela vá embora, Marcos. Não por mim. Não pela Savannah. Mas para a segurança de todas as garotas neste prédio.

Suspirando, ele apertou a ponte do nariz.

— Puta merda, Cora. Não tenho tempo para lidar com suas palhaçadas patéticas.

— Acredite em mim, se isso fosse algo que eu pudesse lidar, eu nem teria te ligado. Mas ela está andando nessa linha há muito tempo e você sabe disso. Chegou o momento de a gente a deixar ir embora.

Seus olhos malévolos se voltaram para os meus, e o ar ficou gelado enquanto sussurrava:

— A gente?

Eu respirei fundo. As palavras queimaram como se fossem feitas de fogo, e elas ainda nem tinham encontrado meus lábios. Eu não queria que elas fossem verdadeiras. Eu queria o oposto havia mais de uma década.

Mas, sem sombra de dúvida, elas eram a única razão pela qual eu ainda estava viva.

Engoli o refluxo e então permiti que minha respiração trouxesse a verdade imunda à existência.

— Meu nome é Cora *Guerrero*, não é?

Meus canais lacrimais doíam, mas eles sabiam que não deviam liberar qualquer umidade. Chorar só era permitido no meu quarto, com um travesseiro no rosto, minha bunda no chão, minhas costas

contra a parede, uma cadeira encostada na porta e três fechaduras trancadas. Ninguém — especialmente um Guerrero — poderia ver essa cena.

Minha garganta estava seca quando continuei:

— Se Nic ainda estivesse vivo, você sabe o que ele faria.

O vacilo de Marcos foi sutil, mas aconteceu.

Eu não apenas vi, senti.

E eu me diverti com isso.

Ele poderia me vencer.

Ele poderia me controlar.

Ele poderia me manter presa em seu mundo pelo resto de sua vida.

Mas, com uma sílaba, eu poderia cortá-lo até o osso sem levantar um dedo. Fazia treze anos que Nic morrera, e ele ainda era minha única proteção.

Marcos soltou um grunhido alto.

— Porra, não traz Nic para esse assunto.

— Ele já está aqui — retruquei.

Sua mandíbula tremulou, e suas narinas se dilataram.

— Você sabe que foi meu irmãozinho quem recrutou Chrissy?

— Sim. E eu sei que seria *meu marido* quem a jogaria no olho da rua por desobedecer a uma ordem direta de um membro da família.

Inclinando a cabeça para o lado, ele rondou em minha direção.

Eu direcionei Savannah para trás de mim. Meu coração disparou, e a adrenalina correu pelas minhas veias. Mas não deixei que *nada* ficasse em evidência.

Parando na minha frente, ele se inclinou e aproximou o rosto do meu.

— Você era a prostituta dele, Cora. Uma das *muitas*. Só porque ele colocou um anel no seu dedo, isso não faz de você parte da *minha* família.

— Você não tem ideia do quanto eu gostaria que isso fosse verdade.

De repente, ele recuou, sua palma mais uma vez apontada para o meu rosto.

Por dentro, eu me encolhi.

Por dentro, eu gritei.

Por dentro, eu implorei para ele finalmente me deixar ir embora.

Mas, por fora, eu me fechei.

Eu não ousei vacilar. Eu nem pisquei. Qualquer fraqueza seria usada contra mim. Ele poderia me bater até me quebrar em um milhão de pedaços, e quando tudo acabasse, eu me levantaria novamente, encontraria uma maneira de me recompor e continuaria, porque ninguém mais faria isso por mim.

Eu estava sozinha e tinha sido assim durante a maior parte da minha vida. Muitas vezes fui danificada ao extremo. Mas nenhum homem jamais me quebraria.

Então eu fiquei parada, com Savannah tremendo às minhas costas, de cabeça erguida, olhando para as profundezas de seus demoníacos olhos negros, preparada para aceitar sua ira por nenhum motivo além de ser a única maneira de sobreviver.

Pouco antes do impacto, sua mão congelou a centímetros da minha bochecha. Um sorriso sinistro ergueu um lado de sua boca quando ele inclinou o queixo para Savannah.

— Tem certeza de que ela vale tudo isso?

A parte da frente do corpo de Savannah ficou nivelada com as minhas costas, e sua mão agarrou meu quadril com força. Ela provavelmente nunca teve alguém em sua vida dizendo que ela valia alguma coisa.

Mas, de qualquer forma, Savannah viveu dezesseis anos sem mim.

— Tenho.

Seus ombros tremeram por um soluço preso, e eu estendi a mão para trás, acariciando sua coxa enquanto mantinha o olhar fixo em Marcos.

Por vários segundos, ele sustentou meu olhar. Cada piscada dele era um desafio — e um comando.

Mas, apesar de tudo, eu não implorei.

Eu não chorei.

Eu não tentei barganhar.

No entanto, dei a ele o que queria.

Desviando o olhar o chão, permiti que meus ombros caíssem enquanto segurava minha bochecha machucada.

Não era muito, e não me custou nada, mas aquele único gesto submisso foi o suficiente para devolver a ele o controle o qual Marcos precisava tão desesperadamente sentir.

No entanto, não se engane sobre isso: eu fui a vencedora.

Seus sapatos pretos, que custavam mais do que todo o meu guarda-roupa, desapareceram da minha linha de visão enquanto ele caminhava em direção à porta.

— Vou expulsar a Chrissy — ele anunciou como se tivesse sido ideia dele.

Um alívio silencioso inundou meu corpo, e eu fiz o meu melhor para esconder um sorriso.

— Ok.

E então, muito rapidamente, eu não tinha mais um sorriso para esconder.

— Ajeita as garotas nos apartamentos. Vou mandar mais duas em breve para substituir a Chrissy.

Meu estômago se contorceu. Novas garotas significavam novos problemas. Novas encrencas. Novas lutas. Mas o pior de tudo, novas garotas significavam que ele tinha encontrado mais mulheres para arrastar para aquele inferno.

Por mais que isso me matasse, não havia nada que eu pudesse fazer para evitar essa situação. Tudo que eu podia fazer era manter a cabeça erguida e os julgamentos em segundo plano e aceitá-las de braços abertos na própria vida que eu venderia minha alma para escapar.

Além disso, meu sentimento de pena pelas novas garotas não as manteria seguras.

O que me fez lembrar...

— Você precisa substituir o Hugo.

Ele lentamente se virou para mim de cara feia.

— Não abuse da sorte comigo.

Dei de ombros.

— Ok. Mas ele está fodendo as garotas em troca dos consertos.

Seu corpo estremeceu, e então os músculos da base de seu pescoço se esticaram contra a gola de sua camisa branca apertada.

Se eu tivesse lidado com esse problema antes, nunca teríamos resolvido o problema com Chrissy. Marcos não dava a mínima se qualquer uma das minhas garotas fosse abusada. Ele, no entanto, se importava com seu primo quebrando descaradamente uma de suas preciosas regras.

Para os homens de Guerrero, orgulho e controle eram tudo. E o desrespeito — sendo da família ou não — era um pecado mortal.

Da Chrissy, ele cuidaria. Ela seria colocada no pasto, como Nic costumava chamar. Basicamente, ela seria deixada em uma esquina e ordenada a nunca mais voltar. Embora, se eu bem conhecia aquela mulher, ela se juntaria a outro puteiro antes do pôr do sol. Mas Hugo... Bem, sua vida dependia de quão generoso Marcos estava se sentindo naquela tarde em particular.

Caminhando a passos largos, ele saiu do meu apartamento. Do lado de fora, quatro homens o seguiram. Sua comitiva mudava tão rápido, que eu não me dava ao trabalho de aprender seus nomes. Não que eu precisasse. Eles não falavam comigo.

— Não se esqueça de Chrissy! — eu gritei atrás dele.

Ele não me respondeu diretamente, mas estalou os dedos e apontou para o cara musculoso à sua esquerda enquanto eles desciam as escadas em fila indiana.

— Ai, meu Deus. — Savannah respirou fundo quando ficamos sozinhas. — Eu sinto muito, Cora. Você está bem?

— Sim, estou bem — respondi por puro instinto antes de ver como eu realmente estava. Minha cabeça latejava, o olho doía, a visão estava cheia de pontos pretos, e meu nariz ainda estava incomodando pelo que houve mais cedo naquela manhã. Mas, no geral, eu estava tão bem quanto jamais estaria.

— Vá para o seu quarto e tranque a porta — eu ordenei.

— Eu... eu... hum — ela gaguejou.

Alisando minha regata rosa-clara, rebati:

— Conversaremos mais tarde.

— Mas...

— *Mais tarde* — eu repeti. — Agora vá.

Felizmente — para minha cabeça e minha paciência curta —, ela não discutiu. De costas para Savannah, eu escutei seus passos se movendo pelo corredor. Então ouvi o clique da porta se fechando, seguido pelo som da fechadura, o estalo da trava e depois o deslizar da corrente. Só então saí do apartamento.

O som de gritos me cumprimentou antes que eu chegasse ao corredor aberto de concreto. Normalmente, o caos me deixava nervosa, mas depois do dia que tive, era música para meus ouvidos.

Chrissy gritando.

Marcos xingando.

Hugo mentindo.

Eram os ventos furiosos da mais doce tempestade.

E como a princesa que eles diziam que eu era, eu estava no parapeito enferrujado que dava para o estacionamento do meu castelo, meus longos cachos loiros chicoteando ao vento, meu corpo doendo, mas não tanto quanto meu coração. Eu respirei fundo e me perdi no redemoinho do meu reino.

Não senti nada enquanto observava Marcos acertar punho após punho no rosto de Hugo. A única coisa que poderia ter sido melhor era se Hugo tivesse acertado alguns socos nele.

— Cora! — Chrissy gritou quando o homem de Marcos a guiou para um carro com a mão em seu cabelo. — Cora, por favor!

Eu queria me sentir culpada. Talvez eu não tivesse me esforçado o suficiente para fazê-la entender quão sério eu estava falando sobre Savannah, mas eu me recusei a me afogar na fossa dos “e ses”.

Não conseguia salvar todo mundo, por mais que tentasse. Mulheres como Chrissy estavam destinadas a se destruir, e eu não estava disposta a ficar parada e permitir que minhas garotas fossem mortas por seus estilhaços.

Sem emoção, eu os vi colocá-la no banco traseiro de um Mercedes preto e, segundos depois, o corpo inconsciente de Hugo foi jogado sem cerimônia no porta-malas.

No tumulto, a maioria das meninas saiu de seus apartamentos.

Nenhuma delas falou nada.

Assim como nenhuma delas pareceu querer proteger Chrissy.

As poucas que eu podia ver no andar inferior estavam amontoadas como se fossem um time, todas de pijama, cabelos presos, rostos sem maquiagem.

Todas as brigas foram momentaneamente perdoadas.

Os problemas, esquecidos.

Eram inimigas se tornando irmãs.

E quando o carro foi embora, levantando uma nuvem de poeira, perdemos uma das nossas, mas estávamos mais fortes do que nunca.

Ou pelo menos *elas* estavam.

— Cora — alguém chamou.

— Cora — veio outra voz.

E depois outra.

— Cora.

Com a cabeça girando em um milhão de direções diferentes, eu as ignorei e voltei para o meu apartamento, indo direto para o meu quarto.

Calmamente, fechei a porta, tranquei todas as três fechaduras e então — com cuidado para não deixar Savannah me ouvir — peguei a cadeira de balanço e a coloquei sob a maçaneta.

Assim que peguei um travesseiro da cama e o levei ao rosto, as comportas se abriram.

Eu deslizei pela parede, meus ombros tremendo violentamente enquanto soluços me dominavam. Eles eram habilmente silenciosos. Eram selvagens, mas foram perfeitamente controlados por muitos anos de prática. A liberação emocional repentina era uma agonia quando tudo que eu realmente precisava era de um único segundo de alívio.

Cada lágrima era avassaladora, consumindo tudo e destruindo minha alma.

E, ainda assim, depois de todo esse tempo, elas não mudavam absolutamente nada.

Mas, de qualquer forma, nada jamais o faria.



CAPÍTULO 3

Penn

— Penn — Drew chamou do outro lado da porta. — Está pronto?

Pisquei, olhando o carpete barato sob meus pés descalços.

Era um hotel diferente, e parecia ser uma vida diferente. Deus era testemunha de que eu era um homem diferente. Mas o carpete era sempre o mesmo.

Feio. Sombrio. Grosseiro.

Linda, de partir o coração...

Ela.

Limpando o suor da testa, gritei:

— Está aberto! — Eu me ocupei calçando as meias, a porta se abriu, e o corpo esguio de Drew apareceu na minha visão periférica, segurando dois copos de café.

Ele apoiou o ombro contra o batente.

— Você conseguiu dormir?

Eu me afastei da cama e caminhei até o banheiro parcialmente iluminado para pegar minhas botas.

— Dormi algumas horas na caminhonete.

— Hm — ele respondeu. — Ela foi embora à meia-noite. Você poderia ter voltado...

— Não consigo dormir em quartos de hotel. Isso não é nenhuma novidade. — Depois de afundar no canto da cama, calcei as botas de couro marrom sem permitir que meu olhar se desviasse para o carpete novamente. — Além disso, dormindo aqui, eu poderia atrapalhar sua capacidade de foder toda a população feminina de Chicago.

Ele riu e entrou, usando o pé para fechar a porta.

— Passei os últimos dois anos atrás das grades, onde os únicos peitos que vi eram de um homem de 130 quilos chamado Bubba. Eu tenho que compensar o tempo perdido.

Peguei o café e o coloquei na mesa de cabeceira.

— Devo me preocupar com o fato de que você estava dando uma olhada no Bubba no chuveiro?

O copo ficou no meio do caminho de sua boca.

— Jesus Cristo. Isso foi uma piada?

Eu terminei com meus cadarços e então me sentei, apoiando os cotovelos nas coxas e deixando minhas mãos penderem entre as pernas.

— Não sei. Acho que isso depende de quão legal você achou que os peitos dele eram.

Ele me encarou com admiração por vários segundos, e então um sorriso lento de Drew Walker surgiu em seu rosto, mas seus olhos ficaram escuros.

— Merda, é bom ver você de novo, irmão — ele ofegou de emoção.

Eu desviei o olhar para esconder a forma como sua felicidade me atingiu. Com certeza não era bom quando eu *me via* no espelho.

— Escuta, eu vou tomar café da manhã. A que horas a gente precisa estar lá?

Senti sua presença se aproximando de mim, mas peguei minha carteira e as chaves para evitar contato visual.

— Você não precisa fazer isso, Penn.

Ergui a cabeça rapidamente.

— Você sabe que eu preciso.

Ele entrou no meu caminho, me forçando a parar.

— Vai para casa. Você ainda tem a casa, certo?

Drew era dois anos mais novo do que eu, mas aquele merdinha me ganhava em altura.

Eu ganhava em todo o resto.

Pressionando a palma da mão em seu peito, dei um empurrão forte.

— Sai da frente, cuzão.

Ele balançou a cabeça.

— Eu aprecio você ter vindo me buscar, mas você deveria voltar. Começar uma nova empresa.

— Você quer dizer tipo aquela que eu perdi? Sim, que ideia espetacular.

— Não. Tipo aquela que você *desistiu* no dia em que ela morreu.

Minha mão em seu peito se tornou um punho ao redor de sua camiseta.

— Cala a boca, porra.

— Você sabe que é verdade.

— Não. O que eu sei é que preciso de uma droga de um emprego, Drew. Igual a você. E há menos de vinte e quatro horas você disse que um *amigo* seu arrumou um para nós. Não comece essa besteira de “vai para casa” agora.

Seus olhos castanhos estavam fixos nos meus azuis, nenhum de nós estava disposto a recuar.

— Você não pertence a esse lugar.

— Eu não pertenço a lugar nenhum! — rugi, lhe dando uma sacudida forte antes de soltá-lo.

Como se eu tivesse levado um tiro, a raiva se livrou da dormência, fazendo os sentimentos voltarem como no dia em que falhei com ela. Meu peito arfava, e meu coração entrou em guerra com minhas costelas. Enlaçando os dedos na parte traseira do pescoço, eu encostei o queixo no peito e olhei para a porra do carpete.

Uma respiração de cada vez.

“Por favor!”, ela gritou enquanto a lâmina de prata da faca desaparecia dentro de seu abdômen.

Uma respiração de cada vez.

“Você nunca vai ficar sozinho”, ela sussurrou em seus votos no dia em que nos casamos.

Uma respiração de cada vez.

“Só mais um pouco”, ela me disse no dia em que a vi ir embora pela última vez.

Uma respiração de cada vez.

Fechei os olhos com força e me concentrei no vazio que preenchia minha visão.

Uma respiração de cada vez.

Lentamente, a dormência familiar começou a rastejar de volta sobre mim, como um campo de força rejuvenescendo minhas defesas e me permitindo respirar novamente.

— Eu preciso disso, Drew.

— Ok. Merda, cara. Relaxa. É que... É um trabalho de manutenção em um bordel, e você é formado em engenharia pelo MIT. Acho que você é um pouco qualificado demais para o trabalho.

Abri os olhos e balancei a cabeça.

— Eu não sou mais aquele homem. Esse cara morreu há muito tempo. Em um quarto de hotel de merda como este.

— Então traga-o de volta à vida. — Ele me lançou um sorriso torto. — Jesus fez isso.

Drew fodido.

Estalando o pescoço, eu respirei de forma trêmula.

— Não faça isso. Hoje, não.

Suas bochechas inflaram quando ele bufou.

— Tudo bem. *Tamo* junto.

Ele deu um aperto no meu ombro.

— Mas, só para constar, ela chutaria sua bunda se te visse assim.

— Eu sei. — Eu meio engasguei, meio ri. — Eu sei, porra. E está na hora.

Depois de pegar meu café na mesa de cabeceira, ele mais uma vez passou para mim. Levantando o dele no ar, sorriu — um sorriso verdadeiro e genuíno que eu não conseguia formar há anos — e brindou:

— A novos começos.

Brindei meu copo no dele.

— Até o fim.



CAPÍTULO 4

Cora

— Então, sim, Hugo se foi oficialmente — eu disse ao celular preso entre meu ombro e minha orelha enquanto subia os degraus para o meu apartamento. Sacos de supermercado pendiam dos meus braços, pesados. O terceiro andar era o mais seguro, mas, Deus, era um pé no saco, literal e figurativamente, carregar compras três lances de escada toda semana.

— Que bom — respondeu Catalina e, em seguida, fez uma pausa sem jeito.

Eu sabia o que estava por vir. Isso acontecia toda vez que um número desconhecido aparecia no meu celular. Eu não tinha como entrar em contato com ela, tinha apenas o endereço e uma combinação de um armário do outro lado da cidade, onde eu deixaria seus envelopes de dinheiro.

— Olha, eu odeio pedir isso, mas Isabel estava doente na semana passada e...

— Quanto? — sussurrei, olhando ao redor como se alguém pudesse ouvi-la.

Sua voz estava rouca e trêmula quando ela respondeu:

— Talvez apenas duzentos dólares ou algo assim. De verdade, o que você puder.

Eu daria quinhentos.

— Sim. Sem problema. Vou deixar o dinheiro hoje à noite depois que as meninas forem para a cama.

Sua respiração estremeceu, lágrimas sem dúvida caindo de seus olhos castanhos avermelhados.

— Não sei como te agradecer.

— Basta ficar viva. Isso é tudo que preciso.

— Eu te amo, Cora.

— Eu também te amo. — Eu não ousei dizer o nome dela.

Ela estava fugindo desde o dia em que testemunhou contra seu

pai, Manuel Guerrero. Se ela fosse encontrada, seria sua sentença de morte. E não apenas porque seus irmãos, Dante e Marcos, nunca haviam deixado de procurá-la. Seu marido, que uma vez foi íntimo de Manuel — mas depois, como promotor público, o colocou atrás das grades — estava empenhado em encontrá-la também.

Ela era minha única salvação para escapar daquele prédio. Minha sobrevivência dependia de sua capacidade de permanecer nas sombras. E eu faria o que fosse preciso para mantê-la longe deles, incluindo arriscar minha vida para levar dinheiro para ela.

Porque, um dia, ela seria minha única saída desse pesadelo.

Catalina interrompeu a chamada assim que cheguei ao patamar do terceiro andar. Respirando fundo, contive a emoção que acompanhava essas ligações. Se eu pensasse muito sobre o assunto, esses momentos me destruiriam.

No meu exercício de levantamento de peso do dia, levantei a mão — e as três toneladas de sacolas — para pegar meu celular e chutei a parte inferior da porta do meu apartamento.

— Uma ajudinha?

Todas as fechaduras fizeram ruído, e então Savannah abriu a porta.

Uma explosão de mofo me assaltou.

— Jesus, está fedendo aqui.

— Você me disse para não abrir as janelas enquanto você estivesse fora. — Ela começou a pegar sacolas dos meus braços estendidos.

Ela estava se comportando muito bem nos dois dias desde que Chrissy foi expulsa. E considerando que a água teve de ser cortada em metade do prédio devido aos canos enferrujados, eu não ia reclamar. Com trinta mulheres dividindo dois banheiros e a forte possibilidade de mofo no piso inundado e no drywall, o que causaria às minhas meninas um problema pulmonar, eu precisava de toda a ajuda extra que pudesse obter.

Quando passei, River não levantou a cabeça da tigela de cereal. Ao contrário de Savannah, River estava me evitando desde a partida de Chrissy. Ou, mais precisamente, desde que ela viu pela primeira vez o hematoma gigante que Marcos deixou na minha bochecha.

Eu conhecia muito bem o tratamento do silêncio, inclusive sabia

como terminaria.

Ela me mantinha na geladeira por alguns dias, e então eu fazia lasanha caseira e pão de alho. Ela cedia e se sentava na cozinha enquanto cozinhava, sem falar, mas não me evitando mais. E então, quando nossos pratos estivessem vazios e nós duas estivéssemos em coma de carboidratos, ela me diria uma verdade: o quanto ela odiava quando eu permitia que Marcos colocasse as mãos em mim para proteger as outras garotas.

E então eu lhe contaria uma mentira: que não faria isso de novo.

Verdade e mentiras — era assim que trabalhávamos.

— Ei, Riv — eu chamei, colocando as sacolas no balcão. — Você pode me fazer um favor e pegar o alvejante no porta-malas? E deixe a porta aberta, aqui tá fedendo.

Ela não disse uma palavra enquanto se levantava, levava sua tigela até a pia, a deixava cair com um estrondo e saía do apartamento.

— Ok, foi bom conversar com você! — gritei atrás dela. — Deveríamos fazer isso com mais frequência.

Savannah estava imediatamente ao meu lado, me ajudando a descarregar os mantimentos.

— Vou conversar com ela esta noite. Ela vai voltar ao normal. Eu prometo.

Soltei uma risada e guardei o leite na geladeira.

— Eu não sei se é *você* quem precisa ir conversar com alguém.

Ela estendeu duas latas de ervilhas na minha direção e me encarou, a sobrelhaça perfeitamente desenhada e ruiva arqueada, com uma postura familiar.

— O que você quer dizer com isso?

Continuei descarregando as compras que iriam para a geladeira.

— Isso significa que nós nem conversamos sobre o outro dia.

— Olha, eu pedi desculpas.

— Desculpas não vão funcionar desta vez — respondi enquanto escondia o pote de chocolate com menta atrás de um saco de brócolis congelado, com esperança de que ficaria ali mais tarde naquela noite.

Ela bufou.

— O que mais você quer de mim?

Fui até a despensa e escondi os biscoitos de chocolate atrás de uma caixa de granola com passas que estava lá há pelo menos três anos.

— Bem, primeiro eu quero que você pare com essa postura de merda.

— Eu não tenho uma postura de merda!

Com a paciência reduzindo, dirigi a ela um olhar incrédulo e estalei os dedos, apontando para as ervilhas.

Ela botou as latas na minha mão, uma de cada vez.

— Eu não sei o que você quer que eu diga... eu não achei que Chrissy iria...

— Problema seu! — exclamei.

Seu corpo se contraiu.

Eu guardei as latas de ervilha — outra muralha para meu estoque secreto de biscoitos — então dei a ela toda a minha atenção.

Seus olhos verdes profundos estavam arregalados e estranhamente cheios de lágrimas. Com exceção do dia em que ela testemunhou minha discussão com Marcos, foi a maior emoção que já vi vindo dela.

Então eu comecei.

— Savannah, você não pensou em ninguém além de si mesma desde que se mudou para cá. As fugas? As discussões comigo? As brigas constantes com River? Tudo gira ao redor da Savannah.

— Isso não é verdade! Você me culpa por tudo. Eu não queria vir para cá em primeiro lugar.

— E você acha que eu queria?

Eu abri meus braços e girei em um círculo ao redor da pequena cozinha, meus dedos encostando no balcão.

— Você acha que em algum momento eu quis estar aqui? Fizemos escolhas, Savannah. Talvez não a escolha específica de vir para cá, mas escolhas que nos levaram a este momento do mesmo jeito. — Apontei um dedo em sua direção. — Você esquece que eu estive onde você está. No dia em que você entrou naquele carro com Dante, muitas escolhas foram feitas para você. Eram as mesmas escolhas que Nic fez para mim. E eu estou aqui dizendo que eles são horrorosos. Mas eu não sou Dante. Eu não sou Marcos. Eu não sou um dos seus

pais fodidos. E acima de tudo... eu não sou sua inimiga.

Dando um passo à frente, levei a mão às laterais de seu rosto e abaixei a voz.

— Nenhuma de nós quer essa vida de merda, querida. Mas é o que temos para hoje. E por mais que eu odeie admitir, isso é tudo que eu provavelmente vou ter. Mas você? Você tem dezesseis anos.

Ela abriu a boca para protestar, mas não lhe dei chance.

— E eu não estou dizendo isso como se fosse uma coisa ruim. Você tem tempo. Você ainda pode sair daqui. E eu juro pela minha vida que vou cuidar de você até esse dia chegar, mas preciso que você se esforce comigo. Você não pode ficar na rua. Você não pode ficar bêbada ou fumar maconha com as outras garotas. — Eu agarrei seus braços e aponte para as marcas de picadas. — Vai te levar de volta ao caminho do vício. Bastaria...

O resto do meu discurso morreu quando nossa porta da frente se fechou.

— Cora! — Os braços de River estavam esticados para baixo, as costas contra a porta, como se ela estivesse tentando impedir que um bando de animais selvagens arranhasse a madeira até conseguir entrar.

E quando ela disse o motivo de estar daquele jeito, percebi que aquilo era exatamente o que ela estava tentando fazer:

— Eles estão... aqui — ela exalou.

Nem precisou explicar mais nada. Eu sabia quem era apenas pelo seu medo palpável. Saindo da porta, ela me permitiu passar.

Fui direto para a grade de contenção que dava para o estacionamento.

Dois homens que não reconheci estavam saindo de uma caminhonete vermelha com cabine estendida.

E lá estava o Marcos em sua Mercedes preta.

E...

— Puta merda — sussurrei.

Dante.

Suas visitas eram raras, especialmente durante o dia, mas não inéditas.

Correndo de volta para o apartamento, eu exclamei para as duas garotas:

— Vão. Agora.

Nenhuma delas hesitou em sair correndo pelo corredor. Elas sabiam o que fazer. Nós discutimos isso por muito tempo no dia em que Savannah se mudou.

Fechando os olhos, eu agarrei a estrela prateada no meu cordão. Nic tinha me dado aquele pingente pelo que parecia ser um milhão de anos antes.

— Você tem que me ajudar aqui, baby — eu implorei aos céus. — Eu realmente preciso de você agora, Nic.

Como era de se esperar, meu falecido marido não respondeu. E depois de algumas respirações profundas, fiz o que sempre fazia: me coloquei no meu lugar de mulher adulta e voltei a guardar as compras, fria e calma, como se o próprio diabo não estivesse prestes a bater na minha porta.

— Dante — eu cumprimentei minutos depois com um sorriso brilhante e inteiramente falso.

Por trás de seus óculos em estilo aviador, seu olhar doentio me analisou inteira. No que dizia respeito a ele, já que eu tinha seios grandes, barriga lisa, bunda redonda e uma vagina funcional, ele era meu dono. Ele não se importava que eu fosse de Nic. Nunca se importou. Não se importou um dia depois que descobriu que Nic e eu tínhamos nos casado, quando arrancou minha camisa e me mandou ir para as ruas onde ele achava que eu pertencia. Como no dia em que ele me encurralou na funerária e me deu uma joelhada tão forte no estômago, que eu vomitei. E definitivamente não no aniversário de cinco anos da morte de Nic, quando ele entrou no meu quarto, drogado com seja lá o que escolheu para aquela semana, e me deu uma surra. Foi minha punição por ter matado seu irmão, ou ao menos foi o que ele disse algumas horas depois.

Dante Guerrero era dono do meu mundo. E, de vez em quando, ele gostava de aparecer para ter certeza de que eu não poderia esquecer daquilo.

Eu permaneci como uma estátua quando ele estendeu a mão e pegou um dos meus cachos.

— Cora. Quanto tempo — ele disse, seu olhar voltado para o meu peito. Seus lábios estavam curvados no que teria sido um sorriso de tirar o fôlego se fosse dado por qualquer outro homem.

Lutei contra a vontade de vomitar. Acenando com a mão, eu me afastei, meu cabelo escorregando por entre seus dedos.

— Sim. Entre.

Ao entrar, Dante enfiou a mão no bolso de sua calça preta e empurrou o Ray-Ban para o topo de sua cabeça.

— Onde está a River?

Cada músculo do meu corpo ficou tenso quando lancei um olhar por cima do ombro para Marcos.

Seus lábios em uma linha fina não eram um bom presságio para mim. Nem o movimento quase imperceptível de seu queixo ordenando que eu respondesse a Dante.

Levou duas tentativas antes que eu pudesse finalmente responder.

— Ela está no quarto dela.

Dante piscou enquanto se afastava.

O medo me consumia, mas não deixei transparecer enquanto o seguia.

— Ela provavelmente está dormindo.

Ele me ignorou, e quando chegou à porta dela, girou a maçaneta e a abriu — a porta estava totalmente destrancada — eu queria morrer.

Mas era mais seguro assim; as fechaduras só o irritavam.

— Oh, ei, Dante — River disse, puxando um de seus fones de ouvido verde-néon.

Assim como havíamos planejado, ela vestiu um moletom largo e prendeu o cabelo em um coque bagunçado no topo da cabeça. Um suspiro de alívio saiu de meus lábios quando vi a cama de Savannah felizmente vazia.

— Você tá uma merda — ele rosnou.

Ela cruzou as pernas na altura do tornozelo e balançou os pés cobertos de meias sujas para ele.

— Bem, quando você mora em uma mansão como essa, não há muita necessidade de se usar um vestido de baile. Além disso, não *ficar uma merda* — ela disse, fazendo aspas com os dedos... Sim, porra

de aspas com os dedos — custa dinheiro. E quando você tem treze anos e sua única renda potencial é de pedófilos, você aprende bem rápido a se dar bem no quesito *ficar uma merda*.

Eu me preparei fisicamente enquanto o corpo de Dante inchava de raiva.

— Sua fodid...

— Ei — Marcos chamou, me empurrando para fora do caminho. — Deixe a criança em paz. — Ele enfiou a mão no bolso traseiro, tirou a carteira e jogou um punhado de notas aos pés de River. — Compre umas porcarias de umas roupas. E, pelo amor de Deus, toma um banho.

Ela inclinou a cabeça para o lado e retrucou:

— Isso significa que você vai fazer algo para consertar a água? Ou devo usar o dinheiro para comprar umas roupinhas novas e um balde para tomar banho?

Marcos a encarou.

Dante soltou uma série de palavrões.

E eu cerrei os dentes, trancando-a mentalmente naquele quarto pelo resto de sua vida.

Completamente imperturbável, ela abriu um sorriso para eles, inclinou-se para pegar o dinheiro, enfiou-o no bolso da frente de seu moletom e depois colocou o fone de ouvido de volta.

— Foi ótimo falar com vocês. Não sumam!

— Que piranhazinha! — Dante rosou enquanto Marcos o conduzia para fora do quarto.

Meus ombros murcharam enquanto eu corria de volta pelo corredor para a sala de estar, esperando com força que eles me seguissem.

Para longe dela.

Para longe *delas*.

Eu parei bruscamente quando vi os dois novos homens de pé no linóleo descascado do local que outrora fora um vestíbulo.

O mais alto dos dois parecia com todos os caras brancos de trinta e poucos anos do mundo. Cabelo castanho comum. Olhos castanhos comuns. Ele tinha nariz, lábios, até orelhas, mas nenhuma

característica digna de nota em todo o rosto comum. Ele estava vestindo uma camiseta branca comum. Jeans comuns. E — sim, você adivinhou — botas de trabalho marrons e comuns. Ele era simples, despretensioso e completamente não ameaçador. Eu imediatamente não confiei nele.

O cara ao lado dele era uma história completamente diferente. Enquanto ele era uns cinco centímetros mais baixo do que o outro, sua presença poderosa parecia dominar o ambiente inteiro. Sua pele era bronzeada e seu cabelo curto tinha mechas naturais em tons de mogno e castanho, como se trabalhasse ao sol. Seus olhos eram azuis, mas não como o índigo dos meus. Os dele eram... bem, de um azul pesado — profundo e vazio. Ele tinha o nariz de um gladiador romano, distinto e ligeiramente torto pela batalha, enquanto sua mandíbula era composta de ângulos agudos e reais mascarados por uma espessa camada de barba por fazer. Ele era feito de um milhão de contrapontos que de alguma forma formavam um todo brilhante. Ele estava vestindo uma roupa comum, semelhante ao outro homem, uma roupa de um cara branco de trinta e tantos anos, mas não havia nada simples na maneira como a roupa abraçava os músculos grandes ou cobria as intrincadas tatuagens pretas que seguiam pelos braços até as costas das mãos.

Ele era inteiramente lindo. Ligeiramente assustador. E provavelmente conhecido como Detento 401.

Mas a parte mais interessante de tudo era que nenhum desses homens era um Guerrero.

Homens não eram permitidos dentro do nosso prédio. Esta foi uma das poucas regras com as quais eu concordei e fiz com que fossem cumpridas rigorosamente. Bastaria uma chamada para os policiais — os verdadeiros, não os corruptos que Dante tinha comendo em sua mão — para que a maior parte do prédio fosse levada algemada — inclusive eu. E quanto a mim, eu estava indo para a minha terceira advertência. Eu nunca mais chegaria nem perto de uma prisão.

— Hum... — eu murmurei. — Quem é você?

Marcos parou ao meu lado enquanto Dante se movia para o sofá e começava a separar as carreiras de cocaína que tinha retirado do bolso.

Marcos olhou para ele com desgosto, mas não deu um pio.

Limpendo a garganta, balançou a cabeça.

— Esses são os novos funcionários da manutenção. Drew Walker e seu irmão, Penn.

Virei a cabeça para olhá-los.

— Desculpa: houve uma praga que eliminou toda a família Guerrero e de alguma forma eu não soube disso?

— A ordem veio direto do Pop. Parece que ele se aproximou de Drew enquanto eram companheiros de cela.

Ah, sim. Eu tinha razão: Detento 401.

Marcos virou seu olhar escuro para mim.

— Aparentemente, os Walkers trabalhavam com construção. Quando Pop ouviu sobre o... infeliz acidente de Hugo, ele mandou que eu trouxesse esses caras para cá.

Ele fez uma pausa, sua mandíbula se movendo com uma intensidade que me fez temer por seus dentes.

— Ele disse que confia em Drew como se fosse um filho.

O que realmente significava que Manuel Guerrero, Detento 402, confiava mais nesse tal de Drew do que em seus próprios filhos idiotas. Algo que não achei chocante, mas sim muito divertido. Eu fiz tudo o que pude para esconder meu sorriso, incluindo olhar para Drew e Penn apenas para o caso de meu lábio se contrair — o que realmente aconteceu.

— Mostra para eles qual é o seu problema — Marcos ordenou.

— Meu problema? — eu repeti, porque, sério, ele teria de ser mais específico que aquilo. Eu tinha um monte de problemas.

Um resmungo alto veio do sofá, e Dante explicou o que queria dizer.

— A porra do teu vazamento de água ou o seja lá o que tem feito essa porra desse lugar cheirar igual a um aterro sanitário. — Ele estalou os dedos para os homens e apontou para o corredor. — Façam a porra do seu trabalho e deem um jeito nisso.

Como bons lacaios, ambos se dirigiram para o corredor.

— É na cozinha — eu disse a eles.

O alto, que eu presumi ser Penn, respondeu:

— Do jeito que a parede está, provavelmente está vazando de um

banheiro.

Ah, merda! Ah, merda.

Ah. Puta. Merda.

Savannah.

Coisas em que eu era boa: matemática, classificação decimal de Dewey e gerenciamento de tempo.

Coisas em que eu não era boa: esconder garotas de dezesseis anos de psicopatas.

Eu tinha planejado aquele dia o melhor que pude. Sempre que Dante aparecia, ele entrava no quarto de River. E ele entrou no meu quarto mais vezes do que eu gostaria de admitir — ou lembrar. Não havia portas em nenhum dos armários, e todos os nossos colchões ficavam no chão. Não havia tantos lugares em que ela poderia se esconder.

No entanto, em todos os anos que morei naquele apartamento, Dante nunca tinha ido ao banheiro para tomar um banho.

Com esses dois cuzões convencidos de que meu problema estava no banheiro, meu companheiro pânico explodiu dentro de mim.

Correndo atrás deles, eu os chamei dizendo:

— Está tudo bem com o banheiro.

Eles continuaram.

Eu continuei surtando que nem uma louca.

— Sério, está tudo bem. — Olhei por cima do ombro. Marcos felizmente não tinha seguido.

Quando chegamos ao banheiro, meu coração batia tão rápido, que provavelmente poderia ser lido na escala Richter. Eles entraram antes de mim: Penn e seu corpo esguio, e então Drew e sua estrutura de tijolos.

Nós três mal cabíamos naquele banheiro minúsculo, mas forcei minha entrada e me posicionei estrategicamente entre o corpo tatuado de Drew e o chuveiro.

— Pode estar vazando por trás da pia, descendo pela parede até o segundo e primeiro andar — Penn adivinhou.

O único reconhecimento de seu irmão foi um grunhido.

— A pia! — repeti um pouco alto demais para um espaço tão

pequeno. — Boa ideia! — Dane-se. Contanto que eles não achassem que era o chuveiro.

— Pode estar vindo da ligação com o chuveiro — um deles sugeriu, embora eu estivesse muito ocupada xingando a Lei de Murphy para notar quem foi.

— Não é o chuveiro! — exclamei.

Ambos se viraram para me olhar. Os olhos de Penn estavam arregalados de surpresa. Drew se contraiu com suspeita.

Eu ri sem jeito.

— Olha, hum... Alguma chance de vocês voltarem, digamos, em uma hora? Eu realmente tenho que usar o, hum... Não!

Drew abriu a cortina, revelando Savannah em posição fetal na banheira. Seus joelhos estavam dobrados em seu peito e seus olhos estavam cheios de terror, olhando dos dois para mim.

— Jesus, caralho — Penn murmurou.

Drew permaneceu estoicamente quieto.

De repente, a voz de Dante flutuou pelo corredor junto com seus passos.

— Por que caralhos você está gritando, mulher?

Com as mãos trêmulas, fechei a cortina e sussurrei:

— Por favor, não conte a ele. — Agarrei seu antebraço tatuado e olhei em seu azul sem brilho. — Eu farei *o que você quiser* se você não mencionar a garota. — Eu poderia me vender ao diabo. Uma vez não me mataria. Pelo menos não fisicamente.

Especialmente se isso a salvasse.

Quando ele não respondeu, eu me aproximei até que meus seios roçassem em seu braço.

— Drew, *por favor*.

Como se eu tivesse dado um soco nele, todo o seu corpo recuou.

Olhando para a cortina que escondia Savannah e depois de volta para mim, ele silenciosamente esperou por uma explicação. Mas eu não tinha nenhuma para dar. Pelo menos não alguma que eu pudesse dar nos segundos que levaria para Dante nos alcançar.

— Drew — sussurrei com urgência.

Seu olhar não desviou para meus seios do jeito que eu esperava. Nem parecia ter qualquer interesse na minha promessa. Ele apenas olhou para mim, o peso maciço de seu olhar me mantendo presa no lugar. E então, finalmente, em uma voz irregular que era tão intrigante quanto intimidadora, ele resmungou:

— Eu me chamo Penn.

Minha boca se abriu. Fala. Sério. Isso significa que o companheiro de cela do Velho Guerrero era o Sr. Comum?

Eu pisquei.

O “suposto” Penn Walker piscou de volta, e então, assim que Dante virou a esquina, ele puxou o braço do meu aperto e marchou do banheiro, gritando por cima do ombro:

— O vazamento está na cozinha.

Arrepios pipocaram pela minha pele, e o alívio explodiu dentro de mim. Eu tinha certeza de que minhas mãos estavam tremendo quando Dante me prendeu com um olhar feroz antes de seguir Penn, mas eu não me importei.

Ninguém, desde o dia em que Nic usou seu corpo para me proteger de um tiroteio, fez algo para realmente me ajudar.

Não sem um preço.

Não sem uma punição.

Até agora.



CAPÍTULO 5

Penn

— Ela era uma porra de uma criança — eu rosnei, puxando a caixa de ferramentas do bagageiro do meu velho Ford antes de bater a porta.

Drew tirou o cigarro dos lábios e provocou:

— Mas você disse que *precisava* disso, lembra?

— E você disse que estávamos trabalhando em um bordel. Não em um paraíso de pedófilos.

— Não é tarde demais para você ir embora. — Ele desviou o olhar para as tatuagens em minhas mãos. — Eles podem não deixar você se juntar ao country club, mas tenho certeza de que você pode fazer outros amigos.

— Não enche.

— Então cala a boca. A mulher obviamente estava escondendo a garota no chuveiro por um motivo. Talvez ela esteja apenas treinando a garota ou algo assim.

— Treinando? E esse é um cenário melhor?

O som de terra e pedras sendo esmagadas atrás de nós chamou nossa atenção. Drew se endireitou quando Marcos e Dante se aproximaram, mas meu foco foi puxado para o terceiro andar. A loira estava parada ali, com suas pequenas mãos ao redor do corrimão como se fosse a única coisa que a sustentasse.

Assim que seus olhos encontraram os meus, ela disse, sem emitir som, a única palavra que tinha o poder de me demolir.

— *Por favor.*

Uma respiração de cada vez.

Eu imediatamente desviei o olhar, sentindo aquela faca quente se retorcendo no meu estômago.

— Drew — Marcos cumprimentou. — Vocês dois estão indo? — Ele enfiou o cigarro entre os lábios e estendeu a mão para o cumprimentar.

Marcos deu a ele apenas um olhar antes de enfiar as mãos nos

bolsos.

— Acho que você se lembra das regras, certo?

Drew tragou profundamente e então soltou a fumaça para cima.

— Consertar as merdas que quebrarem. Manter as mãos longe da propriedade de Guerrero. Mais droga nenhuma. — Ele sorriu e largou o cigarro no chão, apagando-o com a ponta da bota. — Embora, só para esclarecer, é legal se eu bater uma punheta, certo? Tecnicamente, eu sei que será em um chuveiro Guerrero, mas não se preocupe. Vou limpar tudo muito bem.

Dante saltou para frente, seu peito colidindo com o de Drew.

Eu não me movi, mas fiquei pronto, cada músculo meu aguardando a ação.

Os irmãos estavam à beira da explosão desde que nos encontramos com eles naquela manhã. Marcos e Dante não ficaram muito empolgados por seu papaizinho querido ter designado dois estranhos para trabalhar para eles. Mas ambos conseguiram se controlar — bem, quase.

— Que ótimo — Marcos gemeu como se aquilo fosse só um inconveniente.

— Ouça, seu filho da puta — Dante rosnou. — Você está na minha casa agora. — Ele desviou os olhos vidrados induzidos por drogas para mim. — Eu cavei suas duas sepulturas ontem à noite. Em um local tranquilo e agradável onde os abutres podem festejar por dias.

Drew sempre foi um espertinho arrogante. Juro por Deus, ele saiu do útero com as mãos orgulhosamente erguidas, mostrando os dedos do meio para o médico. Mas ele costumava pelo menos perceber que havia hora certa para mostrar sua estupidez. Claramente, a prisão havia mudado isso.

— Então, não é tão fundo, né? — Ele levou a mão ao peito. — Uau! Graças a Deus. Passei uns anos na prisão, e de repente fiquei claustrofóbico pra caralho.

Dante não parecia ter achado graça, fato que deixou claro quando, menos de um segundo depois, puxou uma arma da bainha de sua calça e a apontou entre os olhos de Drew.

Com a mesma rapidez, larguei a caixa de ferramentas e peguei Marcos pelo pescoço. Se alguma coisa acontecesse com Drew, eu

estava pronto para quebrar sua coluna sem uma única hesitação.

Em um piscar de olhos, Marcos sacou sua própria arma e a enfiou sob meu queixo. Eu apertei mais seu pescoço.

— Opa, opa, opa! — exclamou Drew. — Relaxem, pessoal. — Ele riu. — Isso não é nada mais do que uma pequena briga de família.

Sim, enquanto havia uma arma apontada para a cabeça dele e outra debaixo do meu queixo, o idiota estava rindo.

De repente, era eu quem queria matá-lo.

Mas isso poderia esperar...

— Nós *não* somos uma família — Dante retrucou com ódio.

Drew levantou os braços. Teria parecido uma rendição se ele não tivesse se aproximado da arma, pressionando a ponta da pistola em sua testa.

— Meu sobrenome não é Guerrero, mas seu pai me fez um. — Outro passo à frente forçou Dante a dar um passo para trás. — Vá em frente. Deixa a fofoca rolar solta de que você enfiou uma bala no meu crânio. Você logo vai implorar para que os pássaros tirem a carne dos seus ossos. — Ele abaixou as mãos. — Você não pode me tocar mais do que eu posso te tocar. Então, que tal você colocar sua bunda no seu carro, ir embora e me deixar fazer a droga do meu trabalho.

Jesus Cristo, puta que pariu.

Meus pulmões queimavam enquanto eu prendia a respiração. Este não era exatamente o novo começo que eu estava procurando naquela manhã. Em vez disso, estava perigosamente perto de um fim.

Dante o olhou fixamente, o dedo no gatilho se contraindo a cada vez que fungava.

E Drew olhou de volta, um enorme sorriso sarcástico dividindo seu rosto, toda aquela confiança quase me sufocando.

Finalmente, foi Marcos, ainda em meu poder, quem quebrou a tensão.

— Nós temos mais o que fazer, e isso *não* inclui ouvir esporro do Pop se você fizer algo estúpido, Dante. Deixe-os em paz e vamos dar o fora daqui.

Dante não se moveu imediatamente, e conforme os segundos passavam, eu temia que ele não fosse ouvir o irmão. Mas então, com

uma rápida gargalhada, ele abaixou a arma.

E prontamente deu uma cabeçada no nariz de Drew.

— Filho da puta! — Drew explodiu.

Minha visão ficou vermelha, e por puro instinto, joguei Marcos para o lado e corri em direção a Dante.

Drew ergueu a mão para me parar.

— Fique fora disso, Penn.

Eu não poderia fazer isso. Ele sabia disso melhor do que ninguém. Drew era tudo que me restava.

No entanto, a decisão foi tomada por mim quando Dante simplesmente enfiou a arma na cintura de sua calça, lançou um último olhar para Drew, girou na ponta dos pés e então se afastou. Marcos andou ao seu lado, endireitando o paletó enquanto caminhavam vagarosamente até a Mercedes preta.

Que. Porra. Foi. Essa?

Quando o carro deles desapareceu na esquina, Drew se esgueirou ao meu lado, com sangue escorrendo de seu nariz e encharcando a frente da sua camisa.

— Acho que correu tudo bem.

Eu cerrei os dentes.

— Você pirou?

Inclinando a cabeça para trás em uma tentativa inútil de parar o sangramento, ele fez um gesto, como se me dispensasse.

— Fala sério. Aquele cara era um viadinho. Você deveria conhecer o velho deles. Manuel é uma fera. Se alguém for contra qualquer coisa que ele faça, sendo filho ou não, ele arranca a coluna vertebral da pessoa no estilo Mortal Kombat.

Incrédulo, eu o encarei. Isso só o fez começar a rir como o idiota que ele realmente era.

— Isso foi impressionante — uma mulher disse, juntando-se à conversa. — Agora eu entendi. — A loira de mais cedo correu em nossa direção com uma toalha jogada sobre o ombro. Ela parou na nossa frente e olhou para mim.

Jesus, ela era linda... Tanto faz. Não importava.

Cruzei os braços sobre o peito e olhei por cima do ombro dela,

para nada.

— Entendeu o quê?

— Eu achei que você era outra pessoa. — Ela usou a mão para proteger os olhos do sol. — Você é o irmão. — Ela ofereceu a toalha a Drew. — E você é o Preso Quatro-Zero-Um, o novo *filho* de Manuel.

Drew bufou e pegou o pano. Segurando-o contra o nariz, ele murmurou:

— Eu mesmo.

— Meu nome é Cora. — Ela abaixou a voz antes de finalizar com “Guerrero”.

Ah, puta merda, caralho.

Claro que ela era.

Putá. Merda. *Claro*. Que. Ela. Era.

Estava quente em Chicago para um início de maio, mas um calafrio me atravessou o corpo todo.

Pisquei, olhando o estacionamento vazio, e antes que pudesse me impedir, meu olhar se voltou para ela.

Eu me arrependi imediatamente.

Ela estava olhando para mim através de seus cílios grossos pintados de preto, com uma estranha mistura de curiosidade e confusão dançando em seus olhos azuis assustadores.

— Por que você não contou a eles sobre a garota?

Incapaz de lidar com seu escrutínio, eu me abaixei para pegar a caixa de ferramentas.

— Não é da minha conta se você mantém uma criança no seu chuveiro. — Caminhei até a caminhonete, larguei as ferramentas na caçamba e chamei Drew: — Precisamos ir à loja de ferragens.

Em outras palavras, eu preciso fugir daqui.

Comecei a abrir a porta, mas a mão dela — com unhas vermelhas perfeitamente pintadas — veio por trás de mim e bateu no vidro para manter a porta fechada.

— Eu não a *mantenho* no chuveiro.

Fiz tudo o que pude para olhar através de seu reflexo na janela — tentando desesperadamente não a ver. Mas minha visão se recusou a

focar em qualquer outra coisa.

Essas porras desses olhos.

Avançando, eu puxei a porta.

— Como eu disse, não é da minha conta.

Seu calor pousou nas minhas costas. Cora era pequena, talvez um metro e sessenta, enquanto eu tinha quase um metro e noventa. Então suas curvas suaves mexeram comigo em todos os lugares certos — e completamente errados.

— Se afasta — eu ordenei.

Ela não moveu qualquer músculo, exceto a boca.

— Dante a encontrou depois que ele publicou um anúncio online para modelos — disse ela, tomando cuidado para manter a voz baixa. — É como ele consegue novas garotas. Ele as atrai, dá drogas, mostra dinheiro, transa com elas, diz que as ama, diz que as odeia, bate nelas ou o que for preciso para entrar na cabeça delas e torná-las dependentes dele. Depois disso, ele as coloca na rua para trabalhar para ele. — Ela se moveu para mais perto ainda, e minha respiração se transformou em puro gelo em meus pulmões. — Aquela garota lá atrás é uma fugitiva de dezesseis anos sem ter para onde ir e que aprendeu da maneira mais difícil... e, Penn, era o Dante, então estou falando da maneira mais difícil *mesmo*... a não confiar em um homem. Um sentimento que nós duas infelizmente compartilhamos.

Meu corpo virou pedra, e meu aperto na maçaneta tornou-se assassino. Ah, mas ela não tinha acabado de contar seu pequeno conto de fadas infernal.

— Eu a encontrei quase morta no chão, com a agulha ainda em seu braço, na casa de Dante há um mês ou mais. Eu estava lá para pegar uma nova garota, mas enquanto ele estava desmaiado na cama, eu levei Savannah também. Se ele descobrir que ela está aqui, não tenho ideia do que ele faria com ela. — A determinação encheu sua voz. — Eu não vou deixar que isso aconteça. Então me escuta. Não sei que tipo de homem você e seu irmão são. Vou ser honesta: eu não dou a mínima, contanto que você mantenha suas mãos longe das minhas garotas. Mas eu sou grata pelo que você fez lá atrás. Mais do que posso expressar. Então... — Ela pausou, seu olhar encontrando o meu no reflexo, aqueles malditos olhos me perfurando como se ela estivesse tentando roubar minha cabeça. E então ela terminou: —

Obrigada.

Eu estava a meros segundos de arrancar minha pele fora apenas para ficar longe dela, quando ela recuou.

Olhou para Drew, que ainda estava de pé na porta traseira.

— E... obrigada também, eu acho.

Ele tirou a toalha do rosto para revelar sua boca aberta.

— Oh, me desculpe. Eu passei a existir novamente? Porque eu juro, por um minuto ali, eu desapareci.

Curiosamente, ela inclinou a cabeça para o lado.

— Você foi mesmo companheiro de cela de Manuel?

— Sim.

— E ele gostou de você?

Drew sorriu e apontou o polegar na direção em que Dante e Marcos haviam partido.

— Muito mais do que ele gosta desses dois idiotas.

E foi quando o céu se abriu, a luz do Senhor brilhou, e Ele finalmente me disse o que eu sabia há anos: *Penn, eu te odeio pra caralho.*

Porque ela sorriu.

E não com aquele ridículo sorriso falso que ela estava usando quando abriu a porta. Nem mesmo como a contração do lábio, quando Marcos disse a ela que Manuel pensava em Drew como seu filho.

Esse sorriso era diferente.

Era o tipo de sorriso que poderia ter dilacerado a alma mais sombria de todas.

E eu sabia, porque foi o momento exato em que senti o primeiro corte na minha.



CAPÍTULO 6

Penn

— Então é isso — disse Cora, no que soou como um pedido de desculpas. E enquanto eu olhava ao redor do nosso novo apartamento cagado, eu entendi o porquê.

As merdas do Hugo estavam em toda parte. Roupas sujas, pratos e caixas de pizza vazias espalhados pelo piso metade de linóleo e metade de concreto.

Mas pelo menos não tinha carpete.

Drew deu uma volta.

— Lar, doce lar.

— Tem um quarto só — ela disse, como outro pedido de desculpas.

Senti seu olhar pousar em mim: suave como uma pena, pesado como um interrogatório. Não ousei olhar em sua direção. Nós tivemos contato suficiente no início do dia para durar uma vida inteira.

Trocando a mochila preta, que guardava minhas poucas roupas e produtos de higiene pessoal, para minha outra mão, escapei pelo corredor, a boca frouxa de Drew tagarelando no cômodo de onde eu havia saído.

— Ignora esse cara — ele disse a ela.

Sim. Por favor, me ignora.

— Qual é o lance dele? — ela perguntou.

Não haveria tempo suficiente em toda a eternidade para Drew explicar isso. Não que ele fosse.

Continuei os ouvindo enquanto observava o quarto imundo, com um colchão manchado e uma torre de latas de cerveja.

— Ele nasceu sem personalidade. Você vai se acostumar com isso — Drew respondeu.

Houve vários momentos de silêncio em que eu só podia supor que eles estavam trocando olhares de quem sabia do que estava falando. Mas é aquilo: eu não estava disposto a me virar e conferir.

— Certo. Acho que vou deixar vocês se instalarem. Os banheiros na frente do prédio ainda funcionam. Troquei as meninas de quarto para que o 102 esteja disponível. A porta tem três fechaduras. Se você estiver dentro... use-as. Por outro lado, se elas estiverem trancadas, significa que uma das garotas está tomando banho. — Sua voz assumiu um tom duro. — Nesse caso, nem *pense* em entrar.

Drew deu uma risada.

— Cora, querida, não estamos aqui por suas meninas.

— É, tá, supostamente Hugo também não.

De acordo com a caixa de preservativos grande pela metade no canto do quarto, ela estava errada. Eu não a avisei sobre isso. Continuei ouvindo.

— Ok, que tal isso: se quisermos levar uma mulher para a cama, iremos para a cidade, escolhemos um dos bares, mentiremos sobre quanto dinheiro ganhamos, seguiremos para a casa delas e depois escapamos na manhã seguinte antes que elas acordem.

— Uau. Que cavalheiro da sua parte — ela disse, séria, e por mais que eu quisesse negar, esse lado espertinho fez meus lábios tremerem.

— A gente se vira como dá — respondeu Drew.

— Certo. Contanto que vocês façam *isso* em outro lugar, ficaremos bem.

Drew riu, e então as duas vozes se distanciaram. Mas eu não me virei. Eu apenas fiquei parado, os dedos ficando brancos na alça da minha mochila enquanto olhava para aquele quarto, o pavor e a impaciência se instalando no meu estômago.

Jesus Cristo. Como eu fui parar ali?

Minhas pálpebras se fecharam, vinte e nove minutos de memórias me bombardeando.

— *Não, por favor!* — ela gritou e caiu ao pé da cama, o sangue vivo manchando sua camisa rosa-claro.

Uma respiração de cada vez.

O ar estagnado que preencheu minhas narinas não ajudou a domar meus demônios, mas fez maravilhas para me lembrar onde eu estava, e, mais importante, onde eu não estava.

Seu perfume não se infiltrou naquele apartamento.

Suas roupas não estavam no armário.

Seu jardim de ervas que tanto amava não estava morto e tomado por ervas daninhas nos fundos da casa.

Seu rosto sorridente e despreocupado não estava em fotografias presas nas paredes, me atormentando.

Não. Aquele apartamento rançoso e de revirar o estômago era exatamente onde eu precisava estar.

Uma respiração de cada vez.

Eu me assustei quando a mão de Drew surgiu no meu ombro.

— Jesus, cara. Você está ficando surdo?

Engolindo em seco, afastei quatro anos de arrependimentos e me virei para encará-lo.

— Desculpa. Ela foi embora?

Suas sobrancelhas grossas franziram.

— Sim... ela se foi.

— Que bom. — Caminhei de volta pelo corredor, coloquei minhas coisas no balcão e sentei em uma banqueta de madeira, a única superfície que eu estava disposto a encostar.

— Como diabos você acha que vai fazer qualquer merda por aqui agindo como se a chefe fosse a gêmea malvada da Medusa?

— Eu me viro.

— Certo. — Ele balançou a cabeça e caminhou ao redor do balcão, rumo a uma pequena cozinha que já tinha visto dias melhores, talvez, digamos, nos anos setenta. — Embora, depois de hoje, eu possa precisar que você continue agindo como um cuzão mentalmente instável para descer o nível para mim. — Ele soltou um assobio baixo. — Você viu a bunda dela?

— Para de ser otário.

Uma risada alta e condescendente borbulhou de sua garganta.

— Isso significa que Penn, o Padre, notou aquela bunda também?

Na verdade, eu notei muitas coisas em Cora Guerrero.

Coisas como a forma como aquela regata turquesa simples a abraçava, traçando e acentuando curvas que nenhuma mulher tão pequena deveria possuir. E como seu sutiã era muito fino porque,

quando ela nos levou para um passeio pelo prédio, foram seus mamilos pontudos que deram um show. E o fato de que ela estava usando um jeans apertado e rasgado nos joelhos de cintura tão baixa que, enquanto ela subia as escadas, a pele bronzeada das costas espreitava, provocando certo homem desesperado — e talvez Drew também.

Aquela mulher era um desastre natural iminente, e se eu não me vigiasse, corria o risco de ser a vítima número um.

— Eu não me inscrevi para essa merda — eu murmurei.

— Relaxa. Eu já disse que cuido da Cora. — Ele esfregou sua bochecha. — De jeito nenhum ela vai resistir a um rosto como este.

Mas não era por seu rosto que Cora iria se sentir atraída. Drew sabia lidar com pessoas, ainda mais com as mulheres. Toda aquela sagacidade e o charme que o colocaram em tantos problemas ao longo dos anos estavam finalmente servindo para algo.

O que não estava servindo para nada era o jeito com que Cora ficou me encarando o dia todo.

Ou a forma como meus batimentos cardíacos dispararam cada vez que ela se aproximava de mim.

Mas essa era uma história diferente. Uma que não importava.

— Apesar de ela pareceu gostar bastante dos rabiscos. Ou você precisa investir em umas camisas de manga comprida ou eu vou precisar fazer uma tatuagem.

Desesperado para mudar de assunto, soltei uma risada sem humor.

— Isso vai acontecer antes ou depois de você se matar?

— Do que diabos você está falando?

— Você agiu como uma criança hoje fazendo aquela merda com Dante. — Eu me aproximei, batendo meu peito no dele. — Eu enterrei muitas pessoas na minha vida. Não me obrigue a fazer isso de novo.

Todo o humor abandonou seu rosto quando ele empalideceu.

— Pen, cara. Eu tinha tudo sob controle. Não foi grande coisa.

— Foi para mim. Ele apontou uma arma para a sua cabeça... — Balancei a cabeça. — Estamos aqui para trabalhar, Drew. Não para brigar com um cafetão maluco com complexo de Deus.

Fiz uma pausa e fixei meu olhar no dele, implorando com a

mesma intensidade com que estava exigindo.

— Você tem um emprego. Eu tenho um emprego. *É só isso*. Sacou?

Ele me encarou por um momento, uma sombra se formando em seus olhos.

— Você *sabe* que eu saquei, irmão. — Ele se dirigiu para a geladeira barata, que era alguns centímetros mais baixa do que ele. Respirando fundo, abriu a porta, e no verdadeiro estilo Drew, a tensão se dissipou.

— Deus abençoe sua bunda gorda e pervertida, Hugo! — ele exclamou, revelando um pacote de cervejas baratas.

Depois de jogar uma na minha direção, ele abriu uma lata e gemeu quando a encostou nos lábios. Ele estava na segunda cerveja antes que eu tomasse meu segundo gole.

O zumbido da geladeira se tornou o único som no ambiente até que Drew finalmente quebrou o silêncio.

— Você tem que admitir que ela é incrível.

Que beleza. Voltamos para a Cora. Não que eu tivesse esquecido.

— Ela é louca — eu murmurei.

— Ah, não sei, não. Há algo de especial em uma mulher corajosa o suficiente para te prender contra uma caminhonete só para agradecer.

Fiquei pregado no chão e tentei pensar em qualquer coisa, exceto em como senti seus seios macios pressionados contra minhas costas. E então eu lutei para esquecer o desespero e o medo em seus olhos azuis profundos quando ela me prometeu fazer qualquer coisa para proteger aquela jovem escondida na banheira. E, verdade seja dita, no minuto em que Cora sussurrou as palavras “por favor”, tudo que eu realmente queria fazer era protegê-la.

Lisa tinha morrido havia quatro anos, e eu ainda podia ouvir seus apelos ecoando em meus ouvidos todos os dias e todas as noites. Eu não precisava adicionar Cora àquela sinfonia interminável dos meus fracassos. No entanto, eu temia que já tivesse adicionado.

Limpando a garganta, voltei a atenção para Drew.

— Se fosse qualquer outro homem, essa façanha poderia ter matado aquela mulher.

— Não estou dizendo que a mulher esteja realmente preocupada

com sua própria segurança. Você viu aquele hematoma no rosto dela?

Eu tinha visto. E isso me incendiou por dentro.

— Que seja. Eu só preciso que você mantenha aquela mulher longe de mim.

— Aparentemente, depois de hoje, você quer dizer “literalmente”.

— Quero dizer de todas as maneiras possíveis. Se ela continuar com essa merda, não vai ser bom para ninguém.

Ele inclinou a cabeça, sorrindo com a boca na lata.

— Preciso admitir, Penn. *Essa merda* significando uma mulher gostosa para burro se aproximando de você, encostando aquela beleza de corpo no seu? Eu não estou sentindo muita empatia por você agora.

— Ele sorriu. — Mas eu vou cuidar disso. Enquanto isso, você pode ficar com o quarto. Depois de dois anos em uma cela, não estou com muita vontade de passar a noite em outra.

Olhei para o corredor. Eu não fiquei atrás das grades nos últimos anos, mas estava vivendo em uma prisão do mesmo jeito. Aquele quarto sujo e minúsculo, onde mal havia espaço suficiente para um colchão nojento, não era exatamente a rota de fuga que eu estava esperando.

Mas era melhor do que ir para casa.



CAPÍTULO 7

Penn

Exatamente como imaginei, não houve descanso naquela noite. Eu ouvi falar muitas vezes que dormir era um ato que exigia uma superfície plana que não fazia uma pessoa lutar contra a vontade de vomitar, mas isso era exatamente o que acontecia cada vez que eu pensava no colchão nojento de Hugo. Nem todos os lençóis, cobertores ou plástico filme do mundo me convenceriam do contrário. Então, depois de passar horas limpando, varrendo e esfregando, apoiei o colchão contra a parede, peguei o saco de dormir que estava embaixo do banco da minha caminhonete, vesti um moletom, apaguei as luzes e me acomodei, para enfim ficar olhando fixamente o teto. Era meia-noite, e eu tinha conseguido passar uns bons cinco minutos sem pirar antes de Drew bater na minha porta.

— Ei, Penn? Você está acordado?

Eu me apoiei nos cotovelos.

— Tô.

A porta se abriu, a luz inundou sua silhueta escura. Apoiando o ombro contra o batente da porta, ele cruzou os braços sobre o peito.

— Você acha que há algum lugar por aqui que vende camisinha de corpo inteiro?

Apertando os olhos, levantei a mão para bloquear a luz ofuscante.

— Nesse bairro? Provavelmente.

Ele riu.

— Aquele sofá é um pesadelo. Juro que tem algo morto dentro dele. Vou ver se encontro uma loja aberta que venda colchão de ar. Provavelmente a gente devia comprar algumas coisas novas.

— Nós vamos ficar aqui tempo suficiente para justificar comprar móveis?

Ele encolheu os ombros.

— Talvez devêssemos adiar a contratação de um decorador de interiores e a obra para adicionar um segundo quarto, mas um futon

que não esteja coberto de manchas de porra de outro homem e uma TV que funcione não parece pedir muito.

Balançando a cabeça, eu ri, olhando para o chão.

— Você sempre foi uma diva.

— Você sabe que sim. Espera até amanhã de manhã. Vou começar a exigir merdas como café que não tenha gosto de asfalto.

Drew era louco, mas eu senti muita falta dele nos últimos anos. Perdê-lo durante um período tão traumático da minha vida só tornou a raiva e o isolamento muito mais devastadores. Ele sempre me dava nos nervos, mas também era a única pessoa que me fazia sentir humana.

Depois de Lisa, não houve muitas pessoas na minha vida. Meus pais faleceram logo depois que eu me formei na faculdade, e os poucos amigos que eu tinha que não me lembravam dela tinham sabiamente sumido quando eu me transformei em um desgraçado infeliz. Foram muitos dias sombrios para mim.

Semanas sombrias.

Meses sombrios.

Anos sombrios.

Mas Drew? Ele não me julgou quando eu me fechei nem tentou me forçar a seguir em frente quando eu mal conseguia respirar, de tanta raiva que sentia. Drew entendia minha dor em níveis que ninguém mais conseguia. E eu o amava demais só por isso.

— Alguma chance de eu conseguir as chaves da minha caminhonete? — ele perguntou. — Não estou no clima de ser assaltado esta noite.

— Sua caminhonete?

— Ahn, você não vendeu para mim? Porque me lembro claramente de te entregar um dólar e você me escrever uma nota fiscal.

— Seu idiota, ainda é minha. Nós só colocamos em seu nome porque se algo acontecer comigo você não poderia comprar uma nova.

Ele apertou um olho.

— Veja, eu ouço o que você está dizendo, mas tenho certeza que não importa como você vai distorcer isso tudo aí, no final a

caminhonete é minha. — Ele sorriu.

Revirei os olhos, pegando as chaves e as jogando para ele.

— Que seja. Tome cuidado com ela. Se quebrar, você paga. De verdade desta vez.

Ele as pegou, um sorriso perverso se abrindo em sua boca.

— Vou preparar uma nota promissória de vinte e cinco dólares.

O som de seus passos desapareceu no corredor, e então, assim que ouvi a batida da porta da frente, me vi sozinho e preso com meus pensamentos novamente. Era um lugar terrível. Cheio de sangue e desespero, construído sobre uma base de desamparo e fracasso.

Era onde eu habitava todas as noites nos últimos quatro anos. De onde eu estava desesperadamente tentando fugir.

— *Por favor!*

Uma respiração de cada vez.

Em algum momento, eu devo ter cochilado, meu corpo finalmente vencendo a mente, porque quando rolei para o lado, o relógio marcava três horas, e eu ainda não tinha ouvido Drew voltar para casa. Obviamente, ele foi em busca de mais do que apenas um colchão de ar. Algo tipo uma cama quente que incluía o acessório bônus de uma mulher nua.

Eu não podia culpá-lo. Minha vida nunca tinha sido um harém de mulheres como a dele, mas houve algumas noites de bebedeira, depois que perdi Lisa, em que me vi com uma mulher na minha cama. Em geral, eram encontros casuais, vazios e sem sentido, ditados pela biologia. Mas eu não era nenhum santo. Eles aconteceram. E eu entendia por que Drew estaria procurando por isso. Quando uma mente estava tão consumida pelo ódio e pela dor, mesmo um único segundo de distração parecia um alívio monumental.

E, Deus, eu precisava de um alívio do caos na minha cabeça naquele momento.

As curvas da bunda de Cora brilharam em minha mente.

— Merda — eu respirei, esfregando o rosto como se eu pudesse apagar os pensamentos daquela forma.

Desistindo de dormir, sentei, sentindo as costas gritando em protesto. Aos trinta e sete anos, meu corpo não era tão indulgente

quanto antes. Comia bem, malhava, toda essa merda que supostamente prolongaria minha jornada frutífera neste planeta maravilhoso. *Cof, cof, que palhaçada.* Mentalmente e emocionalmente, eu me sentia como se tivesse pelo menos duzentos anos, e já estivesse morto.

Vesti uma camisa e caminhei pelo corredor até a cozinha. As merdas do Hugo ainda estavam em toda parte. Obviamente, Drew *não* fez a faxina que eu fiz no quarto. Eu estava vasculhando a sacola de comida que trouxemos, em busca do meu shake de proteína, quando ouvi passos na escada. Eu fiquei imóvel, tentando descobrir se eles estavam indo ou vindo, e então ouvi alguém batendo na porta.

— Ei, ei, ei! Abra! — gritou uma voz feminina. O pânico em seu tom me deixou em alerta.

Larguei a sacola e corri até a porta, abrindo-a.

A jovem que Cora havia apresentado como “*Nem pense em olhar para ela*” no dia anterior passou por mim, exigindo alicates.

— O quê? — perguntei.

Ela estava de pijama, e seu cabelo escuro estava preso no alto da cabeça. Eu sabia que ela era jovem quando a conheci brevemente, ainda mais jovem do que aquela que encontramos no chuveiro. Mas com o terror em seus olhos e o medo gravado no rosto pálido enquanto andava em círculos, examinando meu apartamento, a garota parecia um bebê.

Quando ela viu minha caixa de ferramentas no balcão, correu, abriu a tampa e começou a vasculhá-la freneticamente.

— Eu preciso de alicates.

— Para quê?

Antes que ela tivesse a chance de responder, Cora gritou de algum lugar distante.

— River, rápido! — Seu medo palpável me atingiu por todos os lados enquanto ecoava pelas paredes.

— Estou tentando! — ela respondeu, sua voz falhando enquanto continuava pegando e soltando ferramentas em sua busca frenética.

— O que diabos está acontecendo? — perguntei a ela.

— Não sei. Mas ela vai morrer se não abirmos a droga da porta.

Uma explosão de adrenalina me fez retroceder um passo.

— Quem?

Com lágrimas nos olhos, ela fez uma pausa longa o suficiente para me dirigir seus olhos castanhos.

— Faz diferença?

Não. Não fazia. Nem um pouco. E, finalmente, minha confusão se transformou em propósito.

— Sai da frente — eu ordenei, chegando perto dela. O melhor que eu tinha era um alicate de corte de cabos, mas eles teriam de servir. Depois de pegá-los, eu saí correndo.

— Primeiro andar! — ela gritou, correndo atrás de mim. Eu mal a ouvi com os batimentos cardíacos retumbando nos ouvidos.

Sentindo o amargor muito familiar no estômago me impulsionando para a frente, corri pela escada, três degraus de cada vez. Então saí em disparada de novo. No minuto em que pisei no primeiro andar, eu vi Cora ainda vestindo o mesmo jeans e regata que estava usando antes, do lado de fora de um dos apartamentos. Seu rosto estava enfiado em uma abertura de cinco centímetros, uma corrente na porta impedindo sua entrada.

— Ai, meu Deus, Angela. Por favor, espera! Estou chegando, querida. Eu estou bem aqui.

— Sai da frente — eu rosnei.

Suas costas colidiram com meu peito quando me inclinei sobre ela e peguei a corrente com o alicate. A droga do metal nem se mexeu.

— Rápido! — ela gritou, se espremendo na minha frente.

— Estou tentando, porra — eu rebati como se minha incapacidade fosse culpa dela.

Usando a coxa, me inclinei contra a porta, para manter a corrente esticada e levantei ambas as mãos para alavancar ainda mais. Meus braços tremiam, e meus músculos gritavam enquanto eu me esforçava ao máximo. Quando pensei que minha ferramenta ia quebrar antes que eu conseguisse romper aquela maldita corrente, a porta se abriu, me fazendo tropeçar para dentro.

Mas eu não apenas tropecei e caí em um apartamento.

Eu tropecei e voltei no tempo.

Quatro anos, três meses, duas semanas e quatro dias para ser mais exato.

No chão, coberta por um tapete cinza vagabundo, uma mulher estava deitada de bruços, com poças e mais poças de sangue se formando ao redor dela.

Sua pele estava pálida.

Seu cabelo era castanho.

E eu não conseguia mais me mexer.

Dor e memórias, passado e presente, agonia e arrependimento, tudo se lançou sobre mim como um milhão de lâminas de barbear enferrujadas dilacerando a minha consciência.

Como se fosse em câmera lenta, Cora passou correndo por mim e caiu de joelhos ao lado da mulher.

Passei muitos anos tentando mudar o resultado da noite em que perdi Lisa. Fazendo o jogo do “e se?” com tanta frequência e intensidade, que eu mal sabia mais o que era real. Na maioria dos meus cenários, eu a salvava. Em alguns, eu me deitava ao lado dela e morria também. Mas, em todos eles, eu realmente fiz alguma coisa.

No entanto, lá estava eu.

De pés descalços naquele maldito tapete. Imóvel. Completamente incapaz de processar o massacre tão familiar na minha frente.

— Me ajude! — Cora gritou.

Como uma reação involuntária, meus olhos deslizaram para os dela.

E então, como se fosse uma bala, ela disparou as únicas palavras que poderiam ter me destruído ainda mais.

— Por favor!

Minha mente se fragmentou. O tempo colapsou. A realidade guerreava com os “e ses?”.

E então, de repente, eu explodi.

— Lisa!

Cora

O estrondo de sua voz sacudiu as paredes, mas não era nada comparado aos gritos dentro do meu crânio. Meu coração acelerou, como se eu estivesse correndo uma maratona, e meus pulmões estavam seguindo o mesmo caminho.

Com os olhos arregalados, Penn se aproximou, curvou-se, passou um braço sob os ombros e outro sob as pernas de Angela e a levantou do chão.

— Não! — gritei.

Ela pendia em seus braços, seu cabelo longo e escuro roçando em sua coxa. Mas ele apenas ficou parado, seu olhar girando ao redor do cômodo sem realmente focar em nada.

— Não no carpete — ele resmungou. Ele nem me olhou enquanto marchava para o sofá, a deitava de costas e repetia em um murmúrio: — Não na porra do carpete.

O carpete. Certo. Porque, para uma mulher moribunda, isso importava. Não tive tempo de questioná-lo.

Penn de repente entrou em ação.

Empurrando-me para fora do caminho, ele puxou a camisa sobre a cabeça e, em seguida, rasgando-a na bainha, a desfiou em duas longas tiras. Com movimentos rápidos, mas precisos, ele amarrou firmemente o corte exposto em seu pulso. Então se moveu para o outro braço, fazendo o mesmo.

Sem nada para distrair minha mente, a realidade me atingiu. Lágrimas ardiam em meus olhos enquanto eu o observava verificar o pulso e, em seguida, se aproximar para ver se ela estava respirando; eu me recusei a acreditar naquilo tudo.

— O que você fez? — sussurrei para a linda mulher morrendo no sofá. Por mais confuso que fosse, eu estava com raiva dela.

Por não ter falado comigo antes.

Por não me deixar ajudar.

Por... me deixar lá.

Angela era totalmente uma garota do primeiro andar. Ela tinha pouca ou nenhuma ambição de voltar para a escola ou sair daquela

vida. Ela me disse muitas vezes o quanto gostava de seu trabalho. Dinheiro fácil, ela disse. Não era o meu raciocínio favorito, mas era um que a maioria compartilhava. Mas Angela, ela era uma das galinhas dos ovos de ouro neste negócio. Ela deveria ter sido a esposa-troféu de algum homem de meia-idade, ter passado seu tempo sentada em um iate, bebendo martíni, não deitada naquele sofá sujo, com a vida escorrendo por suas veias.

Eu disse a mim mesma que não era culpa minha, mas ainda me sentia inegavelmente responsável.

Assim como quando perdi Nic.

A dor me atingiu tão profundamente, que ameaçou me deixar de joelhos.

— Cora! — Penn chamou minha atenção de volta para a realidade. — Levante o braço dela. Segure-o acima do coração dela. E faça pressão. Pressão pra caralho. — Seu rosto estava tenso com o mesmo desespero que estava me destruindo. Mesmo no meio de um caos tão doloroso, isso honestamente me intrigou.

Para alguns, um homem ajudando uma mulher moribunda era algo a se esperar.

Mas não era assim que nossas vidas funcionavam.

Para a maioria, não éramos nada além de lixo.

Um corpo para usar.

Uma alma para controlar.

Um objeto para arruinar.

Mas não era assim que ele estava olhando para ela.

Ou a tratando.

Ou *me* tratando.

Em vez disso, Penn estava segurando os braços dela acima da cabeça enquanto o sangue cobria suas mãos e manchava seu peito, considerando-a uma pessoa, e não apenas uma prostituta aleatória que finalmente conseguiu receber o que merecia.

Eu poderia ter chorado só por essa pequena generosidade.

Eu não chorei. Eu precisava me esforçar.

Agarrando um pulso contra meu peito, eu me inclinei para frente, passando a mão ao redor do tecido que ele havia amarrado, e o preendi

contra o encosto do sofá.

Penn começou a massagem cardíaca, mas se havia alguma esperança de que ela poderia sair daquela situação, seria necessário obter mais ajuda do que aquela que poderíamos dar a ela.

— River! — eu gritei. — Liga para o Marcos!

Ela ofegou ao longe.

— Está tudo bem — eu a acalmei. Olhei para ela por cima do ombro. — Ele sabe o que fazer. Ele vai ligar para Larry, como da última vez. Vai ficar tudo bem.

Ela olhou para mim, como se implorasse, e havia lágrimas escorrendo por suas bochechas rosadas.

Deus, ela estava com medo.

Mas eu também.

— Eu vou lidar com Marcos — assegurei.

Ela balançou a cabeça e implorou:

— Cora, não.

— River. *Por favor.* Não posso deixá-la morrer. — Engoli em seco. — Nós não podemos deixá-la morrer. É a Angela, querida. Devemos isso a ela.

Seu rosto murchou, e eu desejei muito poder cuidar dela, mas eu só podia ajudar uma pessoa de cada vez.

— Agora. Vai — disse rapidamente.

Felizmente, ela saiu correndo.

Durante o que pareceu um século, Penn trabalhou incansavelmente em Angela. O suor escorria de sua testa enquanto ele alternava entre boca a boca e compressões torácicas.

Ele nunca desacelerou o ritmo.

Ele nunca desistiu.

Pelo que eu podia ver, ele nem considerou fazer essas coisas.

Trinta minutos depois, uma ambulância chegou.

Angela já estava morta.



CAPÍTULO 8

Cora

Ela não foi a primeira pessoa que eu perdi.

Mas Angela? Ela foi a primeira que eu vi morrer.

Isso se você não incluir Nic.

Mas enquanto eu estava sentada no meu quarto com a porta trancada, um travesseiro no rosto, sangue seco na pele, ânsias de vômito dando boas-vindas para meus soluços, ele era tudo em que eu conseguia pensar.

— Cora — River chamou do outro lado da porta. — Os policiais querem falar com você. Ah... e, ahn, Drew e Penn estão aqui também.

Soltei uma respiração controlada e afastei os tremores da minha voz.

— Eu já vou sair. Eu só estou... — Olhei para minha camisa encharcada de sangue e ofeguei. — Trocando de roupa.

— Ok. Vou avisar para eles.

Ela não podia me ver, mas estive muito perto de ver minhas fraquezas. Esperei até que o som de seus passos desaparecesse no corredor antes de me levantar cambaleante como uma girafa recém-nascida.

— Você consegue — eu sussurrei para mim mesma. Não foi uma conversa estimulante. Foi uma ordem direta da minha mente para o meu sistema nervoso. — Arrume-se — murmurei, tirando o sutiã e, em seguida, a calça. Eu não tinha certeza do que vestir. Fosse o que fosse, eu precisaria queimar no dia seguinte.

River e Savannah tentaram me forçar a tomar banho quando os paramédicos foram embora, mas eu estava muito perto de desmoronar.

Eu não poderia escapar daquele prédio — ou da vida que ele representava.

Tudo o que consegui fazer foi subir as escadas correndo, me trancar no meu quarto e depois chorar por uma mulher que nunca

mais seria capaz de chorar. Foi repulsivo, e a culpa que senti depois foi avassaladora, mas em algum lugar naquelas lágrimas havia uma pontada egoísta de ciúme por ela ter conseguido ir embora.

E eu precisei ficar.

Encontrei meu roupão turquesa arruinado pendurado nas costas da minha cadeira de balanço. A manga já estava coberta de sangue do meu nariz no dia em que Chrissy foi embora; um pouco mais selaria seu destino no fundo de uma lata, pegando fogo.

Usando uma toalha e uma garrafa de água ao lado da minha cama, eu me limpei o máximo que pude, o tempo todo compartimentalizando minhas emoções.

Havia um lugar para tudo.

Raiva. Tristeza. Ressentimento. Culpa. Temor. Remorso.

E uma vez que os sentimentos estavam todos enfiados em suas gavetas imundas na minha cabeça, amarrei meu roupão o mais apertado que pude, respirei fundo e comecei resolver meu último pesadelo.

Quando entrei na sala, meu olhar parou em Penn primeiro. Ele estava ao lado da porta, ainda coberto de sangue, embora estivesse vestindo uma camiseta limpa. Seu peso mudou de um pé para o outro sutilmente no início. Então ele cambaleou em minha direção, dando um último passo antes de parar. Seu pomo-de-adão balançava enquanto ele me examinava da cabeça aos pés. E então seus olhos tristes e desolados voltaram a encontrar com os meus.

— Me desculpa — ele sussurrou. — Porra. Me desculpa mesmo.

Meu peito se apertou.

— Não é sua culpa.

— Nem sei mais se isso é verdade.

Eu o observei atentamente, como se estivesse memorizando suas feições. Ele era um estranho, mas depois de tudo que passamos naquela noite, parecia que eu o conhecia há mais do que somente um dia.

Há muito mais tempo. Tipo, digamos, há mais de um milhão de anos.

Não fazia sentido, mas eu tive de me conter fisicamente para não

correr para seus braços, enterrar meu rosto em seu peito e deixá-lo me abraçar enquanto eu chorava por pelo menos uma semana. Eu não conseguia me lembrar da última vez em que tive alguém em quem me apoiar. E, embora Penn não pudesse perceber o que ele fez por mim apenas por estar presente naquela noite, ele me deu algo enorme.

Ele me deu fé na humanidade novamente.

Seus densos olhos azuis me seguiram enquanto eu me afastava no cômodo, mas foi Drew quem se levantou de seu assento no sofá e me encontrou no meio do caminho.

— Jesus, Cora — ele murmurou enquanto vinha até mim em três passos. — Como você está?

— Estou bem. — Olhei para Penn novamente. Seu corpo estava rígido, e seu rosto nada mais era do que uma máscara fria.

Drew deu um aperto no meu braço.

Curiosamente, observei Penn imitar o movimento da mão de seu irmão.

Ainda mais curiosamente, eu imediatamente me afastei de Drew, mesmo que seu conforto fosse bom. Mas não tão bom quanto o de Penn teria sido.

— Eu adoraria dizer a vocês dois que coisas assim não acontecem com frequência. — Limpei a garganta para manter a emoção sob controle. — Mas, bem, eu... Tudo o que posso dizer é que espero que não aconteça de novo, e pedir desculpas.

Drew se curvou, me olhando nos olhos.

— Você está brincando? Não peça desculpas. — Foi suave e doce, tudo que uma mulher na minha posição deveria querer ouvir, mas, mais uma vez, eu olhei para Penn.

— Obrigada. Por você, sabe... *ter tentado*.

Seus olhos se fecharam, e ele virou o queixo de lado, como se eu o tivesse ferido em vez de elogiar seus esforços.

— Ok. Tranquilo — ele respondeu em um tom de dor.

Uma quantidade sufocante de silêncio constrangedor se seguiu até que eu finalmente dei um tempo para todos nós, voltando minha atenção para o elefante branco e de distintivo na sala.

— Ei, Larry — eu disse, oferecendo-lhe um sorriso fraco.

Ele levou seu olhar lascivo das minhas pernas nuas até meus seios.

— Cora.

Larry era tão desonesto quanto os outros policiais. E apesar da aliança em sua mão esquerda e do fato de que tinha idade suficiente para ser meu avô, ele também era tão fodido quanto os clientes. Foi provavelmente por isso que ele se colocou à disposição dos Guerrero.

Notei a caneca de café familiar em sua mão e me virei para arquear uma sobranceira para River. Ela deu de ombros. Ela, sem dúvida, estava interpretando o papel de anfitriã para me dar tempo. Mas agora era hora de ela fazer o papel da menina que se mandava do lugar.

— Você pode me fazer um favor e ir dar uma olhada na Libby? — Não havia uma garota chamada Libby morando lá.

Abaixando a cabeça, ela se concentrou em seus pés.

— Eu preciso ir? Prefiro apenas voltar para a cama. Foi uma longa noite.

Eu estreitei os olhos, tentando descobrir o que ela estava fazendo, quando de repente me dei conta de que Savannah não estava à vista.

Deus, minhas meninas eram inteligentes.

— Tá. Pode ir — eu disse e fiquei observando River se afastar pelo corredor. Antes que Larry pudesse ouvir a batida suave de River ou Savannah abrindo as fechaduras, comecei a falar. — O que posso fazer por você?

Um sorriso predatório se abriu.

— Ah, eu poderia pensar em um monte de coisas que você poderia fazer por mim.

Cruzando os braços sobre o peito, eu dei a ele um olhar entediado.

— Sim, tá. Não tenho tempo, energia ou Viagra suficientes para fazer isso acontecer. Então vamos tentar de novo: por que você ainda está aqui?

Drew tossiu para cobrir sua risada, mas a única coisa que veio do local onde Penn estava foi uma onda de energia negativa e um olhar mortal.

Larry fez um som ao chupar os dentes e apoiou a palma da mão na arma em seu quadril.

— Mulher, você tem uma ficha de mais de um quilômetro de comprimento. Se eu te jogar na viatura algemada, você vai morrer numa cela. Um dia desses, você vai ter que aprender a controlar a boca.

Ele estava blefando. Eu tinha um registro com exatamente duas sentenças: duas acusações de porte de drogas. Agora uma história engraçada — eu nunca tinha fumado um baseado na minha vida. A verdadeira história foi que passei três anos na cadeia por ter irritado Marcos e Dante. Foi um jogo de puro poder para eles. E visto que estava há treze anos sob o controle dos dois, funcionou. Agora, porém, eu estava na maravilhosa lista do que o estado de Illinois chamava de *Infratores Habituais*. Algo do tipo “três-advertências-e-você-vai-em-cana”.

— Eu já vou começar a cuidar disso. — Estalando os dedos, fiz sinal para que ele devolvesse a minha caneca de café. — Ela morreu, Larry. — Deus, isso doeu, mas eu guardei a dor em sua própria gaveta nojenta no meu inconsciente e me concentrei. — Você pode me dar mais tarde os detalhes sobre como e onde você afirma tê-la encontrado, caso algum de seus amigos comece a fazer perguntas. Mas, agora, você precisa dar o fora. Eu preciso de um banho, de uma tonelada de café, e eu tenho que conferir um prédio inteiro cheio de garotas de luto.

Ele sustentou meu olhar enquanto me entregava a caneta.

— Toma cuidado, Cora.

Eu dei a ele a resposta mais honesta que eu já tinha dito.

— Eu sempre tomo.

Seus lábios formaram uma linha fina quando fez uma careta para mim por mais uns segundos.

Fazendo um gesto com o queixo na direção da porta, eu disse:

— Tenha uma boa noite, policial.

Murmurando um palavrão, ele deu a volta e foi embora, deixando a porta aberta como se fosse um adolescente mal-humorado.

Uma vez que ele se foi, eu soltei uma respiração irregular e ergui a mão para apertar a ponte do meu nariz, mas a afastei quando vi o sangue seco sob as unhas. Meu estômago se revirou.

— Ai, meu Deus, eu realmente preciso de um banho. — Olhei para

Penn. — Você também. Vou só pegar meu xampu e garantir de que nenhuma das garotas esteja no outro banheiro para que você possa usar. É o mínimo que posso...

— Você cuida disso? — ele perguntou ao irmão.

— Cuido — Drew respondeu com um suspiro.

Antes que eu tivesse a chance de fazer a óbvia pergunta “cuida do quê” — a resposta claramente sendo eu —, Penn saiu correndo pela porta aberta, batendo-a atrás de si, também não muito diferente de um adolescente mal-humorado.

Confusa — e um pouco insultada — olhei para Drew.

— Eu falei...?

Ele balançou a cabeça e passou o braço ao redor de meus ombros, me puxando para um abraço de lado.

— Não se preocupe com Penn. Você tem merda suficiente para lidar sem adicionar a dele. Ele vai ficar bem.

Eu imediatamente saí de seu abraço.

— Que tipo de merda ele tem que lidar?

— Do tipo que ninguém pode resolver. Então tire esse olhar do rosto.

Desafio aceito!

— Quem é Lisa? — perguntei.

O rosto gentil de Drew se transformou em uma máscara gelada de fúria, e sua voz saiu grossa.

— O que você disse?

Eu endireitei os ombros.

— Lisa. Foi assim que Penn chamou Angela quando a viu no chão.

Um alívio visível passou por suas feições, e ele voltou a ser o Sr. Cara Bonzinho. Agarrando a nuca, ele respondeu:

— Ele provavelmente ficou confuso. Achou que era o nome dela ou algo assim.

Sim, a julgar por nada além da própria reação de Drew, ele disse uma grande mentira. Mas todos nós tínhamos nossos segredos. Deus sabia que eu tinha uma montanha só minha. Então deixei pra lá.

Por enquanto.

— Sim, deve ter sido isso — eu murmurei.

Ele me ofereceu um sorriso gentil.

— Agora, de verdade, você vai ficar bem?

Dei de ombros.

— É meio que minha única opção.



CAPÍTULO 9

Penn

Caí de joelhos enquanto vomitava violentamente na lata de lixo.

Eu não conseguia respirar. E a dor era implacável — nem mesmo a dormência costumeira poderia bloqueá-la.

O rosto de Lisa.

O sangue de Lisa.

Os gritos de Lisa.

E então...

O rosto de Cora.

O desespero de Cora.

As súplicas de Cora.

Meus fracassos.

Meus fracassos.

Meus fracassos.

Assim que outra onda de náusea passou por mim, ouvi a porta se abrir e depois fechar rapidamente. Segundos depois, senti uma toalha sendo enrolada em meus ombros. Seus joelhos estalaram quando ele se agachou ao meu lado.

— Não era ela.

— Eu sei — eu engasguei, usando o braço para enxugar o suor da testa.

— Sabe? Cora disse que você a chamou de Lisa.

Porra.

A bile subiu na garganta, e eu me inclinei mais fundo na lata de lixo, já a postos para outra convulsão no meu estômago.

— Sim. Desculpa aí.

Ele levou a mão à parte traseira do meu pescoço, no que eu assumi que deveria ser um gesto de conforto, mas parecia queimar minha pele.

— Pen, cara. *Não era ela.*

Quando meu intestino acabou com sua revolta, eu me acomodei de costas para a parede.

— Eu sei, porra, que não era ela. Na verdade, dessa vez eu estava presente no recinto. Ajudei muito.

Sua mandíbula se fechou, o que possivelmente foi a coisa mais inteligente que Drew poderia ter feito. Eu ouvi aquela merda de “não foi sua culpa” muitas vezes. A última tinha sido um dia antes de ele ir para a cadeia. Acabou em uma briga.

Usando a ponta da toalha, limpei a boca.

— O que diabos há de errado com este lugar?

— Eu avisei que era um mundo diferente — ele respondeu, sentando ao meu lado.

— Um mundo diferente? — zombei. — Este é um outro planeta.

Passei a mão pelo cabelo.

— Pelo amor de Deus, não estamos aqui nem vinte e quatro horas e já vimos adolescentes viciadas se escondendo de cafetões que abusaram sexualmente delas, mulheres cortando os pulsos, policiais corruptos tentando fazer com que elas chupassem seus paus. Não vou nem falar nada dos paramédicos. Se eu não tivesse cem por cento de certeza de que a garota já estava morta, eu teria matado os dois na hora. Juro por Deus, Drew, um deles piscou para Cora quando entrou no cômodo, com toda a urgência que uma lesma dedicaria à situação.

Com um suspiro, ele abaixou a cabeça.

— Esse é outro assunto. Precisamos falar sobre Cora.

— Ah, não. Nós *não* vamos falar sobre ela.

Ele soltou um assobio baixo e balançou a cabeça.

— Nem sobre o jeito como ela olha para você?

Ah, eu tinha visto. E eu daria tudo para poder esquecer aquilo.

Ela olhou para mim como se eu fosse um herói.

Como se eu fosse algum tipo de salvador enviado dos céus.

Como se eu pudesse arrastá-la das profundezas do inferno.

Eu não consegui nem me salvar, e ela pensou que eu poderia salvá-la?

E, porra, pior, eu queria salvá-la.

Mas eu não era esse homem.

Pelo menos não para ela.

— Eu não me importo como ela olha para mim — eu menti.

— Você deveria se importar. Porque depois de fazer o papel do cavaleiro branco danificado hoje à noite, eu não tenho a menor chance de conseguir algo com ela.

Eu pisquei para ele, em um estupor honesto.

— Você está brincando comigo, né? Eu arruinei sua jogada quando tentei ajudar aquela mulher moribunda?

— Eu não disse isso. Só estou dizendo...

Fiquei de pé.

— Nada. Você não está dizendo nada.

Eu estava marchando pelo corredor, desesperado por espaço, quando Drew me parou.

— Você está com ela na cabeça, e isso está te assustando.

Foi a coisa mais chocantemente precisa que ele já tinha me dito, mesmo que tenha me confundido muito. Mas admitir que eu estava desenvolvendo sentimentos pela danificada, corajosa e linda Cora Guerrero era o mesmo que aceitar isso tudo. E isso simplesmente não podia acontecer.

Botando as mãos em meus quadris, eu me virei.

— Vai se foder, dr. Phil. Você não tem ideia do que está falando.

— É por isso que você estava quase grudado nela quando eu apareci esta noite? Montando guarda em sua porta como uma espécie de sentinela? Porra, Penn. Você está cheio de sangue, mas eu não ia conseguir te arrastar de lá até você ter certeza de que ela estivesse bem.

— Me perdoe por ser um cara decente.

Uma expressão muito estranha surgiu em seu rosto.

— Você sabe que não tem problema se você quiser ficar com ela.

Uma chama lancinante de dor me atingiu no peito.

— O caralho que não tem problema!

— Lisa se foi há quatro anos.

— Sim, eu estou bem ciente disso.

Ele encolheu os ombros.

— Será? Cora parece ter os ensinamentos da Madre Teresa decorados. Talvez ela possa te passar um pouco deles.

Senti a raiva crescendo dentro de mim.

— E depois? Ela e eu apenas cavalgamos rumo ao pôr do sol enquanto Lisa fica enterrada a sete palmos? Você esqueceu tudo pelo qual nos esforçamos?

— Não esqueci nada! — ele explodiu. Seu corpo ficou tenso, e ele soltou um grunhido frustrado, puxando seu cabelo curto. — Porra. Que merda.

Fiquei parado, com o peito arfando, observando seu surto. Deus era testemunha de que ele viu os meus surtos o suficiente. Ele andou de um lado para o outro, chutando qualquer coisa que visse pela frente. O sofá. O banquinho. Sua mochila de roupas. Tudo servia.

Finalmente, ele parou seu ataque a objetos inanimados e me lançou um olhar.

— Eu preciso que você faça isso.

Eu precisava de uma lobotomia.

— Eu não posso, e você sabe disso.

E então, como se estivesse jogando um fósforo em uma poça de gasolina, ele anunciou:

— Dizem que Marcos costuma aparecer um ou dois dias depois que a merda acontece. E pega pesado com ela. É um pequeno lembrete para manter suas meninas sob controle.

Uma fúria visceral acendeu dentro de mim.

Ela estava com a bochecha machucada. Isso não deveria ter me impressionado.

Mas tente dizer isso ao meu corpo rugindo.

Meu coração trovejando.

Meus pulmões parando.

Minha mente gritando.

E, desta vez, foi a voz de Cora implorando:

— *Penn, por favor.*

Uma respiração de cada vez.

Um dia de cada...

— Ninguém vai tocar nela.

Os lábios de Drew se ergueram em um sorriso sinistro.

— É isso aí. Vamos fazer turnos para ficar de olho nela.

Eu balancei a cabeça.

E, caramba, puta que me pariu — ela nem estava na sala, mas quando meu coração desacelerou e minha raiva evaporou, senti o calor daquela mulher penetrando cada vez mais fundo em minha pele.



CAPÍTULO 10

Cora

— Não. Dante, por favor. Não foi culpa dela!

Eu estava suando frio quando acordei com o som do meu celular tocando. Eu não tinha ideia de que horas eram ou quando adormeci, mas o terror avassalador que senti em meu pesadelo, enquanto assistia Dante arrastar River para longe de mim, me seguiu até eu ficar consciente.

Fazia vinte e quatro horas desde que tínhamos perdido Angela. Meu peito ainda doía, e minha cabeça ainda estava uma bagunça. Mas, para minha surpresa, nenhum Guerrero havia aparecido para deixar sua marca de punição própria — ao menos por enquanto. Eles viriam. Eventualmente. Disso eu tinha certeza.

Eu só precisava estar preparada quando eles chegassem.

— Foi só um sonho — eu disse a mim mesma, passando a mão cegamente na mesa de cabeceira até encontrar o dispositivo barulhento. — Alô — eu resmunguei.

Era a Mindi, do segundo andar.

— Ei, Cora, cheguei em casa.

— Que bom. E a Jeniffer? — Eu tinha finalmente memorizado o nome da nova garota.

A linha ficou em silêncio.

Apertando os olhos com força, fiz uma oração pedindo que ela estivesse indo verificar o quarto de Jennifer, mas quando sua resposta não veio, eu me sentei e soltei um gemido.

— Mindi?

— Eu, ahn... Ela não te mandou uma mensagem?

Enquanto as mulheres do primeiro andar eram livres para entrar e sair quando quisessem, eu exigia que as meninas do segundo e terceiro andares me mandassem uma mensagem quando chegassem em casa, contanto que fosse antes das quatro da manhã. Depois disso, elas precisariam ligar. Às vezes, se esqueciam, e eu lhes dava uma

advertência. E apenas vinte e quatro horas depois de perder Angela, eu não ia facilitar para nenhuma delas.

— Não. Ela não mandou. Ela está aí?

— Ela está... hum... no quarto dela.

Eu exalei em alívio e usei o polegar e indicador para esfregar os olhos.

— Vá acordá-la e diga a ela para me ligar.

— Ok. Me dá um minuto.

Apertando o botão para encerrar a chamada, eu olhei para as estrelas brilhantes que Nic prendera no teto acima da nossa cama. Letras tortas foram criadas a partir dos pontos luminosos. Quando me mudei depois que ele morreu, levei todas as estrelas comigo, e quando fui sentenciada a passar a vida naquele prédio, eu as grudei no teto, montando exatamente o mesmo desenho que ele havia criado uma vez. Não era a mesma coisa, mas o sentimento ainda estava lá.

Eu ainda podia ouvir sua voz.

— Você quer a lua, Cora? — ele disse com um sorriso malicioso, aqueles olhos escuros dançando ao luar. — Basta dizer, e ela é sua.

Eu sorri, a doce intoxicação do primeiro amor me fazendo sentir como se estivesse flutuando.

— Eu não ligo para a lua, Nic. Eu só quero você... e talvez as estrelas.

Uma única lágrima rolou pelo meu rosto, e meu celular começou a tocar.

Eu tossi para afastar a emoção.

— Alô?

— Ei, Cora — Jennifer disse tristemente.

— O que houve? — perguntei, rolando para fora da cama. Eu estava usando meus trajes de dormir habituais: calcinha e uma camisola fina. Como me liberei do robe, peguei a colcha ao pé da cama e a enrolei em volta do meu corpo, segurando-a com força e mantendo a mão no peito.

— Nada... estou em casa. Desculpe. Esqueci de ligar.

— Tem certeza que está tudo bem? — eu pressionei. Usando o ombro para segurar o celular contra a orelha, eu destranquei a porta e

caminhei pelo corredor, embora eu tenha feito uma pausa no meio do caminho para testar a maçaneta de River e Savannah. Felizmente, a porta estava trancada.

— Sim, positivo. Mindi acabou de me acordar, é só isso. Olha, vou voltar para a cama. Vejo você de manhã. — Ela desligou sem dizer adeus.

Que manhã o quê? Ela ia me ver em cerca de, ah... um minuto.

Mais três fechaduras e abri a porta da frente...

E logo tive um ataque cardíaco.

Meu celular saiu voando da minha mão, deslizando pelo concreto, enquanto uma silhueta sinistra se levantava do outro lado do corredor. O sangue rugiu em meus ouvidos enquanto eu via seu moletom preto, o capuz puxado para cima para cobrir sua cabeça. Apenas pela forma, eu sabia que não era Dante ou Marcos, mas com apenas a lua iluminando, eu não conseguia distinguir seu rosto.

Isso até que ele inclinou a cabeça para cima, empurrou o capuz para trás e encontrou meu olhar com um peso tangível que quase me esmagou.

— Meu Deus, Penn. — Meu coração bateu no peito, parcialmente porque ele tinha me assustado como o inferno. Mas principalmente porque ele estava olhando para mim.

Rígido. Penetrante. Agudo. Eu não tinha nenhuma dúvida de que ele estava lendo até a medula em meus ossos, e, por alguma razão, sendo ele a fazer isso, estava tudo bem por mim.

Uma onda de calor corou minhas bochechas, e eu consegui gaguejar:

— O... o que você está fazendo aqui?

— Por que você não está vestida? — ele respondeu, me fazendo questionar se ele conseguia ver através da colcha.

Olhei para baixo, descobrindo que minha colcha de confiança havia se aberto, me revelando das pernas até a calcinha. Rapidamente, usei a outra mão para fechar a parte inferior do tecido.

— Eu estava correndo para ir ver a Jennifer.

— Nua e no escuro? — Ele permaneceu estranhamente parado, com as mãos soltas nas laterais do corpo, os pés separados na largura

dos ombros e os olhos fixos nos meus, a ponto de eu mal conseguir respirar.

— Eu não estou nua e... eu não acho que tenha alguém acordado agora.

Ele piscou, e eu juro que a noite escureceu mais ainda.

Inclinando a cabeça para o lado, ele repetiu mais lentamente desta vez.

— No... escuro... Cora?

— As luzes do terceiro andar não funcionam. Há pelo menos um ano. — Com cuidado para não soltar meu cobertor, aponte um dedo para o teto. — Eu troquei as lâmpadas, mas acho que é uma questão elétrica.

— Coisas ruins podem acontecer com uma mulher quando ela está sozinha e no escuro. — Não era uma ameaça; no mínimo, parecia que ele estava tentando me oferecer um aviso paternal. Mas eu morei naquele prédio por tempo suficiente para saber que era bobagem.

— Coisas ruins também podem acontecer com uma mulher quando ela está em grupo e em plena luz do dia. A companhia ou a hora do dia não são exatamente um fator determinante.

De repente, ele relaxou os ombros. Longas passadas o levaram em minha direção. Teria sido um momento muito bom para o lance da “brigar ou correr” entrar em ação.

Mas tinha uma questão: eu não estava com medo.

Eu não conhecia Penn. De onde ele tinha vindo? Por que ele estava na casa? Do que ele era capaz? Então me chame de ingênua ou simplesmente estúpida, mas Penn não me assustava.

Não depois daquele dia com Savannah.

Não depois de tudo que ele fez por Angela.

Não depois de tudo que ele fez por mim.

Eu conheci muitos homens maus em meus vinte e nove anos, e Penn Walker não era um deles.

Ele parou na minha frente e resmungou:

— A hora do dia pode não ser um fator, mas esta porra de bairro é.

Ele não estava errado. Os outros dois prédios da rua eram

arrombados com tanta frequência, que parecia um rodízio. Mas um Guerrero era dono de cada tijolo do nosso prédio, o que deixava claro para a população criminosa que éramos intocáveis — pelo menos quanto ao mundo exterior. Os monstros que nos preocupavam tinham seu próprio molho de chaves. Eles eram os monstros que me odiavam, me batiam e me prenderam mais de uma vez, mas teriam assassinado uma cidade inteira se alguém mais tivesse encostado um dedo em mim. Era a única vantagem de ser propriedade de um Guerrero.

— Confie em mim, Penn. Ninguém seria corajoso o suficiente para tentar fazer algo comigo.

Do nada, seu rosto empalideceu, e uma combinação torturada de pura beleza masculina e agonia esmagadora surgiu sobre ele.

Eu conhecia aquele olhar de dor muito bem. Geralmente o via no espelho.

Eu me aproximei e coloquei a mão em seu peito.

— Meu Deus, Penn. Você está bem?

— Não faça isso — ofegou, como se minha mão estivesse em volta de sua garganta, e não apoiada sobre seu coração.

Fiz um movimento para a afastar, mas antes que tivesse a chance, seus olhos se fecharam, seu rosto se contraiu, e sua grande palma desceu sobre minha mão, prendendo-a em seu peito arfante.

— Merda, também não faça isso.

Ok. Então sem toques. E sem “*sem toques*”. Entendi.

Procurei em seu rosto por respostas, mas não encontrei nada. Embora, após as últimas vinte e quatro horas, alguém poderia imaginar...

— É sobre a Angela? — perguntei, desejando ter coragem para fazer a pergunta de verdade. *É sobre Lisa? Seja lá quem ela for.*

— Não.

— É sobre...?

Ele apertou minha mão.

— Cora, shhh.

Oookay. Então sem falar também. Não é exatamente meu forte, mas vou tentar.

Por cerca de trinta segundos.

— Você pode falar comigo. Sou uma ótima ouvinte. — Quando Penn não respondeu, eu continuei: — Por favor.

Abrindo os olhos de repente, ele estremeceu.

— Você tem que parar de dizer isso.

— Só estou tentando ajudar.

— Mas não está. — Soltando minha mão, ele se afastou como se eu o tivesse feito refém. A ausência de seu calor me atingiu violentamente, e o ar frio da noite me agrediu.

Ele começou a andar.

— Eu não posso fazer isso — resmungou em pura e absoluta derrota. — Você tem que parar de fazer essa merda comigo.

Pisquei, incrédula.

Eu tinha de parar de fazer essa merda com ele?

Olhei ao redor do corredor vazio, como se pudesse descobrir a resposta para minha pergunta antes de ser forçada a fazê-la.

— O que exatamente é essa merda que você acha que estou fazendo?

Ele recusou fazer contato visual enquanto cortava dois dedos no ar para indicar meu corpo.

— Isso. Isso aí. Você tem que parar.

Torcendo os lábios, eu me olhei. Eu estava coberta — quase inteiramente.

— Ah, claro. Porque eu realmente planejei isso. De alguma forma, senti que você estaria no corredor, tendo um colapso nervoso, então rapidamente me vesti com um cobertor, prendaí meu cabelo de qualquer forma e corri para cá. Droga. Você descobriu tudo.

Ele agarrou sua nuca.

— Eu não estou dizendo que você planejou isso. Só estou dizendo que você tem que parar. Eu estou te implorando. É só colocar algumas roupas e parar de andar no escuro. Não é segredo.

Eu puxei o cobertor para cima.

— Na minha experiência, Penn, se um homem quer algo, calças e uma lâmpada não o impedirão.

— O quê? — ele retrucou em um tom áspero. Então se moveu a

passos largos e pesados, avançando sobre mim.

Meu estômago revirou, e ouvi um zumbido ensurdecedor.

Suavemente, ele colidiu comigo. Sua mão encontrou meu quadril, firme, mas sem me machucar. Abaixando a cabeça, ele se aproximou de minha orelha e perguntou, baixo e ameaçador:

— Na sua experiência?

O calor emanava dele em ondas, me deixando arrepiada e acendendo eternamente todas as minhas terminações nervosas.

— Uau — eu sussurrei, fechando os olhos. Fazia mais de uma década desde que havia sentido tal faísca por um homem.

— Responde, Cora.

Como uma tola, me inclinei em sua direção.

— É uma lição que todas aprendemos.

Sua mão ficou tensa, e ele balançou a cabeça, a mandíbula se movendo como se estivesse mastigando um xingamento. Mas ele não disse mais nada.

E eu não consegui quebrar o silêncio estático.

Não com Penn pairando sobre mim, tocando-não-tocando-muito-perto-mas-em-mundos-separados. E definitivamente não enquanto eu estava flutuando toda feliz em uma piscina de ansiedade erótica.

Como eu estava perdida saboreando a sensação, meu pensamento racional não estava funcionando; de qualquer forma, não havia nada lógico na forma como meu corpo respondia a ele.

A cada inspiração, seu peito roçava no meu.

E, a cada expiração, seu hálito dançava sedutoramente em minha pele.

— Desaprenda — ele ordenou. — *Na sua experiência.* — Ele se inclinou, seus lábios a apenas frações de milímetros de distância de varrer minha orelha antes de repetir: — *Desaprenda.*

— Ok — eu ofeguei, sem saber exatamente com o que eu estava concordando e muito em transe para me importar.

Ele me encarou, seus olhos alternando entre os meus, até que ele finalmente falou em um sussurro de dor:

— Como você faz isso comigo?

— Depende do que você acha que eu faço, certo? — eu perguntei, rezando para que fosse o mesmo calor que fazia tudo que ele causou em mim arder.

Seus olhos se fecharam.

— Se eu pudesse responder a isso, eu saberia como te bloquear.

Minha pele formigava, e forcei a barra para além do que imaginava que ele permitiria. Levando a mão à sua bochecha, eu sussurrei:

— Ou você pode simplesmente me deixar entrar.

Ele gemeu com o contato, uma mistura de tortura e desejo. E então se inclinou contra minha mão, agonia gravada em seu rosto.

— Você não tem ideia do que está me pedindo.

— Não. Eu não tenho. Mas essa é a beleza de conhecer alguém.

— E esse é o problema — murmurou antes de suas pálpebras se abrirem e o homem que me acendeu desaparecer. Ele recuou, o ar frio mais uma vez nos separando, mas logo as chamas dos seus globos oculares vazios levaram embora o frio.

— Não tente me conhecer, Cora. Eu não sou um quebra-cabeça que você pode decifrar ou uma lâmpada quebrada que você pode consertar. — Ele deu um tapa no peito. — Essa coisa que vive dentro de mim. Isso arde para caralho. E se você chegar muito perto, eu juro por Deus, vai te queimar também. Não serei responsável por isso. — Ele deu um passo gigantesco em minha direção. — Eu *não posso* ser responsável por isso.

Entortei a cabeça para o lado.

— Quem pediu para você ser responsável por alguma coisa?

— Você. Você me pede quando fica parada aí, desse jeito. Quando você me encara achando que não estou olhando. Quando você sorri e ri. A cada minuto que você fica perto de mim, você está me tornando responsável por esse fogo tomar conta da sua vida também. Então eu estou te implorando. Deixa essa merda de lado. Porque, para falar a verdade, não sei se sou forte o suficiente para fazer isso por nós dois.

Pisquei para ele, odiando ser tão transparente, mas francamente alegre, afinal...

— Você está sentindo isso também?

Ele soltou uma risada de escárnio, os olhos pesados e azuis voltando para os meus.

— Eu te conheço há dois dias e já estou me afogando nisso, Cora. Então, sim. Posso afirmar que eu estou sentindo também. Mas, agora, eu realmente preciso que você não faça nada.

Ele estava se afogando *nisso*.

Ele estava se afogando nisso.

Ele estava se *afogando* nisso.

Eu nem sabia o que era. Mas eu senti. E Penn estava se afogando nisso.

— Você tem medo de que eu me queime? — sussurrei, provavelmente sorrindo.

— Não. — Ele balançou a cabeça com veemência. — Você é uma mulher forte. Você provavelmente poderia lidar com o calor. Mas se isso caminhar de um jeito minimamente parecido com o meu passado, o que eu temo é que, quando o fogo inevitavelmente encontrar você, eu ainda esteja no oceano, ofegante e completamente indefeso, quando bastaria uma única gota dessa água para te salvar.

Ai. Meu. Deeeeeeeeeeeeeus.

O que isso tudo significava e por que despertou meu corpo inteiro?

Olhei para ele, sentindo o calor viajando através de mim.

Penn olhou de volta, a imagem do desespero.

Meu coração disparou.

Sua mandíbula se contraiu.

Os músculos de seu pescoço estavam tensos.

Minha respiração estava difícil.

— Eu não quero que você se afogue — eu sussurrei.

— E eu não quero que você se queime. Então, por favor, vamos concordar que isso não leva a lugar nenhum. Eu trabalho aqui. Você trabalha aqui. Fim da história.

Engoli em seco, sem saber se poderia prometer isso a ele. Penn foi o primeiro homem que acendeu qualquer coisa dentro de mim desde que Nic morreu. Eu não poderia dizer a ele que eu não queria explorar o que estava acontecendo.

Talvez fosse um fracasso.

Mas talvez não.

Mas, no meu mundo, onde dor, imundície e medo eram um modo de se viver, por que desperdiçar a possibilidade de finalmente sentir algo incrível?

Então, só por essa razão, eu respondi:

— Mentira. Ok. Fim da história.

Ele arqueou uma sobrancelha, incrédulo.

— Mentira?

Fui andando em direção às escadas.

— Eu disse que tudo bem, não disse?

Ele me olhou com suspeita. Com razão. Mas não era problema meu que ele não entendesse como um jogo de verdades e mentiras funcionava. Eu disse claramente que estava mentindo. Ele não poderia ficar bravo com isso.

— Se você me der licença, eu preciso dar uma olhada em uma das garotas.

Seus olhos se estreitaram em fendas.

— Não me enrola. O que você quis dizer com “mentira”?

Eu apertei meu cobertor contra meu corpo enquanto cautelosamente subia os degraus um de cada vez.

— Eu disse tudo bem. O que mais você quer?

— Quem sabe a verdade? — disse, me seguindo.

Eu continuei.

— Mentira. Eu lhe disse a verdade.

Ele continuou seguindo.

— Por que diabos você continua dizendo “mentira”?

Ignorei sua pergunta e continuei até o segundo andar. Contar outra mentira não ia ajudar no meu caso.

Assim que chegamos à porta de Jennifer, Penn deve ter percebido que não ia obter uma resposta direta, mas não se virou e marchou para casa do jeito que eu esperava.

Nos cinco minutos seguintes, ele silenciosamente ficou de guarda ao lado da porta enquanto eu forçava Jennifer a sair da cama, dava

uma olhada nela e a interrogava sobre sua noite.

Quando ela me convenceu de que realmente estava bem, Penn me levou de volta ao terceiro andar e parou no corredor, mais ou menos do jeito que eu o encontrei.

Foi um ciclo completo — só que, desta vez, eu sabia quão incrível era estar em seus braços e que ele estava se afogando na mesma coisa que estava me consumindo.

Meu coração deu uma guinada quando Penn deu longos passos em minha direção. Infelizmente, ele desviou de mim no último segundo, se inclinou e pegou meu celular há muito esquecido — e mais do que provavelmente quebrado — antes de me entregar.

— Entra. Está frio aqui fora.

Não estava frio quando você estava me abraçando.

Como se tivesse me ouvido, ele balançou a cabeça.

— Jesus, você é teimosa.

Eu sorri.

— Eu não sei do que você está falando.

— Certo. Claro que não. — Ele olhou por cima do meu ombro, se atentando à parede de tijolos. — Você pode pelo menos me dizer se ouviu o que eu disse antes? É perigoso ficar aqui fora. Se eu fosse outro tipo de homem, quando você saiu daquele jeito no corredor, as coisas poderiam ter saído mal para você.

Se a curiosidade matasse o gato, eu estaria na minha nona vida naquele dia, e o sol ainda não tinha nascido.

— E que tipo de homem você é, Penn?

Ele suspirou, colocou as mãos nos quadris e respondeu:

— Quatro anos atrás, eu poderia ter respondido isso sem problemas. Agora? Não faço mais ideia.

— Talvez eu possa ajudá-lo a descobrir.

— Jesus. Você não vai desistir, não é?

Dei de ombros evasivamente e repeti:

— Eu disse que estava tudo bem.

— E você também disse que era mentira. — Ele soltou um suspiro pesado. — Só... entra e tranca sua porta.

Eu balancei a cabeça, mas não me mexi.

— Cora — ele gemeu, mas com certeza estava me implorando.

Por uma fração de segundo, me senti culpada.

Até que me lembrei de sua mão no meu quadril. Sua respiração no meu pescoço. Seu peito contra o meu.

Depois disso, joguei tudo para o alto.

— Sabe? Só para ficar claro: eu moro no inferno, Penn. Não tenho medo das chamas.

Com o canto do olho, eu o vi enrijecer, mas como não sou pessoa de se divertir com o sofrimento alheio, me virei, abri a porta e entrei.

Quando passei a terceira tranca, ouvi sua porta se fechar.



CAPÍTULO 11

Penn

— Ai, Deus — exalei, apoiando as costas na porta. Meu crânio atingiu a madeira com um baque surdo, mas a dor se espalhou em minha cabeça, ricocheteando pelo corpo, até que pensei que estava sendo dividido em dois.

E, honestamente, eu temia ser exatamente o que estava acontecendo.

Meu peito doía e minha garganta parecia ter recebido um saco de areia, mas era o redemoinho no estômago que eu sabia que iria acabar comigo.

A porra da Cora Guerrero.

Fechando os olhos, apertei a ponte do nariz, desejando não ter ido ao corredor refletir se Marcos faria alguma jogada contra mim.

Claro que ela apareceria seminua, as pernas bronzeadas cor de mel, a droga da calcinha rosa-chiclete quase invisível.

Claro, quando ela me tocou, destruiu a dormência que eu construí propositalmente para manter a raiva trancada dentro de mim e pessoas como ela, fora.

Claro que eu senti tudo, até suas impressões digitais me marcando através da minha camisa.

E, claro, eu tive de guerrear contra o meu corpo para não ir atrás de uma mísera prova da boca de Cora. Se ela tivesse dito qualquer coisa um segundo depois, eu teria perdido a batalha de maneira espetacular.

Deslizando pela porta, eu me senti e sussurrei:

— O que diabos estou fazendo?

— Boa pergunta — respondeu Drew.

Eu ergui a cabeça para cima e o encontrei esparramado no sofá, de olhos fechados e rosto para o teto, mas um sorriso clássico apareceu em seus lábios.

Recorrendo a qualquer meio para me livrar dessa situação, menti:

— Ouvi algo e fui verificar o que era.

Ele abriu as pálpebras e virou a cabeça para me encarar.

— E calhou de você parar, vestir um casaco e calçar as botas antes?

— Eu já estava de pé — eu murmurei, me levantando e me afastando, indo a nenhum lugar em particular, apenas querendo ficar longe dele. — Não consegui dormir.

— Deve ser porque você ficou sentado no corredor a noite toda olhando para a porta dela.

Eu cerrei os dentes, me xingando por não ter dado o quarto a ele.

Drew continuou, esticando os braços sobre a cabeça:

— Este edifício é feito de papel e cliques. Se Marcos tivesse aparecido, nós teríamos ouvido o barulho.

— Tive um mau pressentimento. Ok? Não enche o saco.

— Eu não estou te criticando. Você é um homem livre, Penn. Olhe para a porta dela pelo resto de sua vida, se quiser. Mas deixa eu te dizer uma coisa: você se envolver com ela dificilmente vai ajudar no meu caso.

Claro que ele tinha visto. Aposto que estava grudado naquela droga de olho mágico como se fosse parte de seu trabalho. O que... eu acho que meio que era.

— Vai se foder.

Ele colocou a mão no peito.

— Eu posso continuar tentando, mas nós dois sabemos que ela está a fim de você, ela estando pronta para admitir ou não. Seríamos idiotas em não aproveitar isso. Já se passaram dois dias, e você já conseguiu mais avanços do que eu conseguiria em dois meses. Por que você está lutando contra isso?

“Por favor, me ajude. Por favor.”

— Porque nós tínhamos um plano — eu disse.

Ele se levantou e caminhou até mim.

— E os planos mudam. Cinco anos atrás, estar aqui não era meu plano. E com certeza não era o seu.

Ele pegou meu pulso, levantando meu braço tatuado como se fosse uma prova.

— Adapte-se ou morra, lembra?

Deus, eu odiava quando Drew tinha razão. Eu vivi trinta e três anos da minha vida sem desejar fazer uma tatuagem. Eu usava ternos no trabalho e dirigia um Audi. Eu dormia em uma cama que tinha sido feita sob medida para meu máximo conforto. E eu adormecia todas as noites com o som das ondas quebrando do lado de fora da janela do meu quarto.

Isso tudo antes de certos vinte e nove minutos mudarem minha vida.

Agora, eu não era nada.

Ninguém.

Eu tinha apenas um propósito.

E, por causa de Cora e da merda que ela estava fazendo na minha cabeça, eu já estava falhando.

Puxando meu braço de seu aperto, eu gemi e usei o polegar e o indicador para esfregar meus olhos.

— Não consigo me adaptar a isso.

— Sinceramente, não acho que você precise. O lance de homem misterioso parece ser o tipo dela.

— Foda-se o tipo dela. — Eu apontei um dedo trêmulo para o meu peito. Minha voz aumentou enquanto eu fervia por dentro. — Essa mulher vai me matar.

— Eu não tenho certeza se recentemente você tocou no ornamento decorativo pendurado entre suas pernas, mas você ainda é um homem. E ela é uma boa mulher que está a fim de você. Claro que ela vai te matar. É isso que as mulheres fazem. — Ele agarrou meu ombro e me encarou. — *E tudo bem se isso acontecer.*

Eu movi os ombros para que ele me soltasse e comecei a andar sem rumo pelo apartamento.

— Não é nada bem. Vai ser outra porra de tragédia de novo.

— Não, não vai. Desta vez, estamos no controle. Seja legal com ela. Descubra o que ela gosta e não gosta. Fale um pouco. Ouça muito. E esteja disponível quando ela precisar de algo. Muito fácil.

Eu parei e o olhei nos olhos.

— E se ela se machucar?

Não havia se naquela história. *Quando* seria a palavra certa. Eu sabia que isso aconteceria quando entrei na jogada. Eu só não tinha percebido que eu seria o homem responsável — ou que eu me importaria com isso.

Eu sempre achei que tudo era justo no amor e na guerra.

Mas dois dias com aquela mulher me fizeram reconsiderar tudo.

Ela não era um dano colateral. Ou um peão que precisávamos mover.

Ela era uma mulher incrível que precisava de um bote salva-vidas, não de outro tubarão na água.

Drew voltou para o sofá e se afundou nele.

— Ela já se machucou muito. Um coração partido é a menor de suas preocupações. Mas... se chegar a esse ponto, a gente conserta tudo.

Ele ergueu as pernas e retomou sua posição com a cabeça no apoio de braço, os olhos fechados e voltados para o teto.

— Como exatamente vamos fazer isso se estivermos mortos ou na prisão?

— Um dia de cada vez, Penn. — Ele virou a cabeça, voltando a me encarar. Sua fachada se foi, toda a bravura que ele normalmente carregava consigo. Em seu lugar estava a escuridão fria e maliciosa que, anos antes, havia construído o verdadeiro Drew Walker.

Era a mesma sombra vil que manchou minha alma. Eu mal sobrevivia com ela me devorando como ácido por dentro, esperando ansiosamente até o dia em que finalmente acabaria comigo.

Mas Drew, não. Eu não tinha visto esse lado dele desde que ele havia saído da prisão, mas lá estava, bem ali, olhando para mim com toda a gentileza de uma adaga.

— Você está em dúvida?

— Não — eu respondi prontamente. — Mas isso *não pode* afetar Cora. Não importa o que isso me custe.

Ele arqueou uma sobrancelha ameaçadora.

— Que palavras perigosas, *irmão*.

— Não importa o que isso me custe.

Um sorriso de aprovação se esticou em seus lábios.

— Então acho que vamos ter que garantir que não tenha mais ninguém a ser afetado.



CAPÍTULO 12

Cora --

Na noite seguinte ao meu encontro com Penn, as luzes do corredor aberto do terceiro andar milagrosamente começaram a funcionar.

Penn, no entanto, se transformou em um fantasma.

Drew aparecia todas as manhãs bem cedo e trabalhava longas horas, quebrando paredes do meu apartamento, tentando encontrar a fonte do nosso vazamento de água, mas Penn mal aparecia ao longo do dia. Ele não falava. Ele não demorava nos lugares. Ele apenas surgia, como uma invenção da minha imaginação. Mas pela forma como meu peito se apertava e meu corpo formigava cada vez que ele entrava no apartamento, eu sabia que ele era muito, *muito* real.

Tentei me distrair da rotina fantasmagórica de Penn lidando com as consequências do suicídio de Angela. No entanto, isso só me fez pensar nele — Penn trabalhando incansavelmente para salvá-la.

A maioria das meninas estava se adaptando bem ao ocorrido. Elas eram boas nisso. Mas as que eram próximas a Angela estavam lutando para lidar com tudo. Algumas em segredo — outras não tão em segredo assim.

Eu estava na categoria das que lutavam secretamente. Eu não conseguia parar de vasculhar em meu cérebro os sinais que tinha perdido. Ela parecia feliz.

Mas a felicidade era realmente possível para mulheres como nós?

Claro, nós dávamos risadas.

E sorriamos.

E fazíamos o melhor para lidarmos com a merda em que estávamos.

Mas felicidade? Talvez devesse ter sido minha primeira pista. Prisioneiros nunca eram verdadeiramente felizes.

Levei dois dias inteiros para reunir coragem para voltar ao apartamento de Angela. Armada com um balde de alvejante, uma máscara, luvas de borracha que iam até o cotovelo e um caminhão de

memórias paralisantes, desci as escadas com o medo me apertando a boca do estômago. Assim que abri a porta, tive uma pequena parada cardíaca.

Seu apartamento havia sido limpo: o carpete fora arrancado, havia linóleo novinho colado no lugar. O sofá ensanguentado se fora, e o cheiro fresco de Lysol pairava no ar.

Com um nó na garganta e lágrimas ardendo nos olhos, olhei ao redor em descrença.

Havia dois possíveis suspeitos para aquele ato: Drew e Penn. Apenas um dos dois me dava um frio na barriga.

Seja lá quem tenha sido, a pessoa sabia que eu não ia dar conta de limpar aquele quarto. Não teria saído de lá inteira.

“Eu te conheço há dois dias e já estou me afogando nisso, Cora.”

Eu não sabia o que dizer enquanto olhava ao redor daquele apartamento impecável. Sinceramente, achei difícil de processar aquela situação.

Em minha experiência, as pessoas não faziam nada só por bondade.

Todo mundo tinha um motivo. E, de repente, eu estava desesperada para saber qual era o de Penn.

Então joguei uma carta que escondi na manga por mais de um ano.

Liguei para nosso bom e velho amigo pervertido, Larry, o policial. Ele foi um escroto, como sempre, e desligou na minha cara. Mas quando mandei uma mensagem para ele com um trecho de um vídeo que uma das garotas havia filmado secretamente, durante uma noite infeliz com ele, imediatamente recebi uma ligação.

Se eu aprendi alguma coisa ao longo dos anos foi que ter poder não era algo ruim.

Larry não estava muito feliz em me prestar favores. Porém estava muito ansioso por impedir que o vídeo chegasse ao e-mail de sua esposa.

Uma hora depois, recebi uma ligação mais detalhada.

Surpreendentemente — e de maneira excitante —, a ficha de Penn era completamente limpa. Não havia nem mesmo uma multa de

estacionamento.

E Drew, bem... Ele roubou um carro. E então, alguns dias depois de ter sido solto com nada mais do que um tapinha nas costas e dois anos de liberdade condicional, ele roubou outro. *Imbecil*. Mas não foi um crime violento ou relacionado a drogas, e ele não estava no registro de agressores sexuais. Para mim, aquilo era uma vitória e tanto.

A esperança havia sussurrado em meu ouvido quando vi o apartamento de Angela. Mas, quando desliguei com Larry, ela já estava rugindo.

Talvez ainda houvesse homens decentes no mundo.

E talvez, apenas talvez, Penn Walker fosse um deles.

Com Penn me evitando, abordei Drew e perguntei sobre a limpeza do quarto. Ele negou ter algo a ver com isso. Porém rapidamente aceitou meu convite para jantar e prometeu trazer seu irmão.

Passei a maior parte do dia cozinhando, limpando, arrumando meu cabelo e maquiagem, e depois em agonia para decidir o que vestiria. Foi ridículo. Especialmente quando Drew apareceu *sozinho*.

Provavelmente é estúpido dizer isso, mas eu fiquei arrasada.

Drew ficou comigo por várias horas, comeu meia panela de lasanha, bebeu três cervejas, riu e conversou com Savannah e River.

Passei essas horas aquecendo uma cerveja intocada enquanto olhava para a porta como se desejasse que Penn aparecesse do outro lado.

Ele não apareceu. E o peso da minha decepção foi sufocante.

Naquela mesma noite, por volta da meia-noite, eu estava arrumando tudo antes de ir para a cama quando um som do lado de fora chamou minha atenção. Uma rápida espiada pelo olho mágico revelou Penn parado no corredor, vestindo o mesmo moletom preto de dias antes, enquanto observava minha porta como se estivesse vendo seu filme favorito.

Meu estômago se contorceu de nervoso, e aquela faísca que só ele acendeu dentro de mim se transformou em labaredas furiosas. Eu me convenci de que ele estava me esperando lá fora.

Alerta de spoiler: ele não estava.

Na primeira noite, usei a desculpa de deixar o lixo do lado de fora do apartamento, como sempre fazia. Ele não pareceu ouvir meu “olá” divertido e sedutor, e depois de um minuto inteiro balançando na ponta dos pés de forma constrangedora, esperando que ele respondesse, eu corri de volta para dentro e encerrei a noite. Isso doeu. Bastante. Mas meu lixo estava na lixeira na manhã seguinte.

Quando ele apareceu por lá novamente na segunda noite, comecei a me enervar. Não sou pessoa de ficar de rodeios, então decidi perguntar por que ele estava sentado sozinho no escuro.

Talvez Drew roncasse. Talvez ele gostasse do ar fresco. Talvez Penn fosse um serial killer. De fato, era uma incógnita.

Sua única resposta foi um grunhido:

— Eu gosto do silêncio. É mais fácil para pensar. — Então ele se levantou e entrou em seu apartamento sem dizer mais uma palavra. Trinta minutos depois, ele havia retomado sua posição. Eu, não.

Na terceira noite, eu não aguentaria outra rejeição, então casualmente bebi uma cerveja enquanto olhava pelo olho mágico e o encarava enquanto ele me encarava. Penn era lindo. Eu era uma esquisitona. Fui para a cama.

Na quarta noite, eu ainda era uma esquisitona.

Na quinta noite, eu me forcei a parar com a insanidade e, em vez disso, sentei no meu sofá, observando a mesma porta que ele estava observando, só que do outro lado. Então decidi que era igualmente ridículo, desisti e fui para a cama.

O mesmo aconteceu na sexta e na sétima noite.

Todas as noites, eu adormecia olhando para as estrelas de Nic no teto.

Mas todas as manhãs, acordava com os olhos azuis e penetrantes de Penn invadindo meus sonhos.

Eu não podia explicar minha atração por ele. Pela forma como cresci, com um pai que me jogou aos lobos, e depois lidando com Marcos e Dante, não era exatamente um mistério o motivo pelo qual eu não gostava do cromossomo Y.

Mas, quando se tratava de Penn, meu corpo sempre vencia a luta contra minha mente.

Em muitas noites, eu fiquei deitada na cama, com minha

imaginação hiperativa (e surpreendentemente descritiva) sendo minha única companhia. Esses pequenos devaneios começaram inocentes. Na minha cabeça, sentávamos no corredor, conversávamos e ríamos juntos. Ele eventualmente se aproximava e pegava em minha mão ou colocava o braço em volta dos meus ombros. Silêncio confortável. Nada mais. Nada menos.

Mas, com o passar dos dias, esses devaneios se transformaram em algo completamente diferente.

Minha pele ardendo sob suas mãos calejadas.

Sua boca deslizando pelos meus seios e depois para baixo, entre as minhas pernas, dando em vez de receber, do jeito que eu sabia que apenas Penn faria.

A sensação arrasadora de ser persuadida a me render, o resto do mundo desaparecendo, nos deixando para trás: ele, eu e nossas bocas impiedosas.

Pois é. Tinha sido uma semana difícil, cheia de banhos frios e noites sem dormir.

Isso não foi exatamente uma coisa terrível, porque no oitavo dia, eu estava cansada, irritada e *acabada*.

Cansei de esperar. Cansei de me sentir uma stalker. Cansei de... bem, tudo, exceto de conhecer o verdadeiro Penn Walker.

Então, naquela manhã especificamente, com os dois caras martelando meu banheiro, eu decidi que não o deixaria dar as cartas.

— Como vai? — perguntei, encostada no batente da porta do meu banheiro em obras. O vaso sanitário e a pia estavam na sala de estar, e todo o drywall mofado havia sido arrancado, revelando um labirinto de canos enferrujados.

Drew saiu de dentro do que uma vez foi meu armário de roupa de cama.

— Está indo tão bem quanto se espera de um prédio que foi construído pelos peregrinos.

— Duvido que os peregrinos ficassem felizes com você os insultando assim. Dá para salvar alguma coisa?

Seus lábios se curvaram em um sorriso lento.

— Vai ter que dar.

Eu inclinei o queixo na direção da única parede restante, a que dividia meu quarto do banheiro.

— Tem chance de você derrubar isso e colocar uma porta para o transformar em uma *en suite*?

— Tem chance de você dizer isso na minha língua, madame?

Eu ri.

— Uma suíte, um banheiro adjacente ao meu quarto?

— Ahh. Acho que essa coluna pode ser estrutural, mas eu provavelmente poderia colocar uma porta de cachorro. — Ele abaixou o rosto, me dando um olhar sedutor. — Você é pequena o suficiente para passar.

— Eu dispenso, mas obrigada. — Levando a caneca de café aos lábios, desviei o olhar para Penn.

Ele estava de joelhos, com uma chave inglesa na mão, fazendo algo com os canos onde minha pia deveria estar.

— Então, Penn, como está o apartamento? — perguntei para as costas dele.

Ele permaneceu em silêncio.

Mas Drew respondeu.

— Está bom. Penn finalmente desceu o sofá e o colchão na noite passada. Estamos na torcida para que todo o DNA do Hugo tenha ido junto.

— Ah, que nojo!

Ele bateu na ponta do nariz.

— Exatamente. Agora, se conseguirmos recuperar a água para tomar banho ou usar o banheiro sem precisar descer dois lances de escada e ficar esperando na fila às três da manhã, estaremos muito bem.

Bati a mão no peito e respirei:

— Deus, o que utopia é essa que você está falando?

Drew riu. Penn, não.

— Vocês querem café? — perguntei.

— Nah — Drew respondeu. — Eu tomei um pouco do lodo preto, cortesia do mercado aqui perto.

Eu fingi uma ânsia de vômito.

— Eca! Aquele lugar é nojento. Eu não entro lá sem no mínimo estar vestida com um uniforme de proteção completo.

Ele torceu os lábios adoravelmente. (Tá, vai. O Sr. Comum não era mais tão comum assim.)

— Então o que você está dizendo é que eu provavelmente não deveria ter comido um dos enroladinhos de salsicha no café da manhã?

Minha boca se abriu.

— Ai, Deus, não!

Ele mordeu o lábio inferior. (Sim, nem perto de “comum”.)

— Então com certeza não deveria ter comido dois?

— Jesus, Maria e José. Eu odeio te dizer isso... mas há uma boa chance de você estar morto agora.

Ele usou dois dedos sujos para verificar o pulso em seu pescoço.

— Não, ainda tá batendo. Parece que você vai ter que me aturar até pelo menos amanhã.

— Amanhã?

Ele encolheu os ombros.

— Os enroladinhos estavam muito bons.

Eu ri, e ele se juntou a mim, porque Drew era assim.

E mesmo com toda a conversa, Penn nem sequer olhou em nossa direção, porque Penn era assim.

— Você se importa se eu fizer uma pausa para fumar? — perguntou Drew.

— Não, contanto que você faça isso lá fora.

Ele fez uma saudação, e eu me virei de lado para dar espaço para ele sair — o que me deixou sozinha com Penn.

River e Savannah estavam na escola, e minha agenda para o dia estava lotada.

No entanto, fiquei ali, olhando para as costas de Penn, determinada a fazê-lo falar.

— Alguma estimativa de quando você vai conseguir retomar a água?

Os músculos sob sua camisa ondularam, e seu movimento de torção parou, mas ele não deu uma resposta verbal.

— Quero dizer... Serve uma estimativa aproximada.

Mais silêncio.

— Tenho certeza que você está fazendo tudo que pode. Eu só estou curiosa. Estamos falando de dias ou semanas? — Eu me mexi desconfortavelmente, enrolando um cacho nos dedos. — Por favor, não diga que serão meses. Não tenho certeza de quanto tempo mais posso lidar com isso. As garotas estavam se matando por ter que dividir dois banheiros. Dei a elas cestinhas de plástico que comprei na Dollar Shop, para carregarem seus produtos de higiene pessoal, mas se ouvir mais uma discussão sobre alguém usando xampu ou pasta de dente de outra pessoa, vou acabar indo parar em um quarto acolchoado.

Ele suspirou, permitindo que sua cabeça pendesse para frente, mas sua postura permaneceu tensa.

— Você não vai deixar isso de lado, não é?

Meus olhos se arregalaram, e um sorriso vitorioso se abriu em meus lábios.

— Eu deixei isso de lado. Mas não significa que não podemos falar um com o outro.

— Porra nenhuma — ele disse. — Você acha que eu não vejo você na sua porta todas as noites? Suas luzes acendem e apagam. Seus pés fazem sombra no vão da porta. E, pior que isso... eu sinto você. Me olhando. — Ele lentamente virou a cabeça, seu olhar escuro e vazio direcionado para mim por cima do ombro. — Eu sei quando você está por perto, Cora. Porque eu sei quando você vai embora.

Por um lado: *fui pega no flagra!*

Por outro lado: Ai, meu Deeeeeeeeeus. Ele me sentia.

Limpei a garganta e endireitei as costas.

— Ok. Então... talvez eu não tenha exatamente deixado nada para lá. Mas você fica sentado do lado de fora, *olhando* para a *minha* porta, Penn. Você não fica no parapeito com vista para o estacionamento. Ou nas escadas dos fundos, aquela que ninguém usa. Nem no telhado, onde você poderia ver as estrelas. Você fica sentado no corredor, olhando para a *minha* porta. Se quer saber, parece que você também

não deixou nada para lá.

Ele balançou a cabeça e mais uma vez olhou para frente, murmurando:

— Por que você é tão teimosa?

— Eu? Você vai parar de ficar encarando minha porta todas as noites?

Por favor, diga não. Por favor, diga não. Por favor, diga não.

— Puta. Merda — ele resmungou.

Mas não foi um “não”!

Não querendo o sufocar, permaneci na porta e continuei falando, mesmo que ele permanecesse de costas.

— Nós nem sabemos o que é isso, Penn. Acho que uma conversa não vai nos matar. Quem vai saber? Talvez você goste de mostarda, o que vai tornar tudo uma perda total de tempo.

Ele soltou um suspiro forte, o que eu pensei que poderia estar na mesma família de sons de uma risada, mas como eu não conseguia compreender o que seu rosto me dizia, eu não podia ter certeza. Mesmo assim, acelerou meu pulso.

— Pensa nis...

Nós dois levamos um susto quando alguém gritou meu nome da minha porta.

— Ugh — gemi, amaldiçoando os malvados deuses do timing.

Mais um dia.

Mais um drama.

E bem no meio do meu drama pessoal com Penn.

— Aguenta aí — eu disse a ele, me afastando do batente da porta e indo embora. Quando cheguei à porta da frente, a abri e disse: — O que é?

A culpa me atropelou como se fosse um trem de carga quando vi Brittany parada com uma toalha ensanguentada pressionada no ombro e fazendo uma careta.

— O que diabos aconteceu? — *E por que agora todo mundo deu para ficar sangrando?!*

Eu puxei seu pulso, revelando um corte de pelo menos quinze

centímetros de comprimento em sua clavícula.

— A porra do ventilador de teto caiu em cima de mim.

Ergui a cabeça rapidamente.

— Como isso é possível?

Ela puxou o braço.

— Porque vivemos em um local cheio de armadilhas mortais! Toda a droga do edifício vai desabar sobre nós um dia desses.

— Não tem armadilhas... Estamos apenas... passando por alguns momentos difíceis agora.

Sim, ok. Era um local cheio de armadilhas mortais mesmo.

— Bem, está prestes a se tornar muito mais difícil para mim agora. Como vou trabalhar hoje à noite com isso? — Ela bufou. — “Desculpa, cara. Eu sei que você está pagando por uma punheta, mas o braço bom está fora de serviço. O que você acha de uma punheta com a esquerda? Ah, não liga para esse sangue escorrendo do meu ombro. O fetiche é de graça esta noite.” — Ela inclinou a cabeça para o lado e me lançou uma expressão assassina.

Revirei os olhos.

— Que tal você deixar de drama e me deixar cuidar do seu machucado?

Ela riu sem humor.

— Ah, claro. Eu sou dramática. Eu poderia ter morrido. Enquanto isso, Vossa Alteza está renovando o banheiro.

Eu apontei com o polegar para trás.

— Eu dificilmente chamaria aquilo de renovação. Não consegui o piso incrustado de diamantes nem *nada*. Ligue para o Inquiridor. Estou sendo forçada a me contentar com... — Inclinei-me para frente e separei minha boca antes de sussurrar: — Água corrente.

— Ok, enquanto você lida com isso, eu vou tentar não deixar que a Meredith e a Jewels caiam em cima de mim. — Girando na ponta dos pés, ela se afastou pisando fundo.

Drew dobrou a esquina, saindo do caminho para escapar de ser atropelado.

— Tudo certo?

— Um ventilador de teto caiu em uma das meninas do andar de

baixo e ela está convencida de que o prédio está desmoronando, e vou ser sincera: não tenho certeza se ela está errada. — Eu passei os dedos pelo cabelo. — Os ventiladores de teto não estão conectados a um pino ou algo assim? Eles não podem simplesmente cair do céu, podem?

Ele torceu os lábios.

— Do céu? Não. Do teto? — Ele encolheu os ombros. — Dependendo de quem o instalou, e tendo em vista o trabalho do Hugo, acho que tudo é possível.

Eu bufei.

— Que presente divino.

— Foi uma piada? — ele perguntou enquanto se aproximava de mim. Drew parou, quase muito perto, mas sem ser desconfortável. Era apenas... Drew.

— Difícilmente — respondi.

Ele sorriu, seus olhos castanhos parecendo chocolate quente. (Estava *muito* longe de ser simples.)

— Eu tenho que ir lá cuidar dos ferimentos dela. Vocês ficam bem aqui enquanto eu estiver fora?

Suas sobranceiras se ergueram.

— Você quer que eu vá dar uma olhada no ventilador?

— Seria... — As palavras morreram na minha língua quando um movimento chamou minha atenção.

Seus lábios eram finos e sua mandíbula estava rígida, mas seus olhos... Eles pareciam em brasas.

Penn. E não o cara que me disse para ficar longe.

Este era o Penn que me segurou perto de si e me disse para desaprender.

Meu corpo inteiro despertou, os pelos finos dos meus braços se arrepiaram enquanto seu olhar penetrante me perfurava. Aquele belo zumbido em minhas veias voltou.

— Ótimo — eu terminei, sem fôlego.

Drew deu um aperto no meu ombro.

— Não se preocupa...

— Eu vou — Penn anunciou tão rudemente, que fiquei chocada, e hipnotizada. Seus olhos em brasas se transformaram em cinzas, as pupilas ficaram tão grandes, que eu mal podia ver o azul ao redor delas. Ele estava olhando para a mão de seu irmão, mas não havia amor naquele olhar.

Ele olhou para mim.

— Tudo bem por você?

— Claro — respondi imediatamente.

Drew desviou os olhos de um para o outro, demonstrando o que eu assumi ser perplexidade, mas eu não conseguia tirar meus olhos de Penn por tempo suficiente para confirmar.

— Tem certeza? — perguntou Drew.

Eu não tinha ideia de com qual de nós ele estava falando, então sussurrei:

— Sim — disse ao mesmo tempo em que Penn declarou:

— Eu cuido disso.

Drew riu, mas Penn não disse mais nada.



CAPÍTULO 13

Penn

Eu. Estava. Fodido.

Simples assim.

Meu plano estava fodido.

Minha cabeça estava fodida.

E o pior de tudo é que eu temia que Cora estivesse fodida também.

Porque isso não ia acabar bem para nenhum de nós.

Mas, Deus, eu estava cansado de lutar para ficar longe dela.

Então lá estava eu, sozinho em um apartamento com ela, sentindo como se tivesse apostado minha vida inteira no vermelho e esperando ansiosamente para ver onde a roleta iria parar.

— Então, quantos anos você tem? — Cora perguntou enquanto andava pelo apartamento, usando um par de luvas rosa-choque ridículas. Ela segurava um borrifador de desinfetante, que estava queimando minhas narinas, em uma mão e um pano imundo na outra.

Eu acertei minha postura na escada e continuei me esforçando para corrigir a tentativa inacreditavelmente ruim de Hugo de prender um ventilador no teto. Havia exatamente um parafuso o mantendo fixo no teto — um parafuso muito curto. O resto estava apenas encostado, o que tornava cada giro das pás um jogo de roleta russa para qualquer pessoa que tivesse o azar de estar embaixo.

Foi um milagre que Brittany e Ava não tivessem morrido pelo menos uma dúzia de vezes. Ou foi o que ouvi enquanto Cora andava pela sala, furiosamente fazendo cálculos. Em voz alta. Explicando cada variável enquanto buscava o valor de X . Eu não imaginei que ela tivesse estudado muito, mas quando começou a tagarelar fórmulas e calcular os números, fiquei mais intrigado do que nunca por essa mulher.

Durante o tempo em que a evitei, o que não foi bem “evitar” de verdade — foi mais como um leão cuidando de seu cordeiro — eu aprendi muito sobre Cora.

Ela nunca anda. Se seus pés não estivessem pelo menos trotando, ela estava parada.

E ela fazia sanduíches incríveis. Pão branco macio, presunto fatiado, maionese e a pitada perfeita de sal e pimenta. Ela não comia nada pomposo tipo alface e tomate. Era apenas um sanduíche. Mas, caramba, era bom. Eu odiava que ela fizesse o lanche para Drew e para mim, nos servindo como se estivéssemos fazendo uma droga de um favor. No entanto, ela fazia. Todos os dias. Quer eu falasse com ela, quer não.

Cora não tinha tempo — ou dinheiro — para uma porcaria dessas.

Eu a testemunhei indo de porta em porta duas vezes, segurando uma caneca de café vazia para coletar dinheiro para ajudar uma das outras garotas a comprar sabe-se lá o que elas estavam precisando.

Enquanto isso, o celular de Cora ainda estava quebrado, seu carro estava com três pneus carecas e um que mais parecia uma rosquinha, e a alça de sua bolsa estava arrebentada e amarrada.

Mas se ela se importava com qualquer uma dessas coisas, nunca deixou transparecer.

Cora não reclamava nem resmungava. Nem ficava zangada ou amarga. Na verdade, ela ria — muito.

E ela continuou fazendo tudo, e tudo, e tudo para todo mundo, até morrer de cansaço e praticamente dormir em pé. Eu a peguei cochilando no sofá uma vez. Eu parecia um stalker bizarro, mas eu fiquei lá, observando como ela estava em paz. Seus lábios se curvaram mesmo no sono.

Sua vida não era fácil, mas aquela porra de mulher sorria enquanto dormia.

Quem faz esse tipo de coisa?

No eufemismo da década, era seguro dizer que eu não estava emocionalmente preparado para enfrentar tipos como Cora Guerrero. Mas sem bons motivos — e tendo vários maus motivos —, eu não conseguia me conter.

— Trinta e sete — eu respondi.

Suas costas ficaram eretas, sua cabeça se inclinou para trás, e ela apontou aqueles olhos azul-escuros, aqueles que eu temia serem minha ruína, para mim. Falando três palavras simples, parecia que eu

tinha dado a ela o mundo.

Sua boca se abriu, revelando um sorriso brilhante e branco que fez meu peito se apertar.

— Ele sabe falar — ela brincou.

— Ocasionalmente. — Voltei minha atenção para o ventilador de teto.

— Trinta e sete, hein? Bem, você não parece tão velho.

— Ela sabe mentir — eu zombei.

Cora riu, suave e doce, como se eu estivesse aprendendo mais sobre ela. Cora voltou a esfregar o acabamento da bancada.

— Então você sabe como arrancar drywall, consertar canos e prender ventiladores de teto. Deve haver um mercado de trabalho para isso lá fora, não é?! Eu entendo o Drew. Ele acabou de sair da prisão e era íntimo de Manuel, mas por que você está aqui?

— Para trabalhar.

— Você deve algum favor ao Manuel?

— Não.

— Ele sabe algum segredo sujo seu?

— Não.

— Está fugindo de uma mulher?

Meu peito se apertou mais ainda. Mal sabia ela.

— Não — eu contei uma mentira parcial.

— Você já foi para a reabilitação? Se sim, para quais drogas? Ou era álcool? Tem algum programa de doze passos em seu passado?

— Não. Não. Não. E não.

Ela permaneceu estranhamente quieta enquanto eu apertava o último parafuso. Quando minha visão periférica me disse que era seguro, olhei para ver o que de repente me trouxe o silêncio.

Ela estava com a cabeça enfiada na geladeira. Depois de uma fugada, ela estremeceu, e seus longos cachos loiros balançaram.

— Cacete. Acho que esse leite aqui foi produzido pela primeira vaca criada por Deus.

Mordi o interior da bochecha para esconder um sorriso. Não ajudava muito quando Cora agia de forma adorável.

Sem aviso — portanto, sem me dar tempo para me preparar —, ela espiou por cima do ombro e me pegou olhando.

— Você está sorrindo?

Então, aparentemente, morder a bochecha não ajudou.

Eu me forcei a manter os lábios neutros.

— Não.

Ela torceu o nariz.

Adorável. Para. Caralho.

— Puta merda, o sempre estoico Penn Walker tem músculos faciais!

Ai de mim se eu não sorrisse novamente.

Ela arquejou, dramaticamente levando a mão ao peito.

— Senhor amado, ele me deu um bis.

Eu bufei.

— Jesus, você realmente é louca.

Desesperado por escapar dali — e por uma maneira de esconder meu sorriso crescente — eu enfiei a chave de fenda no bolso, de cabeça baixa como um idiota, e me virei...

— Porra! — explodi, meu cotovelo pousando com força no chão.

A chave de fenda atravessou meu bolso e se enfiou na minha coxa, causando uma explosão de dor que irradiava por toda a parte inferior do meu corpo.

— Ai, meu Deus! — Ela correu e agachou ao meu lado.

Apoiei-me no cotovelo bom e resmunguei:

— Estou bem.

— Você escorregou?

Não, eu estava te olhando sem parar e esqueci que estava quatro degraus acima do chão.

— Sim — respondi em vez de compartilhar esse pensamento engraçadinho.

Ela começou a retirar suas luvas.

— Você está bem?

Com ela tão perto? Nem um pouco.

— Claro.

Cora era linda de todas as formas possíveis. Qualquer homem com dois olhos funcionais poderia reconhecer isso do outro lado de um campo de futebol. Mas, com apenas alguns centímetros nos separando, pude ver que ela tinha um tipo diferente de beleza.

Ela era real.

Não era um trabalho.

Não era um plano.

Ela era só...

— Penn, vire. Quero ver sua perna. Merda, você está sangrando.

Ela inclinou o corpo para frente até preencher todo meu campo de visão.

Eu deveria ter fechado os olhos. Feito o lance do respira-solta.

Eu *deveria* ter focado no passado. Eu tinha sido muito bom em me fixar nisso nos últimos quatro anos.

Em vez disso, eu a encarei.

Um rosa-claro pintava sua pele levemente salpicada de sardas nas bochechas. Ela tinha uma pequena verruga logo abaixo do lábio inferior. Sendo ela uma mulher, provavelmente a odiava. E só por essa suposição, eu adorei para caralho a verruga.

Um suave aroma floral levemente maculado pelo alvejante flutuou dela. Era uma loção barata sem marca específica. Eu tinha visto o frasco em seu banheiro uma vez. Mas, em Cora, era melhor do que qualquer perfume caro que eu já tinha sentido.

Seus cachos loiros e sedosos deslizavam sobre meu antebraço, fazendo com que a dor no meu peito descesse pelo corpo.

E quando ela olhou para mim, seus olhos azuis brilharam de uma forma que me fez imaginar quão espetacular eles ficariam se fechando enquanto eu a penetrasse...

— Tira a calça — ela ordenou.

— Perdão? — Eu me afastei, a droga da chave de fenda me furando novamente. Rolando para o lado, tirei a escrota do meu bolso e a joguei no chão.

— Eu não consigo ver seu machucado.

Estremecendo, tentei ficar de pé.

— Você consegue ver mais do que o suficiente.

Ela agarrou meu braço e me ajudou a ficar de pé, para o desespero do meu ego.

— Pare de ser infantil. Eu já vi roupas íntimas masculinas antes.

— Não minhas — eu me defendi.

Levando a mão à boca, ela tentou esconder o humor da situação. Foi inútil tentar abafar sua risada.

— Estou falando sério — eu disse a ela. — Eu não vou tirar a porcaria da minha calça.

Ela tirou a mão da frente do rosto, revelando um sorriso arrasador.

— Sabe, eu acho que você falou mais comigo agora do que em uma semana inteira, e isso tudo porque está com medo de que eu te veja de cueca?

— Não, estou com medo que você me veja *sem* cueca. Quem mais usa roupas íntimas?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Tipo, noventa por cento da população.

— Mulheres, talvez.

— Já faz um tempo desde que tive alguma experiência presencial, mas tenho certeza que os homens também usam roupas íntimas.

Isso fazia de mim um cuzão, mas eu senti cada palavra daquele pequeno fantasma de confissão “já faz um tempo” ardendo em minha pele como as chamas de uma fogueira.

— Bem, esse aqui, não — eu respondi, indo para a porta antes de ter a chance de fazer algo estúpido. Tipo... abaixar a porra da minha calça.

Como era teimosa para cacete — uma característica que eu não conseguia decidir se amava ou odiava —, Cora me seguiu.

— Sou enfermeira, Penn. E você precisa de alguém para olhar sua perna.

Coisas que eu sabia sobre Cora Guerrero:

Ela tinha 29 anos.

Era linda — isso não importava.

Ela cuidava de umas trinta prostitutas como se fosse a maior e

mais coruja de todas as mães corujas do mundo.

Todas as manhãs, bebia café como se fosse a única coisa que a mantivesse viva.

E enquanto abria a parede entre o banheiro e a despensa, encontrei nada menos que dez caixas de biscoitos que ela havia escondido. E eu sabia que eram dela porque, quando Drew tentou transferi-las para o balcão da cozinha, ela negou que fossem dela, mas depois as levou para o quarto para as “guardar em segurança”.

Mas uma enfermeira?

— Você não é enfermeira.

Ela balançou a mão, dispensando meu comentário.

— Não formada ou algo do tipo. No entanto, atualmente sou a única outra pessoa de pé neste cômodo, e você está ferido. É a regra geral.

— Não tenho certeza se é assim que funciona.

Ela estalou a língua de forma espetacular contra os dentes.

— Odeio ter que dizer isso, mas, por aqui, essa é a lei. Sou a enfermeira quando as pessoas se machucam. A segurança quando as brigas começam. A chef quando as pessoas precisam comer. A terapeuta quando elas precisam conversar. A motorista quando elas precisam chegar a um trabalho. E apenas um aviso, se de repente aparecesse uma bomba nuclear que precisasse ser desarmada, eu magicamente me tornaria uma engenheira nuclear também. Então, falando como seja-lá-que-profissional-eu-devo-ser-agora, vou pegar um cobertor para cobrir suas partes íntimas, mas você vai tirar essa droga dessa calça.

Não foi assim que imaginei como aquele dia seria quando saí do meu saco de dormir pela manhã. Mas eu tinha de admitir, dentre todos os dias que vivi, uma linda mulher me ordenando a tirar a calça não estava nem perto de ser um dos piores. Em uma dimensão paralela, onde ela não era ela, e eu não seria eu, minha calça estaria no chão junto com a dela na primeira vez que ela me tocou.

Mas aqui? Agora?

— Eu estou bem — resmunguei, parando na porta. Eu estava com a mão na maçaneta quando Cora pegou em meu antebraço.

— Ok, ok. Posso pelo menos te dar uma gaze e uma pomada

antibiótica para não infeccionar? Não posso arriscar que você pegue uma gangrena. Já faz um bom tempo desde que eu precisei ser uma cirurgiã.

Incrédulo, eu olhei para ela por cima do ombro.

— Me diz que você está brincando.

Ela piscou.

— Eu estou brincando. Porém! — Ela ergueu um dedo no ar. — Falo sério sobre a gaze e a pomada.

Eu talvez tenha olhado para sua bunda enquanto ela caminhava até o kit de primeiros socorros que usou para fazer um curativo em nossa vítima do ventilador de teto.

— Mas estou quase sem gaze. Com o que houve com meu nariz e o ombro de Brittany...

O sangue em minhas veias pareceu congelar, então as palavras saíram da minha boca antes que meu cérebro as processasse completamente.

— O que diabos aconteceu com o seu nariz?

— Eu tive um pequeno encontro com...

Dei um longo passo em direção a ela.

— Marcos?

Seus olhos arregalados se voltaram rapidamente para os meus.

— O quê? Não!

Outro passo.

— Dante então?

Ela agarrou a pequena estrela prateada que usava no pescoço.

— Não. Por quê? Eles estão planejando vir aqui?

— Eu não tenho ideia.

Ela piscou algumas vezes, sua mão puxando a estrela para frente e para trás pela corrente como se estivesse tentando iniciar um incêndio.

— Você me contaria se eles viessem?

— Com certeza. Você me diria se eles batessem em você de novo?

Seu rosto empalideceu, e o movimento em seu pescoço cessou.

— Como você sabe disso?

— Você estava com um machucado no dia em que chegamos aqui. Não foi difícil juntar dois e dois. Se eles voltarem...

— Você não pode fazer nada. — Ela se afastou, diminuindo a distância entre nós. — Se e *quando* eles voltarem, fique fora disso. Ok?

Cruzei os braços sobre o peito.

— Nem pensar.

Ela levantou a mão em direção ao meu antebraço antes de pensar melhor e a deixar cair.

Eu desejei para cacete que ela tivesse prosseguido com o gesto.

Sua voz suavizou.

— Penn, estou falando sério.

— Eu também. Então vamos fazer um acordo. Eu vou te dizer se eu ouvir alguma coisa sobre eles vindo para cá. E, se o fizerem, você vem me procurar. — Inclinei-me para ela. — Imediatamente.

Seus olhos procuraram os meus, descrença enrugando os cantos.

— Por que você se importa?

Porque você tem as respostas para acabar com minha existência infeliz de uma vez por todas.

E porque nenhuma mulher merece viver com medo, especialmente você.

— Porque, sim. — Estendi a mão em sua direção. — Agora me diga que temos um acordo.

A confusão em seu rosto me matou. Jesus, esta mulher estava tão perdida, que não conseguia entender por que alguém iria querer protegê-la.

Mas eu quis — ferozmente.

Eu estendi mais a mão.

— Diga.

Ela inclinou a cabeça para o lado e me olhou com cautela.

— Não até você me dizer por que você se importa.

Eu queria contar para ela. Ela merecia pelo menos isso. Mas nenhum de nós estava pronto para aquele assunto pernicioso.

Então eu disse a ela uma verdade diferente.

— O mundo é um lugar ruim, Cora. Tem mais pecadores do que santos. Mais ódio do que amor. Mais caos do que bondade. E isso não acontece porque o mundo está cheio de pessoas más. É porque as boas ficam em silêncio. — Seu corpo incrível estremeceu de surpresa.

— É por isso que você se senta do lado de fora da minha porta? — Ela levou uma mão trêmula à boca. — Você está tentando... me *proteger*?

— Eu não vou ficar em silêncio. Eu não vou fechar os olhos. E não vou ficar de fora disso. Nenhum homem deve colocar as mãos em você. Por favor, me diga que você sabe disso.

Sua respiração ficou presa na garganta.

— Quem é você?

— Eu não tenho a menor ideia.

Ela sustentou meu olhar inabalável.

Eu imitei seu gesto, fazendo promessas silenciosas que rezei para ser capaz de manter.

Depois de vários segundos, endireitou os ombros, acertou a postura, pegou em minha mão, me olhou diretamente nos olhos e mentiu:

— Acho que gostava mais quando você estava me evitando.

— Mentira.

— Ok, ok, tudo bem. Temos um acordo.

Ela deu um puxão forte na minha mão, me puxando para mais perto. Não que eu tenha resistido nem nada.

— Sob uma condição: você aceita meu convite para jantar desta vez, para que eu possa agradecer adequadamente por ter limpado o apartamento de Angela.

Ela teve sorte de eu ter só limpado. Meu desejo era tacar fogo no prédio todo. Se não estivesse cheio de mulheres dormindo, eu teria feito exatamente isso.

— Não foi nada.

— Tá. Então pode ser um jantar de agradecimento-por-nada. E pelo amor de tudo quanto é mais sagrado, traga o Drew. Acho que a única coisa que pode neutralizar o formaldeído que ele ingeriu naqueles cachorros-quentes nojentos do café da manhã é, tipo,

brócolis ou cenouras ou... Merda, eu vou ter que apelar. O que você acha de comer couve-de-bruxelas? — Ela fez uma pausa, seu olhar se voltando para minha boca. — Merda, você está sorrindo de novo.

Eu estava. E irradiava por todo o meu corpo.

Apontei para minha boca.

— Isso aqui? Não. É um problema de saúde que surge de vez em quando. Tenho certeza de que você aprendeu sobre isso na escola de enfermagem.

Ela riu, e eu senti isso também, lá no fundo, em lugares que eu tinha esquecido há muito tempo. Lugares onde ela não deveria estar.

— Então isso significa que você aceitou o jantar? — Ela olhou para mim, batendo os cílios e sorrindo abertamente.

Alarmes gritavam na minha cabeça, o medo plantava raízes no meu estômago.

Era errado encostar nela. Roubar seu calor quando eu nunca seria capaz de oferecer calor humano em troca — não de verdade. Mas eu não conseguia me conter. Encontrando a curva de seus quadris, eu a puxei, até que ela trombou contra meus braços.

Eu não podia ver seu rosto, mas seu corpo derreteu contra mim como se eu fosse a personificação de uma oração sua.

Caso eu acreditasse em Deus.

— Eu vou estar lá, Cora — eu sussurrei acima de sua cabeça.



CAPÍTULO 14

Cora

— Por favor, diz que a gente não precisa comer isso — Savannah reclamou, levando a salada de espinafre para a mesa.

Dei um gole na cerveja e coloquei a garrafa no balcão, ao lado da frigideira escaldante de hambúrgueres de peru caseiros.

— Verduras e legumes não são seus inimigos. Seu metabolismo aos trinta anos vai me agradecer por ensinar isso a você.

River apareceu, pegando um pedaço de bacon de um prato e colocando na boca.

— O bacon não estraga o propósito de fazer hambúrgueres de peru?

— Provavelmente. Mas eu gosto de pensar que uma coisa cancela a outra.

Mastigando outra tira, ela apoiou o quadril contra o balcão e me deu uma olhada.

— Você está bonita hoje.

Torcendo os lábios, eu dei a ela um olhar de lado.

— Estou de jeans e blusa. Praticamente meu uniforme.

— Nããão — ela falou lentamente. — É um jeans que foi passado, e é uma blusa de seda com alças finas. E você está de sandálias e... — Ela estendeu a mão e passou os dedos no meu brinco de prata. — Bijuterias.

Eu afastei a mão dela.

— Vamos ter visitas.

Ela me lançou um olhar de quem-você-está-tentado-enganar.

— Penn vai aparecer dessa vez?

Desviei o olhar para esconder meu sorriso.

— Ele disse que sim.

— Ah, então ele finalmente voltou a falar com você? Torna toda a coisa de ficar obcecada por ele muito mais fácil.

Virei-me para encará-la, mantendo a espátula pairando sobre a panela.

— Eu não estou obcecada por ele.

— Pfff. — Ela revirou os olhos com tanta força, que eu pensei que eles iriam rolar para fora de sua cabeça. — Acho que Drew deve ser o único no prédio que não percebe que você está obcecada por Penn.

Minha boca se abriu.

— O quê?

Savannah veio até nós duas e parou atrás de River, estendendo a mão por cima do ombro dela para pegar um pedaço de bacon.

— Ah, qual é, Cora. Não se faça de boba. Drew está de quatro por você. — Ela deu uma mordida e continuou falando de boca cheia. — O único problema é que você está de quatro pelo irmão dele. Taraaan. — Ela sorriu e terminou de mastigar.

— Ok, mas primeiro...

— Verdade ou mentira? — River interrompeu.

Minha boca se fechou. Estávamos jogando esse jogo há anos. Foi ao mesmo tempo a melhor e a pior ideia que já tive.

Por um lado, nos deu uma maneira de nos comunicar sobre as coisas difíceis. Por outro, nos deu uma maneira de esconder as coisas ainda mais difíceis.

Em nossas vidas, as mentiras às vezes eram necessárias. Elas eram apenas crianças; não precisavam saber de todos os horrores que aconteciam diariamente. Nosso joguinho tornou as conversas um território seguro para nós. Se você dissesse a alguém que estava mentindo, era realmente uma mentira?

Eu engoli em seco.

— O que você quer saber?

— A verdade.

Eu respirei fundo.

— Eu não diria que estou obcecada por Penn. Mas... eu tenho certos... bem, sentimentos quanto a ele que... Tá bom. Ele... despertou meu interesse.

Savannah pegou outro pedaço de bacon.

— É porque ele é gostoso.

Eu me virei para o fogão, vendo o sorriso de River.

— Não. É porque ele é legal.

River deu uma risada.

— E gostoso.

— Ei! Você não tem idade suficiente para chamar alguém de gostoso. A menos que seja um garoto de doze anos da escola que tira notas máximas e tem planos de se tornar um padre, mas por acaso tem uma poupança gigante, mas precisa de uma esposa para conseguir pegar a herança quando fizer vinte e um anos.

— Vejo que você dedicou um tempo pensando nessa história — ela zombou e passou por mim para a despensa. — E eu tenho treze anos, Cora.

— Sim, mas eu gostava mais de você quando tinha doze.

Ela riu.

— Temos biscoitos?

— Você sabe que eu não compro esse tipo de porcaria.

Savannah assumiu a posição de River e encostou o quadril no balcão.

— Isso é verdade ou mentira?

Veja, era em momentos como esses — quando meus preciosos doces estavam em perigo — que nosso pequeno jogo saía pela culatra. Mas esse era o lance sobre os jogos: quando você os inventa, tinha de fazer todas as regras.

— Ei, ei, ei. Você precisa tirar boas notas antes de poder jogar. — Eu arqueei a sobrancelha. — Eu vi aquele C na sua mochila.

Ela desviou o olhar timidamente.

— Não sou boa em matemática.

— Isso é um papinho furado, e você sabe disso.

Ela abriu a boca para protestar, mas uma batida na porta nos silenciou.

Meu estômago se agitou enquanto eu olhava para a porta trancada. Ele era pontual.

— Você quer que eu atenda? — Savannah sussurrou.

— Não — sussurrei de volta, mas continuei olhando para a porta.

River caminhou pela pequena cozinha com um saco dos meus biscoitos de chocolate na mão.

— Beleza. Olha você totalmente não obcecada.

Eu me estiquei, peguei os biscoitos de sua mão e os joguei no balcão.

— Juro por Deus, se vocês me envergonharem na frente de Penn, vou lavar todas as suas roupas brancas junto de meias vermelhas. Entenderam?

Elas se entreolharam e sorriram. Savannah fez um movimento de zíper na boca.

Respirando fundo em uma tentativa de me acalmar, que coincidentemente não acalmou nada, alisei a blusa e dei uma rápida ajeitada no meu cabelo. Eu estava sendo uma boba. Era só uma visita do Drew e Penn. Eles apareceram no meu apartamento todos os dias por duas semanas. Aquilo não seria diferente.

Só que, quando abri a porta e encontrei Penn completamente sozinho, vestindo uma camisa azul-claro que deixava seus olhos tão vivos, que pareciam brilhar, as mangas arregaçadas até os cotovelos, exibindo braços grossos cobertos por tatuagens que seguravam um engradado de cervejas e uma lata de brownies, eu soube que não estava exagerando.

Eu estava era pegando muito, muito leve.

— O... onde está o Drew?

Suas sobrelanceiras se juntaram.

— Não pôde vir. Tudo bem?

— Sim, claro! — eu exclamei, alto demais.

E nós ficamos parados. Eu como uma estátua. Ele esperando para ser convidado a entrar, mas é aquilo, né? Eu era uma estátua, então...

Durante o silêncio constrangedor, seu olhar desceu da minha cabeça aos dedos dos pés e depois voltou. E como se ele tivesse estendido a mão e me tocado, eu senti seu gesto dos meus mamilos aos dedos dos pés — e em todos os lugares entre eles. Calafrios surgiram em minha pele, e a boca ficou seca, me deixando incapaz de falar. Não que eu tivesse o que falar. Uma combinação louca de ansiedade, medo, excitação e talvez até um toque de desejo floresceu dentro de mim enquanto eu continuava a olhar para o belo homem

parado na minha porta.

— Ei, Penn — River disse com a voz aguda, se esgueirando ao meu lado, sem dúvida vindo em meu socorro. E Deus a abençoe, porque eu realmente precisava disso. — Entra — disse, me tirando da frente dele.

Eu oscilei em minhas sandálias enquanto me arrastava para o lado.

Penn inclinou o queixo em gratidão enquanto entrava.

— Percebi que você gostava de chocolate outro dia, então comprei isso no mercado.

— Perfeito. Ela adora chocolate — disse Savannah, puxando a retaguarda na missão Resgate Cora. — Boa escolha de cerveja também. — Ela piscou, pegando os dois de suas mãos e levando-os para a cozinha.

Ok, eu estava agindo como uma insana. Eu o convidei para jantar. Ele estava se afogando. Ele me sentiu. Ele estava pulando noites de sono sentado do lado de fora da minha porta e me protegendo do inevitável.

Além disso, eu o senti. Penn causou faíscas dentro de mim. E segundo ele, eu corria o risco de me queimar.

Era isso que deveria acontecer!

Mas ele estava trazendo brownies e cerveja para me presentear como se realmente tivesse lido minha alma, e tinha se vestido como se estivesse tentando me impressionar.

— Por que você tá parada assim? — River sibilou em meu ouvido.

— Por que ele está vestido assim? — sibilei de volta, observando-o enquanto ele seguia Savannah em direção à cozinha. O que, dado o tamanho do meu apartamento, não era longe.

River franziu os lábios, e então se virou para olhar para ele, oferecendo-lhe um sorriso constrangido quando Penn a pegou no flagra.

— Ele está de jeans e camisa.

— Sim, mas é uma bela camisa. Ele sempre usa camisetas brancas comuns.

— E?

— E parece que ele vai ter um encontro.

Ela se inclinou para me olhar nos olhos e sussurrou:

— Ahn... ele *está* tendo um encontro. *Com você*. Então para de agir como uma doida antes que ele se mande.

Ah, merda!

River balançou a cabeça como se eu fosse doida. E quanto mais eu ficava parada, mais eu achava que ela poderia estar certa.

— Eu não tenho um encontro de verdade há cem anos.

Ela deu um tapa no meu braço.

— Bem, então você envelheceu bem, vovó.

Eu fiz cara feia para ela.

De repente, Penn limpou a garganta.

— Tá tudo bem?

Olhei para cima, encontrando em seu rosto bonito uma dose saudável de preocupação — e diversão.

Droga! Savannah tinha razão. Penn era incrivelmente gostoso. Não era exatamente uma novidade, mas vale a pena comentar.

Trocando a histeria por um toque de aborrecimento, eu retruquei:

— É falta de educação ouvir a conversa dos outros, Penn.

Ele abriu um sorriso todo sexy e torto.

— Você está a um metro de distância. É difícil *não* ouvir.

Cacete! Ele tinha um bom argumento.

— Certo. — Passei os dedos pelos fios do meu cabelo, parando antes de embarçar tudo. — Eu vou... terminar os hambúrgueres. — Finalmente me lembrando de como andar, comecei a passar por ele.

Mas Penn gentilmente pegou em meu braço. Curvando-se, ele aproximou os lábios da minha orelha e disse:

— Relaxe. Se você não quer que isso seja um encontro, não vai ser um encontro. — Então sua voz ficou rouca quando ele terminou: — Mas caso você mude de ideia, não vai me ouvir reclamar.

Meus pulmões pararam de funcionar enquanto eu inclinava a cabeça para ver seu rosto. Ele não estava mais sorrindo, seu olhar quente se fixou no meu como um míssil encontrando seu alvo.

— Ok? — ele me pressionou.

Hipnotizada, balancei a cabeça uma quantidade embaraçosa de

vezes antes de voltar a respirar.

— Ok.

Soltando meu braço, Penn inspirou profundamente pelo nariz.

— O cheiro está ótimo. Estou morrendo de fome.

Ele sorriu para mim, tranquilo, calmo e sedutor, como se ele e Drew tivessem tentado uma troca de personalidade tipo Sexta-Feira Muito Louca antes de vir para cá.

Olhando para sua boca, perguntei:

— Esse teu problema de saúde está piorando de novo?

Seu sorriso cresceu.

— Parece ser muito frequente quando estou perto de você.

Deus. Olha. Esse. Homem.

— Então eu ouvi falar que vai ter hambúrguer? — ele perguntou.

— Hambúrgueres de peru, na verdade.

— Ah — ele disse, soando um pouco decepcionado.

— Com bacon — eu emendei.

Esse acréscimo me rendeu um “aaah” muito mais otimista. Pelo menos ele tinha bom gosto.

E, com isso, me orientei e me concentrei no jantar — mas só para não ter de admitir que estava cem por cento, total, absurda e absolutamente obcecada por Penn Walker. Novamente aquilo não era uma novidade e, desta vez, talvez nem valha a pena comentar.

Durante o jantar, nós relaxamos. Penn não era de falar tanto quanto o irmão, mas ele ainda estava mais tagarela do que nunca. Seus olhos não desviavam de mim, nem mesmo quando as garotas fizeram um interrogatório no estilo conhecer os pais.

Ele tinha trinta e sete. (Isso eu sabia.)

Cresceu na Flórida. (Isso eu não sabia.)

As tatuagens em seus braços e mãos não desciam por seu corpo, e ele não tinha piercings. (Obrigada, Savannah.)

Ele adorava futebol americano — principalmente profissional, em vez de universitário. (Eu não tinha interesse em nenhum dos dois.)

E ele se fechou completamente por uns bons cinco minutos depois que River perguntou se ele já havia se casado. (Interessante! Apesar de

seu silêncio meio que responder à pergunta indiscreta sobre a Lisa.)

Parecendo muito com o Drew, ele comeu uma tonelada de comida. Dois hambúrgueres de peru com bacon, duas batatas-doces inteiras com manteiga e canela e mais da metade da salada de espinafre, então não houve comida a ser guardada para depois. Quando Penn se recostou na cadeira, com uma expressão satisfeita em seus lábios, meu único arrependimento foi não cozinhar mais.

— Não me lembro da última vez que comi tão bem. Obrigado.

— Fico feliz que tenha gostado — murmurei, limpando a boca antes de descartar meu guardanapo no prato.

— Verdade ou mentira — River anunciou do nada, com os olhos sombrios e o sorriso perverso pousando em mim. — Se eu e Savannah dermos a vocês um pouco de privacidade pelo resto da noite, vocês vão nos dispensar de lavar a louça?

— É uma boa — Penn respondeu por mim. — Vocês, senhoras, cozinham. Eu cuido da limpeza.

— Não precisa. — Levantei para detê-lo, mas Penn já estava de pé, recolhendo os pratos. — Pen, sério. Esta noite foi minha maneira de agradecer. A você.

— Tudo bem. Eu entendi. — Ele piscou antes de acrescentar: — Não seria um encontro se eu te deixasse fazer tudo.

As meninas começaram a rir, e eu lancei um olhar que provavelmente deixou marcas em suas costas. Embora, infelizmente, não tenha feito a menor diferença para as duas. Savannah ainda teve a audácia de erguer várias vezes as sobancelhas.

Senhor, criar adolescentes era o mesmo que estar no segundo ciclo do inferno.

Penn continuou juntando pratos e copos enquanto as meninas fugiam pelo corredor. A porta delas se fechou, e ouvimos o clique e os barulhos das fechaduras e trancas.

— Desculpa por isso.

Ele passou por mim para dar mais um trato na mesa.

— Não se desculpe. Elas parecem ser boas meninas.

— Boas talvez seja um exagero. Mas “meninas” é bem preciso.

Ele riu, com quatro copos nas mãos grandes.

Parei na beirada da cozinha sem entrar, o espaço de repente parecendo pequeno demais para nós dois.

— Verdade ou mentira? — ele perguntou, depositando os pratos na pia.

— Mentira — respondi instintivamente, com muito medo do que ele ia perguntar.

Ele virou a cabeça na minha direção, a boca se dividindo lindamente. Deus, eu adorava quando ele sorria.

— Não, eu estava perguntando o que significa... Verdade ou mentira? River disse isso.

— Ah! — Por hábito, brinquei com a estrela em meu pescoço. — É um jogo nosso.

— Você quer me ensinar?

Havia apenas uma resposta.

— Mentira. E sim.

Sua boca se abriu.

— Então era isso o lance de dizer “mentira”, de quando eu pedi para você ficar longe de mim.

— Mentira. Não faço ideia do que você está falando.

Ele riu.

— Agora você tem que me dizer.

— Não. Não preciso.

Amaldiçoando minha sorte, peguei o cesto de roupa suja do chão e o coloquei no balcão.

— Coloca os pratos aqui. Vou levá-los para o primeiro andar e lavá-los de manhã. Sem água, lembra?

Seu belo rosto se contorceu em um pedido de desculpas.

— Merda. Desculpa.

— Não é sua culpa. — Deslizei a cesta em sua direção. — A última vez que verifiquei, você não enferrujou meus canos com uma varinha mágica.

— Não. Mas eu vou fazer tudo funcionar de novo esta semana. Prometo.

— Sem pressa.

— Cora, olhe para mim.

Meu olhar se voltou para o dele, e então meu corpo ficou tenso.

Penn estava a apenas alguns passos de distância, mas quando se aproximou, não havia dúvida quanto ao modo como me olhava.

— Eu vou cuidar disso.

— Ok. — Eu respirei fundo quando ele parou, seu grande peito preenchendo meu campo de visão. Eu não tive escolha a não ser inclinar a cabeça para trás a fim de olhar seu rosto.

Assim como ele fez tantas vezes, suas mãos encontraram meus quadris.

E, como sempre fez, isso me incendiou.

— Vou cuidar de muitas coisas daqui para frente. Você só precisa confiar em mim.

Incapaz de me conter, apoiei as mãos em seus bíceps firmes e me aproximei.

— Eu agradeço, mas, Penn, você não tem ideia do que está falando.

Ele procurou meu rosto. Então seu olhar permaneceu na minha boca enquanto ele sussurrava:

— Eu sei o suficiente.

Com um movimento fluido, Penn deslizou a outra mão para a parte inferior das minhas costas, dois dedos deslizando sob a bainha da minha camisa, provocando minha pele.

Uau. Um suspiro suave escapou da minha boca, e um arrepio delicioso passou por mim. Deus, como algo tão simples parecia tão incrível?

— Penn — disse em um suspiro.

Ele me puxou para mais perto ainda, seu corpo encontrando o meu.

— Diga que você me entendeu, Cora.

Na verdade, eu não entendia. Eu nem sabia o que ele estava prometendo tão fielmente. Ou, melhor ainda, por que estava me prometendo isso.

— Você me conhece há pouco mais de uma semana.

— Isso é irrelevante.

— É?

Sua mão alisou minhas costas, aquecendo minha pele – e embaralhando meus pensamentos.

— Vai ficar tudo bem, Cora. De agora em diante, eu juro pela minha vida, que você vai ficar bem.

Eu queria acreditar nele. Esse era o sonho, certo? Um cavaleiro branco cavalgando pela cidade, salvando a donzela em perigo. Mas eu não vivia em um conto de fadas. Eu vivia em um mundo onde pessoas boas morriam, eram presas ou simplesmente desapareciam. E eu não poderia suportar a ideia de adicionar Penn a essa lista. No entanto, eu tinha uma suspeita de que mantê-lo longe também não seria tão fácil.

E, só por isso, olhei-o bem nos olhos e lhe contei uma mentira.

— Eu confio em você.

Ele deu um suspiro audível de alívio, um fantasma de um sorriso puxando seus lábios.

Até que eu adicionei:

— Mas eu preciso que você confie em mim também.

O sorriso desapareceu.

— Cora.

Eu levantei a mão para silenciá-lo.

— Eu estava lá no dia em que você e Drew chegaram aqui. Era óbvio que não havia muito amor fraternal entre vocês dois mais o Marcos e o Dante. Mas o que você não entende é que eu consigo lidar com eles. Eu tenho feito isso por mais da metade da minha vida.

Sua mandíbula ficou rígida, e seus olhos se estreitaram.

— Pois é. Faça as contas. Eu tinha dezesseis anos quando me casei com Nic, Penn. *Dezesseis* quando me tornei uma Guerrero, e dezesseis quando enterrei um Guerrero. Isso não é novidade para mim. Marcos e Dante são uns escrotos terríveis e nojentos. Mas eles não vão me matar. Eles vão, no entanto, *matar você*. Você tem que confiar em *mim* quanto a *isso*.

Seu rosto ficou sombrio.

— Que se foda isso tudo. Manuel...

— Está na cadeia porque sua própria filha o denunciou. E quer

saber de uma coisa? Ele, Dante e Marcos estão a caçando desde então. Portanto, não pense nem por um segundo que os Guerrero não são capazes de matar as pessoas que cruzam seus caminhos. Inimigos, amigos e familiares. Você me entendeu?

Sua mandíbula tremeu quando ele fez uma cara feia. Eu rezei para que eu estivesse realmente conseguindo fazer com que Penn compreendesse. Claramente, porém, eu não estava.

— Onde está a garota? — ele perguntou.

Virei a cabeça rapidamente, surpresa.

— Que garota?

Ele lambeu os lábios e, em seguida, olhou por cima do meu ombro, mas não diminuiu seu aperto cada vez mais forte em mim.

— A garota... a filha de Manuel.

— Catalina?

— Sim. Ela. — Seu olhar se voltou para o meu. — Drew e eu conhecemos algumas pessoas. Poderíamos arrumar alguém para ficar com ela. Para a manter em segurança. É só me dar um endereço.

Um nó de desconforto de repente torceu meu estômago, e os sinos de alarme começaram a soar distante em meus ouvidos.

Antes de Cat testemunhar contra Manuel, éramos próximas. Ela foi a única Guerrero que não me tratou como um desperdício de oxigênio ou um lixo que propositalmente lhes roubou um irmão. Ela acreditou em mim. Não podia fazer muito para me ajudar, considerando que toda a família agia como se ela não passasse de algo imposto também, mas ela tentou. Nic e eu estávamos lá no dia em que sua filha, Isabel, nasceu. Eu abracei Cat enquanto ela chorava na cama de hospital, tentando descobrir como diabos iria manter uma doce menina longe de seus irmãos e seu pai. E imaginei que, dez anos depois, quando ela desapareceu certa noite, finalmente teria descoberto um modo.

Eles nunca pararam de procurá-la. E não porque eles estivessem sentindo falta de sua irmãzinha. Se e quando Catalina fosse encontrada, seria o último dia de sua vida.

Eu era boa em mentir, mas precisei passar um mês inteiro de abusos constantes nas mãos de Marcos e Dante para convencê-los de que eu não tinha ideia de onde ela estava. Sem contar quando fui encurralada pelo pai biológico de Isabel no estacionamento do

supermercado. Ele ficou furioso porque Catalina também o denunciou. Acho que eu era o mais próximo que ele teria de a espancar novamente. Thomas Lyons foi pior do que qualquer um dos Guerrero. Ele não tinha de se esconder da lei. Como promotor público e responsável por prender Manuel, ele *era* a lei.

Era verdade. Eu não sabia para onde Cat tinha ido. Sim, ela entrava em contato comigo com bastante frequência. Sim, nos encontrávamos em um hotel uma vez por ano no aniversário da morte de Nic. Sim, eu financiei sua fuga com dinheiro dos Guerrero bem debaixo de seus narizes. E, sim, eu iria direto para um túmulo se eles descobrissem. Mas se eu também quisesse me libertar dessa vida, precisava de alguém de fora para me ajudar.

Naquele momento, porém, com um homem forte e misterioso olhando para mim, fazendo perguntas sobre uma mulher que não deveria ter sido um pontinho em seu radar, tive um estranho receio de que talvez ela fosse o *único* pontinho em seu radar.

— Eu... eu não tenho ideia de onde Catalina esteja. Até onde eu sei, ela pegou a filha e fugiu logo após o julgamento. Thomas relatou seu desaparecimento anos atrás. Houve alguma cobertura nacional, mas ninguém nunca mais ouviu falar dela.

— Se ela está em perigo, você pode me dizer, Cora. Eu vou cuidar deles, assim como eu vou cuidar de você.

“Assim como eu vou cuidar de você.”

Eu implorei ao universo mais vezes do que poderia contar para que alguém me enviasse uma pessoa que me diria essas palavras. E lá estava ele, lindo, compassivo, gentil — tudo que eu poderia ter desejado — dizendo na minha cara a maior mentira que eu já tinha ouvido.

Parecia um soco no estômago, me deixando sem fôlego.

Eu não deveria ter me surpreendido. Sobrevivi a muitas coisas nas mãos dos Guerrero.

Muita dor.

Muito sofrimento.

Muitas... brigas.

Mas isso? Esse foi um nível totalmente novo de terrorismo emocional.

Empurrando seu peito, eu me esforcei para me libertar.

— Me solta.

Suas mãos penderam instantaneamente.

— Cora?

A bile subiu pela minha garganta, me fazendo engolir para não vomitar. Correndo para fora da cozinha, fui direto até a porta da frente. Com mãos frenéticas, abri cada fechadura que mantinha o mundo do lado de fora — ou, neste caso, me mantinha presa dentro.

Eu apontei um dedo para o corredor do lado de fora e ordenei:

— Vai embora.

— Que diabos...? — ele resmungou, colocando as mãos nos quadris, os músculos definidos de seus antebraços aparecendo.

Claro que eu estava atraída por ele. Os Guerrero o escolheram para mim.

E eu mordi a isca que nem um peixinho.

Deus, eu era um idiota.

Eu mal era capaz de pronunciar as palavras, de tanta emoção represada. Subindo o tom de voz, falei:

— Vai embora. Vai embora. *Vai embora, porra!*

— O que aconteceu? — ele perguntou, sem sair do meu apartamento. — Fala comigo.

Minhas mãos tremiam quando peguei em meu colar.

Eu não ia chorar.

Eu não ia chorar.

Eu não...

Merda. Por que doía tanto?

Ah, claro. Porque eu ousei sonhar que talvez não tivesse perdido o único homem decente que restava no mundo quando Nic morreu.

Eu ousei esperar realmente ter uma conexão genuína com outro ser humano.

Eu ousei sentir, porque quando Penn me tocou, não importa quão casto poderia ter sido, eu não tive alternativa.

E, agora, acabou. Antes mesmo de ter começado.

— Quanto eles estão te pagando? — perguntei.

Suas sobranceiras afundaram.

— Para trabalhar aqui? Duzentos e cinquenta por semana. Aluguel grátis.

Cruzei os braços sobre o peito para esconder os tremores.

— E se eu der alguma informação sobre Cat, quanto você vai receber?

Seus olhos escureceram, e seu corpo já grande cresceu a ponto de ficar assustador, mas eu enfrentei homens muito maiores do que Penn. E mesmo achando que eu não sairia ilesa dessa conversa, ao menos viva eu sairia.

— Quanto? — eu explodi.

Ele ergueu as mãos em rendição.

— Eu não tenho ideia do que você está me acusando agora.

— Mentiroso! — gritei, minha voz traidora falhando no final. — Eu não sei onde Catalina está, ok? Vai embora. Corra de volta para Manuel e conta para ele. E pega seu irmão e saia do meu prédio. — Respirei fundo, mas, de acordo com meus pulmões queimando, não havia mais oxigênio naquela sala.

E então uma coisa muito estranha aconteceu. Seu rosto suavizou. Seus olhos se iluminaram. E todo o seu corpo relaxou.

Dando um passo cauteloso em minha direção, ele manteve a voz baixa quando disse:

— Você entendeu tudo errado. Escuta. Eu não conheci o Manuel. Com certeza não estou aqui para passar informações a ele.

Eu era uma espécie de especialista em mentiras, e Deus que me perdoe, mas parecia que ele estava dizendo a verdade. Mas meu instinto estava todo errado havia mais de uma semana.

— Até parece.

Ele deu outro passo em minha direção. Quando eu instintivamente recuei, ele parou de andar. Minhas costas trombaram contra o batente da porta, mas eu contive um estremecimento.

— Eu não vou tocar em você. — Ele abaixou a mão. — Eu só quero conversar.

Eu balancei a cabeça e sussurrei:

— Por favor, vá embora.

Ele cruzou as mãos, como se fosse fazer uma oração, e as levou à altura da boca.

— Não estou aqui por causa do Manuel. Eu só ofereci ajuda porque você me disse que ela é uma mãe fugindo de uma família fodida. Você não sabe muita coisa sobre mim, mas eu tenho algumas opiniões muito fortes sobre um homem que bota as mãos em uma mulher. É por isso que estou tão empenhado em garantir que Marcos e Dante fiquem longe de você. E é a razão pela qual eu estaria disposto a arriscar meu rabo por essa garota, Catalina, que eu nunca conheci. Apenas para, respira fundo e pensa um pouco. Passei a última semana tentando fazer você ficar longe de mim, não te pressionando para conseguir alguma informação. Isso não faz sentido.

Pisquei, todas as engrenagens da minha cabeça girando em direções diferentes. Deus, por que parecia que ele estava me dizendo a verdade? Nem um breve lampejo de decepção aparecia em seu rosto.

Ou talvez eu simplesmente não conseguisse ver. A esperança poderia cegar o mais forte dos radares.

— Por que você está aqui então?

— No momento? Porque uma linda mulher me convidou para jantar.

— E há uma semana? Hm? Não me vem com esse papinho. Você poderia estar trabalhando em outro lugar melhor, não tem uma ficha suja e diz que não deve nada à família Guerrero. Então me explique o que diabos você está fazendo aqui.

Seus olhos brilharam, e ele balançou a cabeça.

— Cora, não faça isso.

— Foi uma pergunta simples. — Eu me inclinei, nos aproximando, mas sem sair do lugar, e perguntei: — Por que... você... está... aqui?

O ar no cômodo ficou gelado, e seu rosto se encheu de pavor.

— Não me obrigue a fazer isso.

— Eu não estou te obrigando a fazer nada. Se você não quer me explicar por que eu deveria acreditar em qualquer palavra que saia da sua boca, então terminamos essa conversa aqui mesmo.

Eu o encarei.

Desafiando-o a mentir.

Implorando-lhe para dizer a verdade.

Rezando para que Penn não fosse o tipo de homem que eu temia.

E esperando, para além de qualquer pensamento racional, que ele fosse o tipo de homem que eu precisava desesperadamente que ele fosse.

Foi essa parte de mim que sussurrou:

— Por favor, Penn.

Seu corpo inteiro estremeceu, sua testa se enrugou enquanto ele balançava a cabeça de um lado para o outro antes de olhar para o chão. Seus ombros poderosos se curvaram para frente, e ele passou a mão no cabelo castanho curto.

E então Penn me contou uma verdade que eu jamais queria ter ouvido.

— Eu a vi morrer — ele retumbou. Sua cabeça se ergueu, o olhar tão pesado quanto no dia em que o conheci, mas não estava mais vazio. Seus olhos estavam repletos até a borda de todas as emoções possíveis, e cada uma delas estava me atingindo até o âmago. — Lisa. Minha esposa. Eu a vi morrer.

Meus pulmões pararam, e minha mão subiu para cobrir minha boca. Eu tinha minhas suspeitas, mas a confirmação ainda parecia um ponto cego.

— Ela era uma jornalista freelancer, estava a trabalho. Eu uso o termo “freelancer” por usar mesmo. Ela realmente adorava viajar e conhecer novas pessoas. Sério, passamos a maior parte do nosso casamento via Skype ou FaceTime. Eu pedi a ela que largasse o trabalho um milhão de vezes, mas ela não podia. A aventura da carreira fazia parte dela. — Penn quase sorriu com a memória, até que ela o devorou. Suas mãos começaram a tremer, como se as emoções estivessem procurando uma forma de sair, frenéticas, para encontrar uma brecha. — Estávamos conversando em uma chamada de vídeo quando... — Ele fez uma pausa para limpar a garganta. — Eu assisti dois homens invadirem seu quarto de hotel e cortarem sua garganta, mas não antes de passarem vinte e nove minutos batendo nela e a esfaqueando como se fosse uma brincadeira doentia. — Um rosnado raivoso contorceu seu rosto, mas a raiva estava voltada para dentro de

si. — E eu não pude fazer nada para detê-los.

— A gota d'água para apagar o fogo... — eu disse, resfolegando, o peito dolorido, quando me lembrei de suas palavras naquela noite no corredor.

Ele assentiu.

— Se eu pudesse ter chegado até ela, poderia tê-la salvado, Cora. Eu estava muito longe. Ela estava implorando por ajuda. Chorando, implorando, engasgando com sangue, e eu nem sabia em que hotel ela estava. Que tipo de marido não sabe onde sua esposa vai passar a noite? Se eu tivesse feito uma pergunta, eu teria impedido tudo aquilo. Eu estava com ela no celular enquanto falava pelo telefone fixo, dando à polícia as pequenas informações que eu podia ver no quarto. Demorou trinta minutos para que eles pudessem encontrá-la. Mas foi aquele maldito minuto que fez com que eles chegassem tarde demais, e é isso que me assombra. — Ele enfiou um dedo em seu peito com violência. — E isso é culpa minha. Para o resto da minha vida. Essa falha é toda *minha*.

Estendi a mão como se pudesse realizar a tarefa impossível de acalmar a dor em seu coração. Eu conhecia esse sentimento. O desamparo. A raiva. O sofrimento. Lembrei claramente do dia em que vi meu marido dar seu último suspiro, crivado de balas, esparramado em cima de mim, suas últimas palavras voltadas para saber se eu estava bem. Mesmo à beira da morte, sua prioridade era minha segurança.

Pegando minha mão, Penn me puxou para perto e apoiou minha palma sobre seu peito antes de botar a mão sobre a minha.

— É por isso que estou aqui, Cora. Passei quatro anos tentando superar as memórias daquela noite. E quando Drew saiu da prisão, aproveitei a oportunidade para começar de novo. — Ele se inclinou para mim, pressionando minha mão com força contra o peito como se pudesse me fazer sentir a verdade em sua confissão.

Até certo ponto, funcionou; o ritmo de seu coração não podia ser falsificado. Era o mesmo *staccato* que retumbava sob minhas costelas todas as noites enquanto os olhos escuros e mortos de Nic piscavam por trás de minhas pálpebras a cada piscada.

— Eles pegaram os caras? — eu sussurrei.

Penn assentiu.

— Os policiais os mataram.

— Que bom.

Ficamos em silêncio, seu coração gradualmente desacelerando junto com meus medos. Fazia sentido. Eu teria feito qualquer coisa para recomeçar minha vida depois de perder Nic. Eu tentei, mas fui arrastada de volta para as profundezas do inferno. E então eu tentei novamente.

E de novo.

E de novo.

E de novo.

Cada vez terminando em uma variação diferente da primeira.

E então parei de tentar — e fiz um plano.

— Eu perdi meu marido também — admiti por algum motivo ridículo. No entanto, no momento, não parecia nada ridículo.

Nós dois compartilhamos experiências diferentes, mas tragicamente semelhantes, que poucas pessoas conseguiam entender. E fomos forçados a carregá-las, como uma mochila de duzentos quilos nos mantendo presos à Terra com muito mais força do que a feita pela gravidade. De repente, o peso em seus olhos fez sentido. Era o mesmo fardo que se instalou no meu peito.

Eu entendia Penn de maneiras que não queria entender. E, de repente, pela primeira vez desde que Nic morreu, eu queria que alguém me entendesse também.

— Estávamos andando pela rua quando ele foi baleado. Deus, Pen. Tinha sangue por toda parte, me cobrindo da cabeça aos pés, entrando nas rachaduras da calçada. Ele perguntou se eu estava bem, e então... morreu bem em cima de mim. Mas foi a minha vida que acabou naquela calçada também. Nada nunca mais foi o mesmo depois disso.

— Jesus, Cora — ele ofegou, deslizando os braços em volta da minha cintura e me puxando contra a curva de seu corpo grande.

Ele estava oferecendo conforto em seus braços, e eu estava aceitando sem questionar.

— De certa forma, Nic me salvou duas vezes. Meu pai era um louco religioso. Ênfase no “louco”. No que lhe dizia respeito, meu único lugar na vida era a cozinha, servindo ao Senhor e a qualquer

homem que me aceitasse. Enquanto isso, desde que atingi idade suficiente para conseguir olhar pela janela, eu queria ver o mundo. — Eu ri com tristeza. — Eu queria ser famosa, ter muito dinheiro e viajar o mundo todo. Eu tinha certeza que isso aconteceria. Em vez disso, encontrei uma estrela guia em Nic e depois caí em um buraco negro ainda maior do que meu pai jamais poderia ter criado. Toda a família Guerrero tentou nos impedir de casar. Nós éramos crianças. Dezesseis e dezoito. Mas não havia como discutir com Nic quando ele estava com a cabeça fixa em alguma coisa. E, por alguma razão, desde o dia em que nos conhecemos, ele ficou fixo em mim, uma garota problemática fugindo de tudo e que contava com ele para tudo.

— É por isso que você pegou a Savannah? — Penn sussurrou, esfregando minhas costas. — Ela faz você se lembrar de si nessa idade?

Lutando contra as lágrimas, virei a cabeça e encostei a lateral do rosto contra seu peito para que ele não pudesse ver meus olhos.

— Sim. E River também. Mais alguns anos, e essa criança vai me mandar para um quarto acolchoado, eu sei disso.

— É por isso que você cuida de todas as meninas daqui.

Dei de ombros.

— Alguém precisa fazer isso.

— Que merda, Cora. — Ele apoiou o queixo no alto da minha cabeça. — Então Nic cuidou de você, e ele se foi.

— Basicamente isso. Eu tenho estado sozinha há muito tempo. E então você... Essa coisa... Você não me conhece, e, tecnicamente, eu não conheço você, mas ficar assim, parada enquanto você me abraça, ter alguém me protegendo... Bem, é mais do que eu tive em mais de treze anos.

Penn me apertou com mais força, e eu pensei ter sentido seus lábios em minha cabeça, fazendo com que uma calmaria se apossasse de mim.

Essa parte de mim poucos conheciam. Eu a mantive escondida. Era mais seguro assim. Mas contar a Penn não me trouxe a sensação de que estava me expondo.

Com ele, esses eventos não pareciam segredos.

— É estúpido. Eu sei. E me desculpe, eu tenho pressionado você

para que algo aconteça entre nós. Mas eu precisava disso. Seja lá o que isso for. Por quanto tempo durar. Eu precisava disso. — Minha voz falhou no final.

— Shhhh... Talvez eu precisasse ser pressionado.

Não havia como negar que seus lábios estavam encostados no alto da minha cabeça. Eu teria percebido mesmo se não estivesse toda arrepiada.

— E, Cora, estar com você não é exatamente uma tortura. Então não precisa pedir desculpas, ok?

Eu realmente tinha razão sobre Penn. Ele era um cara muito bom.

Penn respirou fundo.

— No entanto, correndo o risco de te irritar novamente, quero ser honesto e te contar que já sabia sobre Nic. Drew me contou.

Eu me transformei em pedra em seus braços.

Certo. Sem dúvida, Manuel tinha divagado por horas sobre o diabo que eu era e a maldição que eu trouxe para sua família.

Endireitando-me, tentei me livrar de seu abraço, mas Penn não se mexeu.

— É só dizer, Cora, e eu solto você, mas eu realmente gostaria que você não pedisse isso.

Eu fiquei imóvel, sentindo meu coração doendo.

— Ele disse a Drew que foi minha culpa? Nic ter morrido?

Ele balançou a cabeça, a barba por fazer arranhando minha bochecha.

— Eu não sei o que Manuel disse a Drew sobre o assunto. Mas te juro, depois de conhecer Marcos e Dante, nenhum de nós acha que um Guerrero morreu por sua culpa.

Ele não estava errado sobre isso. Porém...

— Nic não era como eles. Ele era um cara muito bom. Um dos melhores.

— E sabendo que ele era *seu homem*, nenhum de nós duvidaria disso também.

Deus, por que aquilo era tão bom? Alguém pensar algo bom de mim em vez de pensar o pior.

Eu me derreti mais profundamente em seus braços.

— Você limpou o apartamento de Angela porque sabia do que havia acontecido com o Nic?

Ele suspirou, e seus braços afrouxaram por uma fração de segundo.

— Em parte. Arrancar o carpete foi um gesto completamente egoísta. Eu não poderia viver em um prédio sabendo que havia manchas de sangue. Era muito parecido com... É. Enfim. Colocar o linóleo e se livrar do sofá foi por você. Eu não conhecia aquela mulher, mas você conhecia. E eu não queria que você precisasse ir até lá e encarar toda a despedida de novo.

Um soluço silencioso reverberou em meu peito.

— Obrigada. De verdade. Não tenho certeza se hambúrgueres de peru com bacon e gritar para que você sair do meu apartamento tenham sido a maneira apropriada de dizer isso, mas... obrigada.

Penn se inclinou para me dar um sorriso fraco e então encostou a testa na minha.

— Eu não gosto de falar sobre Lisa, mas se você quiser falar sobre seu homem, eu vou ouvir.

Que ótimo. Eu tinha sido uma idiota, e ele estava sendo doce e compreensivo. A culpa azedou no meu estômago.

— Desculpe por ter te acusado de trabalhar para Manuel.

Seu nariz roçou no meu.

— Desculpe por ter dado a você motivos para pensar que eu estava. Mas eu juro a você, não tenho sentimentos afetuosos ou senso de obrigação em relação a *nenhum* Guerrero. — Ele fez uma pausa. — Com exceção da minha atual companhia. Porque, mesmo que ela seja teimosa para cacete e tenha se recusado a deixar esse lance rolar entre nós, acontece que eu tenho alguns sentimentos carinhosos por ela.

Minhas bochechas se aqueceram, e eu mordi o lábio.

Penn gemeu.

— Jesus, você é adorável para caralho.

Eu preferiria deslumbrante, irresistível ou sexy. Mas, vindo de Penn, eu aceitaria “adorável” a qualquer momento.

— Então, verdade ou mentira? — eu soltei.

Sua boca se esticou, obviamente entendendo minha mudança de assunto.

— Você vai explicar agora?

— É um jogo que inventei para poder contar mentiras.

— Ah, bem, isso é reconfortante.

Revirando os olhos — e provavelmente sorrindo — aproveitei nosso abraço interminável e passei os dedos de seus bíceps até os ombros.

— Se alguém fizer uma pergunta e você não quiser responder, pode mentir, mas tem que anunciar que é mentira. Dessa forma, você não rompe a confiança e não há ressentimentos, mas a verdade permanece em segredo.

Sua mão alisou minhas costas, parando entre as omoplatas.

— Faz sentido.

— Você também pode pedir uma mentira se não estiver pronto ou não quiser ouvir alguma coisa.

— E se eu quiser a verdade?

Dei de ombros.

— Bem, você pode pedir. Mas não tenho obrigação de dizer a verdade para você. Esse é o propósito do jogo. Então, verdade ou mentira? Qual deles você quer?

Seu sorriso murchou.

— De você? Eu sempre quero a verdade. Você não tem que se esconder comigo, Cora. Eu não sou alguém de quem você precisa se proteger.

Minha respiração ficou presa na garganta. Meu Jesus amado. Penn não tinha permissão para dizer coisas assim. Porque eu gostava de as ouvir. E muito.

Limpei a garganta e disse:

— Ok, então. Verdade. Apesar de eu ter virado uma estátua quando você chegou, depois me transformar em uma mulher louca depois do jantar, e passar uns bons cinco minutos contando tudo sobre meu ex, este não foi o pior encontro-barra-não-encontro da história de todos os encontros-barra-não-encontros.

Sua mão veio até meu rosto, alisando do queixo até a bochecha,

antes de colocar meu cabelo atrás da orelha.

— Acabou muito bem, não foi?

— Já acabou? — Minha decepção foi risível.

— Bem, considerando que River e Savannah estão paradas no corredor atrás de mim, eu diria que a parte do encontro acabou, mas eu ficaria feliz em ficar por perto para a parte sem-ser-um-encontro da noite.

Fiquei na ponta dos pés para espiar por cima do seu ombro, e assim como ele disse, as duas garotas estavam espiando, nos observando atentamente.

— O que aconteceu com o lance de as duas ficarem no quarto a noite toda?

— Nós ouvimos você gritar — Savannah se defendeu, o rosto pálido de River confirmando o que ela dizia.

Relutantemente, soltei Penn, odiando imediatamente a sensação de ficar sem ele. Depois de caminhar até elas, dei um tapinha na bochecha de Savannah e, em seguida, abracei River de lado.

— Mais uma razão para você ter ficado em seu quarto. Vocês duas sabem que não devem sair durante algo assim. Mas relaxem, ok? Está tudo bem. Penn e eu tivemos um pequeno mal-entendido. A boa notícia é que ele se ofereceu para ficar e assistir Moulin Rouge conosco.

Penn ergueu as palmas das mãos em defesa.

— Ei, ei, ei! Eu *não* concordei com isso!

As duas garotas riram.

Pen sorriu.

E eu abri um sorriso para ele.

Com muita certeza, não foi o pior primeiro encontro.



CAPÍTULO 15

Penn

As três adormeceram. A tela inicial do DVD player iluminou a sala. Savannah estava esticada no sofá feio e marrom. River estava enrolada em posição fetal na extremidade oposta do sofá. E Cora estava no meio, as pernas para cima, os calcanhares no sofá, a cabeça apoiada no meu peito e a mão no meu abdômen.

Meu corpo ainda estava alerta por suas confissões sobre sua família e seu ex. Eu queria arrebentar todo o universo por ele tê-la largado em uma vida assim. Se havia uma mulher que merecia mais, essa mulher era ela.

Apertei meu braço ao seu redor, e Cora se mexeu brevemente, voltando a dormir com um suspiro.

Cora gostava de ficar agarradinho.

E eu faria seja lá o que ela desejasse.

Agora, com ela segura contra meu peito e perdida no que eu esperava que fossem sonhos para o futuro, eu odiava ter de acordá-la.

Eu odiava ter de ir.

Eu *odiava* a vida que me esperava fora daquele apartamento.

Isso não deveria fazer parte dos planos. O calor no meu peito. A alegria esmagadora de ter seu corpo em meus braços. O ardor do desejo.

Mas, por algum motivo fodido, estava tudo lá, subindo à superfície como uma panela de água fervente.

Passando os dedos por seu rosto, eu sussurrei:

— Cora. Baby.

Ela gemeu, mas seus olhos não se abriram.

— Eu tenho que ir. Eu preciso que você tranque a porta.

Com os olhos fechados, ela inclinou a cabeça para cima.

— Que horas são?

Apoiando a palma na lateral de seu rosto, eu preguiçosamente

acaricie sua bochecha com o polegar.

— Uma da manhã.

Ela gemeu, esticando as pernas como um gato.

— Merda. Preciso ter certeza de que todas as garotas saíram a tempo. Ela abriu um olho e me olhou como uma adorável nerd.

— Oi.

Sorri, a sensação boa irradiando por todo o meu corpo.

— Oi.

— Desculpa ter caído no sono.

— Não se desculpe. Eu gostei muito de ver você fazendo isso.

— E isso nem é bizarro — ela brincou.

— Nah, bizarro foi quando tive que segurar seu nariz para fazer você parar de roncar. Só para constar, não funcionou.

Sua boca se abriu, e uma risada viva borbulhou de sua garganta.

— Seu mentiroso.

— Tudo bem, tudo bem. Você me pegou. Na verdade, funcionou como se fosse magia.

Ela deu um tapa no meu peito e riu baixinho.

— Sabe, eu gosto desse cara. Ele é muito mais divertido do que o Sr. Resmungão.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— É melhor você estar falando de mim, ou vou ter uma conversinha com o Sr. *Resmungão*.

Isso me rendeu outra risadinha, só que ela não me deu um tapa. Cora deslizou a mão pelo meu peito e em volta do meu pescoço, o tempo todo olhando para minha boca.

Ou pelo menos eu acho que ela estava olhando para minha boca. Porque eu, com certeza, estava olhando para a dela. Com o jeito que ela estava me olhando a noite toda, foi um milagre imenso que eu ainda não a tivesse beijado. Eu tinha dado alguns beijos em sua cabeça enquanto ela estava abrindo seu coração para mim, mas não tive coragem o suficiente para beijar sua boca.

Desviando a atenção de seus lábios rosados em forma de meia-lua antes que eu tivesse a chance de fazer algo seriamente estúpido — e

mais do que provavelmente incrível — eu disse:

— Eu tenho que ir. Você pode trancar a porta?

— Sim — ela gemeu, sentando-se. Prendendo o cabelo bagunçado em um rabo de cavalo com um elástico que tirou do pulso, ela olhou para River e Savannah. — Caramba, nós desmaiamos.

Eu fiquei de pé.

— Obviamente foi um filme muito estimulante.

— Quietos, eu vi você murmurando “Roxanne”.

— Era um cover de The Police. Mas, levando em conta que você era apenas um feto nos anos oitenta, eu não espero que me entenda.

Estendi a mão para ajudá-la a se levantar.

Sua bunda redonda foi balançando enquanto ela me levava para fora. Fechei a porta atrás de mim para não acordar as meninas. A temperatura fria do início da manhã estava a apenas algumas horas de dar lugar ao calor do sol, mas por enquanto rodopiava ao nosso redor.

— Eu me diverti esta noite. — Cruzando os braços, ela esfregou os ombros para se aquecer.

Eu precisava ir embora. Voltar para o meu apartamento. Lembrar de quem eu era e do motivo de estar naquele lugar. Em vez disso...

— Venha aqui — eu disse, abrindo os braços.

Cora não demorou a mergulhar neles.

Eu a envolvi em um abraço, afastando o frio que havia no ar — e no meu peito.

— Melhor assim?

— Muito — ela sussurrou, aconchegando-se. — Obrigada por esta noite. Eu me diverti muito. Mesmo que eu tenha roncado em cima de você.

Eu ri.

— Eu também, Cor. Além disso, eu provavelmente deveria dizer enquanto estou com você em meus braços que eu gosto de mostarda. Mas devo te avisar que essa não é de longe a minha pior característica.

Ela engasgou dramaticamente.

— Você deixa a tampa do vaso levantada, não é? Usa meias sujas? Meus Deus, não me diga que você usa sunguinha cavada.

— Eu não uso sunguinha cavada, Cora. Você acha que eu poderia usar uma sunguinha cavada?

Ela riu. E eu adorei para caralho.

Meu estômago revirou, e as palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse detê-las.

— Por que você vive em um mundo como este?

Seu corpo ficou tenso, mas ela não fez nenhuma tentativa de sair do meu aperto. Passei a mão para cima e para baixo em sua coluna até que ela relaxou novamente.

— Mentira — ela sussurrou. — Eu gosto daqui.

Com cuidado para conter a raiva por quão incrivelmente errada foi essa resposta, eu murmurei:

— Justo.

Sua cabeça se inclinou para trás, seu queixo apoiando no meu peito enquanto ela olhava para mim.

— Então eu acho que te vejo amanhã, certo?

— De manhã cedinho. — Depois de um último aperto, venci a guerra com meus braços e relutantemente a deixei ir.

Eu fiquei olhando enquanto ela se virava para a porta, sentindo um barato incrível correndo em minhas veias.

— Ei, Cora? — chamei, parando-a pouco antes que entrasse. — Como as meias verdades funcionam no seu jogo?

Ela inclinou a cabeça para o lado e deu de ombros.

— Bem, acho que teriam de ser duas declarações separadas. Uma verdade. Uma mentira.

— Nesse caso, sinto a necessidade de lhe dizer que *não pensei* em te beijar pelo menos uma dúzia de vezes esta noite. — Forcei um sorriso apesar da tempestade que se formava no meu peito. — E, sim. Isso foi uma mentira.

Sua respiração ficou suspensa, e seus lábios se separaram, uma linda surpresa cobrindo seu belo rosto.

— Isso não é justo — ela sussurrou, levando a mão até a boca para tocar nos lábios. Senti como se ela estivesse acariciando os meus lábios. — Ninguém deveria ser tão bom na primeira vez que joga.

— Sorte de principiante?

Seu rosto se iluminou quando ela desviou o olhar para o chão. Instintivamente, dobrei os joelhos como se pudesse mantê-la na minha mira. Eu odiava sentir falta do seu sorriso.

— Uma dúzia de vezes, hein? — ela perguntou.

— Com margem de erro de três por cento para mais ou para menos.

Ela olhou de volta para mim com olhos tão brilhantes, que fizeram meu estômago dar um nó.

— Apenas três por cento?

— Isso talvez tenha sido outra mentira. — Eu dei uma piscadela para ela, mas, por dentro, eu estava falando um monte de palavrões.

Cora se balançou na ponta dos pés.

— Talvez pudéssemos testar a margem de erro outra noite? Você sabe, pela pesquisa e tudo mais.

— Isso me parece um encontro.

— Parece, não é? — Sua excitação somada ao rubor de suas bochechas me deu um soco no estômago. — Está bem então. Obrigada por... você sabe. Tudo, Penn.

Eu balancei a cabeça.

— Boa noite, Cora.

— Boa noite.

Eu a aguardei fechar a porta. E fiquei ali até ouvir todas as três travas se encaixarem no lugar.

Só então respirei fundo e me preparei para enfrentar meu destino.

No momento em que entrei, Drew sentou-se no sofá.

— Como foi?

— Você estava certo. Ela sabe onde Catalina está.



CAPÍTULO 16

Cora --

Depois que Penn foi embora, eu não consegui dormir. Fiquei olhando para o teto, sorrindo como uma louca, até que todas mandaram suas mensagens de check-in, o sol nasceu no horizonte, e eu fui forçada a me levantar e começar a trabalhar.

Ao longo do dia, vi Penn duas vezes. A primeira vez, quando passamos um pelo outro no corredor, ele sorriu, cordial e distante.

Foi uma droga — e como.

No entanto, na outra vez em que ele passou por mim no corredor do meu apartamento, vindo na direção contrária à minha, passou a ponta do dedo nas costas da minha mão e me jogou uma piscadela sexy que quase me fez tropeçar.

Eu estava repassando mentalmente aquela cena por volta das seis e meia, quando me sentei no sofá por um breve segundo.

Algumas horas depois, acordei de um sono profundo ao ouvir uma batida forte na minha porta. Desorientada, fiquei de pé e vasculhei a sala, aliviada por encontrá-la vazia, quando outra batida soou.

— Merda — eu murmurei, tentando me orientar. — Hum... quem é?

— Penn. Eu estava me perguntando se talvez eu não poderia tentar outra vez mexer nos canos do seu banheiro, posso?

Olhei para o relógio. Já passava das nove. Os caras trabalhavam por longas horas, mas isso era um pouco demais. Porém, não era como se eu fosse dizer não para ele. Eu estava morrendo de vontade de falar com Penn o dia todo.

— Sim. Certo. — Olhei para mim mesma. Calças de ioga velhas e manchadas e uma regata branca, sem sutiã. Merda. — Você pode esperar um segundo?

Eu não aguardei sua resposta e corri para o meu quarto. Ok... minhas opções eram me vestir completamente e tentar não parecer uma mulher que estava em coma no sofá, embora o cabelo selvagem e as marcas do estofado na lateral do rosto fossem difíceis de esconder...

Ou eu poderia vestir um short de dormir que não fosse horroroso e um sutiã, prender o cabelo para cima e pegar um chiclete para combater o hálito matinal-só-que-no-meio-da-noite.

Eu odiava as duas opções. Mas eu decidi pela porta número dois.

Penteando os cachos nas pontas do meu rabo de cavalo, corri de volta para a porta, parando para jogar o chiclete fora, você sabe, só por precaução.

— Desculpa a demora — pedi.

Seu sorriso murchou quando me deu uma rápida olhada da cabeça aos pés.

— Merda. Você estava dormindo?

Dando um passo para o lado, fiz sinal para ele entrar.

— Meio que sim. Eu desmaiei no sofá.

Ele permaneceu no corredor, sua grande caixa de ferramentas vermelha ao seu lado.

— Droga. Eu deveria ter ligado. Eu não queria te acordar.

— Tudo bem. Eu precisava me levantar de qualquer maneira.

Seu sorriso voltou.

— Verdade?

Revirei os olhos, me arrependendo de ter ensinado a ele aquele maldito jogo.

— Tudo bem, não. Isso foi uma mentira.

Ele finalmente deu um passo além do limiar.

— Que seja. Eu aceito. — Eu observei suas costas enquanto Penn se dirigia para a... cozinha? Ele colocou sua caixa de ferramentas no balcão. E então as coisas ficaram ainda mais confusas.

Depois de abrir a coisa, ele revelou dois recipientes brancos para viagem.

— O que você acha de comida tailandesa?

— De um restaurante? Não sei. Eu nunca comi. Agora vindo da sua caixa de ferramentas? Eu vou passar.

O humor dançou em seu rosto.

— É de um restaurante, sua doida. Só não queria que ninguém me visse carregando isso aqui. Eu não sabia que você queria contar para o

mundo todo sobre nosso status de não-saindo-juntos.

Endireitei a coluna na hora.

— Nós temos um status?

Ele sorriu.

— Não. Atualmente temos um não-status. Embora eu esperasse que comida tailandesa — ele pegou uma embalagem que parecia ter vindo de uma confeitaria — e seis cupcakes pudessem me ajudar a mudar isso.

Minha boca se abriu, e eu apertei meu peito.

— Meu Deus, você é tipo uma Mary Poppins com músculos e uma caixa de ferramentas.

Ele deu uma risada rápida.

— Primeiro, eu gosto que você tenha notado os músculos. Segundo, é Maury Poppins, na verdade. Mary é uma prima distante.

Rindo, peguei a embalagem de confeitaria de sua mão, a abri e depois gemi. Meu Jesus amado e querido. Eram de chocolate com cobertura de chocolate e ainda mais chocolate raspado por cima. Estes não eram cupcakes comuns de mercado. Esses bolos divinos e pequeninos vieram da Delilah's — minha confeitaria favorita no mundo. Bem, talvez preferida em Chicago; eu não tinha viajado para nenhum outro lugar para fazer comparações do tipo.

Delilah's ficava a uns bons vinte minutos de distância, mas uma mordida daquela cobertura que derretia na boca valia a viagem. Todos os anos, no meu aniversário, eu fazia a viagem, pagava trinta malditos dólares por seis daqueles doces indutores de orgasmo e depois passava os próximos dias me dando ao luxo de comer no café da manhã, almoço e jantar. Poucas pessoas sabiam disso, porém.

Na verdade, só *uma* pessoa sabia disso. Só porque eu também comprava seus seis cupcakes no aniversário dela.

Levando-os ao nariz, inalei profundamente e depois falei ao expirar:

— Maury, o que você fez?

Um lado de sua boca se curvou.

— Eu *talvez* tenha contado com a ajuda de River em troca desses aqui. — Ele retirou mais cupcakes de sua caixa mágica.

— Ohhhh — eu ofeguei, trocando de embalagem com ele.

Três deles eram de baunilha com cobertura de baunilha e granulado colorido: o favorito absoluto de River. Mas os outros três eram todos diferentes. Um deles era um Red Velvet. Um parecia ser algo de limão. E o último, a julgar pelo cheiro, era de manteiga de amendoim — o arqui-inimigo dos cupcakes de River.

— Ela escolheu manteiga de amendoim?

Ele coçou a nuca.

— Eu, hm, não sabia qual pegar para Savannah, então chutei.

Eu pisquei. Então pisquei novamente. E então, de repente, eu não conseguia parar de piscar.

Começou na ponta dos meus dedos. Fraca, como um milhão de alfinetadas. Fiquei paralisada enquanto a sensação subia pelos meus braços e peito, roubando meu fôlego.

Ele comprou cupcakes para elas.

Trinta dólares, uns nove por cento de seu salário semanal, em cupcakes. E ele não queria deixar Savannah de fora, então apenas chutou os sabores de o equivalente a quinze dólares de cupcake.

O pânico me atingiu quando senti minha garganta bloqueando. Eu ofeguei baixinho, tentando coletar o máximo de oxigênio que pude antes que ela fechasse.

E então eu senti. O ardor no nariz seguido pelo ardor nos meus olhos.

Ah, merda. Eu ia chorar.

Ah, merda, merda, merda, merda. Eu ia chorar *e* não estava sozinha, escondida pelas paredes do meu quarto.

— Não — eu resmunguei. Largando a caixa no balcão, eu estava pronta para correr quando sua mão me agarrou na nuca, me deixando imóvel.

— Cora? — Penn murmurou, deixando clara a pergunta de que o que raios estava acontecendo comigo.

Eu balancei a cabeça repetidamente, tentando e falhando em me manter firme naquela batalha interna.

Não deixe que ele te veja chorar, eu disse a mim mesma. Infelizmente, meus canais lacrimais não receberam esse memorando.

Uma gota escorregou do canto do meu olho, e sem outra escolha, me encostei em seu peito. Penn não perdeu tempo e passou os braços ao meu redor. Um por meus ombros, o outro em minha cintura, colando meu corpo no seu.

— Fala comigo — ele resmungou.

— Eu... hm... acho que estou tendo algum tipo de reação alérgica emocional a você ter comprado cupcakes — eu disse contra sua camisa.

Ele não respondeu imediatamente. No entanto, quando o fez, não foi nada do que eu esperava.

Uma risada profunda e rica surgiu de sua garganta. Era ousada e despreocupada. A antítese de tudo que eu sabia sobre Penn. Eu o ouvi rir. Eu o ouvi tentar abafar uma risada. Mas aquilo era... diferente.

Aquilo era lindo.

Lentamente, e sem me preocupar com quaisquer lágrimas que ainda pudessem estar aparecendo, inclinei a cabeça para trás, a fim de apreciar o que certamente seria um show espetacular.

Com o movimento, Penn olhou para mim, um largo sorriso dividindo seus lábios.

— Você está chorando por causa dos cupcakes?

— Eu não estava chorando. Estava apenas... passando por uma questão.

Usando o polegar, ele enxugou meu olho e depois me mostrou.

— Então eu provavelmente deveria te avisar que você está passando por um vazamento.

Eu bufei com frustração simulada.

— Tá bom. Considere isso um problema de saúde como aquela parada que você tem na boca. Que, por sinal, parece ter desenvolvido um sintoma novo e muito mais barulhento do que o normal.

Ele piscou.

— Vou guardar seu segredo se você guardar o meu.

— Fechado. — Comecei a me afastar, mas ele balançou a cabeça e me puxou com mais força.

— Nananinã. Nós precisamos conversar.

Essas palavras geralmente causavam medo em mim. Conversar

significava perguntar. E, na maioria das vezes, as perguntas significavam que eu precisaria mentir. Mas, considerando que Penn ainda estava sorrindo e que eu estava totalmente satisfeita em ficar em seus braços por quanto tempo ele quisesse me abraçar, não discuti.

— Sobre o quê?

Ele olhou para o corredor.

— Onde estão as meninas?

— Eles estão vendo um filme no segundo andar com... — Fiz uma pausa quando um pensamento me ocorreu. — Espere... isso te custou cupcakes também?

— Não. Isso me custou grana.

— Penn!

— O quê? — Ele riu de novo, e eu estava absolutamente certa, era algo espetacular de se testemunhar. — Eu não poderia arriscar ter que ver outro musical em um não-encontro. Não pense que não vi *Chicago* na sua estante ontem à noite.

Eu passei os braços ao redor de seu pescoço.

— Uau. Tudo isso para evitar ver Catherine Zeta-Jones nua.

— Ela fica nua?

Dei de ombros.

— Acho que você nunca vai saber.

Afundando o rosto no meu pescoço, Penn caiu na gargalhada novamente.

Eu me soltei e comecei a rir também. Estava usando seu corpo para me equilibrar, e ele mais do que aguentava meu peso.

E então Penn *realmente* aguentou meu peso.

Eu gritei quando ele me levantou do chão e me carregou para a cozinha.

— O que você está fazendo? — perguntei, ainda morrendo de rir, quando ele me sentou no balcão ao lado da pia.

Minhas pernas se abriram, e Penn não demorou a se encaixar entre elas como se fosse a coisa mais natural do mundo. E talvez fosse, embora meus nervos estivessem a todo vapor. Eu mantive os braços ao redor do seu pescoço, e ele se inclinou, colocou as mãos no balcão, próximas às laterais do meu corpo, e se inclinou para perto. Tipo,

muito perto. Como se estivéssemos respirando o mesmo ar. Não que eu estivesse realmente respirando nem nada.

Minha boca secou quando aqueles olhos azuis, que não estavam mais carregando o peso do mundo, encontraram os meus. Eles estavam vivos e brilhando de excitação, mesmo sob a luz fluorescente sem graça.

— Eu tenho uma surpresa.

— Que tipo de surpresa? — sussurrei. — É melhor do que cupcakes?

— Eu achei que seria, mas aí você chorou. Então agora eu não tenho certeza.

Eu belisquei seu ombro.

— Ei! Segredo, lembra?

— Certo. Desculpe. — Ele olhou para baixo, mas era impossível esconder um sorriso tão grande.

Eu amei cada segundo desse sorriso porque sabia ser a causadora.

— Feche os olhos — ele ordenou.

— Que tal se eu ficar de olhos abertos?

Sua grande mão segurou minha nuca, e seu nariz roçou no meu.

— Olhos fechados ou não vai ter surpresa nenhuma.

Esqueça as borboletas — uma debandada de elefantes se instalou na minha barriga. Lambendo os lábios, eu obedeci e abaixei minhas pálpebras.

E então, para meu espanto, Penn sumiu.

Meus ombros murcharam.

— Ahn... Penn?

— Não. Mantenha-os fechados — ele disse de algum lugar próximo. Ao fundo, havia um metal rangendo como se ele estivesse torcendo um parafuso.

— Posso pelo menos ter uma pista do que é?

— Bem — ele murmurou enquanto graças aos céus retomou sua posição entre as minhas pernas. — É molhado e quente. — Sua voz ficou rouca e suas mãos pousaram logo acima dos meus joelhos, deslizando em seguida pelas minhas coxas. Engoli em seco quando

elas pararam na batinha do meu short, mas não antes de seu polegar deslizar sob o tecido, me provocando suavemente num movimento circular. — Eu queria te proporcionar isso desde o momento em que nos conhecemos. Para escorrer por cada centímetro de sua pele lisa e umedecer seus lábios perfeitos.

Calafrios pipocaram por todo o meu corpo, e meu coração acelerou a um ritmo de maratona. Minha garganta se fechou enquanto esperava que sua boca encontrasse a minha. Esperava sua língua incitando meus lábios a se separarem antes de iniciar o beijo num ritmo lento e vertiginoso.

Infelizmente, Penn só continuou com a sedução verbal.

— Em algumas noites, eu não fiz nada além de ficar deitado na cama, com a cabeça girando, tentando descobrir quando eu finalmente teria a chance de fazer isso.

Um gemido suave escapou da minha garganta. Então, o milagre de todos os milagres, seus lábios encostaram nos meus. Não foi exatamente um beijo. Mas também não era exatamente um não-beijo.

— Penn — eu arquejei, agarrando seus ombros fortes, minhas unhas cravando nos músculos rígidos.

— Você está pronta, Cora?

Eu balancei a cabeça várias vezes antes de finalmente conseguir dizer:

— Sim.

— Me dê sua mão.

Hipnotizada e oscilando de ansiedade, obedeci imediatamente.

Seus dedos calejados se dobraram ao redor dos meus e, com a palma para cima, ele estendeu meu braço para o lado.

E foi aí que eu senti.

Tudo o que ele descreveu.

Tudo o que eu estive pedindo.

No entanto, naquele momento, nada do que eu queria.

— Penn! — exclamei quando a água da torneira da minha cozinha correu sobre nossas mãos unidas. Meus olhos se abriram, e eu o vi parado na minha frente, um sorriso sacana no rosto.

Ele fingiu inocência.

— O quê?

Eu dei um empurrão em seu peito, mas Penn nem se mexeu.

— Isso foi cruel.

— Espera, do que você achava que eu estava falando?

Eu olhei para ele.

— Ah, eu não sei. Molhado. Quente. Deitado na cama, sonhando em *me dar*.

Suas sobranceiras se ergueram e sua boca se abriu, mas Penn ainda estava brincando quando disse:

— Uau. Eu *não* sabia quão perversa sua mente era.

Eu soltei uma risada e joguei gotas de água das pontas dos meus dedos no seu rosto.

— Eu não quis dizer sexo!

Ele enxugou a bochecha no ombro.

— Então o que era? Um beijo? Tipo, na testa? Mais para baixo? Vou precisar de detalhes aqui.

Revirei os olhos, sentindo meu rosto pegar fogo.

— Jesus amado. Vamos apenas falar sobre a água. Você realmente consertou?

Sua única resposta foi colocar o braço em volta dos meus quadris, me forçando a ficar na beirada do balcão.

Eu soltei um palavrão, fechando as mãos na frente de sua camisa quando meu centro encontrava seu zíper.

Seu sorriso cresceu conscientemente. Com a voz encorpada como veludo, ele murmurou:

— Podemos tentar um beijo na testa, sabia?

— Ah, que bom — eu retruquei, empurrando seu peito, desesperada por um pouco de alívio. — O banheiro também está funcionando? Eu quero ver.

— Não. Preciso conectar alguns tubos. Mas, primeiro, feche os olhos de novo.

Avançando em meus planos de fuga, cambaleei, tentando descer enquanto murmurava:

— Acho que já tivemos surpresas suficientes esta noite.

Com uma mão em meu cabelo, Penn impediu minha fuga e inclinou minha cabeça para trás, até que nossos olhos se encontrassem. Seu rosto perdeu o humor, mas o lampejo de desejo permaneceu.

— Você já desaprendeu o “na minha experiência”?

Engoli em seco e balancei a cabeça.

— Você esteve com alguém desde o seu ex?

Meus olhos brilharam.

— Nem antes e nem depois.

— Certo. Então isso vai funcionar um pouco diferente para mim e para você. — Deslizando a mão livre pela minha panturrilha, ele passou minha perna ao redor de seu quadril. — É só me dizer, Cora, e eu vou te beijar até perder o fôlego. Mas é aí que começamos e paramos esta noite. Nós vamos devagar com isso. Vamos conhecer um ao outro. Ganhar alguma confiança. Ir com calma nas coisas. — Sua voz tornou-se irregular. — Não fique tão desapontada, baby. Há muita diversão em usar só as bocas. Você só precisa pedir.

A manada de elefantes retomou sua debandada, e minha garganta se contraiu.

— Que palavra exatamente?

— Qualquer uma.

— E você vai me beijar até perder o fôlego?

Sua boca se contraiu.

— Foi o que eu disse.

Lambi os lábios enquanto tentava formular uma resposta espirituosa que, esperançosamente, incluísse *A Palavra*. Quando não encontrei nada, eu disse:

— Isso não me parece um beijo na testa.

Sorrindo, ele esfregou o nariz no meu, sussurrando assim que respirou fundo:

— Você vai ter que pedir para saber.

Ouvia o som magnífico da água correndo ao fundo enquanto olhava em seus olhos.

Por um lado, eu não estava particularmente ansiosa para implorar a um homem para me beijar.

Por outro lado, Penn estava me dando o controle e, portanto, garantindo a segurança que vinha com isso.

Eu odiava que ele soubesse que eu precisava disso.

Mas eu adorava que ele usasse o pouco que sabia sobre mim para me deixar confortável, em vez de usar esse conhecimento contra mim.

E, só por essa razão, não senti nem um pouco de vergonha enquanto sussurrei:

— Me beija, Penn.



CAPÍTULO 17

Penn

Drew tinha me dito que eu não precisava me apaixonar por ela ou mesmo dormir com ela.

Mas não havia outro modo de fazer isso. Eu *tinha* de beijá-la.

Eu não tinha ideia da razão de Cora Guerrero me querer.

Eu tentei afastá-la. Tentei direcioná-la para Drew, apesar de sentir como se houvesse ácido correndo em minhas veias. Ele poderia ter cuidado dela. Ele sabia como fazer essas coisas.

Eu sabia que havia um túmulo me aguardando.

Mas se isso era o que ela queria de mim, eu não iria negar a ela.

Deus sabia que eu estava atraído por Cora mais do que a razão ou a lógica poderiam explicar. Então eu parei de tentar pensar com racionalidade.

Eu comprei comida tailandesa e os cupcakes que ela adorava, subornei River e Savannah para irem embora e me abri para o que diabos a faria mais feliz.

No final das contas, queríamos as mesmas coisas.

Como, por exemplo, minha boca selada na dela.

E, eventualmente, meu corpo encaixado entre suas pernas.

Pelo amor de Deus, alguém tinha de se dar bem nesta situação totalmente bugada.

Por que não poderia ser ela?

Eu poderia passar meus dias fazendo-a feliz e minhas noites fazendo amor com Cora até que estívéssemos ambos saciados demais para lembrar do passado. Quem sabia? Talvez isso fosse tudo o que ela realmente quisesse de mim.

Uma distração da realidade.

Um corpo quente para fazê-la esquecer.

Um homem para adorá-la.

Eu poderia fazer tudo isso.

O que viria depois, eu não fazia ideia.

Mas eu poderia tornar tudo mais fácil para ela.

E, egoisticamente, isso me daria tempo para juntar alguns milhões de memórias para me torturar quando eu fosse embora.

“Me beija, Penn.”

Ela não precisava repetir.

Eu mantive os olhos abertos, a devorando com o olhar enquanto me inclinava para frente e tomava sua boca sem um único arrependimento. Seus longos cílios se fecharam, e com mais um olhar roubado, eu deixei os meus fazerem o mesmo.

Pegando em seu rosto com ambas as mãos, saboreei a forma como a dor no meu peito desapareceu.

Seus lábios eram tão macios quanto eu temia. Quente e flexível, sua boca se abriu, dando-me as boas-vindas.

Eu gemi quando sua língua encostou na minha. Eu havia pensado em como seria seu gosto mais vezes do que jamais poderia admitir. Acabou que o sabor era de menta, leve e suave. Assim como ela.

Cora estabeleceu seu ritmo, desesperado, e eu a segui prontamente.

Sua língua rolou com a minha, seus dedos deslizaram em meu cabelo, e suas pernas se apertaram em torno de meus quadris, me segurando como se pensasse que eu estava tentando fugir.

Mas, naquele momento, o mundo poderia ter saído de eixo, que eu não iria a lugar algum.

Deslizei as mãos das laterais de seu copo, permitindo que meus polegares roçassem na curva de seus seios. Sua boca se abriu, um gemido suave escapou, e eu o absorvi como um homem faminto.

Eu queria mais desses.

Eu queria dar a ela mais desses.

Cora se afastou da minha boca e começou a puxar a parte da frente da minha camisa para cima. Um xingamento me escapou enquanto ela se agarrava ao meu pescoço, seus dentes arranhando deliciosamente minha pele. Eu respirei fundo quando suas unhas navegaram pelos cumes do meu abdômen, parando no cóis do meu jeans.

— Tira — ela ordenou.

Eu disse a ela que iríamos devagar.

Eu tinha mentido.

Ofegante, sentindo meu pau grosso e pronto dentro do jeans, eu fiquei imóvel.

— Jeans ou camisa?

Ela riu, dando beijos no meu pescoço antes de morder minha orelha.

— Você reconsiderou sua posição sobre cuecas?

— Não.

— Então talvez devêssemos começar com a camisa.

E a camisa desapareceu em um segundo, para então minha boca mais uma vez encontrar com a dela.

Nós dois gememos dessa vez.

Nossos corpos estavam nivelados, seus seios grandes descansando entre nós. Mas Cora estava vestindo roupas demais.

— Me diz o que está fora dos limites — murmurei.

— Nada.

— Cora — eu pressionei.

— Cale a boca e me toque, Penn.

Aquilo eu poderia fazer.

Sua camisa se juntou à minha no chão, revelando um sutiã branco simples que não escondia nada dos seus mamilos pontudos. Minha boca encheu d'água quando mergulhei entre seu decote. Lambendo e chupando, percorri a pele até sua delicada clavícula, antes de descer novamente.

— Ah, Deus — ela ofegou, jogando a cabeça para trás e segurando meu cabelo para se equilibrar.

Eu lidaria com aquilo. A ardência erótica no meu couro cabeludo. Sua urgência ofegante e gemidos sensuais.

Mas o que eu não conseguia lidar era com o movimento de seus quadris procurando por atrito contra meu corpo.

— Merda. Devagar — eu gemi.

Fique nu, minha mente gritou.

Ela se inclinou para frente, forçando-me a ficar de pé. Uma de suas mãos serpenteou na parte traseira de minha calça. Eu não pude deixar de sorrir quando ela agarrou minha bunda e mordeu meu ombro, murmurando:

— Rápido.

— Mais rápido, e eu estarei dentro de você.

Ela de repente ficou imóvel e ergueu a cabeça, alguma emoção ilegível brilhando em seus olhos arregalados.

Na minha experiência, Penn...

— Porra — eu murmurei, me arrependendo de ter que dar um banho de água fria na situação. Comecei a recuar, mas ela me impediu. — Não é para isso que estamos aqui — eu disse. — Eu vou te beijar do jeito que você quiser. Mas paramos nisso.

Ela balançou a cabeça.

— Espere, Penn, eu...

— Eu não preciso de uma explicação. Temos regras básicas. As calças ficam. Tudo acima da cintura está liberado

Ela abriu a boca, mas eu a silencieei com outro beijo.

— Não fale mais. — Com as duas mãos em sua bunda, eu a peguei do balcão.

Suas pernas mais uma vez rodearam meus quadris, e nossas bocas se reconectaram. As línguas dançavam e duelavam enquanto eu a carregava da cozinha, batendo cegamente nas paredes.

O sofá parecia estar a aproximadamente dez quilômetros de distância, mas com nossas bocas fundidas, eu estava contente em fazer essa longa caminhada.

Deitamos no sofá, dando uns amassos por um tempo estimado entre dez segundos e cem anos.

Eu cataloguei cada curva dela, e Cora explorou minhas costas, indo da bunda até os ombros.

Minhas calças ficaram.

Seu sutiã permaneceu no lugar.

Mas não havia nada de inocente na forma como nossos corpos rolavam juntos, como ondas incapazes de encontrar uma praia. E eu virei um homem delirante perdido no mar, um homem que nunca

queria ser encontrado.

Quando o frenesi finalmente desapareceu de nossos corpos, eu deitei de lado, minhas costas contra o sofá, seu corpo pressionado contra o meu, nossos narizes a apenas alguns centímetros de distância enquanto sua cabeça descansava no meu braço, meus dedos acariciando suas costas.

A respiração estava difícil.

As peles estavam úmidas.

E eu não tinha dúvidas de que o bater de nossos corações podia ser ouvido do primeiro andar.

— Uau — ela soltou, de olhos ainda fechados.

— Concordo — eu murmurei, dando um beijo em seus lábios. — Esse foi de longe o beijo na testa mais sexy que eu já dei.

Ela riu e se aconchegou mais perto, aninhando o rosto no meu peito.

— Tenho certeza de que você não acertou minha testa.

— Foi, é? Eu sempre fui uma merda em anatomia.

— Isso explica por que ainda estou de calça.

— Espertinha. — Eu fiz cócegas nela, e uma risada viva brotou de sua garganta. Eu não poderia ter impedido meu sorriso nem se tentasse. Não que eu estivesse tentando.

Ela se contorceu em protesto enquanto eu a pegava em meus braços e a abraçava com força. Tamborilei os dedos na lateral de seu corpo, como se Cora fosse um piano de cauda, sua risada sendo minha primeira — e maior — sinfonia.

— Penn! — ela gritou, se contorcendo contra mim.

— Cora! — eu zombei.

E então, como um caçador furtivo, fechei os olhos e absorvi cada gota de calor que Cora estava oferecendo.

Porque, em breve, esse calor iria embora.

Assim como eu.



CAPÍTULO 18

Cora

— Ai, meu Deus! — gemi, caindo de lado, mal conseguindo salvar minha cerveja. Eu estava no corredor do meu apartamento e felizmente já sentada, então foi uma curta viagem até o piso de madeira.

Penn estava no banheiro, sua posição espelhando a minha, exceto que, em vez de estar morto de vergonha, ele tinha uma chave inglesa na mão e estava dobrado de tanto rir.

— Para de rir! — Três palavras que eu nunca pensei que diria a ele. Um monte de cerveja depois, tive que repetir. — Para de rir!

Naquela noite, comi comida tailandesa pela primeira vez. Isso foi depois que Penn e eu vestimos nossas camisas — lamentei verdadeiramente ser privada daquela visão. O homem era lindo vestido. Mas sem camisa? Seu peitoral definido coberto por um leve punhado de pelos e um tanquinho descendo até um “V” de dar água na boca desaparecendo por dentro do jeans, logo após sua cintura fina? Ele era absolutamente delicioso.

E mesmo que a comida tailandesa vinda da caixa de ferramentas estivesse realmente gostosa, eu teria me banqueteadado com Penn.

Aquele maldito segundo de hesitação frustrou tudo. Foi uma reação instintiva programada em mim ao longo dos anos. Para as mulheres do prédio, sexo era um trabalho. Um meio para um fim. Um modo de vida.

Mas, para mim, o sexo não passava de uma arma no meu arsenal.

Uma moeda de troca.

Um recurso de última hora para se manter viva.

Mas bastou um beijo, e eu queria que tudo fosse diferente.

No entanto, apesar de eu ter lançado todos os sinais de por-favor-meu-Deus-tire-minhas-roupas que eu conhecia, incluindo alguns que inventei na hora, Penn tinha se agarrado às suas armas e me beijado loucamente, mas em uma versão classificação etária 13 anos, um modo diferente do que eu realmente queria.

Não que eu estivesse reclamando nem nada. Penn era talentoso no departamento oral.

Depois de comida tailandesa e uma quantidade considerável de reflexões silenciosas, eu dei um passo para fora da minha zona de conforto e ofereci a Penn um dos meus cobiçados cupcakes. Tinha sido difícil, mas meus bons modos finalmente venceram. Eu nunca fiquei tão aliviada ou genuinamente intrigada na minha vida quando ele recusou, afirmando que ele não era muito fã de doces. Eu deveria saber depois de ver os músculos abraçando seu corpo, mas vamos lá. Quem odeia doces? O desgosto no meu rosto deve ter sido óbvio, porque ele riu, balançando a cabeça antes de plantar um beijo em meus lábios e dizer:

— Mas eu adoraria ver você comer um cupcake, Cora.

Eu retruquei:

— Eu não sabia que você conseguia ficar mais bizarro, Penn. — Mas eu disse isso enquanto tirava a embalagem do cupcake com três camadas de chocolate e depois o enfiava na boca, agindo bem na fronteira entre uma dama e um leão atacando uma gazela no Discovery Channel.

Depois do massacre dos cupcakes e de muitas risadas, começamos a beber a cerveja.

Penn ficou me olhando, o quadril encostado no balcão, as pernas cruzadas no tornozelo, os braços sobre o peito, os olhos brilhando com malícia enquanto um sorriso mínimo surgia em seus lábios.

Conversamos por mais de uma hora. Eventualmente, a conversa se deslocou, o corredor (eu) e o banheiro (ele), onde Penn começou a tarefa monumental de montar meu banheiro de volta, mas ele não parou de ficar me olhando.

Mais de uma vez, eu flagrei seu olhar semicerrado em minhas pernas, meus seios ou minha garganta. *Maravilhoso.*

Eu decidi ali mesmo que Penn Walker poderia ficar me encarando desse jeito a qualquer momento.

E eu o encararia de volta enquanto ele me encarasse, e juntos, nós poderíamos ser o casal mais assustador que já ficou dando encaradas bizarras em todo o mundo. Eu acredito que essas foram minhas palavras exatas para ele enquanto estava sentada no chão quando, de

repente, ri tanto que ronquei.

E aí voltamos para a cena em que estava curvada no chão de madeira, tentando resgatar minha cerveja e morrendo de vergonha.

A risada de Penn ficou mais alta quando ele se aproximou. Eu rolei de costas e abri meus olhos a tempo de vê-lo engatinhando e pairando sobre mim. Ele tirou a cerveja da minha mão, a colocou em algum lugar próximo e então distribuiu seu peso sobre mim.

Da cabeça aos pés.

Peito a peito.

Sua boca estava gloriosamente fechada quando ele perguntou:

— Você está bêbada?

Eu bufei.

— Mentira. E, não.

— Você ri a ponto de roncar com frequência?

— Mentira. E, sim.

Ele abriu um sorriso largo e cheio de dentes. Era de longe o sorriso menos atraente que eu já tinha visto ele usar, e ainda fazia meu pulso disparar.

— Eu adoro quando você ri — ele sussurrou antes de esfregar os lábios nos meus.

Eu levantei a cabeça para prolongar o contato, mas Penn se afastou.

— Eu adoro que você realmente saiba rir. Andei preocupada. Todos aqueles silêncios estoicos estavam realmente me tirando do sério.

Ganhei outro beijo.

— Está ficando tarde. Eu acho que deveria ir.

— Nããão — eu gemi, sentindo o calor alcoolizado das minhas bochechas se espalhando pelo resto do meu corpo. Arqueando as costas, pressionei os seios contra seu peito. — Você pode ficar. As meninas devem voltar logo, mas não vão nos incomodar se estivermos no meu quarto. E se você for ficar sentado no corredor a noite toda, me observando, pode fazer isso de perto e pessoalmente.

— Isso facilitaria minha vida.

Deslizei a mão por baixo de sua camisa, em suas costas.

— Eu prometo usar calça.

— Eu não posso fazer essa mesma promessa, Cora.

Mordi seu lábio inferior.

— Ok, então calças serão opcionais. Veremos a quantas a noite vai andar.

— Eu sei a quantas ela vai andar. — Penn devolveu a mordida.

— Não sabe.

Eu fiz um beicinho exagerado.

Ele me beijou.

— Pare de me torturar, mulher. Estou fingindo ser um cavalheiro aqui.

Bufei e revirei os olhos.

— Tudo bem, mas se quer saber, isso é um uso bem ruim do seu suado dinheiro. As meninas ainda nem voltaram.

De modo tranquilo e completamente desimpedido pelo álcool, Penn ficou de pé. Tentei segui-lo, mas fiz de modo nem um pouco sóbrio ou gracioso.

— Opa! — Ele pegou meu braço quando o chão começou a vir em minha direção. — Quanto você bebeu?

Agarrei-me ao seu braço forte apenas parcialmente para me equilibrar.

— Aparentemente, mais do que eu deveria. Embora isso explique por que eu ronquei.

— Venha aqui — ele murmurou, me levantando do chão com um braço sob meus joelhos.

— Uau — ofeguei. — Você não estava mentindo sobre ser um cavalheiro.

Penn percorreu curta distância até a porta do meu quarto e apontou o queixo para a porta.

— Abra. Vou ficar até as meninas voltarem. Mas provavelmente é mais seguro para o seu crânio se colocarmos você na horizontal novamente.

Eu sorri para ele.

— Mesmo?

— Sim. Você está bêbada por ter bebido, tipo, umas duas colheres de sopa de cerveja. Alguém tem que ficar de olho em você até que seus pais voltem.

Eu bati em seu peito.

— Eu quis dizer sobre você ficar. Mas, para constar, eu bebi quatro cervejas inteiras, muito obrigada.

— O fato de estar bêbada por causa de *quatro cervejas* não te ajuda em nada. Mas, sim, Cora, vou ficar mais um pouco.

A vitória cantou internamente em mim.

Eu não estava nem perto de estar pronta para isso acabar.

Por uma noite, tudo para além do meu apartamento havia desaparecido.

Marcos.

Dante.

Manoel.

Até Nic.

Toda a minha vida infeliz desapareceu num segundo plano.

Por uma noite, conversei e ri com um homem lindo, gentil e atencioso.

Por uma noite, a responsabilidade não ficou me sufocando.

Por uma droga de uma noite, eu estava *livre*.

Traçando a curva de seu lábio, sussurrei:

— Verdade ou mentira?

— Verdade.

— Eu poderia me acostumar a fazer isso com você.

Seus olhos escureceram, e uma sombra passou sobre seu rosto.

— Por favor, não se acostume.

Eu fiz uma careta, sinos de alarme gritando no fundo da minha mente.

Mas antes que eu pudesse questionar sua resposta estranha, ele ordenou:

— Abra a porta, baby.

Baby. Suspiro.

Voltei a sorrir.

Destranquei a fechadura e abri a porta. Penn não deu um passo além do limiar antes de disparar uma série de palavrões murmurados.

— Este é o seu quarto?

— Não, este é o Taj Mahal. Meu quarto é a vigésima sétima porta à esquerda.

Ele olhou para mim, nem um pouco impressionado com a minha piada, mas eu estava bêbada e falei tudo enrolado. Fiquei impressionada com isso e explodi em uma gargalhada, como uma doida.

— É carpete — ele anunciou como se eu não morasse lá havia mais de uma década.

— Excelente observação. — Mais risadinhas.

Mais encaradas.

— Por quê?

Eu me mexi em seus braços, e ele pegou a dica e me colocou de pé.

— Por que o quê?

— Todo o prédio tem piso de madeira. Por que diabos você tem carpete aqui?

Muito ciente de que seus olhos estavam me seguindo, eu rebolei um pouco enquanto caminhava até a cama e prontamente desabei.

— E ela dorme em uma porra de um colchão no chão — ele resmungou. — Puta que pariu.

Com o lábio curvado, eu levantei a cabeça do travesseiro e lentamente olhei por cima do meu ombro, com uma postura de quem estava pronta para a briga. A postura morreu quando o encontrei ainda parado do lado errado da porta, uma palidez assombrosa colorindo seu rosto.

Eu me sentei.

— Penn?

Ele respirou com dor, os músculos do pescoço se retesando, as mãos abrindo e fechando ao lado do corpo como se estivesse prestes a entrar em uma batalha, mas seu olhar estava fixo no chão.

— Vou arrancar fora essa droga de carpete.

Meu coração se apertou no peito quando as memórias de Penn me dizendo por que ele tirou o carpete do apartamento de Angela passaram pela minha mente bêbada.

— Merda.

Eu sofri por ele. Fazia treze anos, e se eu pudesse evitar andar na calçada, eu evitava. Porque quando olhava para as rachaduras no concreto, nunca via nada além do sangue de Nic.

Eu balancei a cabeça imediatamente.

— Ok.

Inclinando a cabeça de um lado para o outro, ele estalou o pescoço e, em seguida, em uma voz rouca de emoção, Penn começou:

— Eu não consigo... É muito...

Fiquei de joelhos.

— Penn, querido. Eu disse “ok”. Confia em mim, eu entendo. Rasgue esse carpete todo. Tudo o que você precisar fazer, você vai fazer, ok?

A cor voltou ao seu rosto e um flash de gratidão passou por seus olhos.

E então foi a minha vez de me surpreender.

Ele entrou, virando-se para a porta enquanto a fechava.

— E eu vou arrumar sua cama.

No geral, aquele gesto era pequeno perto de tudo. Ele fez muito por mim no pouco tempo que estive lá. Mesmo assim, para uma garota como eu? Bem, esse gesto significou muito.

Minha pele se arrepiou toda.

— O que você disse? — A droga do meu nariz começou a arder novamente, e então comecei a piscar que nem uma louca.

Ele fez uma careta para o chão enquanto caminhava em minha direção.

— Uma cama. Você precisa de uma. Vou fazer um esboço. Colchão e boxe novos. Essa droga de carpete precisa sair antes. Eu vou botar um piso de madeira. Ver se consigo igualar o resto dos... — Ele parou abruptamente ao pé da minha cama. — Merda... Você está chorando?

Eu balancei a cabeça. Mas eu estava chorando, com certeza.

— Cora, baby — Penn sussurrou, se ajoelhando no colchão antes de me puxar para os seus braços.

Mal me segurando, fui de boa vontade. Ele se acomodou de lado, então me girou até que eu ficasse de frente para ele e apoiada em seu braço.

Beijando minha testa, Penn murmurou:

— O que está acontecendo nessa sua cabeça?

Eu não chorava na frente de ninguém havia mais de uma década. Mas, droga, tinha feito aquilo duas vezes só naquela noite. Soltei um gemido e tentei cobrir meus olhos.

— Apenas outra reação alérgica.

— Por causa do tapete ou da cama?

— Sobre você se importar com o local em que eu durmo.

Suas sobancelhas se uniram.

— Claro que me importo. Por que eu não me importaria?

Olhei para ele, minha visão borrada pelas lágrimas não derramadas.

— Porque ninguém nunca se importou. Eu cuido das pessoas, Penn. Eles não cuidam de mim.

Outra de suas sombras passou por suas feições. Eu não conseguia descobrir se isso acontecia quando ele estava tentando encobrir suas verdadeiras emoções ou quando elas finalmente escapavam da muralha que tinha por dentro. Quando ouvi suas palavras seguintes, parei de me importar.

— Você deu o suficiente. Agora, precisa aprender a receber — afirmou como se fosse uma verdade absoluta. — Se eu puder fazer algo para tornar sua vida um pouquinho mais fácil, eu vou fazer. Seja algo pequeno como uma cama ou trocar os pneus carecas que você colocou no seu carro. Ou algo grande como lidar com aqueles Guerrero de merda, eu vou lidar com isso.

— Por quê? — eu murmurei.

Sua testa enrugou.

— Por que você sempre me pergunta por quê? É tão incompreensível para você que alguém realmente queira te ajudar?

— Sim! — exclamei, me sentando. Cruzei as pernas e o encarei. — Isso não acontece comigo. Se eu quero que algo seja feito, eu encontro uma maneira de fazer sozinha. Se não houver uma maneira, eu crio uma. Não me entenda mal. Sou grata. Sou muito grata por tudo que você fez, até por você estar sentado aqui, tendo essa conversa comigo. — Respirei fundo, de modo instável. — Mas vou ser sincera: não sei o que fazer com tudo isso. Duas semanas atrás, eu não sabia nem que você existia. Dois dias atrás, você estava me evitando como se eu estivesse com uma doença contagiosa. Agora você está prometendo me arrumar uma cama nova? Isso não é algo barato, Penn. Você tem dinheiro para isso?

— Tenho um pouco de dinheiro guardado. Trabalhei pra caramba por essa grana. Isso significa que posso gastar da maneira que achar melhor. Como comprando uma cama para uma boa mulher que merece uma noite decente de sono mais do que qualquer outra pessoa que eu já conheci.

Atordoada e em silêncio, eu não consegui fazer nada além de olhar para ele.

Penn achava que eu era uma boa mulher.

Quer dizer, eu era. Eu sabia disso no fundo da minha alma. Mas ouvir de novo aquilo depois de todos esses anos? Foi algo que me atingiu profundamente. Foi um presente por si só.

— Você... — Eu balancei a cabeça, incapaz de confiar na minha voz.

— E agora ela está em choque — ele murmurou, rolando de costas e me levando consigo. — Duas semanas atrás, eu também não tinha certeza se eu existia. Dois dias atrás, eu estava lutando contra o que eu sentia por você. Apesar de que parece que demos um jeito nisso. — Penn beijou minha cabeça. — Dois minutos atrás, você me disse que eu poderia arrancar o carpete do seu quarto porque você entendeu que isso seria importante para mim. Você me permitiu fazer isso, Cora. Sem perguntar nada. Sem pedir explicações. Este sou eu dando algo de volta para você. E enxugue as lágrimas, porque não é exatamente um grande ato de heroísmo, tipo salvar as baleias jubarte da extinção. Estou simplesmente te ajudando a arrumar uma cama que não esteja no chão. — Ele gemeu e se moveu para a esquerda. — E que não tenha uma mola quebrada no meio.

Nota para mim mesma: esconder meu livro de contabilidade em outro lugar.

Com o coração disparado, um sentimento estranho se enraizou dentro de mim. Eu não conseguia identificar o que era. Mas eu pensei que podia ser semelhante à sensação de uma pedra enorme sendo levantada dos meus ombros. Fosse o que fosse, com cem por cento de certeza, foi Penn quem tirou isso de mim.

Fungando, eu me aconcheguei ao seu lado, permitindo que meu corpo tenso relaxasse enquanto eu me enrolava em torno do dele.

— Você já pensou em salvar as baleias jubarte?

— Nem por um segundo. No entanto, se isso estiver em sua lista de coisas necessárias a se fazer, eu pensarei um pouco no assunto.

As lágrimas voltaram, mas pela primeira vez na vida, elas não vieram porque eu estava triste, ou sobrecarregada, ou presa em uma vida da qual queria desesperadamente escapar.

Pela primeira vez na vida, eu não queria estar em nenhum outro lugar.

Sorrindo, eu o apertei com força e entrelacei nossas pernas.

— Se você continuar assim, vou falir de tanto fazer jantares de agradecimento.

Penn riu, mas não disse mais nada.

Eventualmente, eu adormeci — não olhando para as estrelas de Nic, mas sim traçando as tatuagens no antebraço de Penn e ouvindo o ritmo forte e constante de seu coração.

Algumas horas depois, ele me acordou com beijos apimentados no rosto e me pediu para trancar a porta quando ele saísse.

E então as garotas começaram a ligar para fazer o check-in — o caos me encontrou de novo.

Mas naquelas horas de aconchego nos braços de Penn, a calma tinha sido inebriante.

Algo que eu poderia facilmente me viciar, ele querendo ou não.

E, para minha sorte, Penn não parecia seguir seu próprio conselho sobre não se acostumar a estar comigo. Porque, depois da noite de Maury Poppins e comida tailandesa na caixa de ferramentas, não houve muitas noites em que Penn não estivesse na minha cama.



CAPÍTULO 19

Cora

— Mmm — eu ronronei enquanto ele beijava meu peito. — Tira.

Estávamos na segunda semana de Penn ignorando meus apelos sexuais — e eu estava ficando louca.

Todas as noites, nos beijávamos como adolescentes. Mas como as boas adolescentes com bons pais que enchiam suas cabeças de paranoias sobre engravidar com sexo oral.

Penn nunca desceu abaixo da linha da cintura, o que tinha sido bacana uma semana antes. Naquele momento, era desagradável.

— Devagar, Cora — ele murmurou.

— Um dia desses vou entrar em combustão espontânea.

— Até onde eu sei, isso nunca aconteceu com uma pessoa.

Eu ergui o tronco da cama.

— Então acho que você terá o privilégio de testemunhar um fenômeno científico. Parabéns.

Ele riu, espalmando meu peito enquanto continuava beijando minha barriga. Era tão incrível, que eu não conseguia mais reclamar.

Bem, isso até ele chegar à bacia do meu short de dormir. Sua língua traçou um caminho molhado, me deixando desesperada novamente.

Levantando os quadris do colchão, implorei:

— Ok, então tira essa peça.

Senti seu sorriso, e então seus dentes roçaram a pele sensível acima do meu quadril.

— Ai, meu Deus — eu choraminguei, quando uma explosão de dor se transformou em prazer e irradiou entre minhas pernas. — Por favor.

— Eu tenho que voltar ao trabalho, baby — ele murmurou, subindo com os beijos até voltar ao meu abdômen. — E você tem que voltar a falar.

Joguei a cabeça para trás, contra o travesseiro.

— Você me provoca.

— Não aja como se você fosse a única pessoa sofrendo aqui. — Penn mexeu os quadris, sua ereção se apoiando contra minha coxa.

— Penn — eu resfoleguei, enganchando meus braços sob os dele e me virando. — Nenhum de nós tem que sofrer. Você sabe disso, certo?

Ele beliscou meu nariz, sorriu e se levantou.

— Hoje, temos. Porque eu quero ouvir o que você tem a dizer.

Ele jogou minha regata na minha direção, que eu havia tacado longe no cômodo no segundo em que seus lábios encontraram os meus. Isso o fez rir. Vestir a peça me deu vontade de chorar.

— Ah, a maldição que afeta os bons contadores de história...

— Exatamente. — Ele piscou, e foi tão bonito, que eu soltei um suspiro ofegante de colegial.

Isso novamente o fez rir, mas Penn riu enquanto balançava a cabeça. E então voltou ao trabalho, tirado as tachinhas que antigamente prendiam meu carpete no lugar.

Ele havia rasgado o carpete algumas noites antes. Ele xingou durante todo o serviço. Mas quando jogou por cima do parapeito, caindo no estacionamento, todo o seu corpo desmoronou como se o carpete tivesse levado cada grama de sua força.

Verdade seja dita, eu odiava aquele carpete também. Era de um marrom feio que fazia todo o quarto parecer escuro e sombrio. Ver a reação de Penn me fez odiá-lo ainda mais.

Eu ainda estava usando meu colchão antigo, mas segundo ele, só até que resolvesse o novo piso de madeira. Eu não tinha certeza de quão grande era essa poupança que Penn tinha — ou como eu me sentia sobre ele gastar seu dinheiro comigo —, mas eu não ia gastar o dinheiro da minha conta “liberdade”, fruto do desvio de dinheiro dos Guerrero nos últimos cinco anos. Então, se ele estava inflexível sobre me arrumar uma cama nova, quem seria eu para discutir?

Virei de bruços, apoiei os cotovelos na cama e o queixo em minhas mãos e observei os músculos de suas costas ondularem sob sua camiseta branca comum.

— Pare de ficar me encarando e comece a falar — Penn ordenou

sem olhar para mim. Ele jogou outro pedaço de madeira na pequena pilha no centro da sala.

Revirei os olhos.

— Tá bom. Nenhuma das garotas jamais nos delataria.

— Você tem certeza disso? Porque eu preciso ser honesto: eu não dou a mínima para o que alguém tem a dizer sobre nós, mas não posso imaginar Marcos ou Dante ficando felizes por descobrir que temos algo. Eu não quero uma das garotas falando sobre quanto tempo eu passo aqui, dando aos Guerrero uma desculpa para aparecer sem avisar quando eu deveria estar na loja de ferragens ou trazendo Drew de um bar ou algo assim.

Cruzei as pernas no tornozelo, dobrei os joelhos e as balancei para frente e para trás como se fosse uma adolescente.

— Aham. Vai por mim. Elas odeiam Marcos e Dante.

— Então por que trabalham para eles?

Essa era a pergunta de um milhão de dólares.

— Por razões diferentes, eu acho. — Eu me mexi desconfortavelmente. — O primeiro andar existe porque elas adoram esse trabalho.

Ele arqueou uma sobrancelha, como qualquer um que não estivesse nesse ramo faria.

— É. Eu sei. É um conceito difícil de entender. Mas algumas gostam da atenção. Algumas gostam do dinheiro. Algumas simplesmente não acreditam que podem fazer algo melhor do que isso. Mas acredite em mim, Penn. Se elas não estivessem aqui, estariam trabalhando em outro lugar.

Ele soltou o ar rapidamente, incrédulo.

— Você está me dizendo que elas estão aqui por escolha?

— Acho que, de uma forma ou de outra, todas estamos aqui por escolha.

Seus olhos escureceram.

— Incluindo você?

Eu dei um sorriso contido.

— Mentira. E, sim.

— Jesus — ele murmurou. — Então, e as meninas no segundo

andar?

— São as novatas ou as que ainda não se decidiram. A maioria foi agredida por Dante de alguma forma e ainda está confusa sobre como vieram parar aqui, então ainda não decidiram se querem ficar. Eu fico de olho nelas.

Ele jogou outra placa de madeira na pilha.

— E se elas quiserem ir embora? Elas podem?

Eu ergui um ombro.

— Fisicamente? Sim. Com o sistema de apoio certo, elas poderiam ir embora. Dante provavelmente iria atrás delas, mas isso já foi feito antes. Poderia ser feito novamente. Mas, às vezes, a questão é mental. Pelo abuso que sofreram antes de chegarem aqui. As mulheres não vêm parar nessa vida porque querem. Elas vêm para cá porque o mundo as surrou a ponto de até o cavaleiro mais sombrio parecer um herói.

Ajoelhado no canto, Penn parou o que estava fazendo e me deu toda a sua atenção.

— Foi isso que aconteceu com você depois de Nic? Dante começou a parecer um herói?

Meu estômago revirou.

— Não — eu respondi com firmeza.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Mentira?

— Juro por Deus que é verdade. Dante sempre foi o vilão da minha história.

— Você quer conversar sobre isso?

Eu sustentei seu olhar.

— Verdade. Não.

Seu rosto endureceu, dezenas de perguntas dançando em seus olhos. Mas eu não responderia a nenhuma delas, pelo menos não com a verdade.

— Dante é bom no que faz. — Voltei ao tópico original. — Ele entra em suas cabeças e puxa todas as cordas certas que as farão acreditar que esta é a melhor vida que podem ter.

— Me diz que você não acredita nisso, Cora.

Eu permiti que a verdade brilhasse em meus olhos.

— Não. Eu não acredito.

Penn pareceu visivelmente aliviado. Teria sido doce se não fosse tão ofensivo.

— Eu não sou uma mulher estúpida, Penn. Não sofri lavagem cerebral. Eu não sou... o que você pensa sobre mim.

Ele ergueu as mãos em rendição.

— Opa, calma aí. Eu não penso nada sobre você. — Penn fez uma pausa, soltou um palavrão baixinho e então continuou: — Isso foi uma mentira. Na verdade, penso muitas coisas sobre você. Mas nenhuma delas é ruim. Ok?

Eu desviei o olhar para a porta, a fim de evitar seu olhar perscrutador.

— Não quero a piedade de ninguém.

Com o canto do olho, eu o vi se levantar. Suas botas bateram no concreto enquanto ele caminhava, o colchão afundando quando Penn se sentou na beirada. Tentei rolar para longe, mas ele não me deixou. Usando uma mão, Penn guiou minha cabeça até seu colo e, em seguida, usou a outra para prender minhas pernas; então eu fiquei enrolada como uma gatinha em torno dele, com minhas coxas alinhadas com suas costas.

Seu rosto estava suave, sua postura, relaxada, e sua voz, grossa, quando ele se inclinou para perto e declarou incisivamente:

— Então você não vai ter isso de mim.

Concentrei-me em seu abdômen.

— Não pareceu.

— Eu também estou aqui, Cora. Você tem razão. Todos nós temos nossas razões. Estou apenas tentando entender as suas. — Ele afastou o cabelo do meu rosto, as pontas de seus dedos calejados percorrendo minha bochecha e descendo pelo meu pescoço. Como se ele soubesse o significado, parou antes de alcançar meu colar de estrelas. — E isso significa conhecer você. Então, se você tem segredos que ainda não está pronta para compartilhar, tudo bem. Jogue seu jogo de mentiras. Mas nunca confunda minhas perguntas ou o fato de eu querer saber tudo sobre você como algum tipo de julgamento ou pena.

Droga. Isso foi muito gentil.

E fez com que eu me sentisse um lixo.

Minhas bochechas aqueceram.

— Desculpa. Faz muito tempo que não falo com ninguém. Quero dizer... eu falo muito. Mas geralmente não sobre mim.

— Está bem. Eu sou ruim nisso também. Não sou exatamente o homem mais aberto do mundo.

— Não, você definitivamente não é. — Arrisquei uma espiada nele.

Penn estava sorrindo.

— Tem algo que queira me perguntar?

— Ah, cerca de um milhão de coisas.

— O que você acha de jogarmos um pouco de Verdade ou Mentira em rodadas? Acho que cansei de trabalhar esta noite.

Eu sorri largamente. Em parte, porque estava ansiosa para saber mais sobre o misterioso Penn Walker, mas também porque terminar de trabalhar significava que ele provavelmente ficaria na cama comigo, conversando e me abraçando até que eu adormecesse.

— Vejo que você gostou dessa ideia.

Eu balancei a cabeça várias vezes.

Penn deitou no colchão.

— Vamos. Entra nas cobertas.

Eu assisti com muita atenção enquanto Penn desamarrava suas botas, as colocava ao pé da cama, checava todas as fechaduras da porta do meu quarto e então deslizava na cama ao meu lado. Eu ri quando ele me moveu de um lado para o outro buscando uma posição confortável.

Como braço dobrado atrás da cabeça, Penn beijou minha cabeça e murmurou:

— Manda ver.

Resolvi começar por baixo.

— Cor favorita.

— Verdade. Azul.

— Claro ou escuro? — Inclinei a cabeça para olhar para ele, e

Penn abaixou o queixo para me olhar de volta.

— Não. Rodadas. Minha vez. Comida favorita.

— Mentira. Legumes. — Eu pisquei.

Ele riu.

— Você esqueceu que eu te vi mutilando aquele cupcake faz pouco tempo.

Sorrindo, eu arregalei os olhos para ele.

— Eu disse “mentira”.

Ele olhou para mim, mas com os lábios trêmulos.

— Quantos anos você tinha quando perdeu a virgindade? — eu perguntei, passando os dedos por baixo da barra de sua camiseta.

Suas sobrancelhas se ergueram, e ele pegou minha mão, me impedindo de prosseguir o provocando.

— Quem disse que eu perdi?

Foi a minha vez de encará-lo.

E sua vez de rir.

Quando ficou sério, respondeu e continuou com as perguntas rápidas.

— Eu tinha dezesseis. Danielle Rogers na minha cama enquanto meus pais estavam no trabalho. Sabor de sorvete favorito?

— Chocolate.

— Que surpresa — ele brincou.

— Você se formou no ensino médio? — perguntei.

— Formei. Fui o melhor da minha classe.

Minha boca se abriu.

— Fala sério?

— Sua surpresa não está fazendo coisas boas com o meu ego. E você?

— Consegui meu certificado de conclusão há alguns anos — respondi, de repente me sentindo muito inadequada.

Ele me deu um aperto reconfortante no quadril.

— Não fale desse jeito. Trabalho duro é trabalho duro. Tenha orgulho disso, Cora.

Minhas bochechas aqueceram sob seu elogio.

— Você fez faculdade?

— Hum... — Ele balançou a cabeça de um lado para o outro. — Mentira. Em uma faculdade pública na Flórida.

Eu ri.

Ele encolheu os ombros.

— E você?

Eu mordi o lábio inferior. Eu estava na faculdade há anos, tendo uma aula de cada vez. No começo, isso era tudo que eu podia pagar. Dinheiro nem sempre foi fácil de encontrar. Mas, mais recentemente, o tempo tinha se tornado a mercadoria mais difícil de conseguir. A maioria das aulas que eu fazia era online, mas sem um computador em casa, tinha que ir até a biblioteca. Minhas idas e vindas não eram monitoradas de forma alguma, mas só porque eu nunca levantei suspeitas. Se eu comesse a desaparecer por horas por dia, quem sabe o que não poderia ter acontecido? Ficar sob o radar sempre foi o mais seguro. E isso incluía manter a boca fechada sobre meus atos, mesmo quando eu queria gritar sobre eles a plenos pulmões.

Eu dei uma piscada em tom de flerte e repeti:

— Mentira. Em uma faculdade pública na Flórida.

— Certo. — Ele riu. — Sua vez.

Eu me aconcheguei mais ao seu lado.

— Você se dá bem com seus pais?

— Eles morreram — ele respondeu rapidamente. — Drew é tudo o que me resta.

Estremecendo, eu sussurrei:

— Sinto muito.

— Não sinta. Eles tiveram uma boa vida. Se amaram. Me amaram. Eu os amei. Não há motivo para se sentir mal.

Ele ficou em silêncio por vários segundos depois disso, perdido em algum pensamento. Então eu dei a ele um tempo, enquanto desenhava círculos preguiçosamente em seu abdômen.

Penn limpou a garganta abruptamente.

— Merda. Ah, ok. Voltei. — Sua mão, antes parada na curva do meu quadril, deslizou pela lateral do meu corpo. — Você tem amigos?

— Eu tenho muitas amigas.

— Não, Cora. Não me refiro às mulheres deste edifício. Quero dizer amigas com quem você fica no celular falando besteira por horas a fio. Ou se veste, vai para um bar e se solta, rindo muito alto e irritando todo mundo ao redor, mas ainda atraindo os olhares de todos os homens.

— Ah. Então, não.

— E aquela Catalina?

Minha cabeça se virou para trás, e meu corpo inteiro enrijeceu com a mera menção de seu nome.

— O quê?

Ele me deu um aperto.

— Relaxa. Eu só estou perguntando porque você mencionou que costumavam ser próximas, e tirando River e Savannah, eu não te vi ter nada parecido com mais ninguém.

Eu estreitei os olhos.

— Eu mencionei que costumávamos ser próximas?

Ele abaixou o rosto e olhou para mim.

— Mencionou, baby. Enquanto estava tentando me expulsar do seu apartamento me acusando de ser informante do Manuel.

Eu pisquei algumas vezes, vasculhando a memória. Raramente falava alguma coisa sobre Catalina. Embora, naquela noite em particular, eu não estivesse pensando direito. Meu coração dolorido e minha boca furiosa estavam comandando aquele show, então não era exatamente impossível que eu tivesse mencionado alguma coisa. Eu só não me lembrava. O que, dependendo do que eu dissera, poderia ser perigoso. Mesmo se eu só tivesse dito qualquer coisa para Penn.

— O que mais eu disse?

— Nada. Só isso, e que você não sabia onde ela estava, seguida por um monte de “vai embora”.

Eu soltei um suspiro de alívio.

— Ok, que bom.

Suas sobrancelhas se ergueram, enrugando a testa.

— Tem algo que você quer me dizer?

Apertei os lábios e balancei a cabeça.

— Não. E verdade. Não, não tenho amigas com quem me arrumo e saio. Isso não é um luxo que eu já tenha tido. Não tive isso com Cat quando ela ainda estava por perto nem quando ela foi embora. Embora isso pareça ser divertido. Talvez quando o tempo esfriar novamente e as coisas desacelerarem, eu sugira uma noitada para algumas das garotas.

Penn se mexeu, descendo no colchão ao mesmo tempo em que me puxava para cima, até deitarmos no mesmo travesseiro.

— Você pode conversar comigo. Você sabe disso, certo?

— Claro — eu sussurrei, dando um selinho nele. Era apenas uma meia mentira. Eu me sentia confortável conversando com Penn. Estava adorado o joguinho de rodadas de perguntas. Mas não quando ele oferecia risco de vida à Catalina. — Minha vez. Como você conseguiu o nome Penn?

Ele franziu a testa, me ignorando.

— Você sente falta dela?

Meu estômago deu um nó — por causa da pergunta e da resposta.

— Todos os dias.

— Você acha que ela ainda está viva?

Eu não queria ouvir os alarmes na minha cabeça.

Eu não queria sentir os cabelos da nuca se arrepiando em advertência.

E eu definitivamente não queria ver o interesse em seu rosto enquanto ele sustentava meu olhar esperando minha resposta.

Mas eles estavam lá. Tudo isso.

E isso fez um pânico crescer dentro de mim que me fez querer fugir.

— Vou pegar algo para beber. Você quer...?

Eu me virei e comecei a me sentar, mas seu corpo se nivelou com minhas costas. Seus braços fortes me envolveram por trás, com força o suficiente para me conter, soltos o suficiente para que eu pudesse escapar facilmente.

Era a cara do Penn.

— Eu odeio o fato de você estar sozinha — Penn murmurou. — Eu

odeio que você passe noventa por cento do seu tempo presa entre essas quatro paredes. Eu odeio que as únicas amigas que você tenha sejam mulheres que precisam de você em vez de pessoas que desejam estar com você. Eu odeio que você não tenha uma família para se apoiar. E enquanto eu amo pra caralho que todas as noites você aguarde que eu venha para cá, odeio pra caralho que eu não precise expulsar ninguém para poder passar um tempo com você. Você precisa de pessoas boas em sua vida, Cora, e Catalina é a primeira e única pessoa que eu ouvi você mencionar como sendo alguma dessas coisas para você. Então me desculpe se falar sobre ela te aborrece, mas se houver algo que eu possa fazer para recuperar isso tudo para você, eu gostaria de pelo menos tentar.

Sua explicação me relaxou levemente, entorpecendo até mesmo os alarmes mais altos, mas é aquela história: de boas intenções o inferno está cheio.

— A melhor coisa que você poderia fazer por mim é *parar* de falar sobre ela — eu sibilei por cima do ombro, meu pulso trovejando em meus ouvidos. — Se ela ainda estiver viva é porque não quer ser encontrada. — Coloquei minha mão sobre a dele e entrelacei nossos dedos. — Sim, Pen. Eu sinto falta dela. Sim. Eu daria tudo para tê-la de volta. Mas saber que ela não está presa em uma vida com um marido abusivo e que está fora do alcance do pai e irmãos psicóticos? Bem, isso faz mais por mim do que qualquer noite de garotas.

— Merda — ele sussurrou, seus braços tensionando ao meu redor.

— Você pode ter boas intenções, mas eu estou implorando para você deixar esse assunto para lá. Deixa Catalina para lá.

Ele assentiu com a cabeça, apoiando o queixo no meu ombro, enquanto nós dois encarávamos a parede suja do outro lado do meu quarto.

Ele estava olhando para o nada.

Eu estava olhando para o friso acima do batente da porta e imaginando os duzentos mil dólares escondidos atrás dele.

Não era o suficiente.

Ainda não.

Mas eu estava me aproximando.

E, portanto, Catalina também.

— É um nome de família — ele sussurrou antes de dar um beijo no meu ombro. — Pai, avô, bisavô. Todos se chamavam Penn.

Eu balancei a cabeça e olhei para ele por cima do ombro.

— Talvez devêssemos encerrar por esta noite.

Metade de sua boca se ergueu.

— Provavelmente é uma boa ideia.

Sem mais conversa, nós nos aconchegamos.

Penn com as costas no colchão.

Eu de lado, minha perna jogada sobre seus quadris e meu braço sobre sua barriga.

Eu poderia ter ficado assim para o resto da minha vida. Eu não tinha adormecido ainda, mas já estava com medo de Penn me acordar para avisar que ia embora.

— Vai ficar esta noite? — eu perguntei, beijando seu peito.

— Eu sempre fico.

Inclinei a cabeça para trás a fim de olhar para ele.

— Não. Você me acorda antes de ir ou sai quando as meninas me acordam para fazer o check-in.

Sua expressão estava suave, os olhos cheios de afeição genuína — uma grande diferença do homem que entrou pela minha porta um mês antes.

— Baby, suas garotas ligam ou mandam mensagens a noite toda. A última a fazer isso geralmente te acorda às cinco. Mesmo quando estou no meu apartamento, acordo às cinco. Eu não saio correndo daqui para ir deitar na minha cama. Saio para tomar um café, correr, tomar um banho, comer alguma coisa e ir trabalhar às sete.

Minhas sobrancelhas franziram.

— Você vai correr todas as manhãs?

— Sim.

— Mesmo?

Ele flexionou seu abdômen sob minha mão.

— Vou dizer de novo: sua surpresa não está sendo muito boa para o meu ego.

— Não — eu me defendi, me apoiando em um cotovelo. —

Definitivamente parece que você faz atividade física. É só que eu não percebi que você corria todos os dias.

Ele sorriu.

— Há muito que você não sabe sobre mim, Cora. E é exatamente por isso que estamos deitados na cama, jogando Verdade ou Mentira. Você vai descobrir mais coisas. — Seu braço me apertou mais, e suas pálpebras se fecharam enquanto Penn virava o rosto para o teto. Depois de respirar fundo, ele terminou com: — Nós dois vamos.

Como tantas vezes com Penn, adormeci naquela noite com um sorriso no rosto.

Depois de um beijo lento que me deu arrepios, ele saiu bem cedo na manhã seguinte para correr.

E porque imaginei que Penn correndo significava que ele estaria quente, suado e possivelmente sem camisa, levantei bem cedo também e bebi meu café no parapeito com vista para o estacionamento.

Eu tinha razão em tudo que imaginei.

Quando ele voltou correndo, estava quente.

Muito suado.

Totalmente sem camisa.

E enquanto ele olhava para mim, seu peito arfando, as mãos nos quadris, seu abdômen dando um show a cada respiração e um sorriso cheio de humor esticado em seu rosto bonito, eu decidi que aquela seria a minha mais nova rotina.



CAPÍTULO 20

Cora

— Pivot! — River gritou enquanto Drew e Penn carregavam meu colchão novinho em folha até o último lance de escadas.

— Ai, meu Deus, pare.

Ela riu.

— Você tem que entender que, quando você força uma pessoa a assistir todas as dez temporadas de *Friends*, em algum momento *vai ter* alguma consequência. — Ela me lançou um sorriso enorme. Então colocou as mãos em concha ao redor da boca e repetiu: — *Pivot!*

Rindo, eu gentilmente dei um tapa em seu braço.

— Pare. Ele comprou uma cama para mim. Não o faça se arrepender.

Savannah me deu um empurrão do outro lado.

— O homem comprou para você uma cama na qual ele vai te desnudar antes de dormir com você todas as noites. Eu não acho que ele vai se arrepender de nada por um bom tempo. — Ela piscou.

Minha boca se abriu.

— Quero que você saiba que a *única* coisa que Penn faz na minha cama é dormir, muito obrigada.

— Ah, ele não sobe mais. Não liga. Ele é velho...

— Ele sobe, sim! — exclamei muito alto, bem quando Penn surgiu com uma ponta do colchão queen-size em mãos.

— Eu subo o quê? — ele resmungou enquanto passava por nós.

Drew apareceu logo em seguida, segurando a outra extremidade e me lançando um sorriso de quem sabia do que eu estava falando.

Revirei os olhos e dei a Savannah um olhar mortal que só a fez rir. Em um tom doce — e esperançosamente perturbador — respondi:

— A cama. Só. Nada mais. — Eu me arrastei para o lado, tirando Savannah do caminho para que os caras pudessem entrar em meu apartamento.

River soltou um último “*Pivot!*” enquanto eles passavam pela porta.

Quando eles desapareceram em direção ao meu quarto, eu sibilei para Savannah:

— Você consegue ficar de boca fechada? Em primeiro lugar, não é da sua conta o que Penn e eu fazemos ou não fazemos no meu quarto. Em segundo lugar, ele *não* é velho.

— Então você está me dizendo que estão juntos há mais de um mês e ainda não fizeram nada?

Desconfortável, olhei para River, que de repente ficou — felizmente — muito interessada em seus sapatos.

— De novo: não é da sua conta. — Baixei a voz e sibilei: — Mas, não. Ainda não fizemos nada.

Eu mantive o “*não por falta de empenho de minha parte*” para mim mesma.

Seus olhos se arregalaram, e, de repente, seu rosto empalideceu.

— Puta merda. Você realmente não transou com ele?

Endireitei a postura. As besteiras que Savannah dizia não me surpreendiam mais. Ela não tinha filtro nenhum. Mas foi o puro terror contorcendo seu rosto que fez meu coração parar.

Olhando-a com curiosidade, respondi:

— Não. Não fizemos.

Vindo para perto de mim, ela agarrou meus dois ombros e me deu uma sacudida forte.

— Por que não?!

— Ei! — River gritou, tentando entrar no meio de seja lá o que raios estava acontecendo.

— Qual é o seu problema? — exclamei.

Os olhos verdes de Savannah me perfuraram como se ela estivesse enlouquecida, reforçando o pânico que emanava dela.

— Você tem que fazer sexo com ele! Ele vai sair daqui e arrumar em outro lugar ou vai pegar à força. Os homens não esperam! — Ela me deu uma sacudida forte, me fazendo tropeçar para trás. — Se você quer manter esse cara, precisa parar com os jogos e dar a ele o que ele quer.

Meu estômago se contorceu, e a bile subiu pela garganta.

— Não é assim que os relacionamentos funcionam, querida. Penn nunca faria...

— Sim, ele faria!

Sua voz falhou, e suas mãos tremeram enquanto ela tentava me empurrar novamente.

Eu peguei seus pulsos antes que ela conseguisse.

— Pare com isso — ordenei.

Isso só a deixou mais enérgica. Lágrimas caíram de seus olhos, e seu rosto ficou vermelho.

— Ele é um homem! Ele *vai* fazer isso, Cora. E então ele vai embora. Então, por favor, eu imploro. Apenas dê a ele o que ele quer. Não podemos nos dar ao luxo de perder Penn.

Eu fiquei imóvel.

— O que você quer dizer com não *podemos* perder o Penn?

Foi River quem respondeu.

— Ela quer dizer que Marcos e Dante não vieram aqui desde o dia em que Penn e Drew chegaram. Nem mesmo depois do que houve com a Angela. Eles nunca ficaram ausentes por tanto tempo, especialmente depois de algo assim.

Aquilo era algo que eu tinha ciência, eu vinha fazendo um esforço imenso para não ficar toda hora pensando no assunto. Penn me distraíndo tornou tudo mais fácil.

O que não foi fácil foi descobrir que as garotas haviam assumido minha posição como Chefe das Preocupações.

Eu me encolhi quando minha ficha caiu. Eles gostavam de Penn. Ele foi legal com elas; Drew também. Os irmãos Walker pagavam às meninas alguns dólares aqui e ali para ajudar com a arrumação depois do trabalho ou dobrar a roupa lavada. Penn até ajudou Savannah uma vez, depois do jantar na minha casa, com a lição de casa. Eu fui uma burra por não prever que aquilo aconteceria. River e Savannah finalmente encontraram um homem decente, e agora estavam com medo de perdê-lo.

Tentei inspirar profundamente, mas não consegui. Não enquanto sentia o peso impressionante das lições que aquelas garotas já haviam

aprendido em seus poucos anos de vida.

Os homens na vida de River eram sociopatas, criminosos da pior espécie.

E por baixo das roupas de Savannah ainda havia queimaduras e cicatrizes feitas por seu pai.

Ambas escondiam bem as consequências do abuso sofrido na maior parte do tempo. Mas merdas como aquelas não desapareciam em questão de semanas ou anos. Para a maioria das mulheres — inclusive eu — tornavam-se o foco de todas as decisões que tomariam pelo resto de suas vidas.

O passado nem sempre estava no passado. Às vezes, não era nada além de um holofote distorcido iluminando cada passo que você dava, não importando quão bonito esse caminho no presente pudesse ser.

Era uma luz que não podia ser quebrada.

Ou que se poderia fugir.

Nem mesmo quando queimava.

Às vezes, a única coisa que podia encobrir a dor era saber que há luzes maiores e mais brilhantes.

Luzes que iluminariam a verdade, aqueceriam a pele fria e curariam um coração partido.

Não precisava ser um homem. Poderia ter sido *qualquer um*.

Um amigo. Um membro da família. Um estranho.

Ou até mesmo uma mulher tão presa quanto você.

Soltando seus pulsos, a puxei com força para um abraço. Savannah resistiu, mas não lutou contra mim, e segundos depois, soluços silenciosos atormentaram seu corpo enquanto eu a envolvia com força.

— Você não tem que dormir com alguém para fazê-lo ficar em sua vida, Savannah.

— Você não tem como saber disso até que aconteça — ela resmungou, enterrando o rosto no meu pescoço, seu rabo de cavalo grosso e vermelho fazendo cócegas no meu nariz.

O movimento no início do corredor chamou minha atenção. Olhei para cima e vi Drew parado, encostado na parede como se estivesse ali há algum tempo, os punhos tão apertados, que os nós dos dedos estavam brancos. Ele estava olhando para as costas de Savannah, mas

eu não tive tempo de me concentrar nele antes de sentir o calor de Penn atrás de mim.

Eeeee eles realmente ouviram tudo. Fantástico.

Penn teve o cuidado de não me tocar ou interromper o abraço que eu dava em Savannah.

Mas ele estava muito perto, me fazendo o recheio de um sanduíche entre a garota danificada em meus braços e o homem que ela desejava desesperadamente que nos salvasse.

Sua voz era como uma rocha, firme e rígida, quando ele se inclinou sobre meu ombro oposto e direcionou suas palavras para ela.

— Setecentos anos, Savannah.

Seu corpo enrijeceu com força, mas Penn continuou falando.

— Esse é o tempo que um homem que se preocupa com uma mulher esperaria para dormir com ela. Eles não vão embora. Eles não perdem o interesse. E eles com certeza não pegam algo que não lhes pertence. Um homem não rouba nada. Um homem não te manipula quando quer seu corpo. Um homem não dá a mínima se seu cabelo e maquiagem estão prontos. Ele nem se importa se você o forçar a assistir musicais idiotas com suas amigas. Um homem de verdade esperaria esses setecentos anos, com toda a certeza, porque cada segundo que ele passa com sua mulher é uma recompensa por si só.

Minha respiração ficou presa na garganta, e minhas entranhas derreteram enquanto eu espiava Penn por cima do ombro.

— Não fale comigo como se eu não soubesse como os homens funcionam — ela retrucou. — Você quer uma coisa. E se ela não dá essa coisa, você encontrará alguém que vai dar.

— Querida, pare — eu implorei. — Isso é assunto meu e do Penn. Isso não afeta você.

— Isso é mentira — River entrou na conversa, apontando um dedo na minha direção. — Admita. Tudo o que você faz nos afeta. Até com quem você está ou não está dormindo. Como diabos você acha que isso vai acabar? Os Guerrero comprando um presente de casamento para você e Penn? Se oferecendo para realizar a cerimônia aqui no prédio? Dante nunca vai deixar você ir. E você está mentindo para si mesma se acha que ele vai.

A dor se amplificou quando os fragmentos do meu coração se

partiram em um milhão de pedaços.

— Então eu deveria desistir de tudo e deixar que ele vença?

— Claro que não! — ela gritou. — Você que vá atrás de ajuda. O que queremos saber é: o Penn pode ser essa ajuda? — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Verdade. Também me senti melhor em relação ao seu relacionamento quando pensei que você estava dormindo com ele. Porque ele sempre voltava. Mas agora me pergunto se ele só está voltando porque gosta do desafio. O que vai acontecer quando ele parar com isso? E, pior, o que vai acontecer quando ele for embora? A fofoca *vai* se espalhar. Mesmo que venha de um dedo-duro no supermercado. Onde Penn vai estar quando eles aparecerem? Porque todas nós sabemos onde você vai estar.

Com o canto do olho, eu vi Penn estremecer, e então suas costas se endireitaram, fazendo-o parecer mais alto. Ela não estava errada. Eu estaria vivendo em uma terra de sonhos se achasse que não pagaria de uma forma ou de outra para ser feliz. Mas eu havia experimentado essa sensação tão poucas vezes, que parecia valer a pena apostar naquilo.

Mas agora? Depois de ver as meninas assim? Eu não tinha mais tanta certeza.

— River — eu ofeguei, estendendo o braço para que ela pudesse se juntar a Savannah em meu abraço.

Ela recuou.

— Não. Eu não preciso de um abraço, Cora. Eu... nós precisamos de respostas. E precisamos que você seja honesta. — Ela fez uma pausa e respirou fundo. — Verdade ou mentira.

Levei a mão ao meu colar de estrelas, deslizando-o nervosamente para frente e para trás sobre a corrente. Eu não tinha ideia do que ela estava prestes a perguntar, mas não podia prometer que contaria a verdade.

— Ok. Vá em frente.

Ela balançou a cabeça.

— Não de você. *Dele*.

Olhei para trás e vi Penn olhando para ela.

Ele umedeceu os lábios e inclinou a cabeça para o lado.

— Manda ver, garota.

— Você vai cuidar dela? E quero dizer *cuidar de verdade*. Para além de cupcakes e jantares estúpidos. — Ela deu um passo em direção a ele. — Estou falando de colocar a vida de toda a sua família em risco contra os Guerrero caso seja necessário.

Todas as cabeças no cômodo se viraram para Penn enquanto ele silenciosamente permanecia imóvel. Desconfortável, mas ainda confiante, ele olhou para o chão, deslocando seu peso de um pé para o outro por uma quantidade de tempo agonizante que provavelmente foram apenas segundos, não as horas que pareciam ser.

Penn e eu estávamos começando algo. E aquilo era um grande compromisso, o que elas estavam pedindo. E, infelizmente para o meu coração, ouvir a resposta seria um compromisso ainda maior, porque não havia como voltar atrás. Eu não estava pronta para perdê-lo, para perder uma parte de mim mesma, mas se sua resposta fosse outra coisa além de um conclusivo e inquestionável sim, era exatamente isso que eu teria de fazer.

— Você não precisa responder a isso — eu sussurrei.

— Sim. Ele precisa — Savannah disse, saindo dos meus braços.

Prendi a respiração até meus pulmões arderem. Penn me disse que estaria comigo naquele acordo que selamos, mas aquilo parecia algo maior, algo real.

Quando ele finalmente olhou para cima, seu rosto estava rígido, mas seus olhos estavam em chamas, como se um fogo estivesse crescendo em sua alma.

— Não tenho mais família. Não tenho mais nada a perder. Nada que eles possam tirar de mim.

Pois é. Aquilo foi uma bosta de ouvir.

Momentaneamente.

Ele pegou em minha mão, acrescentando:

— Exceto Cora.

A emoção explodiu em meus olhos. Eu não conseguia piscar rápido o suficiente para afastar as lágrimas.

Depois de levar minha mão à boca e dar um beijo rápido, ele se voltou para River.

— E, por tabela, isso significa você e Savannah também. Então, sim, River. Eu vou fazer o que for preciso para manter Cora segura. E isso é cem por cento verdade.

O queixo de Savannah tremeu, mas ela endireitou os ombros e o olhou diretamente nos olhos dele.

— Mesmo que isso signifique levar Cora para longe da gente?

Meus olhos arderam quando a culpa correu por minhas veias.

— Não — eu jurei, dando um passo gigante para frente.

Calmamente, Penn usou nossas mãos entrelaçadas para me puxar de volta para o seu lado.

— Você acha que ela deixaria vocês duas para trás? — Isso foi perguntado de um modo meio *ei, isso parece uma boa ideia*, em vez da maneira retórica *você não pode estar falando sério*.

— Penn — eu repreendi.

Elas estavam sofrendo, e ele estava fazendo piadas? Tentei tirar minha mão da dele, mas Penn só a segurou com mais força.

— Respondam — ele pressionou.

Elas se entreolharam, comunicando-se silenciosamente, lágrimas caindo de seus olhos.

River finalmente me ofereceu um sorriso triste.

— Não. Ela não nos deixaria.

O amor explodiu dentro de mim — até que Savannah respondeu.

Seu corpo magro tremia, e ela evitou meu olhar quando admitiu:

— Eu não sei.

— Savannah — eu resfoleguei, sua confissão me atingindo com violência.

— Então você precisa abrir os olhos, garota — Penn disse, rude. — Sim, tem algo acontecendo entre mim e Cora. Algo bom. A cada dia que passa, fica mais forte e mais profundo. Mas eu nunca tentaria afastar Cora de vocês. Porque, sendo honesto, ela não concordaria com isso.

Savannah ergueu a cabeça, a descrença gravada em suas feições.

— É. É isso mesmo que você ouviu. Essa mulher jogaria de bom grado tudo o que temos no lixo caso eu pedisse a ela que deixasse

você duas. Temos passado muito tempo juntos, mas, honestamente, é embaraçoso o quanto ela fala de você, garotas.

Meu coração parou quando testemunhei o alívio tomar conta das minhas duas meninas. Da cabeça aos pés, elas cederam. Mas Penn ainda não havia terminado.

— Savannah, sua cor favorita é roxo, e não porque você gosta, mas porque destaca seus olhos. Além disso, você poderia ensinar Cora a fazer as sobrancelhas? Juro por Deus, todas as noites ela me dá uma dissertação de dez minutos sobre como nunca consegue fazer as sobrancelhas do jeito que você faz. Você salvaria meus tímpanos de muitos problemas se pudesse cuidar disso.

Minha boca se abriu, e eu virei a cabeça para trás e olhei para ele.

— E, River... — Penn continuou. — Sem brincadeira, continua tirando boas notas. E se você puder parar de crescer tanto, eu ficaria muito agradecido. Acho que você cresceu uns cinco centímetros desde que cheguei aqui. Cora não está pronta para ter que erguer a cabeça para te olhar, sabia?

O rosto inteiro de Savannah se iluminou como se ele a tivesse dado o maior elogio do mundo.

River timidamente olhou para os sapatos, um sorriso gigante se estendendo de orelha a orelha.

E com meu coração disparado, mas ao mesmo tempo se esforçando para bater, eu olhei para Penn com admiração absoluta.

Eu nunca tinha falado nada sobre as sobrancelhas de Savannah. Na verdade, eu queria que elas fossem um pouco menos destacadas. E ela usava muito roxo — Penn deve ter notado. E River, sim, ela estava arrasando nas matérias; ela era muito inteligente. E não ia demorar muito até que ficasse mais alta do que eu, mas eu não conseguia me lembrar de ter falado essas coisas para Penn.

Eu amava minhas meninas. Eu cavaria minha própria cova antes de deixá-las para trás.

Mas cada palavra da boca de Penn tinha sido uma mentira descarada.

E a gratidão que senti por dentro fez meus joelhos fraquejarem. Penn usara coisas que conhecia ou observara para fazê-las se sentirem amadas de uma forma que palavras nunca poderiam transmitir

adequadamente.

Eu sempre odiei mentiras. Eu passei a maior parte da minha vida ouvindo mentiras. No que me dizia respeito, elas serviam apenas para garantir um estado de falsa segurança.

Mas, naquele momento, eu nunca fui tão grata por algo na vida.

Meus olhos começaram a lacrimejar novamente quando Penn revelou quão brilhante sua luz realmente era. Ele estava nos protegendo desde o primeiro dia.

Fechando a cortina do chuveiro.

Limpando o apartamento de Angela.

Sentando do lado de fora da minha porta.

E ele estava esperando. Talvez não setecentos anos. Mas ele estava lá todas as noites, conversando e passando um tempo me conhecendo, tendo pouca ou nenhuma expectativa.

E ele entendeu que eu nunca viraria as costas para River e Savannah. Tanto que mentiu para elas para que tivessem certeza daquilo.

Não importa o quanto eu tentasse esquecê-lo, eu ainda sentia um holofote virado para minha cara diariamente. E pela primeira vez desde que Nic morreu, senti o alívio da ausência de calor em meu rosto quando Penn bloqueou aquela luz acusatória.

Eu pisquei. Tipo, pisquei muito. Penn já havia declarado que estava cuidando de mim. Mas isso era diferente.

Era uma promessa.

Um voto.

Uma verdade inegável.

E, o pior de tudo, isso me deu esperança.

Nada no mundo jamais me desapontou, me danificou ou me destruiu como a esperança, em determinados momentos, já o fez comigo.

E sentir aquilo por causa de Penn? Bem, me assustou para cacete.

Eu me virei em seu peito para esconder meu rosto das meninas.

Seus braços fortes se cruzaram ao meu redor enquanto eu me desmanchava em lágrimas.

— Então, como você pode ver, estou aqui. Vocês estão em segurança. Não importa o que aconteça. Agora, se vocês puderem ir embora e orar por mim, Cora está prestes a comer minha bunda por eu ter contado as coisas que conversamos em particular — Penn disse, me abraçando.

River tossiu, como se estivesse controlando algumas emoções.

— Sim. Ok. Eu, uh... acho que temos que ir para a cama agora.

— Claro — Savannah sussurrou, a voz calma. — Cama. Boa ideia.

Ouvi o som de pés contra madeira enquanto elas se apressavam pelo corredor, parando apenas para desejar boa noite em voz baixa.

Drew foi o próximo.

— Eu vou embora também. Você se vira sozinho?

— Sim, cara. Obrigado por ajudar.

— Sem problema. — Drew deu um tapinha nas minhas costas. — Boa noite, Cor.

— Boa noite, Drew — eu respondi contra o peito de Penn.

Quando a porta finalmente se fechou, Penn abaixou a cabeça e aproximou os lábios da minha orelha.

— Você está bem?

Eu balancei a cabeça negando.

— Não tipo “um bom não” ou tipo “um não ruim”? — ele perguntou.

— Não sei. — Uma onda de lágrimas fez minha garganta se apertar até eu mal conseguir falar. — Você... você mentiu para elas.

Ele beijou a lateral do meu rosto.

— Nem todas as mentiras são ruins, baby. Às vezes, elas são necessárias. Temos passado muito tempo juntos. Elas são crianças. Elas só precisavam ouvir que ainda são a coisa mais importante da sua vida.

Minha respiração estremeceu, e cobri a boca com a mão enquanto respondia:

— Elas são. Elas são muito.

— Eu sei. E, agora, elas também sabem disso.

Tentei ao máximo me aproximar mais em seus braços.

— Deus, Penn. Como você pode ser tão incrível?

— *Finalmente* ela pergunta “como” em vez de “por quê”.

Olhei para ele.

— Ahn?

Penn sorriu.

— Algumas semanas atrás, você me perguntava *por que* eu te ajudei. Esta noite, você perguntou *como* posso ser tão incrível. Isso é um grande passo, Cora.

Ele não estava errado. Foi um grande passo para mim.

E isso aconteceu sem esforço algum.

Um pouco como seria se apaixonar.

Piscada.

Piscada.

Piscada.

— Merda, você vai chorar de novo — ele murmurou.

Eu coloquei o rosto em seu peito novamente.

— Mas eu acho que é um bom “não” desta vez.

— Você quer conversar sobre isso enquanto eu monto sua nova cama?

— Você é habilidoso com a chave de fenda, então não tenho certeza de que vai ter tempo suficiente.

Ele riu.

— Certo, mas pelo menos quando você acabar de pensar sobre o assunto e eu tentar te beijar para transformar o “não que é bom” em algo melhor, vamos poder fazer isso em uma superfície confortável.

Eu sufoquei uma risada.

— Você é um cara muito doce, Penn. Disse tudo aquilo para as meninas. Faz coisas boas, como me arrumar uma cama. Promete cuidar de mim.

— Faço você chorar o tempo todo — acrescentou à minha lista.

— Não. Isso, não. Eu lhe disse que é uma questão de saúde.

Ele riu, deslizando os braços em volta da minha cintura e me puxando para frente.

— Então o que houve, baby? Porque, a meu ver, nenhuma dessas coisas parece ruim.

— Elas não são ruins. Elas são realmente incríveis.

E eram mesmo. Mas nada na minha vida permaneceu incrível por muito tempo.

Ele sorriu.

— Que bom. Porque eu gosto de fazer essas coisas por você. E eu vou adorar o jantar de agradecimento que você vai cozinhar para mim amanhã à noite.

Penn abaixou a cabeça para que pudesse beliscar o lóbulo da minha orelha e murmurou:

— Eu voto por uma reversão de expectativa: voltar para onde tudo começou, com hambúrgueres de peru com bacon.

Eu ofereci a ele um sorriso genuíno, mas muito forçado.

Eu poderia fazer aquilo. Eu poderia cozinhar para ele aquele jantar. Eu poderia ficar sentada no meu quarto enquanto ele arrumava minha cama. Eu poderia até deitar na cama mencionada e deixá-lo me beijar até perder o fôlego novamente.

Mas o que eu *não* podia fazer era esperar que eu seria capaz de o manter por perto.

Porque assim que eu tentasse, ele desapareceria.

— Ok. Eu posso fazer isso.

Penn beijou meus lábios.

— Apesar dos cupcakes e do dinheiro que eu tenho dado, não tenho certeza se suas garotas gostam de mim.

— Bem, elas vão ter que superar isso, porque acho que depois desta noite, oficialmente temos um relacionamento.

Penn me beijou novamente, desta vez com uma boca sorridente.

— Mulher, você está louca. O status de oficial existe há semanas. Passo todas as noites na droga da sua cama.

Passei a mão ao redor de sua cintura e desci até sua bunda firme, dando um aperto longo e prolongado e soltando um gemido.

— Você sabe, só para constar, nada disso teria acontecido esta noite se estivéssemos fazendo sexo.

Seus olhos se arregalaram e seu sorriso cresceu.

— É mesmo?

— Aham.

— Bem... — Ele apalpou minha bunda, me beijando enquanto gemia contra minha garganta. — A boa notícia é que temos setecentos anos para remediar essa questão.

Eu bati em seu peito.

— A má notícia é que eu tenho que correr até meu apartamento e pegar minhas ferramentas. Vá se trocar e pegar duas cervejas. Eu volto já.

Eu fiz uma careta quando Penn se afastou, mas isso só o fez rir.

No entanto, com o calor me consumindo, não achei nada engraçado.

O assobio faminto que eu dei enquanto ele saía pela porta e meu olhar colado em sua bunda remediarão a situação.



CAPÍTULO 21

Penn --

— Qual é a chance de você ter vindo me trazer uma comida incrível que Cora cozinhou para nos agradecer por ajudar com a cama? — Drew perguntou, de pé na frente do micro-ondas, contando os segundos até que o jantar congelado que ele havia posto três minutos antes ficasse pronto.

— Nenhuma — eu respondi rapidamente, passando da cozinha para o quarto. Eu dei a volta ao pé da cama nova que comprei junto da de Cora. A dela era melhor. Mas considerando que eu não dormia no meu apartamento desde o nosso primeiro encontro, foi mais uma compra para Drew do que para mim.

O micro-ondas apitou enquanto eu vasculhava minha caixa de ferramentas em busca da minha chave Allen.

— Que pesada foi essa noite — disse Drew enquanto mordida um burrito, quase comendo junto o papelão.

— Essas garotas são mais inteligentes do que parecem.

— Bem, sua conversa fiada foi de alto nível. Tudo aquilo de “você e Savannah também estão em segurança por tabela”. Você mandou ver no papinho.

— Não foi papinho — eu disse, indo ao meu armário para pegar um moletom para dormir.

— Desculpa. O quê?

— Eu disse que não foi um papinho.

Drew arqueou uma sobrancelha, incrédulo.

— Tá, seu imbecil. Essa é a parte que eu ouvi, mas que, com certeza, você falou errado.

Joguei meu moletom por cima do ombro e dei a ele toda a minha atenção.

— Mudança de planos. As três. Fazemos um acordo de pacote inteiro.

Ele rrangeu os dentes.

— Tá. Quando tudo isso acabar, entregaremos as crianças ao Serviço Social. Mas isso vai matar sua mulher.

Sentei-me na beirada da cama e comecei a desamarrar as botas.

— Ela não é minha mulher. Mas também não vai estar aqui quando partirmos.

Drew deu uma risada.

— Primeiro de tudo, eu não vou responder ao papinho de “ela não é minha mulher” que você acabou de mandar. Eu não tenho tempo para ficar conversando sobre como ela está apaixonada por você. E, pior, você está apaixonado para caralho por ela.

Meu intestino se retorceu. Isso não era novidade para mim. Nenhum homem poderia passar tanto tempo com uma mulher como Cora Guerrero sem ficar de quatro por ela. E eu tinha visto o jeito como ela olhava para mim — toda sonhadora e apaixonada.

A maneira como ela me segurava todas as noites quando adormecia, suas curvas suaves pressionadas tão apertadas contra minha lateral, que era como se ela estivesse tentando deslizar para dentro de mim. Cora não se afastava. Não se virava. E quando uma das mulheres no prédio a acordava, ela só se erguia o suficiente para pegar o celular e então voltava para o meu lado.

Além disso, tinha a maneira como chorava quando eu fazia algo legal por ela. E essas coisas legais eram um monte de bobeira. Legal seria trocar aquela merda de carro, comprar bolsas de grife ou a levar a restaurantes cinco estrelas apenas para ouvi-la gemer a cada mordida. Não. A única coisa legal que eu podia dar a Cora eram relacionadas a necessidades básicas.

No início daquela semana, notei que ela estava com pouco sabonete líquido, então comprei um novo no supermercado. Ela ficou com os olhos marejados e agiu como se eu tivesse dado o mundo inteiro naquela porra de frasco de três dólares. Eu tive de ir embora depois que ela disse obrigado pela centésima vez, estava com receio que ela fosse explodir.

Ela merecia mais.

Ela merecia algo melhor.

Ela merecia o melhor.

Ganhar a confiança de Cora tinha sido muito mais fácil do que eu

jamais pensei, porque ela esperava tão pouco de um homem, que só aparecer todas as noites a fez se apaixonar por mim.

E puta que pariu. Ficar ali, observando suas reações, trazendo para ela aquele sabonete idiota e vendo seus olhos reluzirem de pura alegria enquanto eu carregava o colchão top de linha que eu disse ter custado apenas trezentos dólares até seu apartamento fez com que eu me apaixonasse por ela também.

Cora estava longe de ser ingênua, mas seus critérios de comparação eram tão baixos, que tudo era novo e mágico. Eu nem conseguia pensar em quão emocionada ela ficaria se eu a levasse para a praia, ou ao exterior, ou, foda-se... para Ohio. Ela teria ficado emocionada, rindo o tempo todo, dando pulinhos, correndo de restaurante em restaurante, como se Cleveland fosse a nova Paris.

E essa merda era contagiosa — como uma droga de uma peste.

Porque estava me matando.

Semanas antes, eu tive um colapso emocional por sequer pensar em passar um tempo com aquela mulher.

E agora, todos os dias eu quebrava a cabeça tentando descobrir como poderia deixar Cora.

Era seguro dizer que ela não estava mais só na minha cabeça. Ela era uma parte de mim. E independentemente de como terminasse — o que era mais do que provável comigo estando em um túmulo —, ela iria florescer.

Isso significava que não só tínhamos de garantir que ela sáísse bem disso, mas que *ela*, *River* e *Savannah* saíssem bem disso.

Eu dei minha palavra àquelas garotas. Eu iria cumprir.

Parei de andar e olhei para Drew.

— Eu disse, não importa o que custar.

— E eu disse a você que nos certificáramos de que nada acontecesse com ela.

— Agora isso não é suficiente. Eu vou seguir em frente. Vou encontrar Catalina e seu filho. Farei o que tiver que fazer. Mas, no final das contas, eu a quero fora daqui. Eu a quero em uma porra de um apartamento confortável, onde possa respirar com liberdade, com as duas garotas ao seu lado.

Ele passou a mão pelo alto de seu cabelo castanho curto.

— Não. Não. Não. Não temos recursos para isso.

Eu o preendi com um olhar.

— Eu tenho os recursos. E vou tirá-las dessa confusão o mais rápido possível.

— Penn, ela tem uma ficha. Você sabe disso. Cora está de cara para aquela advertência que nem um jogador de T-ball enfrentando um arremessador da liga principal. E você vai ajudá-la a ir embora com duas fugitivas, uma delas sendo viciada? A merda vai cair no ventilador. E vai fazer com que ela seja presa *para sempre*. Você não está pensando direito. Podemos encontrar a filha da Catalina e tirar a Cora daqui. *Sozinha*. — Ele deu um longo passo em minha direção. — Não se esqueça do motivo de estarmos aqui. Você não é o salvador nesta história. Não é sua responsabilidade salvar aquelas garotas. Eu aceitei seu desejo de que nada aconteça com ela, mas essa é uma promessa que não podemos cumprir.

Quando eu era criança, costumava olhar para aquelas imagens de ilusão de ótica até ficar vesgo. Eu nunca fui capaz de ver o golfinho pulando da água ou a palmeira em uma ilha aparecendo em três dimensões. Mas toda vez que eu passava por um deles no shopping, eu sempre tentava.

Naquele momento, olhar para Drew era muito parecido com isso.

Só que ele era a palmeira nesse cenário, porque o homem na minha frente, falando em deixar meninas de treze e dezesseis anos para trás, não era de forma alguma o homem que eu conhecia.

— Quem é você? — eu perguntei, inclinando a cabeça de um lado para o outro como se a imagem fosse mudar.

— Quem sou eu? — ele repetiu, incrédulo. Seus olhos ficaram escuros, e seu rosto se contorceu com uma fúria fria como um túmulo. Apontando para si mesmo, ele rosnou: — Eu sou o homem que passou dois anos apodrecendo na prisão, beijando a bunda de Manuel Guerrero, quase caindo de joelhos e chupando o pau dele em troca de uma porra de uma pista para descobrir quem diabos matou minha irmã.

— E ela era minha esposa! — Eu me movi rapidamente, chocando meu peito com o dele. — Vingança não significa virar as costas para o

resto do mundo.

Ele riu, mas não tinha humor em seu tom.

— Você precisa sair daqui agora. Eu não vou deixar você estragar isso tudo por alguma necessidade fodida de salvar essas garotas porque você não conseguiu salvar Lisa.

Uma explosão de adrenalina me atingiu com tanta força, que embaçou minha visão. Felizmente, ele estava a apenas alguns centímetros de distância, então não era como se eu precisasse de GPS para me orientar.

Soquei a lateral de seu rosto. Drew rebateu com um murro, e nós dois caímos no chão. Rolamos, trocamos golpes, derrubando um monte de coisa enquanto brigávamos. Ele abriu um corte na minha sobrancelha esquerda, e eu arrebentei seus lábios.

Não era raro que nós dois brigássemos. Quando estávamos na faculdade e eu disse ao meu melhor amigo que estava apaixonado por sua irmã gêmea, as brigas se tornaram bastante comuns. Mas esta foi uma das piores.

Pela primeira vez em todos os quatro anos desde que nos sentamos e planejamos toda essa missão kamikaze de vingança, estávamos em lados diferentes.

Inúmeros socos foram dados.

Cabeça.

Corpo.

E como as regras do boxe profissional não se aplicavam a brigas de quarto...

Atrás da cabeça e abaixo da cintura também.

Nós dois estávamos suados, sangrando e sem fôlego quando o último soco foi dado.

— Porra, cara. Eu acho que você quebrou minha costela — ele gemeu, sentando ao meu lado, de costas.

— Que bom — eu murmurei, sem mencionar que eu mesmo estava todo dolorido.

Nós deitamos no chão, lado a lado, olhando para o teto, ofegantes e gemendo enquanto descobríamos novos ferimentos.

— Bem, isso foi terapêutico. Olhe só a gente lidando com as coisas

com responsabilidade e o caralho. Meu oficial de condicional ficaria emocionado.

Eu balancei a cabeça, estremeecendo quando encontrei um ovo de ganso na nuca.

— Como isso aconteceu? — perguntei, sentindo um nó na garganta. — *Como* chegamos a esse ponto?

— Você não precisa estar aqui. — Ele virou a cabeça para me encarar, mas eu não olhei para ele. — E se você for para casa, Penn?

— Não — respondi imediatamente.

— Vamos. Me escuta. Você leva Cora e as meninas de volta para a praia. Eu sei que você ainda tem a casa. E eu vou ficar aqui e terminar isso de uma vez por todas.

Minha pressão arterial subiu.

— De jeito nenhum. Esse não era o plano. Você fez sua parte. Você roubou o carro e chegou até Manuel.

— Ei, ei, ei. Eu roubei *dois* carros, muito obrigado.

Eu ri com tristeza, lembrando da primeira vez que fui buscá-lo na prisão. Ele entrou no meu Audi xingando e gritando. Ele foi possivelmente o primeiro homem na história a ficar bravo por ser libertado da prisão. Ele remediou a questão roubando o segundo carro e ganhando dois anos de prisão.

— Sim, você roubou. E agora é a minha vez. — Eu finalmente olhei para ele. — Esse era o plano, Drew. Você sacrificou o tempo que esteve na prisão. E eu sacrificaria o resto da minha vida. Seja em uma cela ou em um caixão. Esse era o plano.

— Mas isso foi antes de Cora.

— Não. — Eu balancei a cabeça inflexivelmente. — Eu não sou homem para Cora. Esta não é a minha última parada. Eu não posso arrastá-la para essa vida. Ela é incrível, e eu a quero fora daqui. Mas não posso oferecer a ela mais do que isso, e você sabe disso.

Ele bufou uma risada.

— Quanto caô. Você sabe que isso tudo é mentira, não é? Você está mais vivo agora do que nunca. E isso inclui quando você estava com a Lisa.

Meu rosto ficou tenso, o peito doía com uma agonia esmagadora.

— Não faça isso.

— Você a amava. Ninguém aqui está duvidando disso. Mas Cora é mais a sua praia. Você ama cuidar dessa mulher. Toda vez que ela ri, você se ilumina como uma árvore de Natal escravoceta.

Eu ri, e ele continuou falando.

— Com a Lisa era outra história. Ela era independente demais. Confie em mim, passei nove meses no útero com ela. Eu não me importo com o que os médicos me disseram, eu me lembro claramente dela tentando me matar pelo menos uma vez com o cordão umbilical.

Nós dois sorrimos. Não teria me chocado se ele estivesse certo.

Drew ainda não tinha terminado seu discurso.

— Ela te amava. Mas ela amava mais a vida e as aventuras. Você não tinha essa vibe. Você criou um império derrubando casas de praia e construindo mansões superfaturadas à prova de furacões. Da última vez que conferi, vi que esse tipo de coisa não costuma deixar muito tempo livre para fazer viagens e pesquisas. E isso era tudo que Lisa sempre quis fazer. Eu podia ter dito isso antes do seu primeiro encontro.

Ele estendeu a mão e bateu no meu braço, atingindo um ponto que já estava machucado.

— Quero dizer, caso você tivesse vindo falar comigo antes de pular na cama com ela pelas minhas costas. Só para constar, *não* foi o que você fez.

Eu passei a mão na testa para ver se tinha parado de sangrar. Não tinha, então me sentei e tirei a camisa, a pressionando no olho antes de me reclinar novamente.

— Já se passaram quinze anos, Drew. Já passou da hora de superar essa merda.

— O que estou dizendo é que Cora é diferente. Eu vi com meus próprios olhos. Ela te faz feliz, Penn. E não vou te julgar por querer isso tudo.

— Eu não posso. Eu fiz uma promessa.

— E eu estou deixando que você desfaça essa promessa. Eu cuido disso.

Em teoria, parecia uma grande oferta. Mas meu coração, minha

alma — minha consciência — não permitiriam. Senti a emoção me dominando por todos os poros.

— Você está certo sobre a Lisa — eu disse. — Ela tinha um espírito livre, de muitas maneiras. Mas ela precisou de mim uma vez. E eu não estive presente. Eu consigo fazer as duas coisas. Isso faria Lisa feliz. Vou pegar as meninas e Cora e as deixar em segurança e depois terminar o que começamos.

Ele olhou para mim antes de voltar sua atenção para o teto.

— Você tem certeza disso, Shane?

Meu corpo inteiro estremeceu. Meu coração parou. E quando respirei fundo, me lembrei de por que eu estava lá.

Uma respiração de cada vez.

“Por favor, Shane.”

— Positivo.



CAPÍTULO 22

Cora

Eu estava esperando Penn voltar para o apartamento quando meu celular começou a tocar.

— Ai, meu Deus, você viu o sinal do morcego! — exclamei, levando-o à orelha.

— Aaaahn — Catalina falou lentamente. — O quê?

Olhei ao redor do meu apartamento vazio. River e Savannah estavam trancadas em seu quarto, esperançosamente dormindo profundamente após a turbulência emocional da noite. Porém era mais provável que estivessem assistindo TV ou usando seus celulares.

— Eu estava torcendo para que você ligasse. Eu preciso de conselhos.

— Sim. Você deveria sair hoje à noite.

Revirei os olhos.

— Tenho cinco matérias ainda. Eu prometo, vou sair um dia. Mas não é disso que se trata.

— Vai demorar um ano para terminar essas cinco matérias, a julgar pela sua velocidade.

Parei de andar.

— Podemos deixar o lance da faculdade de lado e falar sobre o fato de que conheci um cara?

Como eu suspeitava que aconteceria, a linha ficou muda.

— Sim, eu vou esperar enquanto você processa essa informação. E enquanto você está pensando nisso, sinto a necessidade de prosseguir e dizer que ele é indescritivelmente lindo. Num nível tipo o Voldemort da beleza.

— Ele era bem horrível nos filmes, então não é uma comparação justa.

Com uma risadinha, troquei o celular para a outra orelha.

— O nome dele é Penn. Ele e o irmão assumiram o lugar de Hugo

na manutenção do prédio.

Mais silêncio.

E então um monte de *não* silêncio.

— Você pirou?

Afastei o celular da orelha para não perder a audição, mas ela continuou gritando.

— Cora, que diabos é isso?

— Eles não são Guerrero. Eles são... Walkers. Drew cumpriu pena com Manuel.

— Ai, meu Deus! — ela chorou. — Isso é pior ainda!

Eu afundei de volta no sofá.

— Relaxa. Eles não são o que você está pensando. Eles são boas pessoas.

— Ninguém que se associe com meu pai é gente boa.

— Bem, Penn não o conheceu. Mas acredite em mim, eles não são nada parecidos.

— Ah, meu Deus. Por favor, me diga que você não falou nada sobre mim.

Eu bufei.

— Pff. Você quem pirou. Estou ofendida por você ter pensado nessa possibilidade.

— Ai, obrigada, Senhor.

Sem uma cama arrumada para eu me deitar, me acomodei no canto do sofá, levando os joelhos até o peito.

— O Senhor não teve nada a ver com isso. Eu nunca botaria você ou Isabel em risco por um homem. Mesmo que ele seja incrivelmente lindo, gentil, atencioso e...

Ela fingiu estar com ânsia de vômito.

— Terminou?

— Não fique com inveja. Um dia, o Príncipe Encantado virá para você também. Ele vai atirar pedras na sua janela. Então, com um sotaque britânico muito elegante, vai pedir para você jogar pela janela as tranças que fez com os pelos da sua perna.

— Ai, credo! — Ela caiu na risada.

Era uma piada estúpida, mas eu faria qualquer coisa para Cat rir. Ela fazia aquilo tão raramente, que eu fiquei quieta, sorrindo que nem louca enquanto ela gargalhava.

Quando ela finalmente ficou séria, sussurrou:

— Deus, eu sinto saudades de você.

— Também sinto. Mas supondo que você não tenha visto o sinal do morcego e não tenha ligado para ouvir todos os detalhes suculentos sobre aquele-que-não-deve-ser-nomeado, a que devo o prazer desta ligação?

— Hmmm... pobreza — ela respondeu.

De repente me sentei, colocando os pés descalços no chão.

— O que houve agora?

— Minha energia foi desligada. O que nós duas sabemos que não é novidade, mas a senhora cuja casa eu costumo limpar decidiu de última hora passar o verão no Maine, visitando o neto.

— *Por quê?* — reclamei.

— Eu não faço ideia. Aparentemente, ela gosta dele ou algo assim. O problema é: isso me deixa totalmente lisa até que eu encontre outra coisa.

Catalina passou a vida como a princesa coroada da família Guerrero. Claro, eles a tratavam muito mal, a diminuindo e a usando como um peão para o que precisassem. Mas os sapatos com os quais ela andava poderiam tranquilamente estar incrustados de diamantes. Ela nunca trabalhou, e quando Manuel a convenceu a ajudar o time e se casar com o promotor público Thomas Lyons, ela não desceu na cadeia alimentar. Até o dia em que deixou tudo para trás, Catalina dirigia um Jaguar, morava em uma mansão de sete mil metros quadrados e tinha todas as roupas entregues por seu estilista pessoal. Do lado de fora, era a vida dos meus sonhos. Por dentro, era o mesmo inferno em que eu vivia, só que com uma decoração um pouco melhor.

Thomas a espancava regularmente, a forçou quando ela tentou dizer não e abusou verbalmente dela a ponto de o abuso ter se tornado físico. Ela pediu ajuda ao pai, mas Manuel precisava manter Thomas sob seu controle para se manter fora da cadeia.

Eles eram uma equipe poderosa. Manuel, o senhor do crime com

as mãos mergulhadas na prostituição e nas drogas, e Thomas, o promotor público corrupto narcisista que pensava estar acima da lei.

Mas, pelo milagre de todos os milagres, Cat escapou. E, agora, ela estava vivendo com salários irregulares limpando casas. E mesmo assim, nunca esteve tão feliz. Ela sempre me pareceu solitária.

— Quanto vai custar? — perguntei.

— Não. Não estou preocupada com a energia. Nós vamos dar um jeito. No entanto, Isabel ainda está doente. Eu não consigo fazer com que melhore. O doutor disse que foi amigdalite da última vez, e os antibióticos pareceram ter dado certo, mas tudo voltou. Ela está podre de doente, infeliz e com febre. Isso significa, levando em conta que é uma garota de quatorze anos, ela está me deixando infeliz também. Eu preciso levá-la ao médico de novo.

— Droga, que péssimo para vocês. Quanto vai custar?

Ela suspirou.

— Bem, uma visita ao médico para quem não tem plano de saúde custa o valor bem baixinho de cerca de duzentos dólares hoje em dia, mas eu ainda tenho sessenta desde a última vez que você me deu dinheiro. Você não deveria me dar dinheiro extra, embora tenha sido útil recentemente.

Eu sorri.

— Só não foi útil o suficiente.

— Exatamente.

Levantei-me e caminhei até a porta da frente. Olhei para fora pelo olho mágico, não vendo sinal do retorno de Penn.

— Tudo bem. Vamos dar um jeito nisso. Conta de luz?

— Oitenta e sete dólares.

— E duzentos do médico. Quanto custaram os antibióticos dela da última vez?

— Trinta e oito e alguns trocados.

Eu apertei um olho, fazendo as contas.

— Ok, então trezentos e vinte e seis.

— Menos os sessenta — ela corrigiu.

— Não. Menos nada. Você precisa de uma grana de segurança. Esses encontros constantes são perigosos para nós duas. Vou te

mandar dois mil. Hoje à noite. Pague todas as suas contas e depois pague um mês adiantado. Para você ter uma folga até arrumar um novo emprego.

— Tudo isso não custa duas mil pratas, Cora — ela respondeu, mas ouvi um choro de alívio abafado por sua mão.

— Bem, você não me deixou terminar. *Aí*, com o que sobrar, quero que você encontre uma confeitaria, compre uma dúzia de cupcakes de chocolate e passe o fim de semana fingindo que estou com você.

Desta vez, ela nem tentou esconder o soluço.

— Eu não posso levar tanto de você. Esse é o seu bilhete de saída.

— *Você* é meu bilhete de saída. Estamos nisso juntas, lembra? Além do mais, vou recuperar o dinheiro. Ainda não entreguei as contas aos seus irmãos este mês. Vou descobrir uma maneira de arrumar esse dinheiro.

Sua voz clareou, o medo superando a emoção.

— Cora, não. É muito dinheiro para prestar conta.

Eu caminhei pelo corredor até meu quarto, tranquei a porta e deslizei a cadeira na frente dela, segurando o celular entre o ombro e a bochecha.

— Não se preocupe. Ganhei cinco no mês passado. E, este mês, recebi os recibos de Penn da loja de ferragens. Alguns zeros extras aqui e problema resolvido.

Peguei uma camiseta suja do meu cesto e subi na cadeira. Depois de usar a unha do polegar para levantar a decoração de madeira no alto da porta, enrolei a camisa em volta da minha mão e removi o isolamento rosa, revelando sacos plásticos transparentes recheados com mais isolamento. Eu peguei um, joguei no chão, então desloquei o resto até que eles mais uma vez parecessem uma parede sólida de lâ de vidro.

— Cora, por favor. Você precisa ter mais cuidado. Especialmente agora que você está dormindo com o cara da manutenção.

Eu curvei o lábio e recoloquei a guarnição.

— Por que todo mundo acha que estamos dormindo juntos? — Desci, peguei o frasco de corretivo escolar que há muito havia substituído por tinta de retoque, subi de volta e comecei a selar as juntas até que tudo parecesse perfeito novamente. Depois, daria umas

batidinhas com um pouco dos fiapos da secadora de roupa quando o corretivo secasse um pouco. Levei um tempo para aperfeiçoar a arte de tornar as coisas falsamente sujas. Mas, naquele prédio, nada chamava a atenção mais do que a limpeza.

— Ahn... Porque é isso que os adultos fazem quando estão namorando alguém. Espere, você não está dormindo com ele? — ela perguntou.

Revirei os olhos.

— Tecnicamente, sim. Na verdade, ele acabou de me comprar uma cama nova. Mas se você quer dizer sexo, então, não.

Ela ficou em silêncio por um segundo.

— Você não disse que ele é um gostoso?

— Ele é! Ele é tudo. Ele me comprou cupcakes, arrancou meu carpete e colocou piso de madeira no chão, e mentiu para as garotas esta noite dizendo que eu falo muito sobre elas, mesmo que eu não fale.

— Uau. Ele parece um partidão — ela brincou.

Eu ri.

— Eu juro que ele realmente é. E é bom para mim. É bom demais.

— Tudo bem. Tudo bem. Vou dar ao Voldemort o benefício da dúvida. Mas guarde seus segredos, Cora. Não confie neste homem. Não dê a ele munição para minha família usar.

Eu bufei.

— Eu sei. Eu sei.

— Eu me preocupo.

Peguei o isolamento do chão e o levei para o armário, onde o sacudi em cima do cofre. Um maço enrolado de cinco mil dólares caiu.

— Você não precisa se preocupar comigo. Eu tenho tudo sob controle. — Tirei metade e tranquei o resto no cofre. Eu gostava de manter um pouco de dinheiro lá em caso de emergência. Digamos que Marcos ou Dante aparecessem e me acusassem de roubar dinheiro. Dois mil e quinhentos dólares e uma surra seriam suficientes para alimentar seu apetite lascivo por justiça, deixando meu estoque secreto acima de suas cabeças e os cinco anos de trabalho intactos.

— Você vai deixar o dinheiro hoje à noite? — ela perguntou,

desconfortável. — Sem pressão nem nada. Achei que você tinha falado algo sobre o assunto.

— Relaxa. Eu estou com o dinheiro, estou indo pegar meu carro agora. É mais de uma hora de carro, mas estarei lá em breve.

— Eu te amo, Cora.

— Amo você também. Cuide-se e dê melhoras à Isabel.

Soube que ela estava sorrindo pelo tom da sua voz.

— Darei.

Desligamos ao mesmo tempo.

Penn ainda não tinha voltado, e para meu desânimo, ele em minha cama, me beijando para que eu ficasse melhor do que estava, teria de esperar.

Depois de olhar minhas mensagens, enviei uma para River e Savannah dizendo que estava saindo para resolver umas questões. Quando não apareceu nenhuma notificação de mensagem, agradei ao Deus das Lágrimas por deixar as pessoas sonolentas depois de chorar.

Depois de mandar uma mensagem para Penn, deixei o celular no balcão e saí.

Eu: Oi, eu tive que sair. Fique de olho em Savannah e River. Elas já estão dormindo. Te ligo quando voltar. Bjos.



CAPÍTULO 23

Penn

Dez minutos antes de eu a perder...

— Acalme-se, sr. Pennington — a operadora do 911 pediu durante a ligação no telefone fixo.

Não havia mais calma no mundo. Não com eles sobre ela, suas mãos imundas em seu cabelo, segurando-a na cama, o sangue escorrendo profusamente de facadas em seu peito e barriga.

Sua camisa rosa estava vermelha.

Eu não conseguia me concentrar.

Eu não conseguia respirar.

Tudo estava em câmera lenta e acelerado.

A faca no ar veio muito rápido.

Suas tentativas de revidar eram muito lentas.

Eu sabia que estava gritando. Eu estava vagamente ciente do ardor em minha garganta, mas o que eu estava dizendo nunca foi registrado por meu cérebro.

A raiva visceral saiu de mim como se uma barragem tivesse sido quebrada em minha alma. Mas sem ter um lugar para essa violência se manifestar, ela era inútil.

Eu era inútil.

Minha esposa estava morrendo.

E eu era absolutamente inútil.

— Sr. Pennington, dê uma olhada ao redor. Estou com os policiais de prontidão. Só precisamos descobrir onde ela está.

— Ela está em um hotel!

— Onde? Você sabe o nome do hotel?

Fiz uma pausa quando fui atacado por todas as emoções possíveis.

— Eu... eu não sei. Em algum lugar em Chicago.

Outra facada.

Outro choro.

Outro apelo.

*— Sai de perto dela, porra! — eu rugi tão alto, que meu corpo vibrou.
Era tudo que eu podia fazer.*

Seus gritos ecoaram em meus ouvidos mesmo quando eles colocaram a mão sobre sua boca. Suas pernas chutavam descontroladamente, suas mãos agarrando os homens que a atacavam.

O ácido forjou vales em minhas veias.

— Olhe ao redor do quarto — a operadora pediu.

A adrenalina me alimentando como gás em um incêndio fez com que analisar o quarto enquanto eles a torturavam fosse impossível. Mas se isso pudesse ajudá-la...

— Ah, porra — eu gemi, forçando minha mente a cooperar. Frenético, examinei o ambiente. — Há uma colcha azul. E... e... porra!

O punho do homem atingiu seu rosto, sangue espirrando na parede. Eu senti a dor no meu intestino.

Explodiu dentro de mim.

As únicas coisas mais fortes que a dor foram a culpa e o desespero nublando minha visão.

Eu nunca me senti tão impotente. Aquilo estava me matando.

E, pior, isso a estava matando.

— Respire fundo e tente se concentrar, sr. Pennington — a mulher ordenou, chamando minha atenção para a tarefa.

— Ok. Ok. Merda. Há, ahn, uma mesa, uma porra de uma TV.

— O que mais? Veja se você consegue ver um telefone ou bloco de notas. Qualquer coisa que possa ter o nome do hotel.

Enfiei a mão no cabelo e trouxe o celular para mais perto do rosto.

— Não. Nada. É um quarto de hotel barato. Parece com todos os outros hotéis baratos do mundo.

Outro soco.

Outra facada.

Outro choro.

Eu desmoronei.

Caindo de joelhos, me joguei à mercê de qualquer deus que estivesse disposto a ouvir.

— Por favor. Por favor, eu estou te implorando. Por favor, Deus. Me ajuda a encontrá-la. — Minha voz se partiu junto com meu coração. — Me ajude a encontrá-la. Por favor. Por favor, me ajude.

Por favor: eu nunca odiei tanto uma palavra.

— Onde ela está? — eu rugi para Drew, a pressão na minha cabeça ameaçando me dividir ao meio.

— Relaxa. Ela vai voltar — ele respondeu de costas para a porta do nosso apartamento, me impedindo de sair.

— Sai da frente! — eu rosnei.

— Você não vai lá acordar aquelas crianças. A mensagem dela dizia que elas já estavam dormindo quando Cora saiu e que ela voltaria em alguns instantes. Você precisa se acalmar antes que ela volte e te veja agindo como um louco.

— Não se atreva a me dizer para me acalmar. Você sabe o que diabos eu passei. — Eu respirei por entre os dentes. Meus olhos estavam selvagens, e meu peito não parecia muito melhor.

Ela tinha saído por três horas.

Três horas não eram pouca coisa.

A primeira hora, enquanto eu andava de um lado para o outro no estacionamento, minha mente gritando, meu coração trovejando em meus ouvidos e minha ansiedade disparando, não foi pouca coisa.

A segunda hora, enquanto eu dirigia pela cidade, procurando em todos os locais possíveis, constantemente mandando mensagens para Drew para ver se ela tinha aparecido, sem obter resposta, não foi pouca coisa.

E a terceira hora, quando eu destruíamos nosso apartamento, voltando para o passado, vendo tantas cenas em minha mente, que nem sabia mais onde estava, não foi pouca coisa.

Uma coisa eu sabia.

Algo havia acontecido.

Se foi Marcos ou Dante ou... porra. Eu não sabia quem poderia ser. Algo havia acontecido com ela.

E de novo.

Eu não tinha ideia de onde ela estava ou como ajudar.

E eu estava sufocando, enterrado profundamente em um monte de “e se?”.

Eu liguei.

E liguei.

E liguei para caralho.

Ela não respondeu.

E quando eu fui para o corredor e ouvi o celular dela tocando em seu apartamento, minha vida inteira acabou de novo.

Ela se foi.

Eu não tinha como ir atrás dela.

E... e...

“Por favor, Penn. Por favor!” A voz dela gritou na minha cabeça.

Porra.

Engasguei com o ácido amargo da realidade.

— Nós temos que encontrar Cora.

Ele arregalou os olhos.

— Ela não é a Lisa, Penn. Ela vai voltar.

— E se ela não voltar? — eu gritei, o som ecoando pelo nosso apartamento. — Juro por Deus, Drew, se eles tocarem nela, eu...

Suas mãos pousaram em ambos os lados da minha cabeça, as palmas cobrindo minhas orelhas, seus dedos fincando em minha nuca, seu rosto bem na minha frente, preenchendo todo meu campo de visão. Drew falou lenta e definitivamente, mas não conseguiu esconder a preocupação em seus olhos castanhos. Essa mesma preocupação estava me queimando inteiro por dentro.

— Ela. Vai. Voltar.

— Não. — Eu balancei a cabeça repetidamente antes de me afastar. — Precisamos voltar lá e ir atrás dela. Vamos juntos. Pegue a arma. Vamos para a casa do Dante.

— Você já foi lá, Penn. O carro dela não estava lá.

— Bem. — Eu apoiei a mão trêmula no quadril e procurei em minha mente por qualquer teoria possível que me permitisse não

apenas encontrá-la, mas também trazê-la para casa... viva. — Talvez eles ainda não estivessem lá.

Drew mais uma vez me fez olhar para ele, sua mão pousando com força no meu ombro. Firme e confiante, ele disse:

— Penn. Irmão. Me escuta. Ela deixou o celular, e sabendo de sua ligação com as mulheres neste prédio, para não mencionar River e Savannah, isso não foi um acidente. Vamos ser lógicos aqui. Talvez ela não queira ser encontrada. Talvez ela não queira ser *rastreada*.

Eu engoli em seco. A esperança espiralou como um vórtice dentro de mim, e eu estava tão desesperado, que estava disposto a me agarrar a qualquer coisa, até mesmo a um tornado.

— Catalina — eu sussurrei.

— Bingo — ele respondeu com um sorriso.

Essa esperança durou exatamente um segundo.

— Você acha que eles a pegaram?

Entrelacei os dedos, os apoiando no topo da minha cabeça, e comecei a andar novamente. Meus pulmões não conseguiram absorver ar algum, mas a cada passo, meu pânico crescia.

— Eles devem ter seguido Cora. — Cada músculo do meu corpo flexionou dolorosamente enquanto aquela cena horrível se desenrolava no meu inconsciente.

Mesmo quarto de hotel.

Mesmo sangue.

O corpo de Cora.

— Porra! — eu explodi. — Porra, porra, porra!

Era cada pesadelo meu se tornando realidade.

Eu vi Lisa morrer. Sem poder ajudá-la.

E lá estávamos nós novamente. Fechando um ciclo. Só que, agora, era a única mulher que eu não tinha certeza se poderia sobreviver sem.

Não daquele jeito.

Um dia, ela iria embora, viveria sua vida, sorrindo, dando risada. Livre da névoa do inferno que a seguiu durante a maior parte de sua vida. Eu poderia sobreviver a *essa* situação.

Mas aquilo?

Meu estômago revirou.

— Ai, meu Deus.

Finalmente, Ele respondeu.

Com o som de um carro entrando no estacionamento.

Minha cabeça se levantou ao mesmo tempo em que meu corpo disparou para frente. Drew sabiamente saiu do meu caminho. Então eu abri a porta e voei escada abaixo o mais rápido que minhas pernas podiam me carregar.

— Ei! — ela me cumprimentou, apoiando sua bolsa arrebitada no braço, um sorriso brilhante e branco em seu rosto.

Eu marchei em direção a ela, meus passos pesados devorando a distância entre nós enquanto meu olhar a percorria da cabeça aos pés e de volta.

Seus olhos estavam livres de lágrimas.

A respiração encheu seus pulmões.

Nem uma gota de sangue manchou aqueles olhos azuis.

Cora estava viva.

Cora estava bem.

Cora estava...

— Onde caralhos você estava?



CAPÍTULO 24

Cora

Eu congelei, o sorriso no meu rosto murchando enquanto seus olhos enlameados continuavam a correr sobre mim.

— Perdão? — questionei.

Penn parou na minha frente, apoiou as mãos nos quadris e disse:

— Você vai voltar em alguns minutos? Poucos minutos? — Ele riu com humor sombrio. — Três horas são pouca coisa, porra!

— Certo... — eu falei lentamente, olhando para cima e encontrando Drew de pé na varanda do terceiro andar. Mesmo àquela distância, o alívio em suas feições era impressionante.

Quando eu voltei a olhar para Penn, percebi o que não tinha visto antes. Sua sobrelanceira estava cortada e inchada, e havia manchas de sangue acima de sua têmpora, subindo pela linha do cabelo.

Meu.

Coração.

Parou.

— O que aconteceu com o seu rosto? — Eu me apressei para chegar perto. — Ai, meu Deus, onde estão as meninas? — Comecei a correr, mas ele pegou meu braço, me puxando para perto.

— Dormindo — disse sucintamente, mas seu rosto estava tão cheio de raiva, que não me ofereceu nenhum conforto.

— Então o que houve?

Sua mão apertou meu braço, e então todos os cabelos da minha nuca se arrepiaram quando Penn me puxou para mais perto. A parte superior de seu corpo pairava sobre mim quando Penn se inclinou para frente, se aproximando do meu rosto:

— Pra onde você foi por três horas sem levar a porra do celular?

Eu pisquei. Eu não reconheci o homem me segurando com tanta força. Ele era um completo estranho.

Sua mandíbula estava apertada como se fosse trincar.

As veias em seu pescoço estavam inchadas, como se estivessem tentando escapar de seu corpo.

E os olhos — eles não eram aqueles do homem que me abraçava todas as noites enquanto eu adormecia. Estavam abertos, furiosos e malévolos.

Minha boca secou, uma semente de medo germinou na boca do meu estômago. Mas antes de permitir que crescesse, fiz um último esforço para ver se meu Penn ainda estava lá.

Olhei para ele, me recusando a mostrar qualquer fraqueza, e exigi:

— Me solta.

Seus olhos escureceram, mas sua mão logo afrouxou e me soltou.

Soltei um suspiro irregular e levei a mão ao coração, que estava tentando se libertar de minhas costelas.

— O que diabos está acontecendo com você? Com quem você brigou?

— Drew — respondeu.

Inclinei a cabeça, cansada.

— Por algum motivo?

— Que tal nos preocuparmos menos com a porra dos meus machucados e mais com o fato de você ter saído daqui?

— Sim. E eu te mandei uma mensagem.

— Não. Você me mandou uma mensagem dizendo que voltaria em alguns minutos. E então você ficou fora por três horas, porra. Fiquei louco achando que algo tinha acontecido com você.

Embora eu odiasse que ele estivesse tão obviamente enraivecido, internamente fiquei toda feliz por Penn ter se preocupado comigo.

Colocando a mão em seu bíceps, dei um aperto reconfortante.

— Penn, querido, está tudo bem. Eu tive que sair para cuidar de uma questão.

Sua testa franziu, seu peito arfava.

— Por três horas?

— Sim. Três horas. E agora estou cansada. Podemos subir e conversar sobre isso na cama? Vamos colocar o colchão no chão, e você pode montar tudo amanhã à noite.

Eu o soltei e fui em direção às escadas.

O barulho de suas botas pisando no cascalho seguiu atrás de mim.

— Para onde você foi? — ele perguntou grosseiramente.

Revirei os olhos e continuei.

— Cuidar de uma questão. Eu já disse isso.

— Que questão? — ele exigiu quando chegamos ao segundo andar.

Com os lábios torcidos, eu lentamente me virei para olhá-lo por cima do ombro.

— Não é da sua conta. Eu tinha algo para fazer. Eu fiz. Estou em casa. Não importa mais.

— Isso importa para mim! — ele gritou, mas sem realmente levantar a voz.

Não havia como dizer a ele que Catalina precisava de dinheiro. Mas eu também não estava muito disposta a mentir. E se eu dissesse a palavra *mentira* antes de dizer a ele qualquer motivo que eu ainda não tivesse inventado, não acho que o acalmaria muito.

Caminhei em direção ao terceiro andar.

— Você vai gritar comigo a noite toda? Porque, se for assim, não vou querer passar a noite com você.

— Eu juro por Deus, Cora, só vou te perguntar isso mais uma vez. Onde diabos você foi?

Como se alguém estivesse arranhando um quadro-negro, minha pele se arrepiou. Ele estava parecendo com todos os homens que eu já tive na minha vida. E não no bom sentido.

— Não é da sua conta — eu retruquei.

Em sua defesa, Penn não me tocou novamente.

Em minha defesa, não explodi, mesmo que ele me seguisse tão de perto, que suas botas pisassem no mesmo lugar que meus chinelos haviam pisado.

Drew tinha ido embora quando chegamos ao terceiro andar.

E minha paciência também.

Recusei-me a responder qualquer outra pergunta enquanto enfiava a chave na fechadura, destravando-a antes de repetir o processo na

trava e abri-la. Eu poderia ter ficado com raiva, mas gostava de como o rosto de Penn era, então em vez de bater a porta atrás de mim e arriscar mais algum ferimento, deixei-a aberta.

— Para onde você foi?

Caminhei para o meu quarto, esfregando as têmporas. Eu não tinha energia para lidar com mais nada.

— Pen, *por favor*. Fica quieto. As meninas estão dormindo. E eu estou cansada. E é muito tarde.

— Você realmente não vai me responder depois de toda essa merda que aconteceu hoje? Pelo amor de Deus, Cora, eu mereço uma porra de uma resposta.

— Não — eu rebati, deixando a bolsa cair no chão e virando para encará-lo. — Eu não vou... — Eu parei no meio da frase, incapaz de continuar.

Ele não estava bravo.

Ele não estava sendo um babaca.

Ele não estava parecendo com *nenhum* homem que eu já tive na minha vida.

Porque só de olhar para ele, percebi que Penn estava completamente apavorado.

— Penn — eu ofeguei, meu coração pulando na garganta.

Seu peito subia e descia com grande esforço. Ele se inclinou, se apoiando no antebraço contra o batente da porta, como se fosse a única coisa que o sustentasse; seus olhos tinham se transformado em poças escuras de tristeza.

— Merda. Ok. Ok. Não é grande coisa. Fui dar dinheiro para uma das meninas. — Corri até ele e coloquei a mão em seu abdômen.

Ele balançou a cabeça, seu rosto era a imagem perfeita de desolação.

— Ei — eu sussurrei. Levantando sua mão livre, eu beijei seu dorso. — Estou bem. Nós dois estamos bem. Vem. Vamos sentar.

Ele levou meu pedido de forma literal, deslizando até o chão, a apenas alguns centímetros da porta, as pernas dobradas e os dois pés plantados na madeira e a cabeça baixa.

Eu me juntei a ele, me acomodando ao seu lado, mas de frente.

Enganchei meu braço ao redor de sua perna e me inclinei contra ela.

— O que está acontecendo?

Ele fechou os olhos e esfregou a mandíbula, como se pudesse afastar qualquer pensamento que tivesse invadido sua cabeça.

— Eu estava com muito medo.

Eu me aproximei.

— Querido, estou bem aqui.

— Não, Cora. Eu pensei que você tinha ido embora. Eu não sabia onde você estava e não tinha como entrar em contato. Não tinha como saber se você estava segura. Não tinha como saber se você estava viva ou... — Ele balançou a cabeça, sem vontade de terminar. — Tudo o que eu podia pensar a cada vez que piscava era em te perder do mesmo jeito que eu perdi... *ela*. Só que, desta vez, eu nem saberia que estava te perdendo até que fosse tarde demais. Eu não posso passar por isso novamente. Não com você. Nunca com você. Você deveria se dar bem. Você deveria ser feliz. Você deveria ir embora. Você deveria *viver*.

Retrospectiva: esse deveria ter sido o momento exato em que a suspeita me atingiria. Mas Penn estava divagando no meio de um colapso emocional. Muito do que ele estava dizendo não fazia sentido. Mas era tudo adorável e vinha de algum lugar repleto de medos e receios.

— Eu sei, baby.

— Você não pode ter o mesmo destino que ela, Cora. E, hoje à noite, sabendo que você estava lá fora, sem nenhuma maneira de conseguir chegar até você... Sem um modo de te proteger...

Penn olhou para longe, absorvendo o ar por entre os dentes, como se estivesse sentindo a dor de uma faca entrando em sua carne.

Foi dor o que senti quando a culpa explodiu dentro de mim. Ele não sabia onde Lisa estava na noite em que ela morreu. Ele se culpava especificamente por isso.

E lá estava eu, com uma postura péssima por Penn ter perguntado onde eu estive, por se importar com o lugar que eu tinha ido.

— Sinto muito — eu sussurrei.

Ele agarrou minha nuca, me puxando para perto antes de colocar

meu rosto contra a curva de seu pescoço.

— Eu não posso te perder, Cora. Não assim. Eu não posso. Eu simplesmente não posso.

— Eu não vou a lugar nenhum — jurei enquanto dava beijos cheios de desculpas em seu pescoço. Eu me inclinei na frente dele até que Pen abaixou as pernas para me dar espaço para subir em seu colo. — Prometo que não vou a lugar nenhum.

— Não tem como você ter certeza disso. Você tem que ter mais cuidado — ele resmungou, virando-se para que eu não pudesse vê-lo, mas a devastação não podia ser escondida.

Eu beijei sua bochecha — a barba fez cócegas em meus lábios —, seu nariz e cada centímetro de seu rosto que eu podia alcançar, murmurando:

— Eu sei disso, Penn. Porque eu estarei com você. Vou ficar em segurança por sua causa. Eu acredito em você.

Sua cabeça virou para o lado como se eu tivesse dado um tapa nele, e ele gemeu.

— Eu tenho que tirar você daqui. Porra. Eu tenho que tirar você daqui.

Eu não tive a chance de perguntar o que Penn quis dizer, já que ele se ajoelhou comigo firmemente segura em seu peito e me deitou no chão de madeira, seu corpo caindo em cima de mim.

Minhas pernas se abriram — uma oferta que Penn não recusou. Seus quadris se posicionaram entre minhas coxas enquanto sua boca se unia à minha no mais desesperado dos beijos que eu já recebi.

Foi lento e abrasador.

Triste, mas amoroso.

Brutal, mas honesto.

Eram todos os raios de luz que compunham Penn Walker.

— Cansei de joguinhos — ele murmurou, apoiando seu peso em uma mão ao lado da minha cabeça, a outra freneticamente puxando minha camisa. — Eu não posso te perder, Cora. *Eu não posso.*

Sentei-me apenas o suficiente para remover minha camisa enquanto prometia:

— Você não vai.

— Eu vou. Mas eu juro pela minha vida que vou garantir que você se dê bem.

Seu tom era tão irregular, que eu mal conseguia entendê-lo, e menos de um segundo depois, desisti de tentar.

— Eu preciso sentir você, baby. Diga que confia em mim.

Eu mal pensei antes de responder:

— Eu confio em você.

Penn se acalmou, pairando acima de mim. Seu olhar percorreu meu rosto, procurando o que eu só podia supor que fosse hesitação.

— Verdade, Cora?

— Verdade. Por favor, Penn.

E isso foi tudo o que precisei dizer.

Com um pé, ele chutou a porta.

Com uma mão, puxou o bojo do meu sutiã para baixo, expondo meu seio antes de mergulhar e levar a boca quente até meu mamilo.

Centelhas detonaram dentro de mim, irradiando por todo o caminho até meu clitóris. Sua mão agarrou o outro seio, e ele o massageou no ritmo de sua língua.

Eu arqueei no chão, ansiosa e devassa.

E Penn me deu tudo.

Ele lambeu e chupou, gemidos retumbando de sua garganta, provocando minha pele e me levando às alturas.

Ofegante, enfiei os dedos em seu cabelo e me perdi na sensação.

Cada golpe de sua língua era seguido por um beliscão.

Cada mordida era seguida por uma longa e calmante lambida.

Cada sugada acompanhava o movimento dos seus quadris, revelando o pau engrossando.

E cada fricção roubou suspiros de nossas gargantas.

Havia muito tempo que eu não fazia aquelas coisas, de maneira que estava atingindo aquele pico de êxtase rápido, mas isso não seria suficiente para me arrebatara por completo.

Sentando-me, tirei sua camisa e depois desabotoei o sutiã e permitindo que deslizesse por meus braços.

— Porra, você é linda — Penn resmungou, seu olhar ancorado em

meus seios, como se fosse um adolescente.

Eu quase ri, minhas bochechas se aqueceram por seu elogio. Eu nunca fui particularmente tímida, mas...

Penn era deslumbrante. De muitas maneiras. E não porque era todo poderoso e cheio de músculos definidos, embora isso não fosse nada mau. Penn era deslumbrante porque representava todas as coisas que não existiam no meu mundo há mais de uma década.

Frenética e febril, eu me sentei, indo direto para seu jeans. Ele pegou em minhas mãos enquanto eu me atrapalhava com o botão da calça.

— Eu cansei dos joguinhos também — eu disse a ele. O fogo atingiu seus olhos, causando uma onda de calor entre minhas pernas, mas sustentei seu olhar feroz. — Eu confio em você. Quero você. Eu preciso de você. Agora, Penn.

Ele se moveu rápido, sua boca capturando a minha enquanto tirava meu short sem nem mesmo tocar no zíper. Então ele parou apenas para repetir o processo com minha calcinha.

Eu puxei sua calça jeans até que ele se levantou, seu braço enganchado nas minhas costas, para em seguida me levar com ele. Então eu me pendurei em seus braços enquanto Penn usava uma mão para jogar o colchão encostado na parede no chão com um baque alto.

Eu ri da sua urgência. Mas Penn estava todo concentrado.

Aterrissei na cama primeiro, observando com atenção extasiada, e de dar água na boca, Penn tirar a calça jeans. Ele era longo e grosso.

Mas, para além disso, ele estava pronto.

Eu soltei um gritinho quando Penn caiu de joelhos no colchão e se dobrou sobre mim com as mãos nas laterais da minha cabeça, seu corpo pairando sobre o meu. Ele me beijou de novo, de forma casta a princípio, me absorvendo com uma reverência tão genuína, que fez meus olhos arderem.

Eu queria conversar com ele. Mais uma vez tranquilizá-lo de que eu estava bem.

Mas já tínhamos conversado o suficiente.

E quando sua boca se abriu rapidamente, sua língua serpenteando para se enroscar com a minha, e seus dedos deslizaram entre as minhas pernas, ficou claro que Penn concordava comigo.

Inclinei a cabeça para trás, contra o colchão, o que me afastou de sua boca, mas eu não conseguia me concentrar em nada além da gloriosa pressão crescendo por causa de apenas um único toque.

Penn agarrou meu pescoço, de forma áspera e desesperada, lambendo e chupando, me levando ao limite, enquanto seus dedos tocavam o ponto entre minhas pernas com a habilidade de um pianista, atingindo cada nota que meu corpo tinha para oferecer.

Eu gemi incoerentemente.

Ele engoliu meus gemidos como se fossem sua refeição favorita.

Eu soltei mais gemidos, lutando contra o orgasmo, sem estar pronta para que tudo acabasse.

Pen encontrou meu clitóris, circulando os dedos, até que se tornou impossível aguentar mais.

— Oh, Deus — eu resfoleguei, as engrenagens dentro de mim girando quase dolorosamente antes de se apressarem, me levando a um estado de pura euforia. Minha respiração estremeceu quando Penn enfiou dois dedos dentro de mim, me esticando e persuadindo, adicionando outra camada ao meu êxtase, até eu perder a certeza de há quanto tempo estava em queda livre.

Minha cabeça estava girando enquanto meu corpo pulsava. Senti sua boca encostar em minha orelha.

— Esta é a verdade, Cora. Esta. Bem aqui. Você e eu. Este momento. Este sentimento. *Esta é a verdade.*

Meus olhos se abriram, seu olhar turbulento estava voltado para mim.

— Penn? — Mas isso foi tudo que eu consegui dizer antes que ele levasse sua ereção para dentro de mim, me enchendo completamente.

Penn fez amor comigo naquela noite.

Tipo, amor verdadeiro, real.

Mas havia algo triste naquilo.

Ele não parou de me beijar, mas não foi aquecido ou frenético.

Suas mãos não pararam de vagar e acariciar meu corpo, mas era como se ele estivesse gravando todas as minhas curvas em sua memória.

Ele entrou em mim de forma lenta e doce, como se estivesse

saboreando cada penetração.

Foi absolutamente incrível — e um pouco de partir o coração.

Eu gozei mais duas vezes, dizendo sempre seu nome.

Quando Penn gozou, nós dois estávamos cobertos de suor, os lábios em carne viva, e minhas pernas doíam. Mas eu estava completamente saciada — por dentro e por fora.

Ele me abraçou enquanto dormíamos, como sempre fazia.

Mas não era da mesma forma.

Mesmo que eu não conseguisse descobrir o porquê.



CAPÍTULO 25

Cora

Eu: Hipoteticamente falando, se eu fosse te fazer um jantar de aniversário, em que dia do ano eu faria isso?

Penn: No meu aniversário.

Eu: Então, tipo, terça-feira?

Penn: Meu aniversário não é na terça.

Eu: Então na quarta-feira?

Penn: Também, não. Aonde você quer chegar com isso?

Eu: Espero que em algum lugar com serpentinhas e chapeuzinho de aniversário.

Meu celular começou a tocar na minha mão. O número de Penn e uma foto sorrateira que tirei dele sorrindo enquanto conversava com seu irmão apareceram na minha tela quebrada.

— Olá, lindo — eu sussurrei sedutoramente.

— Baby, minhas mãos estão cobertas de lama de drywall. Se eu digitar mais uma mensagem para você, meu celular vai se tornar uma escultura.

As coisas mudaram nas duas semanas desde que Penn e eu finalmente levamos nosso relacionamento para a classificação “não recomendado para menores de 18 anos”. Eu queria dizer que foi melhor assim. Parecia melhor a cada noite em que ele subia na minha cama e me beijava até me roubar o fôlego antes de entrar em mim. Ou quando River e Savannah iam para a escola e ele vinha tomar banho comigo. Não ficamos muito limpos nesses banhos, mas eles foram eficazes de outras maneiras.

Mas havia algo de diferente.

Ainda sorriamos.

Ainda ríamos.

Nós ainda jogamos Verdade ou Mentira por rodadas.

Mas o peso que antes estava apenas em seus olhos agora pairava

ao seu redor.

Penn passou a se desligar durante as conversas, e suas perguntas sobre o meu passado ficaram mais profundas. Ele perguntou sobre Nic. Como me senti quando o perdi? Qual foi a parte mais difícil? Onde eu gostaria de estar se nunca tivesse sido presa pelos Guerrero?

E, surpreendentemente, eu disse a ele muitas verdades.

Para todos os efeitos, Penn e eu estávamos ficando mais próximos a cada dia.

Mas havia algo entre nós que eu não conseguia descobrir o que era.

Isso viria à tona eventualmente — tudo vinha. Eu só tinha de esperar até que ele estivesse pronto.

— Drew meio que mencionou que você era de gêmeos.

— Oh, ele meio que mencionou isso, não é? Em uma conversa casual? “Oi, Cora. Penn é geminiano” — ele brincou.

— Bem, não. Não exatamente. Posso ter perguntado a ele quando era seu aniversário e ele pode ter se recusado a responder, alegando que “não é um x-9”. Mas, quando ofereci a ele as sobras de almôndegas suecas do jantar da noite passada, ele disse que “até um x-9 precisa comer” e me disse que você era de gêmeos, o que, de acordo com minha pesquisa, é um período que começou na semana passada. Eu pressionei mais, mas nem mesmo biscoitos caseiros fizeram com que Drew me desse a data precisa. Então... espero não ter perdido seu aniversário, que cai, tipo... na quinta-feira?

Ele riu.

— Próxima quinta-feira, baby.

Soltei um alívio exagerado.

— Graças a Deus. Ainda tenho tempo para planejar.

— Bastante. Mas, só para deixar claro, não vou usar chapeuzinho de festa porra nenhuma.

— Ok. Tá bom. Mas o que você acha de uma piñata?

— Puta merda. — Ele respirou fundo. — Depois dessa, eu preciso voltar ao trabalho. Você vai cozinhar hoje ou quer que eu compre comida?

Eu gemi. Comprar comida parecia uma ideia incrível, mas...

— Savannah pediu tacos.

— Restaurantes também vendem tacos para viagem.

Eu bufei.

— Não, eu já comprei as coisas. Se eu não cozinhar hoje à noite, a carne vai estragar.

— Tudo bem. Você quem manda. Me liga se mudar de ideia.

— Pode deixar.

— Tchau, baby.

— Tchau, Penn.

Quando a ligação foi encerrada, eu permaneci sentada por vários minutos, meus olhos grudados no celular, pura felicidade irradiando através de mim enquanto eu desfrutava da normalidade pairando entre nós.

Minha vida era uma loucura. Meu mundo era uma loucura. Mas Penn tornou tudo muito administrável.

Mesmo com todos os erros possíveis.

Passei muito tempo tentando escapar daquele lugar para me acomodar.

Mas, com Penn, os dias não eram mais tão longos.

Eles não eram tão difíceis.

E eu tinha motivos mais do que suficientes para sorrir.

Mas ficar nunca foi uma opção. Eu tinha planos. Planos que costumavam ser minha única razão de sobrevivência.

Planos que eu passei a me forçar a seguir diariamente.

A vida com Penn era confortável: a única coisa que eu não podia me dar ao luxo de experimentar.

— E as meninas do terceiro andar? — ele perguntou enquanto deitávamos na cama mais tarde naquela noite.

Infelizmente, estávamos completamente vestidos. River e Savannah ainda estavam acordadas, mas meus dedos das mãos, dos pés e tudo que havia entre eles estavam cruzados para que elas entrassem logo em coma de tanto comer taco.

Eu preguiçosamente tracei os músculos definidos de seu peitoral sob a camiseta.

— O que tem elas?

— Certo dia você me contou sobre as garotas do primeiro e do segundo andar. Mas não sobre as do terceiro.

— Ah. São as que querem ir embora — eu admiti.

— E você as ajuda?

— Eu faço o que posso, mas, no final das contas, sou apenas uma pessoa.

— Que palhaçada. Uma pessoa... — ele soltou, pegando minha mão. — Você faz o trabalho de um exército aqui. Você precisa assumir isso.

— Não sei. Eu me sinto como um cavalo de corrida com quatro pernas quebradas na maioria das vezes.

Sua mão se contorceu ao redor da minha.

— Quantas garotas você já ajudou a ir embora?

Eu mordi o lábio inferior.

— Quarenta e nove.

Ele soltou um assobio baixo.

— São muitas vidas para um cavalo de corrida sem pernas funcionais salvar. Mas imagino como não deve ter sido duro para você.

Ergui a cabeça.

— Duro para mim?

— É. Ver as pessoas alcançarem algo que você deseja. Não deve ser fácil.

— É de longe a coisa mais *fácil* que já fiz. Essas garotas. Elas eram minhas. Claro, a decisão de sair foi tomada por elas. Algumas voltaram para a escola. Algumas fizeram as pazes com amigos e familiares em troca de um lugar para ficar. Algumas se mantiveram sóbrias. Seja lá o que aconteceu, elas são responsáveis por tudo isso. Mas eu ajudei. Então isso, de certa forma, me libertou também.

Sua expressão suavizou, os olhos se aqueceram.

— O que seria necessário para te libertar, Cora?

Não precisei nem pensar. Eu sabia a resposta para essa pergunta melhor do que qualquer outra coisa.

— Um milhão, cem mil e seiscentos e oitenta e quatro dólares.

Suas sobranceiras se ergueram.

Dei a ele um sorriso de lábios cerrados.

— E noventa e nove centavos.

Seu rosto era impagável.

— Como é que é?

Eu ri.

— Entre programas de equivalência de ensino médio, moradia, novos guarda-roupas, terapia e alguns programas de reabilitação, isso é quanto custaria libertar todas as meninas do prédio.

— Eu não perguntei sobre as meninas no prédio. Perguntei sobre você.

— Ah. Ok. Então só... Um milhão, cem mil e seiscentos e oitenta e quatro dólares. Se eu sair daqui também, posso abrir mão da barra de chocolate comemorativa de noventa e nove centavos do mercadinho.

Ele franziu o cenho.

— Estou falando sério.

— Estou falando sério também. Se eu simplesmente decidir desaparecer um dia, o que vai acontecer com as meninas?

— Eu não estou falando sobre Savannah e River. Obviamente, elas iriam com você. Mas o resto... São mulheres crescidas.

— Sim. Muitas delas são. Mas a idade não define a sua situação. Uma pessoa pode ter cento e cinco anos e ainda precisar de ajuda.

Seu rosto se contorceu em descrença.

— Então você está me dizendo que se alguém vier aqui e te oferecer um bote salva-vidas, você vai recusar porque não vai caber mais trinta mulheres?

Eu estreitei os olhos.

— Não. Eu não disse isso de jeito nenhum. Mas você precisa entender: passei muitos anos esperando e rezando por um bote salva-vidas. Encontrei alguns. Mas todos eles desmoronaram antes que eu conseguisse passar pela primeira onda. Para me tirar desta vida, vou precisar de uma arca. O tipo que você precisa construir por conta própria. Porque, quando eu sair daqui e me estabelecer, eu vou voltar até que todas as garotas consigam sair também. — Fiz uma pausa e

ergui um ombro. — E, quem sabe? Talvez eu pegue um homem se afogando no caminho.

Ele fez uma careta para mim, lábios franzidos, testa enrugada, com algo entre admiração e descrença pairando em seus olhos.

Eu bufei.

— Para de me olhar como se eu fosse louca. Eu... opa! — Antes que eu pudesse dizer outra palavra, estava deitada de costas.

Penn subiu em cima de mim, a parte superior do seu corpo me prendendo na cama.

— Você é louca, Cora. Não há outra maneira de te definir — ele disse e encostou a boca no meu pescoço.

Eu resfoleguei, inclinando a cabeça para o lado enquanto Penn deslizava a mão pela minha coxa para prender minha perna ao redor de seu quadril.

— Você também é linda — ele murmurou entre beijos, a barba por fazer me provocando enquanto eu sentia seu hálito quente deslizando pela minha pele. — E tão incrível, que não consigo decidir se preciso que alguém te defina como louca ou santa.

Eu passei os braços ao seu redor, virando a cabeça para dar mais acesso ao meu pescoço.

— Passar férias em um quarto acolchoado me parece ser pacífico, mas não sei se permitem visitas conjugais. — Senti seus lábios contra meu pescoço se curvarem em um sorriso. — Também não sei se há algum tipo de voto de celibato no que diz respeito à santidade. Então, talvez eu precise pesquisar um pouco para te informar depois.

— *Talvez* você deva mesmo. — Penn fez menção de tirar minha camisa, mas ficou imóvel quando ouvimos Savannah e River discutindo no corredor. — Ok — ele falou lentamente, afastando-se de mim.

Eu ri quando Penn cobriu o rosto com o braço, uma protuberância muito perceptível aparecendo sob o moletom.

— Entããã... verdade ou mentira — disse ele.

— Nananinanão. Minha vez. O que suas tatuagens significam?

— Na verdade, eu não sei. — Seus lábios se estreitaram quando levantou o braço, girando-o como se estivesse o inspecionando pela

primeira vez.

— O que você quer dizer com não sabe? Você escolheu, não foi?

— Acho que sim — ele respondeu distraidamente, seu foco pousando nas engrenagens pintadas nas costas de sua mão esquerda.

Era um desenho complexo — de longe a mais intrincada de suas tatuagens — que fazia sua mão parecer mecânica, cheia de porcas e parafusos em vez de ossos e sangue. Havia um círculo de algarismos romanos, como se fosse um portal. Por vários segundos, Penn olhou para ela, abrindo e fechando o punho, os tendões fazendo o desenho se mover.

— Então, por que você escolheu essa? — eu pressionei.

Ele riu, mas soou um pouco triste e muito danificado.

— Escolhi aleatoriamente do portfólio do artista. Abri em uma página aleatória e apontei para o desenho. — A pele entre seus olhos se enrugou, e então, como se não pudesse olhar para ela por nem mais um segundo, deixou o braço cair no colchão. — Não importava. Eu só precisava fazer uma tatuagem. — Ele ficou em silêncio.

Fisicamente, Penn ainda estava presente, me abraçando da mesma forma de antes.

Mentalmente, ele estava a pelo menos um milhão de quilômetros de distância. Mas quanto mais tempo ele ficava quieto, mais eu achava que um milhão de quilômetros e quatro anos era provavelmente uma distância mais precisa.

Seu peito subiu quando ele respirou fundo e segurou o ar por muito mais tempo do que eu pensava ser possível.

Esperei pacientemente. Claro que fiquei curiosa. Eu teria adorado saber a verdade sobre a tatuagem. Principalmente por que o motivo de ele ter uma reação bastante visceral a uma pergunta simples. Mas eu não queria a resposta a qualquer custo.

Deslizei a mão por seu abdômen e o abracei o mais forte que pude.

— Mentira. Tá tudo bem.

— Eu odeio mentir para você.

— Não é mentira se você contar...

— Ainda é mentira, Cora.

— Um homem sábio uma vez me disse que nem todas as mentiras

são ruins.

Ele suspirou, mas não disse mais nada.

Ficamos quietos por um longo tempo.

Minha cabeça estava deitada em seu peito. Sua mão, na curva do meu quadril.

Perfeitamente normal.

Estranho para cacete.

Quando sua respiração finalmente se acalmou, olhei para cima, para ver se Penn tinha adormecido. Seus olhos ainda estavam abertos, voltados para o teto, para as cinco palavras que Nic uma vez escreveu com as estrelas que brilhavam no escuro. Eu não sabia quando ele as colocou lá, mas essas cinco palavras se tornaram mais preciosas para mim do que qualquer “eu te amo” que ele já havia pronunciado.

Depois que ele se foi, elas se tornaram um lembrete para viver, mesmo quando eu não queria.

Para respirar, mesmo quando parecia impossível.

Para continuar quando tudo que eu realmente queria era desistir.

Até onde eu sabia, Nic não era capaz de prever o futuro, mas no dia em que escolheu escrever *aquelas palavras* no teto acima da nossa cama, ele provou que me conhecia melhor do que qualquer outra pessoa jamais conheceria.

Uma respiração de cada vez.

Agora, deitada ali com Penn, eu só podia esperar que elas pudessem oferecer a ele um pouco do conforto que me deram ao longo dos anos.

Dei um beijo na parte de baixo de sua mandíbula.

— Você não precisa me dizer nada.

— Sim, eu preciso — ele murmurou. — É só que nem sempre há uma mentira a ser contada. Nem tudo é preto no branco. Às vezes, os detalhes mais importantes se encontram no cinza. Então, com isso em mente, isso é tudo que tenho para você esta noite. — Seus olhos encontraram os meus, aquele peso dentro deles parecendo mais intenso do que nunca. — Verdade. Minhas tatuagens não significam nada.

Eu o olhei com cautela.

— Aquilo não me pareceu uma reação a *nada*, Penn.

— Não foi. Mas ainda é a verdade.

Eu estreitei os olhos, mirando seu rosto. Mas, ao verdadeiro estilo de Penn, ele respirou fundo, prendeu o ar por vários segundos, então soltou e voltou ao normal.

Que. Troço. Esquisito.

— Acho que agora é minha vez de novo — ele anunciou.

— Ah, não. O jogo está oficialmente encerrado. — Comecei a rolar para longe, mas só consegui ficar de costas antes que Penn me pegasse.

— O que aconteceu com o lance de não sentir pena? — Os cantos de sua boca se ergueram de brincadeira, mas seus olhos ainda estavam tristes, e eu odiei isso mais do que eu poderia explicar.

— Ah, não estou com pena de você por toda aquela agitação emocional. Estou preocupada com o seu coração. Você não é exatamente um juvenzinho.

Seus olhos se iluminaram. Sua boca se abriu. E então ele voltou para mim.

Afundando o rosto no meu pescoço, Penn caiu na gargalhada.

Era uma piada estúpida, o que, eu suspeitava, ele também sabia. Mas, numa vida como a nossa, onde o escuro e o sombrio eram muito mais predominantes do que a luz e o humor, você aproveitava os poucos momentos de leveza que podia obter.

Penn passou a noite enroscado em mim.

Eu falei.

Ele ouviu.

Eu ri.

Ele me beijou.

E, eventualmente, quando tivemos certeza de que as meninas estavam dormindo, ele fez amor comigo.

Eu conhecia cada centímetro de seu corpo.

Sua cor favorita era azul.

Sua refeição favorita eram hambúrgueres de peru com bacon.

E suas tatuagens tinham muitos significados e nenhum ao mesmo

tempo.

No entanto, o verdadeiro Penn Walker ainda era um mistério para mim.

Mas daquele dia em diante, em cada palavra que ele falava — cada verdade, cada mentira, cada frase e cada sílaba — eu procurei pelo cinza.

Mal eu sabia que isso era tudo que eu encontraria nele.



CAPÍTULO 26

Cora

— Surpresa! — gritei quando Penn voltou de sua corrida vinte minutos depois do amanhecer. Ele estava quente, suado e sem camisa, do jeito que eu gostava.

Ele olhou para a travessa na minha mão, com velas dos números três e oito queimando em cima, enquanto se aproximava, dava um beijo casto em meus lábios e então perguntava:

— O que você fez, mulher?

— Então, eu sei que você não gosta de cupcakes. O que é um absurdo. Mas é seu aniversário, então fiz uma pequena sobremesa tradicional de sua terra natal, algo do Sul dos Estados Unidos, que você talvez conheça como torta de mirtilo.

Ele piscou para mim.

— Sou da Flórida.

Ergui a torta para ele.

— Eu sei. Apaga.

— A Flórida não fica no Sul, Cor.

Revirei os olhos.

— Eu sei ler um mapa. Tenho certeza de que a Flórida é o mais ao sul que você pode chegar nos Estados Unidos.

Seus lábios se estreitaram, suprimindo um sorriso.

— Não, baby. A Flórida não é *o Sul* em termos de cultura. É literalmente um caldeirão de pessoas de todo o mundo. Se você for até a Geórgia, lá vai encontrar sua torta de mirtilo. Na Flórida, porém, aquela piñata de que você estava falando outro dia ou um tubo de pomada analgésica, dependendo da costa em que você está, seria mais apropriado se você quisesse fazer algo que lembrasse a minha... — Sorrindo, ele fez aspás com os dedos. — Terra natal.

— O quê? Sério?

Ele riu.

— Você mencionou que não viajou muito. Mas quão longe você já foi ao Sul?

Eu franzi os lábios.

— Indiana?

Foi a vez de Penn ficar chocado.

— Sério?

Dei de ombros.

— Eu não saio muito.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Quão longe você já foi rumo ao Norte?

— Não tenho certeza. Qual é o apartamento que fica mais ao norte no prédio?

— Jesus. — Ele respirou fundo.

— Agora que você mencionou, estou um pouco ofendida por não ter sido convidada para nenhuma das férias da família Guerrero. — Eu pisquei, e ele me recompensou com uma risada.

Penn abaixou a cabeça, apagou as velas, e me deu um selinho, ainda sorrindo.

— Porém há boas notícias. Eu amo torta de mirtilo pra caralho. — Ele pontuou com outro selinho.

Meu sorriso orgulhoso se abriu no rosto.

— Claro que você ama. Tem frutas nela. Isso é, tipo, o antichocolate.

Ele riu novamente.

— O açúcar da natureza é melhor para seu corpo.

— Então eu provavelmente não deveria te dizer que há um saco inteiro do bom e velho açúcar branco refinado nela também.

— Vou fingir que não ouvi isso.

— Ótimo. Agora sinto que a primeira parte da minha festa de aniversário com tema da Flórida foi boa.

Penn arqueou uma sobrancelha.

— Qual é a parte dois?

Subi as escadas, gritando por cima do ombro:

— Você vai ver.

— Ai. Meu. Deus. — Drew resfolegou enquanto guiávamos Penn para a grade com vista para o quintal minúsculo do prédio.

Mandei os dois para casa mais cedo, dando instruções estritas para ficarem longe das janelas.

Penn resmungou. Porque, afinal, era o Penn.

Drew abriu um sorriso enorme e me ofereceu um high five. Porque, afinal, era o Drew.

— O que é isso? — Penn perguntou. Seus olhos estavam cobertos com um lenço que eu quase tive de cair na porrada com ele para conseguir o vendar.

— Sua mulher acabou de declarar seu amor eterno por mim. — Drew parou e mordeu o dedo. — Meu Deus, ela está fazendo topless.

— O quê?! — Penn retrucou, fazendo menção de tirar a venda.

Eu soltei uma risada, batendo em suas mãos. Então me inclinei sobre o corrimão e gritei:

— Ei! Todo mundo se vestindo. Os caras estão chegando.

Isso foi recebido por uma sinfonia de aplausos, gemidos e maldições, mas em poucos segundos, todas estavam cobertas novamente.

Só então tirei a venda de Penn.

— Feliz aniversário!

Todas as garotas repetiram minhas palavras lá embaixo.

Penn piscou um milhão de vezes, ajustando seus olhos ao sol brilhante — ou possivelmente à visão de mais de vinte mulheres de biquíni relaxando em toalhas e espreguiçadeiras.

Eu comprei quatro pequenas piscinas infantis, três sacos de areia para brinquedos infantis e um saco de conchas decorativas, transformando o quintal em um paraíso da Flórida. Ou o mais próximo que consegui pelo preço baixo de cinquenta e três dólares.

A cabeça de Penn virou na minha direção.

— Mas que p...?

— Eu disse que ela me amava — Drew sussurrou.

Eu estalei os dedos em sua direção.

— Não toque nelas.

Ele se inclinou sobre o parapeito para ter uma visão melhor.

— Mas eu posso olhar, certo?

— Vá em frente.

Esfregando as mãos, ele desceu as escadas, deixando Penn e eu sozinhos no terceiro andar.

— Parte dois? — ele perguntou, passando os braços em volta da minha cintura.

Eu gritei quando, em vez de se abaixar para me beijar, ele me levantou do chão, me levando até sua boca.

— Bem-vindo à Flórida, querido. Já que você está preso em Illinois este ano, pensei em trazer a praia até você. Todo mundo me ajudou a montar. Brittany até ofereceu seu apartamento para virar um bar. Ela está fazendo coquetéis completos com guarda-chuvas e canudos néon. Mas fique de olho em Savannah. Eu já tive de tirar dois drinques dela.

Penn riu, me colocando de pé novamente.

— Você não precisava fazer tudo isso, Cora. Sério, é só mais um dia como outro qualquer.

— Não, Pen. É seu aniversário. Nós *comemoramos* aniversários. Nada nos é dado. Nada nos é prometido. Nada nos é garantido. Então, quando você tiver a chance de colocar uma roupa de banho, deitar ao sol, enfiar os dedos dos pés na areia e beber coquetéis de frutas com guarda-chuvas e canudos néon cercado pelas pessoas que você gosta, você vai lá e faz isso.

Ele virou o rosto em minha direção, os olhos brilhantes e sorriso nos lábios. Mas aquela sombra muito familiar esvoaçou em seu rosto.

— Você é a mulher mais incrível que eu já conheci.

— Você também não é tão ruim.

Sua mão alisou minha bunda.

— Você vai usar um biquíni?

Eu me aproximei mais dele, passando os braços ao redor de seu pescoço.

— Por um tempinho. — Beije seus lábios. — Mas meu objetivo é terminar o dia muito, *muito* pelada.

— Então lá estávamos nós, quatro mulheres, três delas de salto alto, empurrando um carro até o final do estacionamento. “Só pisa na embreagem”, disseram. “É fácil”, disseram. — Eu levantei minha bebida no ar. — E mentiram! Desci aquela colina que nem uma patinadora de derby. Eu não conseguia fazer aquela coisa engatar. Menos ainda fazer com que parasse. Tive nada menos que doze ataques cardíacos antes de pensar em puxar o freio de mão.

Estávamos sentados em um semicírculo ao redor de uma das piscinas de bebês, e todos riram. Penn e eu estávamos dividindo uma espreguiçadeira. Seus pés estavam no chão, um de cada lado, havia uma cerveja na sua mão, e eu estava sentada entre suas pernas, encostada em seu peito, tomando a metade que sobrou da minha terceira piña colada.

Tinha sido um dia muito bom. Era o aniversário de Penn, mas os sorrisos nos rostos das mulheres enquanto todas contávamos histórias e brincávamos umas com as outras, como a família que realmente éramos, me fez prometer fazer algo assim pelo menos uma vez por mês. Elas mereciam algum tempo de folga, mas sem ser ficando em seus apartamentos, isoladas das pessoas que as amavam.

E dias como esse eram lembretes do quanto eu as amava. Cada uma delas. Não importa quão chata elas pudessem ser às vezes.

— Você quer de outra bebida? — Penn sussurrou contra minha cabeça.

Eu inclinei a cabeça para trás e respondi baixinho:

— Você quer fazer sexo de aniversário hoje à noite?

Seus olhos se iluminaram.

— Eu não recusaria.

— Então, não. Três é o suficiente.

Ele abaixou a cabeça, beijando meus lábios. Mas eu não fiquei satisfeita com um beijo só. Erguendo a mão, eu segurei sua nuca e o puxei para baixo.

— Ai, merda — alguém arquejou como se nunca tivesse visto duas pessoas apaixonadas antes.

Apaixonadas?

Merda, estávamos apaixonados?

Ser capaz de me fazer essa pergunta já era mais do que eu jamais pensei ter novamente.

Eu fiz um “hmmm”, beijando-o novamente.

— Cora — alguém disse entredentes, mas eu fiz um gesto, dispensando a pessoa, fazendo Penn rir contra a minha boca.

E então tudo acabou.

A alegria.

A felicidade.

O conforto.

Aquela esperança que estava me envolvendo, me aquecendo e alimentando minha alma desde que Penn chegou? Ela explodiu. E, como eu esperava, me destruiu no processo.

— Olha que aconchegante — Dante rosnou atrás de mim.

Eu fiquei imóvel, meus batimentos cardíacos cessaram bruscamente e depois dispararam.

Penn ficou de pé, e eu o imitei, desesperada para ficar entre eles.

— Ei, Dante? — disse com a voz rouca, tentando conter o tremor da minha voz, mas falhando.

Com uma mão na minha barriga, Penn deu um passo para frente.

— Que porra você está fazendo aqui?

Dante riu, hesitando um pouco, mas sem soar menos malévolo. Suas pupilas estavam do tamanho de cabeças de alfinete, e a pele exposta sob sua camisa branca estava suada e vermelha. Só Deus sabia o que ele tinha tomado naquele dia. Ele já era louco por si só, sem drogas aumentando sua imprevisibilidade.

Eu olhei ao redor do quintal, procurando por Drew. Ele lidou com Dante uma vez e ninguém morreu naquele dia. Talvez ele pudesse fazer isso de novo. Soltei um suspiro alto de alívio quando o encontrei vindo em nossa direção, uma cara feia e sombria escondida sob um sorriso falso.

— E aí, irmão? — Drew gritou.

Quando Dante desviou seus olhos desfocados, Penn sussurrou em meu ouvido:

— Vai. Se tranca no seu apartamento.

Eu engoli em seco. Se eles tentassem manter Dante longe de mim, algo que ele via como sua propriedade, isso só agravaria a situação. A maneira mais fácil e segura era que eu o enfrentasse e aguentasse o que ele quisesse dar até que sua mente drogada ficasse entediada ou desmaiasse.

— Não — eu respondi. — Eu vou lidar com isso.

Penn agarrou meu braço, me puxando contra si, e retrucou:

— Porra nenhuma que você vai.

Eu olhei para ele e, em seguida, puxei meu braço de seu aperto. Eu poderia brigar com Penn mais tarde, quando Dante tivesse ido embora e nós dois ainda estivéssemos respirando.

Dando um sorriso, dei um passo à frente assim que Drew chegou ao lado de Penn.

— Eu não sabia que você viria. Posso pegar uma bebida para você?

Ele bufou.

— Uma bebida. Uma porra de uma bebida. — Ele olhou ao redor, procurando por uma audiência, mas as mulheres sabiamente dispersaram. — Eu encontro uma das minhas putas montada no zelador, e a piranha pergunta se eu quero uma bebida?

— Eu não estava...

— Você está fazendo ele pagar, Cora? Juro por Deus, é melhor você não estar dando minha buceta de graça.

Penn trombou contra minhas costas, mas eu dei um aperto rápido na sua mão, silenciosamente implorando que não fizesse nada estúpido. Os insultos de Dante faziam parte de seu estilo. Eles não me incomodavam. Porém, caso a raiva sufocante emanando de Penn servisse como dica, ele pensava o mesmo que eu.

E Drew, bem...

— Você tem algo a dizer ou está aqui apenas para ouvir sua própria voz?

— Merda, você está transando com ela também? — Ele balançou o dedo entre Penn e Drew. — Um em cada buraco, ou vocês dois estão revezando?

Drew riu como se realmente achasse Dante engraçado.

Enquanto isso, Penn estremeceu, seu peito tenso pressionando mais ainda contra minhas costas, como se fosse um grande esforço manter os punhos longe da boca de Dante.

Dei mais um aperto, sussurrando:

— Por favor, não. Ele vai sair em um minuto. Só espera.

Penn não respondeu, mas também não se moveu.

Para mim, foi uma grande vitória.

Tirar Dante de lá teria sido uma vitória ainda maior.

— Então o que posso fazer por você? Você precisava de algo? — perguntei.

Ele se virou para mim e sorriu.

— Ah, sim. Então, se liga. Eu bati um papo com a Chrissy. Não sei se você se lembra dela, mas, aparentemente, Marcos expulsou a garota tem um tempo. — Ele coçou a nuca. — A vagabunda é louca. Fez meus malditos ouvidos sangrarem, de tanto que falava. Ela queria voltar, chegou a ponto de mentir para mim e me dizer que você estava mantendo uma das minhas garotas pessoais como animal de estimação.

O sangue ardeu em minhas veias, e o ar em meus pulmões se transformou em lama. Mas eu lutei contra tudo, não mostrando a ele nenhum medo.

— O quê? Que loucura.

Ele sorriu.

— Pois é. Alguma palhaçada sobre uma ruiva. Eu não sabia do que diabos ela estava falando, então decidi vir aqui checar. Ver se você sabia do que se trata.

Eu mal conseguia pensar com o trovejar do meu coração em meus ouvidos.

— Não. Estou tão perdida quanto você.

Ele enfiou a mão no bolso.

— Foi o que eu pensei. Porque você não mentiria para mim, mentiria?

Eu balancei a cabeça, uma sensação horrível se instalando no meu estômago.

Ele sorriu ironicamente.

— Porque você lembra exatamente o quanto você tem a perder, certo?

— Certo — falei em um suspiro, balançando a cabeça repetidamente.

Ele inclinou a cabeça para Penn.

— Tipo, digamos que você comece a foder esse idiota e pense que talvez você não me pertença.

— Ah, puta que me... — Drew começou, mas eu estendi a mão para silenciá-lo.

Afastando-me de Penn, forcei um sorriso, mesmo sentindo a garganta pegando fogo.

Eram palavras que eu já havia dito antes.

Palavras em que uma vez acreditei.

Palavras que quase me destruíram.

Palavras que agora eu sabia que eram as maiores mentiras que eu já disse.

— Eu pertença a você, Dante. Não estou dormindo com ninguém. Eu nunca desrespeitaria tudo o que você me deu assim. Eu sou uma Guerrero. Para todo o sempre.

Ele sorriu como o doente que era.

— Mentiras têm consequências, Cora.

— Eu sei. Mas não estou mentindo.

Ele sustentou meu olhar, me analisando com olhos vidrados.

Olhei de volta, mostrando nada além da verdade que ele queria ver.

— Ok. Estamos conversados então. — Ele se virou na ponta do pé e cambaleou trôpego em direção ao estacionamento.

Foi nesse exato momento que percebi que algo estava errado.

Seramente, terrivelmente, *gravemente* errado.

Dante nunca desistia tão facilmente. Não até que eu pagasse muito por tudo o que ele pensava que eu tinha feito.

— Onde estão as meninas? — sussurrei para Penn, minhas mãos tremendo enquanto observava Dante chegar ao seu carro.

O tempo parou e o chão se abriu, liberando os demônios do inferno nos cinco segundos que levou para ele responder.

— Não sei.

Ele pode não saber, mas de repente, ficou muito claro que Dante sabia.

— River! — gritei.



CAPÍTULO 27

Penn

Drew e eu saímos correndo em direção às escadas, o grito de terror de Cora alimentando cada passo meu. Eu fui na frente, meus pés se chocando contra o concreto enquanto subia as escadas três degraus de cada vez. Drew estava bem atrás de mim.

Com o canto do olho, avistei Dante saindo do estacionamento quando fiz a última curva para chegar ao segundo andar.

Aquele filho da puta.

Aquele maldito filho da puta.

Se ele tivesse tocado naquelas garotas...

Eu quis matá-lo só por respirar o mesmo ar que Cora. Ainda ter de a ouvir dizer que pertencia a ele? Dante teve sorte de ter ido embora depois disso.

Mas se ele tivesse feito alguma coisa com River ou Savannah, nunca mais teria essa sorte.

Quando cheguei ao topo, fui direto para a porta do apartamento de Cora. Meu ombro bateu na madeira, embora a porta se recusasse a abrir. Eu balancei a maçaneta, mas ela não se mexeu.

— River! Savannah! — gritei, batendo o punho contra a madeira.

— Sai da frente. — Cora disse, tensa, assim que nos alcançou, de chaves já na mão. Ela abriu ambas as fechaduras e cuidadosamente empurrou a porta.

A corrente não estava fechada.

Estava trancada por fora.

Dante estava um passo mais perto de seu caixão.

— River! — ela gritou.

Um som surdo veio do corredor. Depois de passar pelo quarto vazio das meninas, abri a porta do de Cora, parando quando vi River e Savannah dentro.

Deveria ter sido um alívio, mas nenhuma delas estava bem.

River estava usando uma mordaca improvisada, e havia lágrimas escorrendo pelo rosto assustado. Suas mãos estavam amarradas por um fio elétrico que estava preso na estrutura da cama que eu comprei para Cora. A cama tinha sido puxada para o outro lado do quarto, e River estava de joelhos, ao lado de uma versão azulada e sem vida de Savannah. Espuma branca escorria de sua boca, e havia uma seringa jogada ao acaso no chão a seus pés.

— Não! — Cora gritou.

Eu voei direto para Savannah primeiro, caindo de joelhos ao lado dela. Meu coração se alojou na garganta enquanto eu fazia uma oração com intensidade, pela primeira vez desde o que houve com Lisa. Ninguém tinha me ajudado naquele dia. Eu não sabia mais se existia um Deus, mas se fosse o caso, eu precisava que ele realmente aparecesse desta vez.

— Ela tem pulso — declarei, rolando-a para o lado.

Drew entrou em ação, enfiando um dedo entre os lábios da menina e limpando o vômito de sua boca.

— Oh, obrigada. — Cora soltou o ar com força. — Ela está respirando? — perguntou, com as mãos frenéticas enquanto se esforçava para tirar a mordaca na boca de River.

— Sim — eu disse com esperança. Mas mesmo que as respirações de Savannah fossem visíveis pelo movimento do peito, pareciam superficiais, cada uma me alarmando como se pudesse ser a última.

E então a sensação de ter uma faca enferrujada enfiada no estômago surgiu quando abri suas pálpebras. Seus olhos verdes já estavam nublados.

Cora finalmente tirou a mordaca de River.

E então o mundo parou.

Tudo que eu passei quatro anos procurando de repente caiu no meu colo, mas naquele momento, não parecia mais importante. Não com crianças inocentes morrendo. Mulheres sendo manipuladas, abusadas, gente se aproveitando delas. Não com pessoas como Dante e Marcos Guerrero andando tranquilamente pela rua.

Foi nesse exato momento que meu propósito mudou, mas, surpreendentemente, meu objetivo permaneceu o mesmo.

— Mãe! — River gritou, mergulhando nos braços de Cora com a

parte superior do corpo, as mãos ainda amarradas à cama.

Eu vi o corpo de Drew estremecer, então levantei a cabeça. Choque e confusão estavam registrados em seu rosto enquanto ele olhava com olhos apertados para Cora abraçando...

Sua filha?

— Tá tudo bem. Tá tudo bem. Tá tudo bem. Eu estou com você. Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem — ela recitou.

— Ele a fez tomar. — River chorou enquanto Drew usava um canivete para libertá-la. — Ela disse a ele que não. Mas ele a fez tomar. Ele disse que a levaria embora. De volta para a casa dele, onde ela pertencia.

Cora espalmou o rosto úmido de lágrimas de River.

— Ele te deu alguma coisa?

— Não.

— Pílulas, comida, bebida, qualquer coisa? Pensa, River!

— Não! Ele tocou em mim. Ele só me amarrou para que eu não pudesse ir atrás de você. Ai, meu Deus, mãe. Ela vai ficar bem?

— Sim — Cora respondeu definitivamente. — Ela vai ficar bem. Tudo vai ficar bem. Ela só precisa dormir. — Com lágrimas em seus olhos azuis, ela se virou para mim. — Certo, Penn?

Eu queria dizer que sim. Mas eu não poderia mentir para ela. Não sobre isso.

— Não, baby. Ela precisa ir para um hospital.

Seu rosto empalideceu, mas suas palavras foram resolutas — como se estivesse tentando se convencer daquilo.

— Não. Não vamos a hospitais. Ela vai ficar bem. Ela só precisa dormir.

Estendi a mão e apertei seu ombro.

— Cora, baby. Ela precisa...

— Não! — ela gritou, seu desespero se transformando em raiva. — Pegue-a e coloque-a na cama. Vou ficar de olho nela. Ela vai ficar *bem*.

Mas não é possível dormir para fazer uma overdose passar. Não se o objetivo for acordar depois.

— Coloque-a na caminhonete — eu disse para Drew. Tentei pegar

Cora, mas ela lutou contra mim com ferocidade enquanto tentava manter Drew longe.

— Não se atreva a tocá-la. Ela não vai a lugar algum.

Eu parei entre ela e a garota e disse sem rodeios:

— Então ela vai *morrer*.

Seu corpo se transformou em pedra, então suavizei meu tom.

— Olha para ela. Temos que levar Savannah a um hospital para que possam ajudá-la. Só Deus sabe o que Dante deu a ela. Ou quanto. Ele estava tentando te punir. Punir *essa garota*. Eu não ficaria surpreso se ele tivesse dado o suficiente para derrubar um cavalo. Ela precisa de um médico, baby. Ou ela vai embora daqui para sempre.

Cora se desfez em lágrimas.

— Mas ela também vai embora se você a levar, Penn. Ela é uma fugitiva menor de idade. O serviço social vai pegar Savannah e a mandar de volta para sua família em Indiana. Seu pai vai espancá-la como sempre fez, e sua mãe vai dar mais drogas para anestesiá-la dor dela. A criança é viciada desde os doze anos. Se ela volta para aquela vida, não vai sair. Vai acabar voltando às ruas sem ter para onde ir, se drogando e vendendo o corpo para pagar. Nunca mais a verei.

A pressão cresceu no meu peito até que eu não tinha certeza se poderia aguentar mais.

Claro como o dia, o coração de Cora estava se partindo.

Meu coração estava se partindo por ela.

Mas ela não estava pensando claramente.

Ela estava pensando como uma mãe.

Eu estava pensando como um homem que teria feito qualquer coisa para afastar a dor de sua mulher.

Não importando o quanto custasse.

Uma respiração de cada vez.

Eu a envolvi com força em meus braços, como se pudesse impedi-la de desmoronar, e inclinei meu queixo para Drew.

— Não! — Cora lamentou quando ele pegou a deixa e tirou Savannah do chão, carregando-a a passos apressados para fora do quarto.

Seu corpo inteiro tremeu em ondas de desespero.

Eu beijei sua cabeça.

— Eu vou trazer essa garota de volta. Vou levar Savannah ao hospital e deixá-la na emergência. Isso é tudo o que podemos fazer por ela agora. Assim que ela estiver saudável de novo, eu juro pela minha vida que vou trazer Savannah de volta para você. Eu prometi a você que garantiria a segurança de vocês. E eu vou. Mas eu tenho que fazer isso agora. O tempo é um fator importante, e ficar aqui discutindo não ajuda em nada a situação dela.

— Ai, meu Deus, você tem razão. Vai, leva — ela disse com a voz rouca, se afastando. — Checa os bolsos dela antes de deixá-la na emergência.

— O quê? — perguntei, voltando para a porta.

— Ele também fez isso comigo. Quando River era bebê, quase morri e passei um ano na prisão porque ele plantou heroína no meu bolso antes de me jogar na beira da estrada.

Fiquei rígido como concreto e vi tudo vermelho.

— Você está brincando comigo?

Ela balançou a cabeça, passando os braços ao redor dos ombros de River e puxando-a contra si.

É isso. Dante era um homem morto.

— Certo, tudo bem. Eu preciso ir. Tranque a porta atrás de mim. Voltarei assim que puder.

— Cuide dela — Cora sussurrou.

— Eu vou cuidar. Juro.

Apesar de ficar apenas alguns quilômetros de distância, foi a viagem mais longa da minha vida. Como o único membro da família sem ficha — ainda —, carreguei aquela garota em meus braços, entrando direto pelas portas da frente da emergência, gritando por socorro como um louco. Assim que a colocaram na maca, fiz uma oração por ela e então saí do mesmo jeito que tinha entrado.

Drew estava parado no meio-fio quando voltei para a caminhonete.

— Ela vai sair dessa? — ele perguntou.

— Eu não faço ideia — eu respondi, esfregando meu rosto. — Eu quero que eles morram. Ambos. Se ainda há um Guerrero andando

nesta Terra, é o suficiente.

Drew manteve os olhos na estrada enquanto entrava no trânsito.

— River deve ser uma Guerrero.

Virei a cabeça rapidamente em sua direção.

— Você acha que é ela?

— Não sei. Isso não faz sentido.

E ele estava certo.

Nada daquilo fazia sentido. Desde o primeiro dia.

Depois que Lisa morreu, eu entrei em uma espiral de dor. Eu gastei centenas de milhares de dólares em detetives particulares, procurando respostas. Eu não tinha sido capaz de salvá-la, mas levar os homens responsáveis à justiça se tornou minha obsessão. A polícia havia considerado seu assassinato como um roubo que deu errado, com os dois suspeitos mortos por policiais. Mas eu passei vinte e nove minutos vendo aqueles dois homens espancando e torturando Lisa por esporte.

Aquilo não foi um acidente.

Aquilo foi pessoal.

Todos os sinais iniciais apontavam para os Guerrero. Mas não conseguimos nenhuma prova sólida. E embora matar aqueles pedaços de merda em nome de Lisa não teria me feito perder uma única noite de sono, também não teria acalmado a sensação de fracasso lancinante que engolfava minha alma.

Foi quando Drew, que estava sofrendo do mesmo jeito que eu, decidiu que precisávamos lidar com a situação. Ele roubou dois carros para se trancar na mesma prisão em que Manuel Guerrero estava. E então Drew fez o que fazia de melhor — ele se tornou um camaleão.

Foi assim que ele soube da reunião.

Foi assim que descobrimos que alguém havia pedido a Manuel para dar um fim em uma repórter intrometida que estava se aproximando demais.

E foi quando Manuel se gabou de quão forte sua família era, afirmando que ele havia permitido que sua jovem neta tomasse a decisão final.

Segundo Manuel, a criança se recusou a emitir a morte da mulher,

afirmando com orgulho que um Guerrero não recebia ordens de ninguém.

Mas minha esposa morreu no dia seguinte mesmo assim.

Quem esteve naquele quarto com Manuel e sua neta naquela noite tinha o sangue de Lisa cobrindo suas mãos, e não importava o sacrifício que eu tivesse de fazer, apodrecendo em uma cela ou em um necrotério. Eu os faria se afogar nele.

Como eu disse a Cora todas aquelas semanas antes: o mundo era um lugar ruim. Estava cheio de pecadores, mais do que de santos. Havia mais ódio do que amor. Mais caos do que bondade. E isso não era porque o mundo estava cheio de pessoas más. É porque os bons ficavam em silêncio.

Eu era o pecador nesta história. Com um coração cheio de ódio e uma mente transbordando vingança e caos.

Mas eu não ficaria calado.

— Manuel me disse especificamente que tinha apenas *uma* neta, Penn. Eu o escutei falar sobre ela por horas a fio.

Eu me virei no meu lugar.

— E você o ouviu dizer que era a filha de Catalina, Isabel, que estava lá naquela noite?

Ele bateu a palma da mão no volante.

— Não. Ele me disse que era neta *dele*. Sua *única* neta. Tinha de ser a Isabel.

— A menos que fosse River e tivéssemos a resposta logo ali o tempo todo. Merda. Estávamos tão focados em encontrar Catalina, que não conseguimos ver o que estava bem na nossa frente. — Esfreguei o centro do meu peito como se pudesse aliviar a dor. — Droga, eu tenho feito as perguntas erradas o tempo todo.

Nós dois ficamos em silêncio, perdidos em nossos pensamentos separados, mas paralelos.

— Ok, temos que entender essa merda. Quais são as chances de River não ser de Nic? —perguntou Drew.

— Se Cora é a mãe, ela é de Nic. Cora nunca esteve com mais ninguém. — Exceto eu.

E se dependesse de mim, ela nunca estaria com mais ninguém

também.

Mas o que vem depois?

Eu acabei de esquecer as pessoas responsáveis pelo assassinato de Lisa porque eu conheci Cora?

Cavalgar juntos rumo ao pôr do sol? O amor cura todas as feridas? Palhaçada. Palhaçada. Palhaçada.

Eu avisei Cora sobre o fogo dentro de mim.

Eu disse que se ela chegasse muito perto, ele a queimaria também.

E agora estávamos todos em chamas.

— Isso tem que acabar — eu disse a Drew. — Marcos, Dante, Cora, porra... *Penn Walker*. Deve haver uma maneira melhor, Drew. Tem que haver uma maneira melhor.

Ele desviou a atenção da estrada tempo suficiente para olhar para mim.

— Admita que você a ama. Quero ouvir isso da sua boca antes de concordar em te ajudar a arruiná-la.

Olhei pela janela do lado do passageiro, mordendo o interior da minha bochecha até sentir o gosto metálico de sangue. O mundo passou correndo. O sol nos seguiu, as árvores e os carros passando como um borrão à medida que prosseguíamos, e as nuvens se movendo em câmera lenta acima de nossas cabeças enquanto a lua opaca pairava no céu, esperando sua vez de brilhar. Nem uma hora antes, Cora estava sentada no meu colo, bebendo piña colada, despreocupada e rindo.

Essa era a vida que eu queria para ela.

Esse era o *mundo* que eu queria para ela.

Uma respiração de cada vez.

— Eu só quero que ela fique em liberdade. Mesmo que isso signifique que ela precise estar livre de mim.



CAPÍTULO 28

Cora

— Então ela é sua filha? — Penn perguntou, na cama de casal ao nosso lado.

Os roncossuaves de River reverberavam no meu colo, mas mesmo que ela tivesse chorado até dormir quase uma hora antes, continuei acariciando, a acalmando e brincando com seu cabelo.

No minuto em que Penn voltou do hospital, ele ordenou que fizessemos uma mala. Ele e Drew ficaram de guarda na porta enquanto River e eu recolhíamos algumas coisas, e então partimos.

Durante o caminho, Penn esteve inquieto e irritado. Ele nos levou para um hotel, e não um barato. Eu não sabia como ele ia pagar por aquilo. Mas eu estava muito abalada para me importar.

Eu teria esvaziado toda a minha Conta da Liberdade para escapar daquele apartamento durante a noite. Eu via River amarrada a uma cama e o corpo flácido de Savannah naquele chão a cada vez que piscava. Eu estava tão completamente e totalmente entorpecida, que não conseguia mais sentir medo.

Dante manipulou meus sentimentos para me manter sob controle por anos. Mas, desta vez, ele exagerou. Não demoraria muito para que torturar pessoas que eu amava se tornasse seu método preferido de controle.

Penn seria o próximo. Sem dúvidas. Talvez Drew também.

Então...

Ele nunca havia tocado em River. Mas, um dia, isso mudaria.

Eu não podia arriscar que ela estivesse lá quando ele tomasse tal decisão. Eu não podia esperar mais. Era hora de ir, mesmo que isso significasse levar apenas River e o dinheiro para Catalina. Seja lá o que acontecesse comigo depois disso, eu poderia lidar com tudo.

— Ela é a razão pela qual Nic e eu nos casamos — eu respondi, enrolando uma mecha de seu cabelo no meu dedo. — Engraçado, naquela época, eu achava que engravidar aos dezesseis anos era a coisa mais assustadora que poderia acontecer comigo. Deus, eu era tão

ingênua. Nic também estava com medo, mas ele tinha um jeito de fazer com que o mal sempre parecesse administrável. Manuel enlouqueceu. Proibiu Nic de ter qualquer coisa a ver comigo. — Eu sorri pela lembrança. — No dia seguinte, Nic me comprou um anel de noivado. No dia seguinte, pagou cem dólares a um sem-teto para fingir ser meu pai, e um juiz de paz nos casou.

Minha respiração estremeceu, a felicidade daqueles dias colidindo com a dor de todos os anos que se seguiram.

— Os Guerrero nunca a aceitaram. Eles nem reconhecem que ela é filha de Nic. Eles culpam a mim ,e, portanto, a ela, pela morte dele. Porque, em vez de tentar se salvar, ele morreu nos protegendo.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto. Mas eu não consegui as enxugar rápido o suficiente para as esconder. Eu não sabia por que aquilo me incomodava mais. Penn me viu chorar mais do que qualquer outra pessoa em toda a minha vida.

Eu não tinha certeza se isso era um sinal bom ou ruim.

Ele veio para a nossa cama, sentando aos meus pés e apoiando a mão na minha canela aninhada debaixo das cobertas.

— Por que você não me contou?

Olhei para ele, usando o ombro para limpar a umidade do meu queixo.

— Porque não é seguro para as pessoas saberem. Muitas garotas passaram por aquele prédio ao longo dos anos, e elas tinham uma coisa em comum: todas foram abusadas por homens da família Guerrero. Você acha que eu queria anunciar que um membro da família estava no andar de cima, dormindo sob o mesmo teto que todas? De jeito nenhum. Eu sou uma Guerrero por casamento. Ela é pelo sangue.

— Quantas pessoas sabem? — ele perguntou.

— Não sei. Eu acho que ninguém sabe. Quando chegamos naquele prédio, eu tinha acabado de sair da prisão, e River tinha cerca de um ano e meio de idade. Manuel conseguiu a custódia dela enquanto eu estava presa, então como uma facada no meu coração, ele a ensinou a me chamar de Cora. Acabou funcionando a nosso favor. Eu disse a todos que ela era filha de uma garota trabalhadora que havia morrido e que era nossa responsabilidade garantir que ela tivesse uma vida

melhor. Em todos os anos que morei naquele prédio, só tive que contar essa mentira uma vez. Ela é passada como se fosse uma história folclórica. Mas eu vou te dizer uma coisa. As mulheres daquele prédio cuidam dela. Eles não a tratam como uma das novas garotas que estão chegando. Eles a tratam como alguém que vai sair. — Voltei a encará-la. — Quando River era pequena, costumávamos vestir nossos pijamas, nos amontoar na cama, trancar a porta e puxar os cobertores sobre a cabeça. Ela ficava ali deitada por horas, olhando fotos e ouvindo histórias sobre Nic. Foi quando ela começou a me chamar de mãe. — Meu coração doeu assistindo aos longos cílios negros de River vibrando durante o estágio rem de seu sono. Eu torcia para que ela estivesse sonhando com uma vida melhor. — Ela vacila às vezes.

— Droga, Cora. Você tem uma filha. Por que você nunca foi embora? Não pegou a garota pelo braço e fugiu?

Ergui a cabeça rapidamente.

— Você não acha que eu tentei? Jesus, Penn. Eu tentei demais desde o primeiro dia. No funeral de Nic, Dante me deu uma joelhada no estômago com tanta força, que comecei a sangrar. Eu estava grávida de quatro meses, meu marido estava morto, e eu tinha vinte dólares. Então arrumei o pouco que tinha e fui para casa. Meu pai deu uma olhada na minha barriga, me chamou de prostituta e bateu a porta na minha cara.

— Jesus — ele arquejou.

Fiquei quieta quando River se mexeu no meu colo, seu braço abraçando minhas pernas, tentando se aproximar mesmo dormindo.

— Marcos me encontrou dessa vez — eu sussurrei quando ela se acomodou novamente. Foi como se eu tivesse aberto as comportas. A verdade não parava de sair de mim. — Eles me odiavam, mas não podiam me deixar ir embora porque *precisavam* me odiar. Foi um inimigo de Dante que matou Nic. Ele irritou algumas pessoas, então elas vieram atrás da sua família. Dante se culpa e desconta em mim cada pedaço dessa autoaversão. Depois que ela nasceu, tentei ir embora, mas ele garantiu que eu fosse presa. Depois que saí da prisão, fiquei tão agradecida por ter minha filha de volta, que não parecia valer a pena tentar escapar novamente. Comecei a administrar o prédio e me acomodei no que esperava que fosse uma vida decente para nós duas. Mas Dante nunca me deixou respirar com facilidade.

Também era muito pior naquela época. Era raro passar uma semana sem que ele parasse para descarregar sua raiva em mim. Tentei fugir mais duas vezes. Na primeira, fui parar no hospital e fiquei lá uma semana. Na segunda, fui parar na prisão por outra acusação de drogas. — Eu franzi os lábios e murmurei: — Foi a segunda advertência. Mas isso não foi o pior de tudo. Enquanto eu estava lá, Manuel usou seu bom e velho genro, Thomas Lyons, para me rotular como uma mãe imprópria aos olhos da lei. Perdi a custódia de River para Manuel.

Penn ficou de pé, seu rosto contorcido por um rosnado.

— Como isso é possível?

— Shhh. Fala baixo — eu repreendi, mas River não se mexeu.

Ele baixou a voz, mas não a raiva.

— Você está me dizendo que um juiz concedeu a custódia de uma criança a um criminoso?

Inclinei-me para frente e sibilei:

— Eu era a criminosa, Penn. Fui eu que tentou fugir. Fui eu que falhei com ela.

— Isso é um monte de merda. Eu nem sabia que ela era sua filha e já sabia que você era uma boa mãe.

— Mas isso não é bom o suficiente. Depois disso, eu estava *literalmente* presa. Eu não podia recorrer à polícia. Minha única graça salvadora era que Manuel não queria River. Ele a devolveu para mim com a condição de que eu calasse a boca e fizesse meu trabalho. Se eu saísse da linha, ele a tirava de mim. Talvez por um dia. Uma vez, eu não a vi por um mês. Durante esse tempo, eu não sabia o que eles estavam fazendo com ela. Eu não sabia se ela estava em segurança. Eu não tinha opções, Penn. Foi um jogo cruel pelo qual ela e eu pagamos, até que finalmente parei de tentar. — Endireitando as costas, eu o olhei bem nos olhos. — Isso *não* significa que eu desisti. Isso *não* significa que aceitei esta vida para ela ou para mim. Eu só precisava de algum tempo para dar um jeito em tudo. E Catalina me deu isso.

Ele deu um aperto urgente na minha perna.

— O que você quer dizer?

— Thomas pediu que ela testemunhasse contra o pai. E ela fez. Manuel foi preso. Marcos assumiu. Ele não tem nenhum interesse em River. Então eu consegui recuperar a custódia.

Ele arqueou uma sobancelha.

— Pensei que Thomas e Manuel fossem parceiros.

— Eles eram. Antigamente, eram invencíveis. Manuel dava a Thomas informações sobre drogas e prostitutas na comunidade. Por sua vez, Thomas derrubava a competição dos Guerrero distribuindo penas altas para os outros.

— Então o que mudou?

Eu bufei.

— Abuso de poder. Ambos estavam muito no topo. Manuel pensou que ele estava comandando o show. Thomaz discordou. River me disse que Thomas começou a ter uns problemas, e Manuel não quis ajudá-lo. Eles deixaram de ser parceiros, e Thomas ganhou.

Penn de repente se levantou como se a cama tivesse sido eletrificada.

— O que você disse? — ele ofegou com olhos selvagens.

— Hum... Thomas ganhou.

Entrelaçando os dedos, ele os travou no topo de sua cabeça.

— Porque os Guerrero não recebem ordens de ninguém. Mas Isabel é uma Lyons, não uma Guerrero.

Eu o olhei cautelosamente e falei demoradamente:

— Ceeeeerto...

Ele começou a andar de um lado para o outro, seus olhos escaneando o ambiente realmente sem focar em nada.

— Quando isto aconteceu? Quando Manuel e Thomas pararam de trabalhar juntos?

— Não sei. Por quê?

Ele se virou para mim.

— Cora, pense!

Levei um susto por seu tom áspero, mas o rosto de Penn não continha nada além de apelo.

— Eu... hum... Cat se foi há três anos, e isso foi depois do julgamento. Então, talvez quatro, cinco anos atrás. Por quê? O que diabos está acontecendo?

Seus olhos se fecharam, a cabeça caiu para trás, e todo o seu corpo

cedeu de uma forma que eu nunca tinha visto antes. Era como se um peso tivesse sido tirado não apenas de seus ombros, mas de cada célula, até de seu DNA.

Eu gentilmente tirei River do meu colo e caminhei até ele. Apoiando a mão em seu abdômen, perguntei:

— O que está acontecendo? Fale comigo.

Seus braços me envolveram, me puxando para seu peito. Seu coração batia forte, mas seu corpo permanecia relaxado.

— Eu deveria ter perguntado a você. Desde o primeiro dia. Mas, por mais que eu odiasse admitir, fiquei maravilhado com você desde o momento em que te vi. Uma mulher linda olhando para mim, tão cheia de medo, que te fez destemida. Eu estava com inveja, baby. Porque o medo, a raiva e o ressentimento estavam ditando minha vida desde o dia em que a vi morrer.

Um calafrio arrepiou minha pele. Suas palavras não faziam sentido, mas aquilo soava como uma confissão fluindo de sua alma.

Eu apoiei meu queixo em seu peito e olhei para ele.

— *Do que* você está falando agora?

Penn não respondeu a minha pergunta, ele apenas continuou:

— Mas eu sentiria falta de ter você. Valeu a pena. — Ele sorriu, sua testa enrugada de dor. — Você é uma boa mulher, Cora. Uma boa mãe. Uma boa pessoa. — Pela primeira vez desde que estive com Penn, ele estendeu a mão e tocou a estrela pendurada no meu pescoço. — Uma respiração de cada vez. Não importa quão difícil seja. Você continua respirando.

Meus olhos se encheram de lágrimas quando as palavras de Nic vieram do passado pela boca de Penn. Até onde eu conseguia me lembrar, eu nunca tinha contado essa história para ele.

Mas Penn adormeceu sob aquelas estrelas todas as noites também. Talvez tivesse sido uma benção.

Ele se inclinou e tocou meus lábios.

— Foi um dia louco, baby. Deita comigo?

Eu balancei a cabeça, não querendo nada além daquilo.

Penn e eu subimos na cama. Ele assumiu sua posição com as costas no colchão. Assumi a minha com a cabeça em seu peito. Achei

que nunca dormiria naquela noite. Passei pelo menos uma hora olhando para River na cama ao nosso lado, observando seu peito subir e descer enquanto me preocupava com Savannah, se ela estava fazendo a mesma coisa.

Ela estava bem? Como ela estava se sentindo? Ela estava com medo?

Penn poderia realmente recuperá-la para mim?

O sono acabou me vencendo.

Tanto que não o senti sair da cama.

Eu não o ouvi sussurrar “eu te amo” quando me beijou na testa.

E eu não escutei mesmo a porta batendo atrás de Penn Walker quando ele saiu da minha vida pela última vez.



CAPÍTULO 29

Penn --

Uma semana antes de eu a perder...

— Ei! Olha aí meu marido — ela murmurou pelo alto-falante do meu celular, mas a tela permaneceu preta.

Eu lutei com meu paletó, tentando me livrar dele com um braço enquanto segurava o celular com o outro.

— Eu não tô te vendo.

— Espera. A internet é uma merda aqui.

Coloquei o celular na ilha de granito no meio do nosso closet e voltei a lutar com as abotoaduras.

— E agora? — ela perguntou.

Inclinei-me para ver a tela.

— Não. Ainda está tudo preto.

— E que tal... — seu lindo rosto sorridente de repente apareceu na tela — agora?

— Não — eu menti, mordendo o lábio inferior para reprimir uma risada.

— Uhhh! — ela gemeu, levando-o ao rosto. Seu nariz se franziu adoravelmente enquanto ela apertava os olhos, claramente não usando suas lentes de contato.

— Você está sem as lentes? — perguntei, começando a desabotoar a camisa, doido para vestir uma camiseta.

— Ahn?

Eu só conseguia ver seu nariz enquanto ela virava o celular em todas as direções. Não consegui esconder a risada.

— Lisa, pare. Eu estava brincando. Eu estou te vendo.

Seus olhos castanhos em um tom de caramelo se animaram quando ela esticou o braço, permitindo que o resto de seu rosto preenchesse a tela.

— Está funcionando?

Depois de puxar o tecido macio e desbotado de qualquer camiseta de banda vintage que minha mão alcançou, peguei o celular e dei a Lisa um sorriso.

— Sim, olha que loucura. Está funcionando. Que tal...? Que diabos você está vestindo?

Ela olhou para o pedaço de couro preto enrolado em torno de sua cintura e respondeu:

— Um vestido.

— Com certeza — eu respondi, voltando para o nosso quarto e me acomodando na cama — se você fosse a Mulher-Gato. Mas, vendo como você é uma mera humana sem reflexos felinos ou habilidades de combate especializadas, vou perguntar novamente: o que diabos você está vestindo?

Ela bufou.

— Você esqueceu o chicote.

— Você tem um chicote!

Ela riu loucamente.

— Não, Shane. A Mulher-Gato tem um chicote. Eu estava apenas corrigindo seu parco conhecimento de quadrinhos.

Eu olhei para ela.

Ela sorriu de volta.

— O vestido, Lisa. Explique.

Ela atravessou a sala, apoiando o celular contra o computador, o posicionando até que eu pudesse ver a maior parte da sala. Ela voltou para a mala, que estava aberta ao pé da cama, com roupas penduradas em todos os lados.

— Eu deveria estar seduzindo um homem. Você me pegou antes que eu tivesse a chance de trocar de roupa.

— Ah, nossa — eu brinquei. — Exatamente o que todo homem quer ouvir de sua esposa. — Inclinei-me para perto enquanto ela tirava o vestido sobre a cabeça para revelar uma calcinha de renda preta sexy para cacete e a ausência de um sutiã. Eu resfoleguei, puxando o ar através dos dentes. Ela estava longe havia mais de um mês, e eu sentia falta de muito mais coisa além de sua companhia para

jantar. — Ei, espera aí — eu objetei enquanto ela vestia uma camisola rosa-clara.

— Hoje, não, seu taradão. Preciso te contar todas as coisas que aprendi esta semana.

Revirei os olhos e me joguei de volta na minha cama, segurando o celular acima da minha cabeça.

— Isso me parece nem um pouco excitante.

— Não estou ouvindo merda nenhuma. Meu celular está com defeito. Me deixa pegar os fones de ouvido.

Enquanto ela vasculhava o quarto, peguei o controle remoto e liguei a TV. O ticker do final do dia do mercado de ações rolou na parte inferior enquanto um âncora de notícias divagava sobre a taxa de desemprego do país. Eu cliquei no botão mudo.

— Ok. Agora, sim — disse ela.

— Boas notícias: os preços das ações da Amazon subiram novamente hoje. Vou poder te dar uma vida confortável quando ficarmos velhos.

— Ah, para. Eu vou embora no minuto em que você começar a ficar careca.

Agarrei minha camisa na altura do coração

— Ei!

— Eu estou brincando. Você sabe que tenho uma queda por homens carecas.

Ela piscou.

— Agora, falando sério, escuta essa merda. Acho que encontrei uma maneira de tirar aquela mulher de lá.

— Que mulher?

— Cora — ela enfatizou. — A mulher Guerrero. A que era casada com o cara que foi morto a tiros.

— A madame?

Seus lábios se estreitaram quando ela fez uma careta.

— Ela não é uma madame. Mas, sim, é ela.

— Ela quer sair de lá?

— Sério, Shane. Você costuma me ouvir quando eu falo?

— Ah, eu escuto. Vamos ver se entendi direito. Minha esposa está se infiltrando em um bordel como se fosse o jornalista Geraldo Rivera. Na semana passada, ela havia sido promovida para o terceiro andar, seja lá o que isso signifique. E em três noites por semana você se veste como uma prostituta, vai para um quarto de hotel onde finge se encontrar com homens ricos que pedem a você a noite toda, quando na verdade você fica apenas de palhaçada com seu marido via FaceTime. Depois, quando tudo acaba, vou dormir com as bolas azuis enquanto você tira dinheiro da nossa conta bancária para pagar seu café. Vai por mim, Lisa. Eu ouço o que você diz, mas se você não quiser que eu apareça lá e te arraste para casa no estilo homem das cavernas, você vai ter que aceitar que tipo de detalhes eu escolho guardar na memória.

Nós dois franzimos o cenho. O dela voltou ao normal primeiro.

— Enfim... Então, sobre a Cora. Ela é a mulher que administra o prédio dos Guerrero. Ela era casada com o mais novo. Mas eu juro que ela parece ter uns dezoito anos agora, então eu não sei como isso é possível, mas estou devaneando. Então, nós duas estávamos conversando na semana passada, e ela me contou sobre o ex. Ai, meu Deus. É uma história tão triste, Shane. Ela ainda usa um colar de estrela que ele deu a ela, e entenda isso: antes de morrer, ele escreveu em seu teto com estrelas que brilham no escuro. Ela me disse que costumava ficar muito sobrecarregada, então ele escreveu as palavras “Uma respiração de cada vez.”. Como um lembrete de que, não importa quão difícil as coisas fiquem, tudo vai ficar bem desde que você continue respirando.

— Droga — eu sussurrei. — Que foda. Ele morreu, não foi?

— Aham. Há muito tempo. Mas quando ela foi forçada a se mudar para cá, ela as trouxe junto. Arrumou as estrelas do mesmo jeito que ele tinha arrumado.

Lisa fez uma pausa e olhou ao redor do quarto vazio antes de baixar a voz e dizer apressadamente:

— Algumas noites atrás, invadi o apartamento dela enquanto ela estava fora e plantei uma câmera escondida lá. — Ela tapou a boca com a mão como uma criança que disse um palavrão.

Eu me levantei, de boca aberta, enquanto olhava para minha esposa.

— Como assim, Lisa? Onde diabos você conseguiu uma câmera?

— Na internet. Eles entregaram bem na minha porta.

Abri meus olhos para ela.

— No prostíbulo? Endereçado a Lisa Pennington?

Ela fez um gesto com a mão, como se me dispensasse.

— Não. Não sou idiota. Eu me certifiquei de que chegasse a Lexy Palmer.

Eu cerrei os dentes.

— Isso não ajuda em nada.

— Relaxa. Tá tudo bem.

— Não tá nada bem. Você me disse, quando partiu para Chicago, que estava apenas seguindo uma pista sobre aquelas mulheres desaparecidas e os anúncios de modelos no jornal. Agora você está morando lá e plantando câmeras escondidas? Você tem que parar com essa merda antes de se matar. Você não é uma detetive, Lisa. Eu deixei você fazer isso por...

— Você não me *deixa* fazer nada. Estou aqui porque *quero* estar aqui e estou adorando fazer isso. E porque, se eu não ajudar Cora Guerrero, ninguém mais vai fazer. Ela é incrível, Shane. Ela não tem ideia de que é a única coisa que mantém toda esta operação funcionando. Os Guerrero precisam dela. Ela é quem leva as mulheres para fazer testes de DST e garante que todas permaneçam se cuidando para não engravidar. Ela conversa com elas e realmente *ouve* quando há um problema. Ela faz com que cada uma delas se sinta especial. Por exemplo: Cora nos faz ligar para ela quando chegamos em casa todas as noites. Ela faz, tipo, uma chamada, e se você não fizer o check-in, ela vai bater na sua porta na manhã seguinte. Nunca houve ninguém se importando com essas mulheres. Mas Cora se importa, e por isso as mulheres ficam. Se alguém a tirasse daqui, a coisa toda iria desmoronar.

Senti a frustração crescendo em meu peito. Ela estava com aquele tom animado na voz que não era um bom presságio para mim. Quando Lisa botava algo na cabeça, não havia como detê-la. Eu nunca duvidei de que ela me amava, mas nosso casamento nunca foi algo que ela botou na cabeça daquele jeito. Eu fiquei no banco dos reservas em cada uma dessas pequenas aventuras que ela vivia. Eu estava

cansado para caralho daquilo. Eu poderia ter pedido a ela para voltar para casa. Ela não teria atendido ao meu desejo. Não até que tivesse cumprido qualquer missão maluca que tinha definido em seu coração. Desta vez, seria Cora Guerrero. Da próxima vez, quem diabos saberia? A única coisa certa era que haveria uma próxima vez. E uma próxima depois disso. E uma próxima depois disso.

Dinheiro não significava muito para mim. Fiz uma fortuna comprando propriedades de praia penhoradas ao longo das costas da Flórida quando o mercado imobiliário colapsou. Mas passar um tempo com minha esposa? Isso estava ficando cada vez mais raro a cada ano.

Beliscando a ponte do nariz, sugeri:

— Veja se você pode dar algum dinheiro para ela. Tire ela daí. Tire você daí. O que for preciso para te trazer para casa. Eu não me importo.

— Mas esse é o lance. Ela *tem* dinheiro. Ontem à noite, eu estava assistindo os vídeos que a câmera gravou. Acima do batente da porta, ela tem um compartimento secreto onde guarda uma porrada de dinheiro. Está tudo embrulhado em material de isolamento. Não faço ideia de quanto tem lá em cima. Mas é mais do que uma reserva simples.

Suspirei, minha cabeça começando a latejar.

— E deixa só eu adivinhar: você tem um plano.

Ela abriu um sorriso largo e cheio de dentes.

— Sim.

— Eu devo querer saber desse plano?

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Provavelmente não.

O medo me preencheu.

— É algo legal? Preciso arrumar um advogado criminal só de garantia?

Ela fingiu estar horrorizada.

— Claro que é legal. Quem você acha que eu sou?

— Sabe, honestamente, eu não tenho mais ideia.

Ela revirou os olhos.

— Ok, talvez devêssemos parar de falar sobre mim. Quais são seus

planos?

— Trabalhar.

Ela franziu os lábios.

— Só isso?

Olhei para o meu relógio.

— Isso e a cerveja que vou tomar com Drew em uma hora.

— Oh! Então ele está falando com você? Isso deve ser legal. Ele não atende minhas ligações há semanas.

— Pois é. Ele odeia sua vibe Nancy Drew tanto quanto eu. No entanto, ele escolhe te ignorar, enquanto eu aprendi a bater minha cabeça contra a parede.

— Há-há-há. Diga a ele que eu o amo. E que ele é um merda. E que se ele não atender o celular na próxima vez que eu tentar ligar, nunca mais falarei com ele.



CAPÍTULO 30

Cora --

Eu tateei na mesa de cabeceira quando meu celular começou a berrar ao meu lado. Pisquei, tentando ver a hora, e vi que já passava das três.

Minha cabeça estava grogue de sono quando apertei o pequeno botão verde e levei o aparelho à orelha.

— Alô?

— Onde você está?! — Brittany gritou.

Instintivamente, afastei o celular do ouvido.

— Jesus, para de gritar.

— O prédio está pegando fogo, Cora. Onde você está?

Eu me levantei, meu corpo inteiro acordando com uma explosão de adrenalina. Tirando as cobertas de cima de mim, eu pulei da cama.

— O quê?

— Cora — River chamou, sentando-se sonolenta.

— Vista-se — disse para ela antes de perguntar a Brittany:

— Quão ruim foi?

— Tudo... Cora, tudo ficou destruído. Não sobrou nada. O corpo de bombeiros está aqui. A polícia está se esgueirando por toda parte. — Sua voz falhou quando ela começou a chorar. — Onde você está?

Minha respiração ficou presa na garganta, e levei a mão à boca, em choque.

— Estou... estou em um hotel.

— Você está com a River?

Olhei para ela e a vi prendendo o cabelo em um rabo de cavalo, com os olhos frenéticos voltados em minha direção.

— Sim. Ela está bem aqui. Ouça, quem está com você? Todo mundo deveria estar trabalhando esta noite, exceto Jennifer. Preciso de uma chamada, Brit. Entre em contato com todas que puder. Eu vou tentar também. Não diga nada à polícia até eu chegar aí. Estamos a caminho. — Olhei de volta para a cama, achando-a

surpreendentemente vazia.

Meu pulso disparou enquanto eu vasculhava o quarto, mas não havia sinal dele. Minha mente girou, tentando descobrir se o sono ainda estava nublando minhas memórias. Mas Penn definitivamente estava comigo quando eu adormeci, ouvindo seus batimentos cardíacos como se fossem minha canção de ninar favorita.

Talvez ele tivesse acordado cedo e saído para correr. Sim. Devia ser aquilo.

— Você escutou, Brit? Eu preciso saber de *todo mundo*. Eu vou ligar para Marcos.

— Ele já está aqui — ela disse correndo. — Ou pelo menos o carro dele está. Dante também. Mas eu não vi nenhum dos dois.

A surpresa me atingiu com violência. Por que diabos eles estariam lá a esta hora da noite?

E então Brit acabou comigo.

— A caminhonete de Penn está aqui também. Você sabe onde eles estão?

Meu coração parou, calafrios pipocaram pela minha pele. Eu não percebi que tinha deixado cair o celular. Eu não tinha formado um pensamento coerente antes de perceber que já estava no corredor, batendo na porta do outro quarto.

Drew abriu a porta com a mão erguida para bloquear a luz do corredor.

— Jesus, mulher.

— Onde está seu irmão? — gritei.

Ele deixou a mão pender, o alarme atingiu seu rosto.

— Com você?

O medo me atingiu como um trem desgovernado. Estendi a mão para me segurar quando meus joelhos ameaçaram se dobrar.

— Mãe? — River guinchou, correndo em minha direção.

Drew se inclinou correndo, me prendendo pela cintura antes que eu caísse no chão.

— Ai, meu Deus. — Meu estômago revirou, ameaçando se revoltar, quando o pânico tomou conta de mim.

As palavras de Dante do dia anterior ecoaram em minha mente,

me cortando cada vez mais fundo. “*Mentiras têm consequências, Cora*”.

Aquilo não estava acontecendo. Não era possível.

Primeiro, Savannah. Agora, Pen.

Não.

Penn ia subir a qualquer segundo, me puxar em seus braços e me dizer que não havia nada para se preocupar.

Ele precisava fazer aquilo.

— Cora, diga alguma coisa — Drew pediu.

— Houve um incêndio no prédio — eu sussurrei. — A caminhonete de Penn está lá.

Eu não queria dizer aquilo.

Eu não queria que fosse verdade.

Eu *precisava* que fosse uma mentira.

— Os carros de Dante e Marcos também.

River ofegou.

Drew soltou uma série de palavrões, mas sua única resposta foi:

— Vou só pegar minhas botas.

Fiquei de pé sozinha, tremendo, encostada na parede, enquanto os dois entravam em ação.

Lembro-me vagamente de River jogando meus chinelos na minha frente. Eu devo tê-los colocado, porque eu estava calçada quando Drew nos guiou para o banco traseiro de um táxi.

“Porque você lembra exatamente o quanto você tem a perder, certo?”

Entorpecida e incapaz de me concentrar, me agarrei à estrela em volta do meu pescoço, implorando a Deus, Nic e a todo o universo para que eu estivesse errada em minhas suspeitas.

River segurou minha mão, sussurrando palavras tranquilizadoras, enquanto Drew ficou ao meu lado, sua coxa encostada na minha enquanto ele olhava silenciosamente pela janela.

A lua ainda estava alta quando paramos naquele estacionamento sujo. Senti esperança de que não fosse tão ruim quanto Brittany fez parecer quando vi a silhueta alta do prédio, mas as luzes vermelhas e azuis dos caminhões de bombeiros e carros de polícia me diziam o que era verdade naquela história.

O prédio havia desaparecido, restando apenas as escadas e uma montanha de escombros queimados.

Saí daquele táxi mais rápido do que jamais havia me movido antes, correndo em direção ao prédio como se pudesse impedir que fosse real.

— Senhora. Senhora. Senhora! — um policial chamou, correndo em minha direção enquanto eu passava por baixo da fita de advertência que isolava a área.

— Penn! — gritei, a fumaça persistente no ar me sufocando. Eu tossi, ofegando por ar, em pânico.

O policial entrou na minha frente com os braços esticados, bloqueando meu caminho, mas lutei para contorná-lo.

— Senhorita, acalme-se. Você mora aqui?

— Você encontrou alguma pessoa lá? Meu... meu namorado. Acho que ele está dentro. Você tem que ajudá-lo. — Eu o segurei pelo uniforme. — Por favor. Por favor. Eu estou te implorando. Você tem que salvá-lo.

Seus olhos se voltaram para um bombeiro que quase imperceptivelmente balançou a cabeça.

A agonia explodiu como um vulcão dentro de mim.

— Não!

Drew apareceu ao meu lado, o olhar medonho em seu rosto combinando com o meu.

— Cora, venha aqui. — Ele agarrou minha nuca da mesma forma que Penn tinha feito tantas vezes antes e me abraçou.

E eu chorei, as lágrimas encharcando a frente de sua camisa.

— Ele saiu para dar uma corrida. Eu sei, Drew. Ele apenas foi dar corrida. Ele já volta. *Ele já vai voltar.*

Mentiras — eu precisava delas mais do que de oxigênio.

Eu nunca seria capaz de sobreviver à verdade.

De novo, não.

De novo. *Não.*

— Ok, sra. Guerrero. Você está livre para ir quando quiser. Esta continuará sendo uma investigação ativa, mas dado o que conseguimos tirar da câmera de segurança do sr. Walker, está tudo bem claro.

Olhei para o policial. Olhei diretamente para ele, mas sem vê-lo.

Penn tinha câmeras de segurança. Bom saber.

— Obrigada — eu sussurrei.

Eu estava sentada no banco traseiro de um carro da polícia, enrolada em um cobertor.

Dormente.

Destruída.

Arruinada.

E livre.

Os corpos de Marcos e Dante Guerrero foram recuperados das cinzas, junto com o corpo de outro homem, seus braços e pernas ainda amarrados a uma cadeira quando o encontraram.

Eu não podia olhar. Eu não podia vê-lo assim. Eu não conseguia me lembrar dele do jeito que me lembrava de Nic todas as noites quando fechava os olhos: morto.

Drew identificou o corpo.

E eu sentei lá, na parte traseira de um carro de polícia, enrolada em um cobertor.

Dormente.

Destruída.

Arruinada.

E livre.

Milagrosamente, todas as garotas conseguiram sair. Apenas Jennifer estava de folga naquela noite, e felizmente, ela estava em uma boate, dançando e se divertindo.

O dinheiro na minha parede se foi. De acordo com o inspetor de incêndio, as chamas tinham se originado no terceiro andar, muito provavelmente no meu apartamento. Cinco anos de segredos, economizando e arriscando minha vida para roubar dinheiro das contas mensais dos Guerrero, e puf! — tudo se foi nas chamas.

E eu estava sentada lá, sozinha, sem-teto e destruída no banco de um carro da polícia, enrolada em um cobertor.

Dormente.

Destruída.

Arruinada.

E livre.

Eu não conseguia entender por que Penn, Marcos ou Dante estavam no apartamento naquela noite. Eu tinha imaginado pelo menos uma centena de cenários diferentes na minha cabeça, mas não conseguia encontrar uma resposta.

Pelo menos não uma que o trouxesse de volta para mim.

Penn não deveria estar lá. Ele estava na cama. Em segurança. Respirando. Me abraçando. E agora...

Eu estava sentada no banco traseiro de um carro de polícia, envolta em um cobertor e exposta, com o coração arrancado do peito uma última vez pelos Guerrero.

Dormente.

Destruída.

Arruinada.

Finalmente livre, porém mais presa do que nunca.

— Cora — Drew disse, agachado na porta aberta, um cigarro preso entre os dedos. — River está pronta para ir.

Olhei para cima e a vi encostada no capô do carro da polícia. Ela se afastou de mim no minuto em que os policiais começaram a me fazer perguntas. Eles a encurralaram em seguida, mas ela manteve distância desde então.

— Eles encontraram algumas coisas — disse Drew. — Tudo está molhado e coberto de fuligem, mas acho que parte é recuperável. Você quer vir dar uma olhada?

— Não — eu sussurrei.

Ele se levantou e olhou ao redor do estacionamento.

As garotas passaram a manhã toda respondendo às perguntas dos policiais com respostas experientes que não incluíam prostituição. Depois, me ofereceram sorrisos tensos antes de sair. Restava apenas um caminhão de bombeiros. Um carro de polícia. A Mercedes de

Marcos. A BMW de Dante.

E a caminhonete de Penn.

Eu estava sentada no banco traseiro de um carro da polícia, enrolada em um cobertor.

Dormente.

Destruída.

Arruinada.

E...

— Cora, vamos lá — Drew sussurrou. — Eu tenho que sair daqui antes que eu enlouqueça. Eu te imploro. Dê uma olhada nas suas coisas e então vamos chamar um táxi e voltar para o hotel.

Ele tinha acabado de perder o irmão. Se eu tivesse a capacidade de sentir qualquer coisa, eu teria me sentido mal por ele.

Tentei engolir, mas minha boca estava seca.

— Sim. Certo. Vamos lá. — Roboticamente, eu saí, deixando o cobertor antes de pegar sua mão estendida.

Ele me levou a uma pilha de objetos que os bombeiros haviam recuperado de dentro do prédio. A maior parte não era minha. Peguei um álbum de fotos carbonizado, folheeí duas páginas antes de largá-lo. Era de Ava. Eu a avisaria que estava lá.

Uma faísca de emoção acendeu em meus olhos quando vi meu pequeno cofre à prova de fogo ao lado dos restos de nossas vidas. Pelo menos eu não seria uma indigente. Deveria ter uns dois mil dólares lá. O suficiente para River e eu usarmos em um hotel e comermos por algumas semanas enquanto eu tentava me reerguer — se é que isso ainda era possível.

Eu me agachei e usei combinação do aniversário de River e meu aniversário de casamento, até que a porta se abriu.

E então tudo parou.

A Terra.

Meu coração.

O tempo.

Não havia dinheiro naquele cofre. Nenhuma foto de River quando ela era bebê. Nem as poucas que eu tinha de Nic comigo. As chaves extras do prédio estavam faltando. Assim como as certidões de

nascimento e nossos cartões de seguro social. O cofre estava vazio, exceto pelas chaves da caminhonete de Penn e um bilhete escrito à mão que dizia: “*uma respiração de cada vez*”.

Eu virei a cabeça para Drew, mas sua expressão me disse que ele estava tão confuso quanto eu.

— Que diabos...? — ele respirou, se aproximando para pegar as chaves.

Minhas mãos tremiam quando ergui o pedaço de papel em sua direção.

— O que isso significa? Ele colocou isso aqui?

Ele balançou a cabeça, olhando para as chaves em sua mão.

— Eu não faço a menor ideia.

Ele saiu correndo rumo à caminhonete de Penn, e eu o segui com o sangue rugindo em meus ouvidos.

Drew abriu a porta do motorista, e eu o empurrei. Fantasiando sobre encontrar Penn casualmente sentado ao volante em vez de no saco de cadáver em que ele foi carregado.

Ele não estava lá, e aquilo me atingiu como mil flechas enferrujadas caindo do céu.

A cabine de seu caminhão estava limpa. Do jeito que Penn gostava. Havia somente um copo de café no porta-copos. E sua caixa de ferramentas mágica abandonada no chão.

E então eu vi.

Uma estrela verde que brilha no escuro em cima dela.

Eu praticamente me joguei em cima da caixa, lágrimas brotando dos meus olhos. Eu não poderia dizer se era uma das que Nic colou no teto. Não havia como dizer. Mas definitivamente tinha sido colocada lá para mim. Virei-a em meus dedos, examinando todos os ângulos, procurando uma pista ou uma chave que faria todo esse pesadelo acabar. Quando não encontrei nada, a mantive na palma da mão e mexi no trinco da caixa de ferramentas, meus dedos tão entorpecidos de esperança, que precisei de várias tentativas.

Eu finalmente o abri, e tudo parou de novo.

A Terra.

Meu coração.

O tempo.

Minha boca se abriu enquanto rios gêmeos escorriam pelo meu rosto.

Estrelas. As estrelas de Nic. Todas elas. Com os pequenos pedaços de adesivo que eu tinha grudado ainda no verso.

Todas as minhas fotos e papéis estavam embaixo delas, e quando os levantei para averiguar o conteúdo, descobri que a caixa de ferramentas de Penn era realmente mágica.

Pilhas de dinheiro.

Meu dinheiro, completo, com pequenos fios cor-de-rosa do material de isolamento ainda grudados nos cantos.

Eu tapei a boca com as mãos, as lágrimas vindo com mais força, a origem delas intensa dentro de mim.

— Como... como ele sabia? — eu disse com emoção.

Acho que Drew respondeu, mas eu não tinha ideia do que ele disse, porque um pequeno papel branco em cima de um dos meus documentos chamou minha atenção. Era um boleto bancário retangular branco datado de uma semana atrás, as palavras “*saque em dinheiro*” digitadas em letras pretas na parte superior.

A quantia era de um milhão, cem mil e seiscentos e oitenta e quatro dólares...

E noventa e nove centavos.

— Ah, porra. Porra, porra, porra, porra — Drew murmurou, chamando minha atenção.

Inclinei-me sobre o banco da frente e segui seu olhar até duas enormes mochilas pretas enfiadas no assoalho. Eles estavam cobertos por um saco de dormir, mas quando ele abriu o zíper do que estava mais próximo a ele, revelou uma montanha de pilhas de notas de cem dólares.

Mas foi o restante do dinheiro junto de mais duas moedas de dez centavos e quatro centavos que me destruíram.

“O que seria necessário para te libertar, Cora?”

Oh, Deus.

“Então você está me dizendo que se alguém vier aqui e te oferecer um bote salva-vidas, você vai recusar porque não vai caber mais trinta

mulheres?”

Oh. *Deus*.

Ele tinha feito aquilo. Tal gesto lhe custou a vida, mas ele o fez mesmo assim.

Por mim.

— O que está acontecendo aqui? — eu disse em um lamento.

Drew ergueu as mãos em sinal de rendição e me disse uma verdade.

— Com sinceridade, não faço ideia.



CAPÍTULO 31

Savannah

Uma semana depois...

— Garota, você não tem ideia de como é bom sair de lá. — Eu me afastei da direção do vento e busquei alguma luz.

Kerri continuou olhando para suas unhas lascadas.

— Seu pai ainda é um escroto?

— Pior. — Dei uma tragada profunda no cigarro. O ato de meus pulmões se expandirem fez as contusões nas minhas costelas doerem.

Depois de passar alguns dias no hospital me recuperando, eu estava em casa havia cinco dias. Embora “casa” possa ter sido um pouco de exagero. Eu estava de volta ao local que o serviço social julgou que eu precisava estar. O mesmo lugar o qual eu fui direto para o inferno a fim de escapar.

Parte de mim desejava que eles tivessem me deixado morrer naquela noite. De certa forma, teria sido mais fácil.

Para todo mundo.

Eu não conseguia pensar nisso.

Não importava.

Soltei uma nuvem de fumaça.

— De qualquer forma, minha mãe disse que se eu conseguir duzentos dólares para ela hoje à noite, ela arranja um pouco de heroína.

Sua boca se abriu, e ela virou os olhos esbugalhados para mim.

— Duzentos dólares? Onde diabos vamos conseguir esse tipo de dinheiro?

Inclinei-me para frente, ajustando meu decote para revelar mais os seios e subi a saia mais um centímetro.

— Você acha que eu estou de pé nesta esquina por uma questão de saúde?

— Cacete, Vannah — ela sussurrou, olhando ao redor. — Este

lugar está cheio de policiais.

— Sim, mas em cerca de quinze minutos, todos os bares vão fechar, mandando centenas de homens bêbados e excitados para fora. Vai ser uma safra e tanto.

— Ah, nem ferrando. Eu não vou chupar pau de ninguém. Eu disse a você que Ronnie e eu estamos mudando.

Eu torci os lábios e arqueei uma sobrancelha para ela.

— Ronnie tem algum puto no bolso?

Ela cruzou os braços sobre o peito.

— Não. Mas ele também não tem nenhuma DST.

Revirei os olhos.

— Ok. Então vai. — Eu a enxotei com um gesto. — Mas não espere que eu divida com você.

Seus olhos se estreitaram em mim como se ela estivesse olhando para uma estranha.

— Garota, você pirou totalmente. Você passou muito tempo morando com a Mamãe Prostituta. Ela fez...

— Cala a boca, porra! — Enfiei um dedo em seu rosto. — Você não pode dizer uma porra de uma palavra sobre ela. Você ouviu? Nenhuma. *Nunca*. — Eu não conseguia nem pensar em Cora ou River sem ficar fisicamente mal.

Acordei no hospital sozinha e abandonada. Eu esperei que ela aparecesse. Esperei que ela me tirasse de lá. Eu nem me importava em voltar para Dante se isso significasse voltar para ela.

Meus pais apareceram no lugar dela.

— Quer saber? Eu não tenho que aguentar essas suas palhaçadas. Tô fora.

— Estou pouco me fodendo — eu murmurei, observando seu cabelo loiro balançar enquanto ela andava pela calçada rachada com um par de saltos pretos. Não tinha nada a ver comigo se ela queria ir para casa e sentar no pau fino de Ronnie a noite toda.

Mesmo se eu estivesse com inveja por ela ter para onde ir.

Assim que ela desapareceu na esquina, um Audi R8 preto parou na minha frente. A janela escura se abriu, e uma voz de barítono profundo retumbou:

— Você está trabalhando esta noite?

Inclinei-me, apertando os olhos para vê-lo à luz do painel.

— Depende de quem está perguntando.

Sua mão apareceu na janela aberta, cinco notas de cem dólares abertas entre os dedos.

Essa era a resposta certa.

— Estou agora — disse, largando meu cigarro, nem mesmo me incomodando em o apagar antes de pegar o dinheiro e entrar no carro.

— Então, para onde você vai me levar agora? — perguntei sedutoramente, enfiando o dinheiro no meu sutiã.

— Primeiro... — ele rosnou, trancando as portas. — Para a reabilitação. Então eu vou te levar de volta para onde você pertence.

Minha cabeça virou em sua direção.

Olhos azuis furiosos que eu reconheceria em qualquer lugar me encararam, mas, com a mesma rapidez, eles suavizaram. Ele ergueu a mão e deu um aperto na minha nuca enquanto sussurrava:

— Meu Deus, como é bom ver você respirando de novo.

Engoli em seco, lágrimas borrando minha visão.

— Penn?

A HISTÓRIA CONTINUA EM:

ALY MARTINEZ

Autora best-seller do USA Today

A VERDADE SOBRE NÓS





Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

TIKTOK: <https://www.tiktok.com/@allbookeditora>

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/AllBookEditora>

INSTAGRAM: <https://www.instagram.com/allbookeditora/>

TWITTER: <https://twitter.com/AllBookEditora>

Após a leitura, não deixe de avaliá-la.

E não esqueça de se cadastrar na nossa newsletter para não perder nenhuma novidade.